



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

**TRANSIÇÃO PARA FORA DO ESPORTE: A DUPLA CARREIRA DE EX-
ATLETAS BENEFICIADAS PELO PROGRAMA BOLSA ATLETA DO
DISTRITO FEDERAL**

IURI SCREMIN DE MIRANDA

BRASÍLIA, DISTRITO FEDERAL, 2019.



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

**TRANSIÇÃO PARA FORA DO ESPORTE: A DUPLA CARREIRA DE EX-
ATLETAS BENEFICIADAS PELO PROGRAMA BOLSA ATLETA DO
DISTRITO FEDERAL**

IURI SCREMIN DE MIRANDA

ORIENTADOR: PROF. DR. FELIPE RODRIGUES DA COSTA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

BRASÍLIA, DISTRITO FEDERAL, 2019.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

**TRANSIÇÃO PARA FORA DO ESPORTE: A DUPLA CARREIRA DE EX-
ATLETAS BENEFICIADAS PELO PROGRAMA BOLSA ATLETA DO
DISTRITO FEDERAL**

IURI SCREMIN DE MIRANDA

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos à obtenção do grau de Mestre em Educação Física.

BANCA AVALIADORA:

Prof. Dr. Felipe Rodrigues da Costa
Orientador (Faculdade de Educação Física – UnB)

Prof. Dr. Alexandre Luiz Gonçalves de Rezende
Membro Interno (Faculdade de Educação Física – UnB)

Prof. Dr. Wagner dos Santos
Membro Externo (Faculdade de Educação Física – UFES)

Prof. Dr. António José Barata Figueiredo
Membro Externo/Suplente (Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física –
Universidade de Coimbra)

[...] Meus sonhos me despertam, até que eu os torne em conquistas, minha meta não deixa que eu a perca de vista, realista, sei que nem tudo é tão poético, mas não vou ser feliz observando o mundo cético, por isso equilíbrio, vontade, necessidade, responsabilidade, felicidade, plena satisfação é utopia, mas faço o que posso pra ter minha cota todo dia, espero, poder cumprir com as obrigações e quero, poder sumir com as preocupações, ter condições de ser o que eu sou e deixar bem mais que saudade quando eu me for.

Kamau e Jeff E., Equilíbrio.

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho a meu pai, Ildeu, meu irmão, Iago e principalmente a minha mãe, Leonice, minha melhor amiga, que sempre dedicou seu tempo, experiência, confiança e sobretudo amor em minha educação, dividindo não só as alegrias, mas também tristezas e anseios durante toda a minha vida. Espero e trabalho para que um dia possa retribuir ao menos um pouco do orgulho que tenho em ser seu filho, ser a sua continuação nessa vida! Te amo!

Dedico ainda à minha avó, Nair Rodrigues Generoso, por todas as vezes em que ao nos encontrarmos durante esses dois anos sempre me perguntou como estava no “colégio”, por toda a sua sabedoria, lucidez em aconselhar e me amar com suas palavras e olhares, por todo o orgulho que sinto emanar de você mesmo sabendo que não vamos nos encontrar mais por aqui, mas sim em algum lugar extraordinário onde sei que descansa e me observa atentamente.

AGRADECIMENTOS

A Deus primeiramente por ter colocado pessoas tão especiais em minha vida, que contribuíram em momentos e períodos específicos, com as palavras, atitudes, confiança, críticas e acima de tudo boas energias.

À minha mãe, Leonice, que aos meus 16 anos me ordenou que largasse a formação esportiva no futebol depois de nove anos de intensa dedicação me levando a jogos, treinos, proporcionando todas as disposições para que eu vivesse um pouco do sonho de ser jogador. Sem você eu não estaria aqui hoje nessa impossível missão de encontrar as palavras certas para te agradecer por tudo, quando na verdade sei que na leitura de meus olhos entende e sente tudo ao mesmo tempo, do nosso jeito, uma habilidade que só você, têm comigo!

À minha namorada, Jéssica Abreu Alves, minha parceira ao longo desses quatro anos e meio de muito amor e cumplicidade, sempre compreendendo, me apoiando e se interessando por esses dois anos de mestrado, sem dúvidas ter você não só para desabafar mas também pensar e discutir sobre todo esse aprendizado é um presente divino. Eu te amo muito, meu amor!

Ao meu orientador, Felipe Rodrigues da Costa, pelo investimento em mim antes mesmo desses dois anos, ainda na graduação e por todas as experiências oportunizadas não só no exercício da pesquisa, mas também na docência, extensão, crescimento pessoal, cultural e ético diante da missão de produzir conhecimento e da dádiva de ensinar a ensinar.

Ao meu colega, amigo e parceiro de mestrado, Fernando Bernardes Martins, que dividiu momentos de angústia, alegria, muito trabalho e crescimento pessoal durante esses dois anos.

Ao Prof. Wagner dos Santos (UFES), por toda a qualificação dada ao longo desses dois anos de trabalho, em poucos encontros, mas de grande quantidade e acima de tudo qualidade no conhecimento passado. Ao Prof. Alexandre Resende (UnB) pela disponibilidade sempre em compartilhar seu conhecimento e ter contribuído para a qualificação da última etapa da dissertação. Aos dois, meu muito obrigado pelo aceite ao convite de compor minha banca.

Aos colegas do Laboratório de Pesquisas em Educação do Corpo (UFRJ) sob a figura principal do líder desse grupo e pioneiro quanto ao tema da dupla carreira no Brasil, Prof. Antônio Jorge Soares Gonçalves, por todos os encontros e experiências compartilhadas para qualificação da dissertação ao longo desses dois anos.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa concedida a mim e à Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal (FAP-DF) pela viabilidade técnica e financeira do trabalho realizado.

RESUMO

Constitui-se como objeto central do presente estudo a dupla carreira. Sendo a conciliação entre estudos e esporte de alto rendimento, esse processo multifatorial e dinâmico envolve o atleta em diversas fases de desenvolvimento psicossociais, psicológicos, educacionais, esportivos e financeiros. Diante da comum fase de término da carreira esportiva o preparo na transição para fora do esporte em busca da inserção no mercado de trabalho convencional é a principal tensão mediante grande disponibilidade de energia para o trabalho em função da precocidade da retirada esportiva. A partir dessa compreensão elegemos o objetivo de analisar o desenvolvimento da dupla carreira de ex-atletas beneficiadas pelo programa Bolsa Atleta do Distrito Federal no período 2014/2015, bem como suas transições para fora do esporte. Diante disso, o estudo, de caráter exploratório e qualitativo foi desenvolvido a partir de três momentos metodológicos, uma revisão sistemática nacional sobre dupla carreira; a aplicação de um questionário estruturado para apreensões iniciais sobre o contexto de 10 ex-atletas beneficiadas pelo Programa Bolsa Atleta do Distrito Federal; e a condução de entrevistas semiestruturadas para aprofundamento da compreensão sobre a dinâmica da dupla carreira de sete participantes quando atletas e como decorreram seus processos de transição para fora do esporte. Como resultado, percebemos a convergência com estudos internacionais quanto ao término involuntário da carreira esportiva mediante eventos não normativos, o papel da família durante a dupla carreira e na retirada do EAR. Em contrapartida encontramos na análise da maioria das ex-atletas a priorização dos estudos na conciliação e o ingresso de quase toda a amostra no ensino superior, ilustrando tensões inéditas na dinâmica entre os processos de desenvolvimento esportivo e as exigências de desempenho do Programa Bolsa Atleta DF, a influência da família bem escolarizada e o baixo potencial de investimento das modalidades esportivas estudadas, configurando o término voluntário da carreira esportiva como um evento normativo mediante aposta nos estudos como preparação para concorrência por vagas no ensino superior de qualidade.

Palavras-chave: Aposentadoria Esportiva; Dupla Carreira; Esporte de Alto Rendimento; Transição no Esporte; Escolarização de Atletas.

ABSTRACT

The dual career is the central object of this study. Being the conciliation between studies and high-performance sports, this multifactorial and dynamic process involves the athlete in various stages of psychosocial, psychological, educational, sports and financial development. Therefore, in face of the common end of the sports career, the preparation in the transition out of the sport in search of the insertion in the labor market is the main tension by means of great availability of energy for the work due to the precocity of the sports end. From this understanding we have chosen the objective of analyzing the development of the dual career of former athletes benefited by the Program Bolsa Atleta of the Federal District in the period 2014/2015, as well as their transitions out of the sport. In view of this, the exploratory and qualitative study was developed from three methodological moments, a systematic national review about dual career; the application of a structured questionnaire for initial apprehensions about the context of 10 former athletes benefited by the program; and the conduction of semi-structured interviews to deepen the understanding of the dynamics of the dual career of seven participants as athletes and how they went through their transition outside the sport. As a result, we perceive the convergence with international studies regarding the involuntary termination of the sports career through non-normative events, the role of the family during the dual career and the withdrawal of the . In contrast, we find in the analysis of the majority of former athletes the prioritization of the education in the conciliation and the entry of almost the entire sample in higher education, illustrating unprecedented tensions in the dynamics between the sports development processes and the performance requirements of the Bolsa Atleta DF program, the influence of the well-educated family and the low investment potential of the studied sports, configuring the voluntary termination of the sports career as a normative event by betting on the studies as preparation for competition for places in quality higher education.

Key-words: Sports Retirement; Dual Career; High Performance Sports; Transition in Sport; Schooling of Athletes.

RESUMEN

La carrera dual es el objeto central de este estudio. Siendo la conciliación entre educación y deportes, este proceso multifactorial y dinámico involucra al atleta en varias etapas del desarrollo psicosocial, psicológico, educativo, deportivo y financiero. Por lo tanto, frente al final común de la carrera deportiva, la preparación en la transición fuera del deporte en busca de la inserción en el mercado laboral convencional es la principal tensión a través de la gran disponibilidad de energía para el trabajo debido a la precocidad de la retirada deportiva. En base a este entendimiento, hemos elegido el objetivo de analizar el desarrollo de la carrera dual de atletas retiradas beneficiados por el Programa bolsa Atleta del Distrito Federal en el período 2014/2015, así como sus transiciones para fuera del deporte. En vista de esto, el estudio exploratorio y cualitativo se desarrolló a partir de tres momentos metodológicos, una revisión sistemática de carrera dual nacional; la aplicación de un cuestionario estructurado para las detenciones iniciales sobre el contexto de 10 ex atletas beneficiadas por el programa; y entrevistas semiestructuradas para profundizar la comprensión de las dinámicas de la carrera dual de siete participantes como atletas y cómo pasaron por sus procesos de transición fuera del deporte. Como resultado, percibimos la convergencia con los estudios internacionales sobre lo término involuntario de la carrera deportiva a través de eventos no normativos, el papel de la familia durante la carrera dual y la retirada deportiva. En contraste, encontramos en el análisis de la mayoría de las atletas retiradas la priorización de los estudios en la conciliación y el ingreso de casi toda la muestra en la educación superior, lo que ilustra tensiones sin precedentes en la dinámica entre los procesos de desarrollo deportivo y los requisitos de rendimiento. del programa de becas deportivas, la influencia de la familia bien educada y el bajo potencial de inversión de deportes estudiados, configurando la retirada voluntaria de la carrera deportiva como un evento normativo, apostando por los estudios como preparación para la competencia por lugares de educación superior.

Palabras-clave: Retirada Deportiva; Carrera Dual; Deporte de Alto Rendimiento; Transición en Deporte; Escolarización de Atletas.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Fases de refinamento na seleção dos artigos da revisão sistemática.

Quadro 2. Perfil das ex-atletas beneficiadas pelo Programa Bolsa Atleta do Distrito Federal no período 2014/2015. Ensino Fundamental (EF), Ensino Médio (EM), Ensino Técnico (ET), Ensino Superior (ES).

Quadro 3. Caracterização da amostra entrevistada.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Etapas de definição da amostra estudada.

Figura 2. Dendograma das classes definidas no exercício piloto com ex-atletas de futsal.

Figura 3. Resultados da busca pelos estudos sobre escolarização de atletas.

Figura 4. Modelo Holístico de Desenvolvimento da Carreira Esportiva de Wylleman, De Knop e Reints (2013) livre tradução feita pelo autor.

Figura 5. Dendograma das Classes evocadas nas entrevistas.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Escolaridade dos Pais e Mães das ex-atletas participantes da pesquisa. EF= Ensino Fundamental; EM= Ensino Médio; ES= Ensino Superior.

Gráfico 2. Valor do BA-DF como fator de permanência no esporte de alto rendimento.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIACOES

BA-DF – Bolsa Atleta Distrito Federal.

CBF – Confederação Brasileira de Futebol.

CAAE – Certificado de Apresentação para Apreciação tica.

CHD – Classificação Hierárquica Descendente.

CAPES – Coordenação de Aperfeioamento de Pessoal de Ensino Superior.

DF – Distrito Federal.

EAR – Esporte de alto rendimento.

EF – Ensino Fundamental.

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio.

ES – Ensino Superior.

ET – Ensino Técnico.

EUA – Estados Unidos da América.

FAP-DF – Fundação de Apoio  Pesquisa do Distrito Federal.

FIES – Fundo de Financiamento Estudantil.

GA – Ginástica Artística.

GDF – Governo do Distrito Federal.

GR – Ginástica Rítmica.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

IES – Instituição de Ensino Superior.

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.

IRaMUTEQ - Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires.

LABEC – Laboratório de Pesquisas em Educação do Corpo.

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

PAS – Programa de Avaliação Seriada.

PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio.

PLP – Projeto de Lei Complementar.

PROUNI – Programa Universidade para Todos.

STs – Segmentos de texto.

UCSP – Universidade Cidade de São Paulo.

UFCE – Universidade Federal do Ceará.

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

UnB – Universidade de Brasília.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	18
JUSTIFICATIVA	24
METODOLOGIA	26
Revisão Sistemática Nacional	26
Questionário Estruturado e Definição da Amostra	26
Entrevistas Semiestruturadas	28
Elaboração do Roteiro de Entrevistas Semiestruturado: o Software IRaMUTeQ e a Classificação Hierárquica Descendente (CHD)	28
Exercício Piloto	30
Aspectos Éticos	31
Organização do Estudo	32
CAPÍTULO 1. DUPLA CARREIRA DE ESTUDANTES ATLETAS: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA NACIONAL	34
1.1. Introdução	34
1.2. Metodologia	36
1.3. Resultados	38
1.4. Discussão	40
1.5. Conclusões	48
CAPÍTULO 2. Transição para fora do Esporte: Indícios sobre a Dupla Carreira no Distrito Federal	51
2.1. Introdução	51
2.2. Metodologia	56
2.3. Resultados	58
2.4. Discussão	61
2.5. Aproximações	67
CAPÍTULO 3. Dupla Carreira em Foco: Transição para fora do Esporte no Distrito Federal	70
3.1. Introdução	70
3.2. Metodologia	73

3.3. Resultados e Discussão.....	75
3.4. Conclusões.....	90
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	93
REFERÊNCIAS.....	96
ANEXOS.....	108
Anexo 1. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	108
Anexo 2. Instrumento de Coleta – Questionário Estruturado.....	111
Anexo 3. Roteiro de Entrevistas – Exercício Piloto.....	114
Anexo 4. Roteiro de Entrevistas Definitivo.....	117
Anexo 5. Corpus Geral – Transcrições das Entrevistas.....	120
APÊNDICES.....	184
Apêndice 1. Guión de Entrevistas de Gómez et al., (2016).....	184

Introdução

As modalidades que puderam ser profissionalizadas no esporte de alto rendimento brasileiro, como o futebol e voleibol, passaram a representar mais uma oportunidade de ascensão social, para além dos estudos em boas instituições de ensino, aumentando assim as possibilidades de se conquistar bons postos de trabalho. Segundo a edição de 2019 do *Olympic Fact File*¹ os Jogos Olímpicos de Roma, em 1960, foram os primeiros com transmissão intercontinental (21 países), gerando a receita de 1,2 milhões de dólares revertidos pelo Comitê Olímpico Internacional, valor mais que dobrado em 2016 nos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro (2,868 milhões de dólares) e com mais da metade da população mundial sendo espectadora do evento esportivo, além do total de 7.100 horas de transmissão, muito superior a Pequim 2008 e Londres 2012 com respectivamente 5.000 e 5.600 horas. A exploração midiática do maior evento esportivo do mundo demonstra que a exposição de marcas, imagem e investimentos no desempenho dos atletas de alto rendimento se tornou uma grande oportunidade financeira para esses atletas no sentido acumulativo de riquezas advindas de contratos com patrocinadores e elevação do status social através do sucesso alcançado durante sua carreira (WYLLEMAN; ROSIER, 2016, p. 277).

No Brasil a última atualização da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, realizada em março de 2017, traz como dever do Estado garantir a educação básica obrigatória dos quatro aos 17 anos de idade, ou seja, da pré-escola, passando pelo ensino fundamental e ensino médio (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, 1996). Por outro lado, a busca pelo sucesso no esporte de alto rendimento (EAR) está associada ao processo de formação e especialização em um único esporte em idades precoces (CÔTÉ; LIDOR; HACKFORT, 2009). Para tanto, esse fenômeno resulta da interação de diversos fatores, sejam eles, familiares no sentido da expectativa em relação a ascensão no EAR mediante precocidade na formação esportiva, socioeconômicos na busca pelo status e retorno financeiro advindo de contratos profissionais e patrocinadores, e esportivos quanto a particularidades entre esportes que apresentam o seu pico de desenvolvimento em idades precoces, como o caso das ginásticas rítmica e artística (GOULD, 2010; STRACHAN; CÔTÉ; DEAKIN, 2009; MALINA, 2010).

¹ Disponível em:

<https://stillmed.olympic.org/media/Document%20Library/OlympicOrg/Documents/IOC-Marketing-and-Broadcasting-General-Files/Olympic-Marketing-Fact-File-2018.pdf>

Logo, a quantidade de horas dedicadas ao EAR se apresenta como variável imprescindível para o alcance do sucesso. Segundo Brown, Glastetter-Fender e Shelton (2000) um atleta de alto rendimento dedica em média 20 a 30 horas semanais ao esporte, levando em consideração a performance propriamente dita, treinos, períodos de recuperação e transporte para realizar todos esses compromissos. Por sua vez, um ano letivo corresponde a 800 horas de efetivo trabalho escolar, seriam quatro horas por dia letivo sem levar em consideração os deslocamentos do estudante. Diante disso, o rendimento em busca de recordes e títulos caracteriza uma carreira esportiva, bem como a dedicação aos estudos configura uma carreira acadêmica.

A obrigatoriedade do ensino básico em concomitância com os processos de formação e especialização para o esporte de alto rendimento representa o desafio da conciliação vivido por muitos jovens atletas estudantes. O termo *dual career* – dupla carreira – caracteriza esse conjunto de processos vivido pelo atleta, sendo o ato de conciliação entre carreira esportiva e estudos ou trabalho, bem como seus desafios para alcançar tanto os benefícios da carreira esportiva como bons níveis de educação e ou profissional visando a obtenção de uma nova carreira para o período de transição para fora do esporte de rendimento (RYBA, et al., 2015 p.1, livre tradução do autor; EUROPEAN COMMISSION, 2012). Portanto o objetivo geral do presente trabalho é analisar o desenvolvimento da dupla carreira de ex-atletas beneficiadas pelo programa Bolsa Atleta do Distrito Federal no período 2014/2015.

O contexto internacional sobre dupla carreira se divide de forma significativa entre alguns países europeus e Estados Unidos da América. O primeiro, que desde os anos 1960 somado a fatores como a rápida urbanização pós Segunda Guerra Mundial e a corrida armamentista na Guerra Fria, fez com que países como União Soviética, Suécia e Finlândia estabelecessem programas de subsídio a atletas e seus projetos de dupla carreira, no sentido de maximizar o aproveitamento de ambas as jornadas (METSATOKILA, 2002).

Já os EUA apresentam “um incremento nas ligas profissionais esportivas, abastecidas, em sua grande maioria por atletas vindos das universidades” (AZEVEDO et al. 2017, p.196) desde a década de 1970, vinculando a formação para o esporte de alto rendimento ao sistema de ensino principalmente na esfera da educação superior (*college*), oferecendo bolsa de estudo e contribuindo para a criação de estratégias que favoreçam os jovens em dupla carreira a ter condições para manutenção e obtenção do alto rendimento

esportivo bem como as boas qualificações para a vida na fase de descontinuação da carreira esportiva (CAPRANICA; MILLARD-STAFFORD, 2011; AZEVEDO et al. 2017).

No Brasil o lastro de pesquisas sobre o tema da dupla carreira se estende de forma sistematizada desde 2007 principalmente com trabalhos produzidos pelo Laboratório de Pesquisas em Educação do Corpo (LABEC) da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Vale ressaltar que a produção se orienta a partir do conceito da escolarização de jovens atletas, que representa a conciliação entre os estudos e carreira esportiva. Os estudos concentram-se em caracterizar o perfil esportivo e educacional do jovem atleta na sua concomitância de jornadas predominando análises sobre a modalidade do futebol (ROCHA et al. 2011; BARTHOLO et al. 2011; SOARES et al. 2013; MELO et al. 2016; OLIVEIRA, BALZANO e MORAIS, 2017). Contudo a literatura nacional também se dirige a outras modalidades como voleibol, futsal, basquetebol, turfe e modalidades olímpicas de atletas beneficiados pelo Programa Bolsa Atleta Federal (ROMÃO, COSTA e SOARES, 2010; SOARES, ROCHA e COSTA, 2011; AZEVEDO, 2014; COSTA e SILVA, 2016; COSTA, 2012).

O profissional do mercado de trabalho laboral possui seu término da carreira (aposentadoria), ocorrendo de modo geral por tempo de contribuição e com garantias por parte do sistema previdenciário, culminando, na maioria dos casos aos 53 anos para os homens e aos 48 para mulheres². No caso do esporte também existe a saída das rotinas de compromissos com o alto desempenho, porém, nos casos mais tardios chega-se ao processo de transição para fora do esporte de forma natural por volta dos 30 anos de idade nos esportes de especialização tardia, podendo chegar a casos onde o atleta se despede do esporte aos 20 anos de idade, como é o caso das ginásticas artística e rítmica (MELO; RUBIO, 2017; NUNOMURA; CARRARA; TSUKAMOTO, 2010).

Segundo Campos, Cappelle e Maciel (2017) o trabalhador convencional possui maior flexibilidade durante desenvolvimento de sua carreira, contando com a fase de aposentadoria no fim de sua longevidade e amparado por políticas públicas. Já a carreira no EAR apresenta um processo menos flexível de desenvolvimento, chegando ao pico de desempenho de forma prematura assim como à descontinuação esportiva, características

² Disponível em: <<<https://www.inss.gov.br/beneficios/aposentadoria-por-tempo-de-contribuicao/>>>.

que necessitam de regime previdenciário específico, uma lacuna apresentada pelos autores.

Segundo Válková (2017) apesar da diversidade de terminologias utilizadas para descrever a teoria das transições na carreira esportiva, os conteúdos são baseados nos princípios do modelo holístico e têm sido bem aceitos. O termo “descontinuação” tradução livre do termo *discontinuation* presente na última fase do modelo holístico de desenvolvimento da carreira esportiva de Wylleman, De Knop e Reints (2013) significa “ação de descontinuar, de interromper o desenvolvimento ou cessar o prosseguimento de algo”³, nesse caso caracterizando o ex-atleta. O termo *transition out sport* (transição para fora do esporte) presente em grande parte da literatura, também segue a perspectiva holística, porém se refere ao processo pelo qual o atleta passa até alcançar a fase da descontinuação esportiva.

Portanto, tendo em vista as diferenças entre trabalho convencional e o EAR como carreira profissional, bem como sua caracterização como aposentado, utilizaremos os termos “ex-atleta” ou “descontinuado” para caracterizar o indivíduo que não está mais em atividade no EAR, enquanto o termo “transição para fora do esporte” será utilizado para tratar dos processos dinâmicos e multifatoriais pelos quais o ex-atleta passou até alcançar a descontinuação esportiva.

Segundo Schlossberg (1981) transições decorrem de eventos ou não-eventos que resultam em mudanças de perspectiva em relação a si mesmo e ao ambiente que está inserido. Eventos podem ser caracterizados como por exemplo, a convocação para seleção de determinado esporte bem como um não-evento pode ser a expectativa não concretizada de ser convocado. Segundo Martini (2012, p.11) “transições são partes inevitáveis e naturais do desenvolvimento de uma carreira atlética e caracterizam-se como um processo complexo e não como um evento único”. Logo a busca do ex-atleta de alto rendimento pela reinserção socioeconômica torna-se parte comum do seu processo de desenvolvimento.

Mediante essa perspectiva, diversas tentativas de entendimento e descrição sobre o processo de desenvolvimento da carreira esportiva foram realizadas. Atualmente o modelo holístico de desenvolvimento da carreira esportiva proposto por Wylleman, Rents e De Knop (2013) alia o entendimento sobre os estágios de desenvolvimento e

³ Disponível em: <https://www.dicio.com.br/descontinuuacao/>.

aprendizagem humano (infância, adolescência, vida adulta) ao processo de iniciação, formação, especialização e manutenção para o esporte de alto rendimento, níveis de desenvolvimento acadêmico, os tipos de investimentos e investidores financeiros durante a carreira e ao suporte psicossocial dado ao atleta pelas pessoas presentes em seus círculos de relacionamento. Portanto o desenvolvimento da carreira esportiva deve ser pensado a longo prazo, planejado para que o atleta se prepare para o enfrentamento das transições presentes em sua trajetória e ao final consiga realizar uma passagem saudável e voluntária para fora do esporte.

A livre escolha por essa transição pode estar aliada ao cumprimento das metas esportivas ou a determinação de novas metas na vida, proporcionando tempo para que diversas estratégias de enfrentamento da transição sejam experimentadas (RUBIO, 2012). Em contrapartida, uma transição involuntária tem suas causas ditas como incontroláveis ao atleta. Gordon e Lavallo (2012) ressaltam o caráter involuntário dessas causas, elencando lesões no fim da carreira, idade avançada e rejeição como os principais causadores da transição compulsória. Esses fatores se ligam principalmente a aspectos fisiológicos e psicológicos, sejam por lesões (impossibilidade de continuar a treinar e competir), sejam em função de um nível no desempenho não mais superado (desmotivação e rejeição pela carreira esportiva).

No sentido de compreender os avanços da produção científica sobre o entendimento dessas e de outras causas, consequências e enfrentamentos do processo de transição para fora do esporte, Park, Lavallo e Tod (2013) em estudo de revisão sistemática encontraram 126 pesquisas mediante busca em cinco bases de dados diferentes, sendo o estudo mais antigo do ano de 1968. O principal objeto das pesquisas encontradas foram experiências vividas pelos atletas que em alguns casos são comparadas com experiências de não-atletas. Os autores apresentam como principais temas encontrados, consequências da transição de carreira, fatores ligados a qualidade desse processo e a disponibilidade de recursos para enfrentamento de barreiras durante a transição.

No Brasil em 2009 o tema da transição para fora do esporte foi discutido com a realização do I Seminário de Destreinamento e Transição de Carreira Esportiva, realizado em São Paulo. Do referido evento foi elaborado o livro Destreinamento e Transição de Carreira no Esporte (RUBIO, 2012). Os trabalhos presentes no livro caminham em direção à apropriação sobre o conteúdo produzido internacionalmente e na exploração do

tema com quatro estudos que juntos contabilizam uma amostra de 126 ex-atletas, tanto de esportes individuais quanto coletivos, a saber, futebol, voleibol, basquetebol, handebol, futsal, tênis, atletismo, natação, remo, motociclismo e automobilismo (AGRESTA et al., 2003; AGRESTA; BRANDÃO; BARROS NETO, 2008; AGRESTA et al., 2008; BRANDÃO et al., 2001). Agresta e Brandão (2012) concluem que os ex-atletas brasileiros presentes em sua amostra não tiveram apoio de seus dirigentes e entidades esportivas, ressaltando que as atividades alternativas escolhidas após o esporte pelos ex-atletas são influenciadas pelo suporte que eles recebem.

As escolhas, seja por determinada carreira esportiva quando atleta, seja por outra atividade na fase de descontinuação, são frutos da identidade desses indivíduos, construída ao longo de suas vidas. Essa construção de identidade social reside nos relacionamentos entre membros de um mesmo grupo, o compartilhamento de histórias, linguagem e entendimentos similares sobre o mundo, dentro de uma perspectiva dinâmica e cultural ao longo do tempo e espaço, em busca de entender suas possibilidades no futuro (NORTON, 1997). Por sua vez, a identidade atlética se configura como o grau em que o indivíduo se identifica com o papel de atleta de alto rendimento (BREWER; RAALTE; LINDER, 1993). O predomínio da identidade atlética na vida do indivíduo pode gerar malefícios principalmente na fase de descontinuação esportiva, como a perda de identidade social, frustração e raiva (KERR; DACYSHYN, 2000).

Porém, estudos sobre a motivação para construção de identidade em atletas estudantes divergem quanto a esse predomínio, ressaltando que benefícios como a autopercepção contribuem para o vislumbre e melhor aceitação do final da carreira esportiva (SUBIJANA; BARRIOPEDRO; SANZ, 2015; LALLY, 2007). Importante ressaltar a necessidade de se construir uma identidade multidimensional, para além do esporte pois o atleta que dedica anos de sua vida com prioridade para o EAR ao se aposentar, terá que competir no mercado de trabalho laboral com pessoas que se prepararam a vida inteira para esse objetivo.

Um dos principais pilares na influência ao atleta estudante durante toda a sua dupla carreira é a família. Segundo Losacco (2007) esta é a instituição responsável pela sobrevivência de seus componentes mediante socialização dos seus, introjeta valores e participa ativamente na formação de identidade, sendo um espaço privado que se relaciona com o público. Vilanova e Puig (2016) dividiram 23 atletas olímpicos espanhóis em dois grupos, os *estrategistas*, que se preparavam para a transição para fora do esporte

e os *não-estrategistas* que não vislumbravam a segunda carreira após o EAR e não buscavam a vinculação da experiência esportiva com a formação educacional e vocacional. As autoras perceberam o apoio da família com elevado grau de instrução no grupo dos *estrategistas*, na tentativa de facilitar a conciliação entre esporte e estudos, o que no grupo dos atletas *não-estrategistas* aparece como indiferença em relação a preparação educacional e vocacional para a segunda profissão no período pós-carreira esportiva.

Justificativa e Relevância do Estudo

O sonho da medalha olímpica ou simplesmente a participação em um evento como as Olimpíadas está resguardado em inúmeras sessões de treinamento, intensa dedicação física, cognitiva e emocional. Em contrapartida, essa trajetória esportiva de alto rendimento tem vida útil e quando comparada a profissões ordinárias apresenta precoce fase de término, em geral nos casos mais tardios aos 35 anos de idade, chegando em alguns casos aos 20 anos de idade, momento da vida em que o ser humano dispõe de grande quantidade de energia para desempenhar tarefas. No presente estudo tratamos de ex-atletas advindas em sua maioria de esportes de especialização precoce, que apresentam a transição para fora do esporte no período de ingresso ou desenvolvimento inicial dos estudos no ensino superior. Apesar da disposição inerente ao momento da vida relatado acima, os jovens atletas de alto rendimento que desejam se inserir no ensino superior, seja ele, privado ou público, possuem diversos mecanismos de entrada.

Segundo o Censo da Educação Superior, divulgado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), 87,9% das IES são privadas⁴, nesse caso os atletas candidatos as IES públicas (296) possuem de forma geral três principais meios de pleitear as vagas: o vestibular, o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e o Programa de Avaliação Seriada (PAS), sendo esse último o menos exigente em questão de quantidade de conteúdo cobrado em prova⁵. Porém os três anos do ensino médio correspondem a uma fase crucial na carreira de alto rendimento, sobretudo nos esportes de especialização precoce (15 aos 17 anos) para prosseguimento e aproximação

⁴ Disponível em:

http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2018/censo_da_educacao_superior_2017-notas_estatisticas2.pdf.

⁵ Ao contrário do Vestibular convencional e o ENEM, o PAS é realizado em três etapas, uma ao final de cada ano do ensino médio, cobrando seus respectivos conteúdos de forma seriada e cumulativa, o que em teoria corresponde a menos conteúdo cobrado nas duas primeiras etapas. Para mais informações consultar o sítio <https://www.cebraspe.org.br/pas-unb/>.

do ápice da performance esportiva, exigindo mais dispêndio de horas aos compromissos de atleta.

Por sua vez, os atletas que desejam a inserção em IES privadas, com o maior oferta de vagas e conseqüente menor concorrência mas que não possuem condições financeiras de arcar com seus custos possuem o suporte socioeconômico do Estado no formato de iniciativas como o Programa Universidade para Todos (PROUNI) ⁶ e o Fundo de Financiamento do Estudante de Ensino Superior (FIES) ⁷, quando não, se utilizam de suas habilidades e desempenho esportivos na obtenção de descontos nas mensalidades em troca da representação esportiva da instituição de ensino em torneios universitários. Em todo caso, apesar da literatura nacional abarcar o estudo dos processos de formação e especialização esportiva precoce, ainda é incipiente o desenvolvimento de pesquisas que tratam desses processos em consonância com a formação educacional dos atletas.

Diferente de um profissional formal, o ex-atleta de alto rendimento precisa se reinserir no mercado de trabalho ao final de sua jornada esportiva, pois não consegue mais competir ou se dedicar nos mesmos níveis do auge esportivo. Outro aspecto pertinente a análise proposta nessa pesquisa são as condições físicas, psicológicas e emocionais do atleta de alto rendimento durante sua carreira, as dores, lesões, pressões por desempenhos não alcançados, que resultam, algumas vezes em mecanismos de enfrentamento passivos, como o uso de álcool e drogas.

Portanto, mais importante do que se preparar para a transição para fora do esporte está a capacidade de transferir todo o conhecimento e habilidades adquiridos quando atleta para a nova atividade a ser desempenhada com vistas ao destaque na disputa pelo posto de trabalho. Sendo assim, compreender o desenvolvimento da dupla carreira e a percepção dessas ex-atletas não apenas sobre o processo de transição para fora do esporte mas também à participação de familiares, professores, técnicos, colegas de escola e do EAR em sua carreira esportiva e educacional apresenta-se como um exercício para identificar as dificuldades enfrentadas bem como as estratégias criadas para seu enfrentamento dentro da dinâmica de conciliação entre estudos e EAR além de compreender como essas ex-atletas passaram pela saída do esporte.

⁶ Disponível em: <http://prouniportal.mec.gov.br/o-programa>

⁷ Disponível em: <http://sisfiesportal.mec.gov.br/?pagina=fies>

Estudos de caráter exploratório têm seu mérito justamente em dar início ao entendimento de determinado objeto, nesse caso a transição para fora do esporte de estudantes atletas mulheres que hoje são ex-atletas. O fato de se estudar ex-atletas possibilita a contribuição da perspectiva completa de todo o processo da dupla carreira a sua descontinuação esportiva fornecendo argumento para proposições em primeiro plano ao aprofundamento para estudos futuros e em segundo para contribuir no entendimento e elaboração de políticas públicas que ofereçam o devido suporte aos atletas de alto rendimento brasileiros.

Metodologia

O delineamento metodológico do estudo foi pautado em quatro principais fases: **Fase 1:** Revisão Bibliográfica Sistemática a nível nacional da produção acadêmica sobre o tema da dupla carreira esportiva; **Fase 2:** Coleta de dados através de um questionário estruturado e análise do contextos empírico inicial; **Fase 3:** Elaboração do Roteiro de Entrevistas Semiestruturado (Exercício Piloto) e **Fase 4:** Entrevistas semiestruturadas com as ex-atletas selecionadas na população do estudo.

Revisão Sistemática

A primeira fase foi elaborada no formato de revisão sistemática, conduzida mediante consulta ao Portal da CAPES do Ministério da Educação, através dos descritores *Atletas* e *Escolarização* somados a função da ferramenta de busca “expandir meus resultados”. Na busca por artigos apenas no idioma português foram encontrados 29 itens. Na busca apenas por artigos científicos no idioma português que abordassem apenas o tema dupla carreira esportiva, foram elaborados critérios de exclusão para refinamento da busca. Foram feitas então, por dois pesquisadores, de forma separada as leituras dos títulos, palavras-chave, resumos e por final dos textos na íntegra, selecionando para a amostra a ser analisada sete artigos.

Questionário Estruturado e Definição da Amostra

A segunda fase foi realizada a partir da coleta dos dados mediante a aplicação de um questionário estruturado, elaborado com base nos questionários sobre escolarização de atletas utilizados nas pesquisas de Melo (2010) e Costa (2012) que analisaram a dupla carreira de atletas de futebol no Rio de Janeiro e atletas de futsal feminino e voleibol em Santa Catarina, além do respectivo consentimento - maiores de 18 anos - ou assentimento – aos menores de 18 anos – apresentando o processo de coleta de dados pautado em quatro

fases: a) busca pelos contatos no formato de números de telefone residencial ou móvel e e-mail; b) contato por telefone para explicação do estudo e convite a participação do mesmo; c) envio do link do questionário da ferramenta *Survey Monkey* através do aplicativo *Whats app* ou por e-mail e d) repetição do processo de coleta a partir da fase “b” mediante demora na obtenção da resposta ao questionário ou possíveis erros passíveis de ajuste e reenvio do questionário.

O objetivo dessa etapa de coleta de dados foi compreender como se deu a dupla carreira das ex-atletas que receberam o benefício no período 2014/2015 e o envolvimento com o esporte e estudos por parte de suas famílias. A partir de lista divulgada no site da Secretaria de Esportes do DF mapeamos os beneficiados (70 atletas). Em outro momento, já com a pesquisa em andamento, a lista foi retirada do ar, sendo publicada uma segunda atualizada com 120 atletas. Foi decidido seguir com o cronograma determinado inicialmente. Os dados foram registrados no SPSS para Windows (versão 20) e tratados a partir de uma análise estatística descritiva.

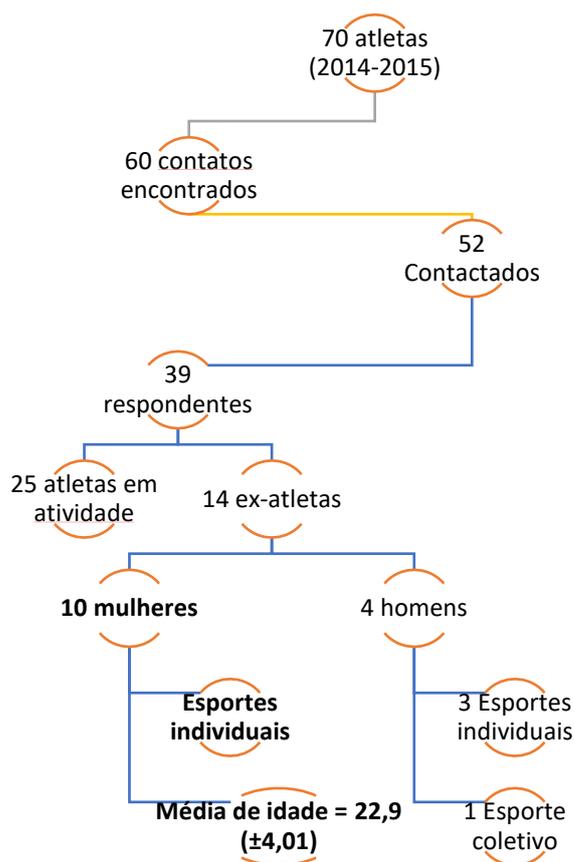


Figura 1 Etapas de definição da amostra estudada.

Dos 70 atletas, 60 foram encontrados, desses, 52 foram contactados e receberam o link para responder o questionário na fase “b” e “c” respectivamente. Desses, 13

decidiram não participar da pesquisa, por diversos motivos, a saber, recusa ao convite feito por telefone, declararam não terem recebido o benefício no período determinado ou não responderam ao link do questionário, culminando em 39 respondentes, sendo assim a população do estudo.

Entre os respondentes da pesquisa, 25 estavam em atividade no EAR e 14 se apresentaram como ex-atletas, sendo 10 do sexo feminino e quatro do sexo masculino. Portanto, dada grande diferença em função do sexo, somado ao reduzido tamanho amostral, foi selecionada por conveniência a amostra composta pelas 10 ex-atletas do sexo feminino com idade média de 22,9 ($\pm 4,01$) anos.

Entrevistas Semiestruturadas

Após o contato por telefone com as 10 ex-atletas da amostra, sete concordaram em participar da fase de entrevistas. Por tanto foram realizadas entrevistas semiestruturadas com o intuito principal entender a dupla carreira e o processo de transição para fora do esporte de alto rendimento. As entrevistas tiveram apenas o áudio gravado com respectivo consentimento das ex-atletas e foram realizadas a partir de encontro presencial em locais e horários de preferência das entrevistadas. As entrevistas foram transcritas e passadas por todos os procedimentos relatados anteriormente na sessão sobre o exercício piloto com o software IRaMUTeQ.

Portanto, foi desenvolvida uma análise que tem como denominador comum as barreiras e facilidades encontradas durante a dupla carreira entre esporte e educação ou trabalho, permeando: 1) diferentes modelos de formação profissional no esporte; 2) os investimentos dos atores sociais e suas respectivas famílias na carreira nos diferentes esportes; 3) as barreiras encontradas na dupla carreira e estratégias de conciliação elaboradas; 4) a reconversão do conhecimento adquirido na carreira esportiva para o trabalho, estudos e em sua fase de transição para fora do esporte 4) As percepções das ex-atletas sobre o processo de transição esportiva e as expectativas com a segunda carreira.

Elaboração do Roteiro de Entrevistas Semiestruturado: O software IRaMUTeQ e a Classificação Hierárquica Descendente (CHD)

Foi utilizado o *software IRaMUTeQ (Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires)* para análise interpretativa dos dados. O IRaMUTeQ é um software de análise textual, gratuito e ancorado no software R com linguagem Phyton, e possibilita diversos tipos de análises textuais. Para o presente

estudo utilizamos o método de Classificação Hierárquica Descendente (CHD) que identifica e quantifica o vocabulário presente nos textos de acordo com a sua frequência e posição, realizando o teste de correlação do Qui-Quadrado em busca de identificar associações no vocabulário presente. O software possibilita ao pesquisador selecionar as classes gramaticais que deseja serem analisadas, nesse caso onde o conteúdo do texto é o mais importante, trabalhando-se com elementos de linguagem “plenos” como palavras não reconhecidas, substantivos e verbos (CAMARGO; JUSTO, 2013; SANTOS et al., 2017).

Após a transcrição do material colhido, todas as entrevistas foram alocadas em um único documento (corpus geral) e passaram por uma fase de limpeza de palavras, onde vícios de linguagem e a padronização de expressões com o mesmo significado evitam a contagem equivocada das palavras o que afeta diretamente no estabelecimento de suas associações, impossibilitando a real identificação de temas relevantes para a discussão dos dados. Seguindo a pré-definição das classes via CHD, seus conjuntos de Segmentos de Texto (STs) foram separados e lidos pelo pesquisador.

Vale lembrar que o IRaMUTEQ se apresenta como uma ferramenta e não um método, centrando o processo de análise dos dados no pesquisador mediante seu conhecimento teórico acerca do objeto de pesquisa e sua intimidade com os dados coletados. Por tanto a leitura dos STs seguiu a estratégia de codificação linha por linha, presente na teoria fundamentada, composta por duas fases, a codificação inicial e a focalizada. Cada ST foi definido com base em códigos iniciais, segundo sua própria natureza, com o uso de verbos no gerúndio que expressassem propriamente sua ação, de forma rápida e contínua, com o intuito de diminuir as tendências em fazer saltos conceituais e adotar teorias já existentes sobre os dados antes mesmo da análise necessária. Em seguida, a codificação focalizada teve o objetivo definir teoricamente as classes de STs, sintetizando, integrando e organizando os códigos iniciais mais frequentes e relevantes para análise, constatando assim preconcepções para análise final (CHARMAZ, 2006).

O software IRaMUTEQ organiza a lista de STs em ordem decrescente do valor de qui-quadrado de associação das palavras com a classe pré-definida pelo software. Logo, durante a leitura dos STs classificados no exercício piloto, percebemos que os últimos 30% dos segmentos (correlações mais fracas), não possuíam relação temática com os 70% já lidos e que esse fator poderia dificultar na definição teórica de cada classe. A estratégia metodológica utilizada para definição das classes temáticas se deu então a partir da leitura

de 70% dos segmentos de cada classe, seguindo a ordem decrescente de associação entre elas. O nível de significância adotado para o teste de CHD foi de $p=0,05$, equivalente aos valores de associação do $\chi^2 < 3,8$.

Exercício Piloto

A elaboração do roteiro de entrevistas semiestruturado contou com duas fases, a primeira realizada a partir da construção e aplicação do roteiro em exercício piloto com cinco ex-atletas de futsal, metade da amostra do estudo (10 ex-atletas). Foram utilizados como base para confecção do roteiro de entrevistas o guia de entrevistas de Gómez et al., (2016) e o modelo holístico sobre desenvolvimento da carreira esportiva de Wylleman, Rents e De Knop (2013). O roteiro contou inicialmente com cinco eixos norteadores, a saber: a) Trajetória Esportiva; b) Trajetória Educacional; c) Exigências Econômicas do Esporte e demais Atividades; d) Conciliação no Nível Psicossocial; e) Conciliação entre Estudos e Carreira Esportiva.

Figura 2 Dendograma das classes definidas no exercício piloto com ex-atletas de futsal.



As cinco entrevistas do exercício piloto foram realizadas presencialmente com quatro participantes e uma via conferência de vídeo pela plataforma Facebook. O corpus geral foi constituído por cinco textos, separados em 665 STs, com aproveitamento de 537 STs (80,75%), aproveitamento significativo para classificação útil de qualquer material textual (>75%) (CAMARGO; JUSTO, 2018).

O conteúdo analisado foi categorizado em duas classes com ramificações em subclasses, a primeira, “Conciliando estudos e futsal”, dividida em “Rotina na Dupla Carreira” e “Experiências Educacionais quando Atletas Estudantes” e a segunda classe, “Vivenciando Experiências Esportivas”, que se ramificou em duas classes, “Experiências em Competições e Convocações” e “Encontrando Barreiras e Facilitadores no Futsal”, essa última que por sua vez se ramificou novamente em outras duas subclasses, “Lidando com Exigências Financeiras no Futsal” e a subclasse “Percepções sobre o Futsal”, que originou nova subdivisão em “Significados do Futsal e Oportunização do Futsal”⁸.

Após leitura dos segmentos de texto e análise das classes o roteiro de entrevistas passou por fase de correções, nesse ponto a estratégia utilizada para codificação dos dados se mostrou útil pois segundo Charmaz (2006, p.75) induziu a constatação de lacunas indispensáveis para a análise, levando o roteiro a modificações das afirmações norteadoras, juntamente com a adição de pontos chave passíveis de revisão durante a entrevista. Além disso foi incluído o eixo sobre o processo de transição para fora do esporte (Descontinuação Esportiva).

Aspectos Éticos

A pesquisa possui aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Saúde da Universidade de Brasília (FS-UnB) contida no protocolo CAAE de número 40152814.1.0000.0030. Toda entrevista ou aplicação de formulário implicou a assinatura do termo de consentimento ou assentimento livre e esclarecido, específico para maiores e menores de idade, respectivamente. O anonimato está assegurado as participantes da pesquisa e as instituições em publicações e apresentações públicas do estudo.

Toda a viabilidade técnica e financeira foi garantida pela Fundação de Apoio a Pesquisa do Distrito Federal FAP-DF, mediante aprovação do projeto o qual essa

⁸ Como ilustrado na **Figura 1**, cada subclasse dividida pelo software na CHD apresenta associação com suas demais subclasses e classes, por exemplo as subclasses *Significados do Futsal* e *Oportunização do Futsal* se associam diante da classe *Percepções sobre o Futsal*, que por sua vez, tem associação com a subclasse *Lidando com Exigências Financeiras no Futsal* dentro da relação de hierarquia com a classe *Encontrando Barreiras e Facilitadores no Futsal*.

dissertação faz parte pelo edital 05/2014 – Programa de Apoio Financeiro a Primeiros Projetos.

O presente trabalho também contou com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior - CAPES sob aprovação no Programa de Demanda Social, segundo a Portaria nº 76 de 14 de abril de 2010.

Organização do Estudo

O presente trabalho está organizado em três capítulos. O primeiro capítulo foi desenvolvido no formato de revisão sistemática em âmbito nacional acerca do tema da dupla carreira esportiva, ilustrando os contextos esportivos e demográficos estudados, bem como os tipos de abordagem metodológica, suas populações analisadas e os principais questionamentos tratados a partir dos resultados encontrados. Temas como barreiras enfrentadas pelos atletas estudantes, assim como os mecanismos facilitadores da dupla jornada são abordados, além de uma breve análise sobre o estado de marcos legais relativos à condição de atleta e estudante no Brasil.

O segundo capítulo é desenvolvido com o objetivo de explorar o contexto educacional, esportivo e familiar de ex-atletas beneficiadas pelo Programa Bolsa Atleta do Distrito Federal entre os anos 2014/2015. A partir da análise descritiva dos dados coletados, os principais questionamentos foram de encontro ao predomínio do sexo feminino entre os ex-atletas respondentes, juntamente com as modalidades esportivas individuais em detrimento dos esportes coletivos, o predomínio de atletas vindos de especialização esportiva precoce e a relação dos respondentes e seus pais com os processos de formação educacional e experiências esportivas. O principal ponto de conclusão está no tipo de dedicação implementado no decorrer da dupla carreira desses atletas, pois a priorização dos estudos em detrimento do esporte se sustenta segundo análise dos dados, na influência da família que apresenta elevado nível de escolarização, uma vez que segundo a Pesquisa Nacional de Amostras por Domicílio (PNAD) realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no quarto trimestre de 2017, o Distrito Federal possui o maior índice de pessoas com ensino superior completo do país.

Por sua vez, o capítulo três objetivou aprofundar a compreensão sobre a dinâmica de conciliação entre esporte e estudos e como ocorreu o processo de transição para fora do esporte. A partir da análise das entrevistas semiestruturadas com as ex-atletas que receberam o Bolsa Atleta do Distrito Federal no período 2014/2015, são discutidos no

capítulo temas como as exigências financeiras para o êxito esportivo, experiências educacionais durante e após o esporte de alto rendimento, os tipos de suporte oferecido tanto pelas instituições de ensino quanto pela família e pessoas próximas das participantes do estudo e suas percepções acerca da carreira esportiva para o alto rendimento de suas modalidades.

Ao final do trabalho é exposta uma sessão de conclusão que visa relacionar os principais questionamentos levantados durante todo o processo da presente pesquisa, tanto teóricos quanto empíricos, com o principal objetivo de conectar os achados, elucidar limitações e sugerir aprofundamentos para os avanços de pesquisas em relação a dupla carreira no Distrito Federal.

CAPÍTULO 1

Dupla carreira de estudantes atletas: uma revisão sistemática nacional

Introdução

Em 2002, o Brasil iniciou sua trajetória no cenário dos megaeventos esportivos com a eleição do Rio de Janeiro como sede dos Jogos Pan Americanos de 2007. A partir desse evento, o País sediou os Jogos Mundiais Militares (2011), a Copa das Confederações de Futebol (2013) e a Copa do Mundo de Futebol (2014) bem como os Jogos Olímpicos e Paralímpicos de Verão (2016). A agenda dos megaeventos esportivos teria o seu final no ano de 2019, em Brasília, com a realização dos Jogos Mundiais Universitários, não fosse pela desistência por parte do Governo do Distrito Federal em razão da crise financeira vivida pela unidade federativa⁹.

No sentido de apoiar e subsidiar a evolução do esporte no País, a *Política Nacional do Esporte* (2005) define os papéis de todos os entes federados sobre o desenvolvimento do esporte em todas as suas facetas, seja educacional, escolar, de participação ou de rendimento. O documento aborda o esporte de rendimento sob a responsabilidade das entidades nacionais esportivas na iniciação e desenvolvimento esportivo bem como na seleção de talentos. Apesar de ressaltar – em ação específica – a garantia de não haver prejuízos em outras atividades profissionais ou escolares dos atletas, além da cobertura por seguros e planos de saúde, o documento não especifica a entidade responsável por essas ações, deixando implícita a responsabilidade das entidades esportivas nacionais.

De 2004 a 2017, o Governo Federal disponibilizou aproximadamente 26,88 bilhões de reais ao esporte brasileiro, sendo 26,89% dessa quantia – aproximadamente 7.229.370.000 de reais¹⁰ – destinados ao esporte de alto rendimento, com o intuito de preparar e fomentar a participação de atletas em competições nacionais e internacionais. Essa priorização de ações direcionada ao esporte de rendimento, tendo em vista a inserção do Brasil no *hall* das potências mundiais esportivas, exige dos jovens em formação escolar/acadêmica que dividam sua rotina entre escola, estudos, treinos e reabilitação,

⁹ Mais informações em: <http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2014/12/rollemborg-alega-crise-financeira-e-suspende-universiade-no-df.html>.

¹⁰ As categorias de investimento foram elaboradas com base nos Planos Plurianuais (PPAs) do Governo Federal pelos criadores do Portal Transparência no Esporte da Universidade de Brasília, a saber: Esporte de Alto Rendimento (EAR); Esporte, Educação, Lazer e Inclusão Social (EELIS); Infraestrutura; Gestão; e Grandes Eventos. Ver mais em: <http://www.transparencianoesporte.unb.br/#/sobre>.

além de privá-los de momentos de lazer e socialização com amigos e familiares (EPIPHANIO, 2002; GÓMEZ et al., 2016; ROCHA et al., 2011). Essa problemática organização das rotinas de treino e estudos, sobretudo para jovens que são recrutados cada vez mais precocemente pelo mercado esportivo, ganhou espaço na comunidade acadêmica brasileira em 2011 (AZEVEDO et al., 2016). Desse contexto, surge o termo *dual career* – dupla carreira –, que define o ato de conciliação entre a carreira esportiva e os estudos ou o trabalho, na busca pelo melhor aproveitamento possível de ambas as jornadas, visando, para além da formação integral do indivíduo, à sua inserção no mercado de trabalho ordinário após o término de sua carreira esportiva (EUROPEAN COMMISSION, 2012; RYBA et al., 2014).

Cada um desses caminhos presentes na trajetória de vida dos jovens atletas possui configuração própria, mas que exige do sujeito importantes níveis de dedicação. A carreira esportiva demanda tempo dedicado a um extenso calendário permeado por períodos de treinamentos, descanso, tratamento, competições e viagens, chegando a dez mil horas para a formação de um atleta de alto nível. Por sua vez, a formação educacional exige o compromisso do estudante para com o aprendizado sob carga horária obrigatória presencial demandada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, além de dedicação aos estudos fora dos muros escolares.

Melo et al. (2016) estudaram a dupla carreira de jovens atletas futebolistas no Rio de Janeiro e constataram elevada proporção da jornada semanal esportiva em relação à escolar – 85% aproximadamente para os clubes da capital carioca. Esse e outros dados ilustram, para além da priorização do futebol em detrimento da escola, grande dispêndio de tempo para ambas as jornadas – 15 horas e 20 minutos e 14 horas e 57 minutos dedicados ao futebol e 17 horas e 56 minutos e 17 horas e 25 minutos para a jornada escolar respectivamente às categorias sub- 17 e sub- 20.

Em outro momento, Azevedo et al. (2017) retrataram a produção acadêmica internacional sobre o tema da escolarização de atletas comparando os achados em âmbito norte-americano e em alguns países europeus com a produção brasileira – todos em formato de artigo. As discussões convergiram para: a) tensões presentes na conciliação entre esporte e estudos, principalmente na priorização da formação esportiva em detrimento da educacional, tanto nos EUA como no Brasil; b) tentativas de conciliação e as particularidades entre seus processos de formação, contrastando a abordagem de países como EUA, Suécia, Finlândia e Dinamarca com o Brasil, onde a principal diferença está

na formalização de projetos específicos para o aporte da dupla carreira por parte do Estado, enquanto no Brasil as estratégias de suporte são elaboradas de maneira informal entre família, escola e instituição esportiva; e c) a influência da família e sua relação com o esporte e a formação educacional como ponto determinante nas tomadas de decisão dentro das dinâmicas presentes na dupla carreira dos jovens.

Portanto, ao passo que o senso comum nos diz que a conquista de elevado grau de instrução pode garantir bons níveis de empregabilidade, como os projetos desses atletas estudantes são organizados e quais estratégias são definidas para alcance de seus objetivos? Por conseguinte, o trabalho em tela tem o objetivo de caracterizar e analisar a produção nacional de artigos científicos sobre a dupla carreira esportiva ou, como é chamada nos estudos encontrados, “escolarização de atletas”¹¹.

Metodologia

Estudos de revisão sistemática são comumente elaborados por ilustrarem o “estado do conhecimento” sobre determinado tema. O objetivo desse tipo de pesquisa reside na tentativa de articular a multiplicidade de perspectivas acerca de determinada temática, a fim de fornecer pano de fundo consistente para estudos posteriores a partir do encontro de conflitos e coincidências na produção, bem como lacunas a serem exploradas (OKOLI; SCHABRAM, 2010; SAMPAIO; MANCINI, 2007; FERREIRA, 2002; SOARES, 2000).

Nessa direção, a necessidade de caracterizar e analisar a produção científica nacional sobre a dupla carreira esportiva tem seu valor justamente na articulação das conclusões encontradas, bem como das proposições feitas pelos autores sobre lacunas e limitações ainda existentes no campo em estudo. Uma vez situada a produção nacional, torna-se exercício imprescindível a comparação com o contexto internacional na busca por semelhanças e diferenças que possibilitem analisar a dupla carreira de atletas no Brasil por meio não só de estudos de revisão, como esse e outros, mas também de análises

¹¹ Este trabalho faz parte do desenvolvimento de uma dissertação de mestrado, que, por sua vez, reside em um projeto maior, denominado *Análise da Profissionalização dos Atletas do Programa Bolsa Atleta do Governo do Distrito Federal*. Foi desenvolvido pelo Grupo de Estudos sobre Dupla Carreira (DuCa) na Universidade de Brasília em parceria com o Laboratório de Estudos sobre o Corpo (LABEC) da Universidade Federal do Rio de Janeiro e o Instituto de Pesquisa sobre Educação e Educação Física (PROTEORIA) da Universidade Federal do Espírito Santo, que contou com apoio financeiro da Fundação de Apoio a Pesquisa do Distrito Federal (FAPDF).

exploratórias a respeito das carreiras ao longo das vidas desses jovens atletas estudantes. Com base nisso, são fornecidos subsídios teóricos pautados no entendimento exploratório do contexto desse campo de estudo no Brasil para refinamento e aprofundamento de procedimentos metodológicos tanto na produção de trabalhos inéditos quanto em sua reprodutibilidade e extensão de conclusões com a intenção de caracterizar ao máximo o contexto brasileiro sobre o tema.

Busca Avançada no Portal CAPES Periódicos		25 Resultados
Descritores: <i>Escolarização e Atletas</i>		
Função “Expandir meus resultados”		29 Resultados
Fase 1	Seleção de trabalhos no formato de artigos apenas no idioma Português	21 Selecionados 8 Excluídos
Fase 2	Leitura dos títulos	14 Selecionados 7 Excluídos
Fase 3	Leitura do conjunto de palavras-chave	8 Selecionados 6 Excluídos
Fase 4	Leitura dos resumos	7 Selecionados 1 Excluído
Fase 5	Leitura dos textos na íntegra	7 Selecionados Nenhum Excluído

Quadro 1 Fases de refinamento na seleção dos artigos da revisão sistemática.

A revisão foi realizada mediante consulta ao Portal de Periódicos CAPES do Ministério da Educação, um metabuscador que indexa bases de dados a nível nacional e internacional. Na ferramenta de busca avançada, foram inseridos os descritores *Escolarização e Atletas*, culminando em 25 itens, que posteriormente aumentaram para 29 devido ao uso da função “Expandir meus resultados” – que adiciona à busca documentos científicos com os quais o site não possui *link* direto. A partir desse resultado, foram organizados critérios de inclusão e exclusão. A primeira fase de refinamento foi conduzida pela exclusão de trabalhos que não fossem artigos e que estivessem em idioma que não fosse o português, determinando a exclusão de oito itens, como livros, teses e dissertações. A segunda fase teve como critério de exclusão a leitura dos títulos baseada na busca pelos descritores usados inicialmente ou seus sinônimos, por exemplo,

educação, esporte, formação esportiva e educacional, escola, ensino e esportistas, resultando na exclusão de sete artigos.

Na terceira fase de seleção – composta por 14 trabalhos –, seis itens foram excluídos após a leitura das palavras-chave. Nessa fase deveriam constar, no conjunto de palavras lidas, pelo menos uma ligada ao esporte e uma ligada à educação, restando oito artigos. A quarta e penúltima fase de refinamento foi realizada mediante leitura dos resumos, de modo que apenas um artigo foi excluído por não tratar da conciliação entre esporte e escolarização. Foram selecionados, portanto, sete artigos na última fase, a qual previa a leitura integral dos textos, seguida de análise e discussão dos estudos.

Resultados

O período de produção compreendido pelo conjunto de artigos selecionados vai de 2011 a 2017, distribuídos em seis periódicos¹² diferentes, sendo cinco nacionais e um internacional. Rocha et al. (2011) e Soares et al. (2011) são os primeiros estudos presentes no período relatado, seguidos por Melo et al. (2014), Carvalho e Haas (2015) e Melo et al. (2016), encerrando o intervalo de tempo com dois trabalhos, Corrêia, Silva e Soares (2017) e Oliveira, Nogueira e Nascimento (2017).

Com relação aos periódicos que publicaram os artigos encontrados, a *Revista Brasileira de Ciência do Esporte* apresenta a maior quantidade de publicações da presente amostra (2), seguida por outros cinco periódicos, cada qual com uma publicação¹³.

Cinco estudos são provenientes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, caracterizando o pioneirismo na exploração do tema no Brasil. Esses estudos foram realizados no Laboratório de Pesquisas em Educação do Corpo (LABEC), sob a coordenação do Prof. Dr. Antônio Jorge Gonçalves Soares e têm como foco análises sobre a modalidade futebol. Os outros dois estudos encontrados, não pertencentes ao círculo de produção presente na UFRJ, estão localizados na Universidade Federal do Ceará e na Universidade Cidade de São Paulo, tratando, respectivamente, de futebol e da relação entre legislação esportiva e educacional.

¹² Revista de *Estudios y Investigación en Psicología y Educación*, periódico internacional incluso no presente delineamento por publicar o estudo selecionado no idioma português.

¹³ Motriz (Rio Claro); Revista Brasileira de Educação Física e Esporte; Revista Brasileira de Futebol e Futsal; Perspectiva (Florianópolis); Revista de Estudios e Investigación em Psicología y Educación.



Figura 3 Resultados da busca pelos estudos sobre escolarização de atletas.

Os estudos que debatem futebol expressam a tentativa de compreender como atletas futebolistas conciliam os estudos e a carreira esportiva, bem como os significados da profissionalização futebolística e o lugar da formação educacional na dinâmica de dupla carreira (ROCHA et al., 2011; MELO et al., 2014; MELO et al., 2016; DE OLIVEIRA; NOGUEIRA; NASCIMENTO, 2017). A produção expressa, ainda, o entendimento dos autores sobre a articulação entre o mercado futebolístico e a estruturação dos processos educacionais e de formação esportiva (SOARES et al., 2011). Diante desse contexto, em um plano mais aprofundado, os estudos buscam possíveis entrelaçamentos entre as culturas de ambas as carreiras em caso específico, no qual a formação educacional é oferecida nas instalações de um clube (CORRÊIA; SILVA; SOARES, 2017).

As principais questões levantadas nesses estudos remetem a uma dinâmica onde estão presentes fatores esportivos e educacionais que influenciam nas decisões durante a dupla carreira; o apoio de clubes, famílias e instituições de ensino; e os significados atribuídos à formação para profissionalização no futebol e formação educacional. O produto dessa dinâmica é indicado como o entendimento da importância da escola, o qual, todavia, não é capaz de superar a importância dada ao futebol, descompensando as relações de conciliação por meio da priorização da formação esportiva em detrimento da educacional.

No que diz respeito à produção sobre futebol, o estudo de Carvalho e Haas (2015) aborda o tema da dupla carreira do ponto de vista legal, com relação à permanência do atleta estudante na instituição de ensino, apresentando uma análise da legislação esportiva brasileira frente à Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Nesse contexto, a permanência do estudante atleta se conecta ao exercício presencial das atividades educacionais, o que levanta questões de dissonância entre a legislação esportiva e educacional quanto ao abono de faltas e cumprimento de exercício domiciliar por parte do atleta estudante em função de seus compromissos esportivos.

Os resultados encontrados apontam ainda para dois grupos de estudos quanto ao delineamento metodológico: estudos descritivos e estudos de revisão. Os descritivos trazem análises a respeito dos atletas, fundamentadas em entrevistas semiestruturadas e questionários, abordando temas, como formação profissional para o esporte, escolarização, atividades de rotina e histórico familiar. Os dados analisados expõem barreiras e facilidades encontradas durante a dupla carreira, com o principal intuito de caracterizar o perfil esportivo e educacional dos jovens estudantes atletas.

Os estudos provenientes do LABEC, que possuem delineamento qualitativo e/ou quantitativo e exploratório, consistem na análise da população de jovens estudantes atletas no Rio de Janeiro, nas categorias sub- 13, sub- 15, sub- 17 e sub- 20 de pequenos e grandes clubes. Por sua vez, o estudo de Oliveira, Balzano e Morais (2017) aborda a população de jovens atletas da categoria sub- 17 de dois clubes de Fortaleza – CE em transição para profissionalização esportiva e ingresso no ensino superior.

Os dois estudos de revisão encontrados se dividem em uma reflexão teórica a partir de consulta não sistematizada à literatura concernente (SOARES et al., 2011) e uma análise documental de marcos legais esportivos e educacionais permeados por uma revisão sistematizada de teses e dissertações sobre o tema da escolarização de atletas produzidas entre 2010 e 2014, conduzida por meio do Banco de Teses da CAPES (CARVALHO; HAAS, 2015).

Discussão

Para enriquecimento das discussões no presente trabalho, foram incluídos três artigos (LEITÃO; FERREIRA, 2016; AZEVEDO et al., 2017; AGRESTA; BRANDÃO; NETO, 2008), um capítulo de livro (AZEVEDO et al., 2016) e duas dissertações de mestrado (BARRETO, 2012; CONCEIÇÃO, 2015), visto que tratam do tema em questão

de forma direta, embora não tenham sido mapeados pelo exercício de busca e refinamento apresentado anteriormente no delineamento metodológico.

Por meio da observação tanto das descrições dos perfis dos estudantes atletas quanto dos estudos de revisão, foram encontradas barreiras a serem enfrentadas por esses jovens bem como alguns facilitadores durante o caminho a ser trilhado em direção ao sonho da profissionalização esportiva.

Os estudos sobre futebol apresentaram análises das jornadas de estudantes atletas, desenhando um cenário favorável para a formação esportiva junto à exploração midiática. A mídia enaltece as ações voltadas para o esporte em contraposição à escolarização, seduzindo principalmente jovens de camadas populares com a ideia de ascensão socioeconômica por intermédio do futebol, reforçada cada vez mais pelos veículos de comunicação, que retratam jogadores ostentando uma vida social e financeira privilegiada (SOARES et al., 2011).

Soares et al. (2011) caracterizam a estruturação do mercado do futebol na transição e profissionalização de jovens atletas como um dos pilares da reflexão sobre a dupla carreira, apresentando quatro características centrais que configuram um mercado altamente competitivo e bem agenciado, marcado por um forte trabalho de formação corporal desses jovens¹⁴. Por sua vez, o valor dado à escolarização, segundo Costa e Koslinsk (2006) está ligado não só a fatores socioeconômicos, mas também a uma influência cultural vinculada principalmente aos meios sociais por onde o jovem circula, ao seu aporte familiar e às experiências vividas no processo de escolarização. Fatores esses que, quando negativos e somados à precariedade do ensino ofertado a um amplo setor social, são importantes formadores no desprestígio da escolarização.

Essa configuração, em conjunto com o percurso mínimo de 12 anos – sem fracassos – para conquista do ensino básico completo, reforça a perspectiva da rápida mobilidade social e econômica por meio do futebol, ilustrando um modelo de escola encarado pelos jovens como desinteressante e de baixa qualidade, distanciando a

¹⁴ Há um grande contingente de jovens do sexo masculino inclinados a trilhar o processo de formação futebolístico por serem atraídos pelo sonho da rápida mobilidade socioeconômica retratada pela mídia, que, somada ao forte trabalho de formação corporal nos clubes com o objetivo de exportar esses jovens atletas, reforça a ideia de ascensão mediante carreira no exterior (SOARES et al. 2011).

dinâmica de conciliação entre as duas jornadas (SOARES et al., 2011; ROCHA et al., 2011).

Rocha et al. (2011) dão início às descrições dos perfis educacionais e esportivos, seguidos por Melo et al. (2014), Melo et al. (2016) e Oliveira, Balzano e Morais (2017), retratando jovens futebolistas das categorias de base tanto de grandes como de pequenos clubes. Os estudos descrevem os perfis dos atletas, apresentando a conciliação como culminante na dedicação ao esporte em detrimento da formação educacional, o que ilustra uma perspectiva de vida útil no esporte de rendimento. Tal perspectiva é caracterizada pelo comum término da carreira esportiva, seja involuntariamente em função de lesões, idade avançada e depleção do desempenho, seja voluntariamente, por motivos pessoais como mais atenção à convivência familiar, questões étnicas, de gênero, etc. (GORDON; LAVALLE, 2015).

Vale ressaltar o estudo de Agresta, Brandão e Neto (2008), em que foi analisado o impacto do término da carreira no futebol com base na situação econômica de 57 ex-jogadores, apontando que apenas 1,8% dos casos foram de melhora financeira pós carreira. Essa inevitável fase da jornada esportiva faz com que esses atletas tenham de buscar outros caminhos para manutenção ou desenvolvimento de suas condições socioeconômicas, mediante outras atividades remuneradas, seja por meio do esporte – como treinadores, por exemplo –, seja pela inserção no mercado de trabalho ordinário (ROCHA, 2011; MELO; SOARES; ROCHA, 2014).

Entre as principais dificuldades encontradas na dupla carreira desses jovens, estão o cansaço físico ocasionado pelo excesso de treinos; a falta de tempo para estudo fora da escola e para assistir às aulas, em razão dos compromissos com o esporte – como competições e viagens –; a desmotivação mediante insucesso escolar; e o interesse obsessivo pelo futebol, caracterizando um cenário onde o clube exige quase dedicação exclusiva de seus atletas estudantes à performance esportiva (ROCHA et al., 2011; MELO et al., 2016; OLIVEIRA; BALZANO; MORAIS, 2017).

Por outro lado, as facilidades observadas pelos estudos de Rocha et al., (2011), Melo, Soares e Rocha (2014) e Melo et al. (2016) se configuram de maneira informal entre atletas estudantes e suas instituições de ensino. Basicamente, os elementos facilitadores consistem em abono a faltas, atrasos sistemáticos – acompanhados de atividades complementares –, ensino a distância e seleção de instituição de ensino capaz

de oferecer menor nível de exigência. Ainda nesse contexto, Corrêia, Silva e Soares (2017) apresentam a institucionalização interna desses mecanismos na escola do Clube de Regatas Vasco da Gama, onde, apesar de haver a preocupação com o planejamento da carreira dos jovens, o entrelaçamento das culturas escolar e esportiva prioriza a construção da carreira esportiva dos estudantes, visto que a estruturação do atendimento escolar está pautada, de modo geral, nas atividades do clube.

Soares et al. (2013) buscaram compreender a relação entre o tempo dedicado ao esporte e o tempo dedicado à escola na trajetória de jovens atletas de futebol no Rio de Janeiro nas categorias sub-13, sub-15, sub-17 e sub-20. Os resultados apontam diferença entre o dispêndio de horas dedicadas à carreira futebolística e à educacional no prospecto de nove anos que abarca as categorias estudadas – 6.192 horas para o futebol e 7.200 horas para a escola. Já Bartholo et al. (2011) caracterizaram e compararam a carga horária dedicada aos estudos e ao futebol de atletas brasileiros, no Rio de Janeiro, e espanhóis, na região de Castilla e León. Foi constatado um tempo quase três vezes maior de dedicação aos estudos que ao futebol na Espanha, enquanto os cariocas apresentam carga de treinamento superior ao dobro dos estudantes atletas espanhóis.

O tempo dedicado ao futebol somado ao tempo de permanência na escola impõe uma lacuna deixada pela negligência a outras atividades, como cursos profissionalizantes, estudo fora da escola, atividades culturais e sociais. Esses aspectos são de suma importância para o desenvolvimento de outras habilidades do atleta, que ampliariam o seu horizonte de experiências e o preparariam melhor para o ingresso no mercado de trabalho ordinário (LÓPEZ DE SUBIJANA; BARRIOPEDRO; CONDE, 2015).

A partir do entendimento da priorização da carreira no futebol em detrimento da formação educacional, Rocha et al. (2011) e Oliveira, Balzano e Morais (2017) afirmam que, embora a valorização da escola seja predominante entre os atletas analisados, eles continuam investindo na carreira futebolística em primeiro plano. Dos 417 atletas entrevistados por Melo, Soares e Rocha (2014), apenas 6,2% abandonaram a escola. Outro estudo feito por Soares et al. (2013) com a mesma amostra indica que os atletas de futebol apresentam maior quantidade de anos em escolarização que a população do estado do Rio de Janeiro. Segundo os autores, esses dados rompem parcialmente com as hipóteses de que jogadores de futebol não possuem base na formação escolar ou apresentam alto índice de evasão.

Entretanto, apesar da permanência na escola ser possibilitada mediante os mecanismos de flexibilização citados anteriormente, há ainda uma indicação de que, à medida que avançam nos processos de formação futebolísticos, os atletas optam por migrar para o ensino noturno, priorizando a manutenção das atividades esportivas sem perder o percurso escolar. Tais mecanismos denotam muito mais êxito na concessão à reprovação e ao atraso escolar do que no devido aproveitamento da formação educacional (ROCHA et al., 2011; MELO et al., 2013; CONCEIÇÃO, 2015; MELO et al., 2016).

Todos os mecanismos de conciliação relatados pelos atletas estudantes têm o respaldo de seus familiares no sentido de favorecer a formação esportiva (ROCHA et al., 2011; MELO et al., 2016; OLIVEIRA; BALZANO; MORAES, 2017; CORRÊIA; SILVA; SOARES, 2017). Logo, a influência da família se apresenta como um pilar fundamental nessa jornada dupla, pautada em aspectos culturais e de formação dos pais, responsáveis e demais familiares estão direta e indiretamente ligados a seus jovens atletas, seja emocionalmente, seja financeiramente (LEE, 1986; SAMULSKI et al., 2009; VILANI; SAMULSKI, 2002).

Fica evidente, também, nos estudos considerados, a ausência de regulamentação específica e de atuação do Estado nas dinâmicas de conciliação presentes na dupla carreira esportiva. Como consequência, a informalidade presente nas construções dos mecanismos de flexibilização entre formação educacional e esportiva é apresentada como a escolha tomada por esses jovens e suas famílias como a melhor maneira possível de aproveitar ambas as jornadas trilhadas.

Segundo Carvalho e Haas (2015), a Constituição Federal de 1988 atribui às instituições esportivas formadoras a responsabilidade de garantir a matrícula do jovem atleta na escola pública ou particular, ajustar o tempo de treinamento aos horários do currículo escolar e exigir sua frequência e aproveitamento satisfatório. Já na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), não há nenhum marco que subsidie o atleta estudante quanto a suas demandas específicas oriundas da conciliação entre carreira escolar e formação esportiva para o alto rendimento. O documento trata do atleta estudante da mesma forma que o indivíduo que se propõe apenas a trilhar a jornada escolar, exigindo, por exemplo, 75% de presença obrigatória nas aulas como requisito parcial para aprovação. Entre as leis esportivas, se destaca a Lei 9.615, de 1998 – conhecida como Lei Pelé –, que institui normas gerais a respeito do esporte brasileiro. Entre elas, está a previsão de ausência escolar em função de atividades esportivas apenas

para “atleta servidor público civil ou militar” que esteja convocado à representação nacional em treinamento ou competição, no País ou no exterior (CARVALHO; HAAS, 2015).

Essa superficialidade de marcos legais esportivos e institucionais foi reforçada por Barreto (2012) quando, em trabalho de dissertação, analisou os processos de formação de estudantes atletas no futebol de Minas Gerais, mais especificamente no Clube Atlético Mineiro e no Cruzeiro Esporte Clube. O autor, em seu estudo, ressalta a ambiguidade quanto à formação profissional desses jovens no esporte, visto que, apesar de as atividades de formação no futebol serem encaradas pelas instituições esportivas como “trabalho” perante a lei, apenas a partir dos 14 anos é que essa formação se aproxima do caráter profissionalizante, sob a figura do menor aprendiz e seus direitos. Em seguida, Barreto (2012) expõe que os deveres dos clubes quanto aos vínculos profissionalizantes com seus atletas – seja como profissional livre, seja como aprendiz¹⁵ – e o oferecimento da escolarização parecem ser atendidos, ao menos teoricamente, de acordo com os interesses da sociedade civil. Ou seja, são oferecidas condições favoráveis para frequência obrigatória ao ensino regular, compatibilização das atividades com o desenvolvimento do adolescente e horário especial para desempenho das atividades trabalhistas no futebol.

Para tanto, a abordagem legislativa brasileira trata indiretamente da questão da conciliação entre esporte e escola, limitando-se a exigir o cumprimento de direitos fundamentais do jovem enquanto estudante ou atleta, como acesso à educação básica e condições favoráveis para formação esportiva, sobressaindo a citada falta de regulamentação específica em relação às duas carreiras quando trilhadas concomitantemente (LEITÃO; FERREIRA, 2016).

Em 2012, foram lançadas as Diretrizes para Dupla Carreira (EUROPEAN COMMISSION, 2012), um documento que leva em consideração diversos eixos inerentes às vidas dos jovens que optam por trilhar a jornada da conciliação entre esporte e trabalho ou estudos na Europa, sugerindo ações de amparo ao atleta estudante dentro de uma perspectiva holística¹⁶. Assistência médica, psicológica e programas preventivos, bem

¹⁵ Barreto (2012) explicita que a legislação brasileira proíbe o trabalho do menor de 14 anos em qualquer que seja a circunstância. Ao menor de 16 anos e maior de 14 é dada a faculdade de contratação de aprendiz. O que destoar dessa regra, na visão do Ministério Público do Trabalho, é considerado trabalho infantil.

¹⁶ O modelo holístico presente no estudo de Wylleman, Reints e De Knop (2013) categoriza o atleta estudante segundo aspectos psicológicos, psicossociais, esportivos, vocacional acadêmicos e financeiros em função da idade, ilustrando fases de transição entre esses aspectos e como são desenvolvidos.

como assistência financeira no sob a forma de bolsas escolares e outros suportes financeiros, como pensões pagas pelo Estado no formato de fundos advindos de doações, eventos, porcentagens retiradas de casas lotéricas, entre outras estratégias, são apontadas para que cada membro da União Europeia possa elaborar suas políticas de apoio à dupla carreira. Vale ressaltar que esse documento apenas norteia as ações dos países membros, conferindo ampla liberdade e autonomia para elaboração das ações em específico.

No Brasil, a Lei 12.395, de 2011, apresenta requisitos para entidades esportivas cumprirem perante seus atletas em formação e assim serem caracterizadas como entidades esportivas formadoras. Entre os requisitos, estão a garantia de suporte médico e alimentício, transporte, convivência familiar, ajuste do tempo de treinamento ao currículo educacional etc.¹⁷. Contudo, apesar de esses requisitos estarem dispostos na lei para qualquer modalidade esportiva, o artigo 94 da Lei 9.615 impõe a sua obrigatoriedade apenas para o futebol, desamparando formalmente os atletas das demais modalidades esportivas. Nesse caso, a Confederação Brasileira de Futebol, por meio da Resolução da Presidência n. 1, de 2012, estabelece normas, procedimentos, critérios e diretrizes segundo a Lei 12.395, para emissão do Certificado Clube Formador em duas categorias¹⁸. No entanto, o reflexo da adesão dos clubes de futebol na aquisição desse certificado é minoritário, pois apenas 6,5% dos clubes filiados a CBF são certificados como clubes formadores, relatam Leitão e Ferreira (2016).

Ainda que a Lei 12.395 aborde aspectos que envolvem a trajetória dupla do atleta estudante, ela trata da conciliação entre esporte e escola apenas no âmbito de dedicação quanto à carga horária. Nesse caso, a exigência da “complementação educacional” presente na lei não é apresentada junto a sugestões de estratégias para o devido aproveitamento dentro e fora dos muros escolares, demonstrando superficialidade. Haja vista a responsabilidade conferida às entidades esportivas pela legislação brasileira e o intenso trabalho corporal na formação de jogadores de futebol (SOARES et al., 2011; SOARES et al., 2013), percebe-se grande autonomia por parte dos clubes no trato a dupla carreira, o que favorece a priorização da formação esportiva em detrimento da

¹⁷ Cf. Lei 12.395, artigo 29, segundo parágrafo: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/112395.htm.

¹⁸ Categoria A para preenchimento dos requisitos acima da exigência mínima, tendo validade de dois anos, e Categoria B, para clubes que preencham os requisitos mínimos sob validade máxima de um ano.

educacional, mediante superficialidade de marcos legais direcionados à concomitância das duas jornadas.

Outra lacuna a ser discutida é a fase de descontinuação ou pós-carreira esportiva. No Brasil, o Projeto de Lei Complementar PLP 16/2015¹⁹ – em tramitação na Comissão de Seguridade Social e Família – busca conceder aposentadoria especial a atletas profissionais e semiprofissionais em virtude de trabalho sob condições especiais que prejudiquem a saúde ou integridade física. Garantir o direito a aposentadoria mediante menor tempo de serviço não resolve as barreiras específicas da fase de descontinuação esportiva, levantando dúvidas sobre a legalidade da matéria.

Ainda sobre o referido projeto de lei, as condições especiais prejudiciais à saúde são justificadas apenas em relação a riscos físicos, como lesões. Vale lembrar que o abandono da carreira esportiva de alto rendimento não se dá em função apenas de riscos físicos, mas também de questões de ordem financeira, familiar, social e inclusive outros fatores físicos que não sejam lesões – idade avançada e depleção do desempenho – (GORDON; LAVALLE, 2015). Além disso, é indicado na PLP 16/2015 o estabelecimento do tempo de contribuição em 20 anos para essa população específica, sob a justificativa de vida útil “curta” da carreira esportiva de alto rendimento. É válido citar o exemplo dos atletas de ginástica artística e rítmica, que iniciam a carreira precocemente – antes mesmo da puberdade –, atingindo o abandono do esporte em média aos 20 anos (MELO; RUBIO, 2017; NUNOMURA; CARRARA; TSUKAMOTO, 2010). Nesse caso, por mais que o atleta ou a atleta comece a contribuir com a idade mínima de 14 anos – na condição de menor aprendiz – terá, ao final da carreira, apenas seis anos de contribuição²⁰.

Deve-se, portanto, considerar o atleta holisticamente, o que implica prepará-lo para a vida pós-esportiva com vistas à inserção no mercado de trabalho ordinário de forma qualificada, assumindo-se que sua formação educacional tenha tido plenas condições de ser devidamente aproveitada. Em oposição a essa perspectiva, destaca-se que, dos 57 ex-jogadores de futebol entrevistados por Agresta, Brandão e Neto (2008), apenas quatro

¹⁹Ver:

http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=BDF60F72EFBA7FFBB6D059E6285B0DC0.proposicoesWebExterno2?codteor=1303634&filename=PLP+16/2015.

²⁰ Ver: <https://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/pode-perguntar/noticia/inss-nunca-e-tarde-para-comecar-a-contribuir-especialista-explica.ghtml>.

declararam ter recebido apoio dos clubes que defenderam e 40 receberam apoio da família ou amigos.

Nesse sentido, as Diretrizes para Dupla Carreira (EUROPEAN COMISSION, 2012) sugerem uma abordagem planejada para a fase de descontinuação, que desenvolva a identidade pessoal dos atletas para além do âmbito esportivo, por meio de experiências positivas em outras funções vocacionais, planejando antecipadamente sua aposentadoria e sempre com o apoio do máximo de atores envolvidos em sua trajetória – desde família e amigos até treinadores, associações de jogadores e organizações esportivas.

Entretanto, considerando-se o modelo brasileiro atual, fragilizado pela superficialidade de marcos legais relativos à conciliação entre estudo e esporte, o atleta estudante e sua família sofrem pressões sobre a escolha entre dedicar-se ao esporte ou à escola (CONCEIÇÃO, 2015). Somado ao contexto de escolha reduzida apenas a uma trajetória em específico, está o fato de os clubes, apesar de desenvolverem mecanismos que possibilitem a frequência do atleta aos bancos escolares, de certa forma, negligenciam a responsabilidade de exigir desempenho satisfatório, direcionando a atenção do jovem quase que totalmente à performance esportiva.

Conclusões

Mapeamos o predomínio das publicações no formato de artigos direcionados à modalidade futebol, descrevendo a conciliação da dupla carreira esportiva de jovens aspirantes a jogadores profissionais. Apesar de os resultados ilustrarem o predomínio de estudos sobre futebol, é importante ressaltar que outras modalidades esportivas também são estudadas, porém apresentam-se no formato de capítulos de livros, monografias, dissertações de mestrado e teses de doutorado, um fator limitador no delineamento metodológico.

A administração do tempo na dupla carreira mostrou-se como principal desafio encontrado nos estudos selecionados, de modo que o excesso de dedicação aos processos de formação esportiva culmina com a flexibilização das instituições de ensino como principal ferramenta da conciliação. Nesse caso, podemos apontar, por um lado, a existência de escolas que flexibilizam suas normas em função da jornada esportiva do estudante, desenvolvendo estratégias apenas para saldar os débitos em relação ao cumprimento de requisitos básicos para a aprovação, como atividades complementares e atrasos sistematizados. Por outro lado, temos clubes inflexíveis quanto à jornada escolar,

exigindo dedicação quase que exclusiva de seus atletas, mediante certa permissividade causada pela superficialidade de marcos legais.

Vale lembrar que a comum fase da descontinuação esportiva deve ser planejada antecipadamente, assim como todo o percurso trilhado na dupla carreira, tanto no esporte quanto na formação educacional. Portanto, a ideia de *desempenho acadêmico satisfatório* – presente na Lei 12.395, de 2011 – a ser alcançado pelo estudante atleta deve organizada de maneira integrada com a instituição escolar, proporcionando o devido aproveitamento do conteúdo escolar/acadêmico, assim como é feito com experiências oferecidas pela formação esportiva.

Salientamos, também, o importante papel da família, caracterizado, nos estudos encontrados, como concessora de estratégias de flexibilização escolares, uma vez que os familiares enxergam, na profissionalização futebolística, a oportunidade da rápida ascensão socioeconômica em virtude, principalmente, de todo o aporte midiático dado ao esporte junto ao seu competitivo e bem estruturado mercado. Todavia, a especificidade da modalidade futebol, principalmente refletida pelo seu exclusivo nível de espetacularização quando comparado às demais modalidades esportivas, suscita a necessidade de aprofundamento dos demais mercados esportivos e sua compreensão por parte dos atores envolvidos nos processos decisórios de dupla carreira.

Portanto, o ponto central desta conclusão reside no planejamento da dupla carreira dos atletas estudantes. Ato que deve levar em consideração a caracterização desses jovens segundo os papéis que assumem dentro de todos os contextos em que atuam: o esportivo, o educacional, o socioeconômico e o familiar. Para tanto, inicialmente são necessários reforços dos marcos legais relativos às ações das instituições esportivas e regulamentação dos direitos fundamentais do estudante e do atleta no formato conjugado exigido pela dupla carreira esportiva – entendendo ainda que o atleta de alto rendimento, mais cedo ou mais tarde priorizará a sua dedicação ao esporte. Além disso, devem ser reforçadas ações fiscalizatórias sobre esses atos para o melhor cumprimento do atendimento desses jovens atletas estudantes, bem como dos atletas encontrados na fase de descontinuação.

Sugerimos para futuras pesquisas a extensão das análises descritivas a outras modalidades, tendo em vista principalmente diferentes barreiras e facilitadores abordados pela literatura internacional quanto ao mercado econômico proporcionado pela modalidade esportiva, além de questões de gênero e idade de especialização.

Paralelamente a isso, recomendamos que se façam análises comparativas entre as abordagens brasileira e internacional sob o ponto de vista legal a respeito do apoio ao estudante atleta, visto que elas contribuiriam com o intento de produzir proposições para a criação de políticas públicas efetivas, que ofereçam o melhor aproveitamento possível tanto na formação educacional, com vistas principalmente à fase pós-esportiva, quanto no próprio desenvolvimento do esporte de rendimento na realidade brasileira.

CAPÍTULO 2

Transição para fora do Esporte: Indícios sobre a Dupla Carreira no Distrito Federal

Introdução

Em 2016 metade da população mundial assistiu aos Jogos Olímpicos de Verão sediados na cidade do Rio de Janeiro. Segundo o Comitê Olímpico Internacional, mais de 270 plataformas digitais, centenas de páginas oficiais de transmissão, além de 584 canais de TV, contribuíram para que o esporte de alto rendimento se tornasse um ótimo veículo de divulgação de marcas e produtos das mais variadas empresas e de diversos produtos.²¹

Outros números reforçam o papel do esporte como um rentável mercado econômico. Em 2012, com 20 anos, a renda estimada do jogador de futebol Neymar Júnior era de US\$ 37,5 milhões de dólares, sendo US\$ 23 milhões advindos de contratos publicitários com empresas como Nike, Gillette e Panasonic²². Apesar de o futebol brasileiro apresentar um mercado altamente competitivo e agenciado (SOARES et al., 2011), a maioria (73%) dos jogadores de futebol profissional masculino no país receberam até 3.000,00 reais por mês. Mesmo assim o senso comum indica o futebol masculino como uma oportunidade de ascensão socioeconômica mediante o acúmulo de riquezas após a ascensão esportiva e durante sua manutenção, fazendo com que cada vez mais jovens que desejam trilhar esse caminho sejam inseridos de forma precoce em seus processos de formação e especialização.

Importante salientar que o mercado esportivo brasileiro com alto retorno financeiro é extremamente limitado. Ainda sobre o futebol masculino, apenas 3% dos atletas profissionais, referência dos jovens que buscam o glamour e o sucesso financeiro esportivo, ganharam mais de 51 mil reais em 2016²³. Usamos o caso do futebol como parâmetro em função da escassez de produção científica que caracterize o mercado de trabalho esportivo para outras modalidades. Em pesquisa encomendada ao Ibope Repucom pelo site *Época* em 2016 mostra a hegemonia do futebol na transmissão televisiva (1.554 horas na TV aberta) frente a outras modalidades como voleibol (165 horas) e basquetebol (32 horas). Segundo a reportagem, isso afeta indiretamente outras receitas, logo, a menor exposição leva a dificuldade em obter patrocínios, uma vez que o

²¹ Disponível em:

<https://stillmed.olympic.org/media/Document%20Library/OlympicOrg/Documents/IOC-Marketing-and-Broadcasting-General-Files/Olympic-Marketing-Fact-File-2018.pdf>.

²² Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-37076894>.

ápice da exploração midiática desses esportes está subordinada ao evento das Olimpíadas de Verão, ou seja, de quatro em quatro anos, apresentando assim instabilidade no subsídio ao potencial de investimento nessas modalidades esportivas, fragilizando seu desenvolvimento e o interesse do público²³.

Enquanto o futebol se firma como uma das principais apostas para ascensão socioeconômica, atletas que vislumbram menor potencial de investimento em outros esportes percebem a formação acadêmica como caminho viável uma vez que altos níveis de instrução garantem maiores chances de se conseguir bons postos de trabalho (ARAÚJO; BARBOSA, 2008).

Esse potencial de investimento no futebol é traduzido por Soares et al., (2011, p. 917) como um “mercado altamente competitivo e bem agenciado, com um forte trabalho de formação corporal e um grande contingente de jovens disponíveis”. Frente ao potencial de investimento para os futebolistas, atletas de outras modalidades precisam recorrer a outras estratégias de financiamento e custeio das exigências financeiras para desenvolvimento da performance esportiva.

Em Brasília o Programa Bolsa Atleta do Distrito Federal (BA-DF) oferece benefícios financeiros em diferentes níveis quanto aos valores para atletas que possuam resultados em competições estudantis, regionais, nacionais e internacionais (BRASIL, 1999). Porém o desenvolvimento esportivo se coloca em concomitância com a formação educacional obrigatória que é compreendida, segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996) dos seis aos 17 anos de idade, fazendo com que o então atleta estudante se veja comprometido com níveis cada vez mais elevados de exigência tanto educacional quanto esportiva. Logo, esses jovens aspirantes a atletas de alto rendimento se encontram em dupla carreira, que é caracterizada justamente pelo fato de conciliar a formação e desenvolvimento esportivos com a formação educacional, no intuito de obter o melhor aproveitamento possível de ambas as carreiras (EUROPEAN COMMISSION, 2012; RYBA, 2015). Portanto, o objetivo do presente trabalho é explorar o contexto esportivo e educacional de ex-atletas beneficiadas pelo Programa Bolsa Atleta do Distrito Federal no período 2014/2015.

²³ Disponível em: <https://epoca.globo.com/vida/esporte/noticia/2016/07/o-futebol-tem-tres-vezes-mais-transmissoes-na-tv-do-que-volei-basquete-e-tenis-juntos.html>. Acesso em: 29 de maio de 2019.

Assim como o jovem estudante, à medida que progride na formação educacional tem seus níveis de exigência elevados, o aspirante a atleta de alto rendimento também se vê em compromisso com diversas exigências esportivas como treinamentos, competições e períodos de recuperação. Ambas as carreiras citadas apresentam suas fases de desenvolvimento e suas progressões que são marcadas por transições seja de um ano escolar para outro, seja de um nível de desempenho para outro. Schlossberg (1981) define a ocorrência de transições na vida do ser humano por meio do acontecimento de eventos e não-eventos que resultam em mudanças de perspectiva do indivíduo em relação a si mesmo e suas visões de mundo. Um evento pode ser caracterizado como uma convocação para compor equipe nacional, assim como um não-evento pode ser a expectativa da convocação que não se concretiza.

A partir da perspectiva de vida útil no esporte e do mercado econômico oferecido, o atleta precisa se preparar para exercer outras atividades, principalmente relacionadas a necessidade de manutenção ou progressão do status socioeconômico alcançado. Diante disso, o planejamento prévio e contínuo tanto da carreira esportiva quanto da formação educacional e vocacional torna-se atividade imprescindível para consolidação da comum transição para fora do EAR.

Nesse sentido, o desenvolvimento da formação educacional pode ser encarado pelo atleta de alto rendimento de diferentes formas. Pallarés et al. (2011) em estudo sobre a trajetória esportiva de ex-atletas espanhóis de polo aquático, propuseram tipos de dedicação a carreira esportiva, a saber, Linear, Convergente e Paralelo. O primeiro trata do esporte com exclusiva dedicação, nesse caso os atletas encararam o polo aquático como trabalho, recebendo incentivos financeiros de suas respectivas federações e confederações; já o tipo Convergente apresenta a concomitância com o trabalho, porém há sempre a priorização do esporte de alto rendimento; e por final o tipo de dedicação Paralelo apresenta a tentativa de equilibrar esporte e estudos, fazendo o atleta decidir qual carreira priorizar em determinado momento sempre que desequilíbrios significativos afetam uma das duas.

Dessa maneira a dupla carreira se apresenta como um processo multifatorial e dinâmico que não deve ser entendido como eventos isolados (ALFERMAN; STAMBULOVA, 2012). Desse modo, Wylleman, Rents e De Knop (2013) propuseram o Modelo Holístico de Desenvolvimento da Carreira Esportiva que relaciona fatores atléticos, educacionais/vocacionais, psicossociais, psicológicos e financeiros a idade do

indivíduo dentro da perspectiva das fases de transição do desenvolvimento. Vale ressaltar, segundo os próprios autores, que a linha etária em que o modelo se baseia é apenas uma aproximação em que as transições e fases ocorrem no desenvolvimento esportivo, psicossocial e financeiro, podendo assim, variar a depender de especificidades entre os esportes.

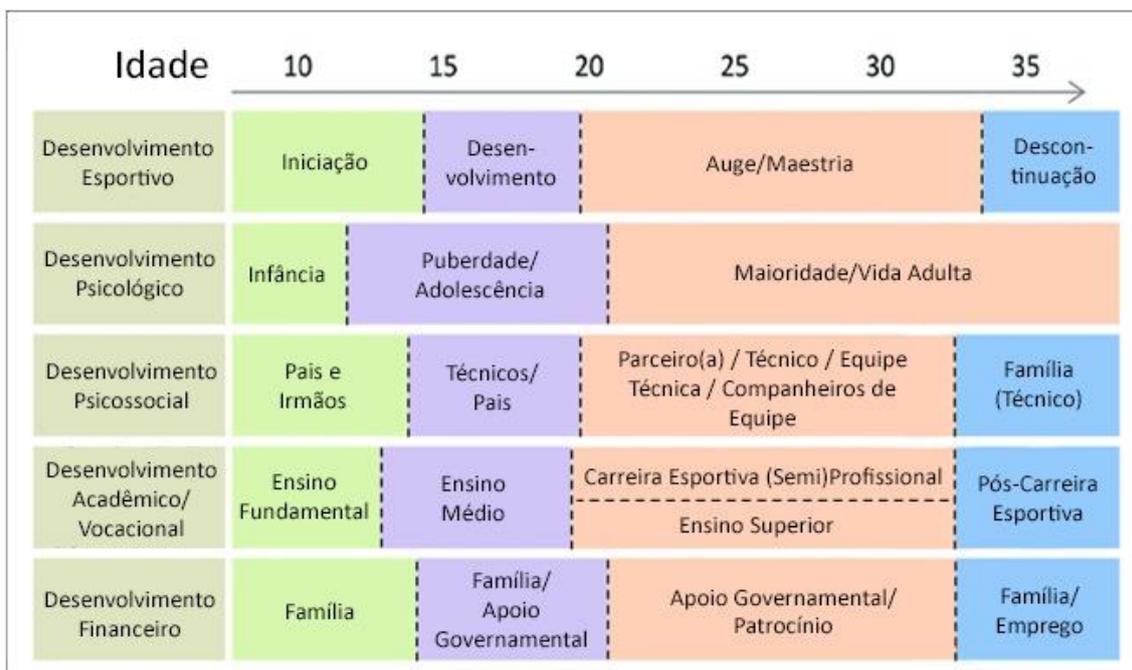


Figura 4 Modelo Holístico de Desenvolvimento da Carreira Esportiva de Wylleman, De Knop e Reints (2013) livre tradução feita pelo autor.

O eixo atlético é composto pelo processo de desenvolvimento esportivo, desde a iniciação até a fase de transição para fora do esporte, variando por exemplo quanto ao gênero e modalidade esportiva. Em seguida está o nível psicológico que trata dos estágios de desenvolvimento e aprendizagem humanos, como infância, adolescência e idade adulta. Por sua vez, o eixo psicossocial diz respeito aos tipos de relações sociais e interpessoais desenvolvidos ao longo da vida do atleta estudante, como familiares, colegas de escola, companheiros de equipe e comissão técnica. O nível acadêmico/vocacional está relacionado ao processo de formação educacional que no Brasil é caracterizado pelo Ensino Básico e Ensino Superior (Lei de Diretrizes e Bases da Educação, 1996)²⁴. Por fim, o nível financeiro trata dos agentes que prestam o suporte

²⁴ O Ensino Básico está dividido em Ensino Fundamental com duração de nove anos iniciando-se aos seis anos de idade e Ensino Médio com duração mínima de três anos. Por sua vez as Instituições de Ensino Superior (IES) no exercício de sua autonomia, podem criar, em sua rede, cursos e programas de educação

relativo às exigências financeiras presentes na dupla carreira, fontes de patrocínio privadas ou públicas, o clube e o próprio atleta estudante por meio de atividade laboral remunerada. Esses eixos devem ser entendidos como fatores que contribuem para o processo de formação do atleta de elite, que ao chegar numa fase aguda de sucesso, tomará uma importante decisão sobre como lidar com as exigências acadêmicas. Qual seria sua aposta em relação a se dedicar a uma carreira esportiva em detrimento da sua formação escolar? Essa decisão será tomada em conjunto com a família; observado o mercado esportivo em questão, a possibilidade de retorno financeiro; o sucesso escolar/acadêmico alcançado até aquele momento, entre outros fatores. Percebe-se, por exemplo, que as modalidades são muito diferentes com relação a estrutura econômica: o futebol no Brasil é capaz de exigir mais de seus aspirantes, mas o mesmo não vale para o futebol feminino. Ou seja, a variável gênero também deve ser investigada. Ao mesmo tempo, no aspecto acadêmico, a formação escolar é mais importante para as mulheres que para os homens (TEKAVC et al., 2015; DE BRANDT et al., 2017). Essas informações são importantíssimas no processo de formação do atleta de elite, nas diferentes fases de transição, e não podem ser analisadas de maneira isolada.

Nesse sentido o lastro de pesquisas internacionais sobre transição para fora do esporte é amplo, datando de 1968, segundo estudo de revisão sistemática que mapeou 126 trabalhos (PARK; LAVALLE; TOD, 2013). Os autores listam como principais achados, consequências do término de carreira, como emoções negativas, sentimento de perda, crise de identidade, dependência química; fatores que se relacionam a qualidade da transição para fora do esporte de alto rendimento, como identidade atlética, idade, gênero, lesões e a decisão voluntária ou involuntária pela retirada do EAR; e os recursos disponíveis durante o processo de transição, como estratégias de enfrentamento, planejamento prévio da retirada esportiva e o apoio de familiares, amigos, treinadores e companheiros de equipe (suporte psicossocial) (PARK; TOD; LAVALLE, 2013; GORDON; LAVALLE, 2012).

Por sua vez, a produção científica brasileira sobre a transição para fora do esporte corrobora com os achados internacionais sobre dificuldades e problemas no período de ajustamento a nova carreira. Apesar das dificuldades na transição, os estudos brasileiros encontraram bons níveis de satisfação no período pós esporte de alto rendimento. Essa

superior previstos em lei, não havendo assim duração mínima ou máximo sendo os cursos divididos de modo geral em períodos semestrais.

qualidade na retirada dos esportistas brasileiros estudados se deve pouco as organizações esportivas e treinadores. Nesse caso, a família aparece como principal suporte motivador, emocional e financeiro (AGRESTA et al., 2003; AGRESTA; BRANDÃO; BARROS NETO, 2008; AGRESTA et al., 2008; BRANDÃO et al., 2001; VILANI; SAMULSKI, 2002).

Peres e Lovisolo (2006) entrevistaram atletas medalhistas em competições olímpicas, internacionais e pan-americanas. Entre os obstáculos presentes na carreira esportiva foram citados insegurança financeira, transição de categorias, enfrentamento de novas metas, lesões e queda de desempenho, ressaltando a importância da construção de uma nova carreira a partir do ensino superior paralelamente ao esporte. Por tanto, diante de todos esses desequilíbrios passíveis de ocorrência durante o processo de formação esportiva, sua especialização e manutenção do sucesso pós ascensão, é inerente a escolha da carreira no esporte a preparação para uma segunda ocupação que venha a suprir as necessidades socioeconômicas do indivíduo quando não os frutos colhidos do êxito esportivo.

Nesse sentido, as Diretrizes para Dupla Carreira (EUROPEAN COMMISSION, 2012) sugerem uma abordagem planejada para a fase de transição para fora do esporte em que o atleta deverá explorar sua identidade pessoal para além do âmbito esportivo, a partir de experiências positivas em outras funções vocacionais, planejando antecipadamente sua retirada e sempre com o apoio do máximo de atores envolvidos em sua trajetória, passando pela família, amigos, treinadores, associações de jogadores e organizações esportivas.

Metodologia

A população do estudo²⁵ foi constituída por 70 indivíduos - 40 do sexo masculino e 30 do sexo feminino - que receberam o benefício do Programa Bolsa Atleta do Distrito Federal no período 2014/2015, situados, à época, entre 12 e 44 anos de idade e distribuídos em 16 modalidades esportivas diferentes - esportes coletivos ou individuais.

A coleta de dados foi pautada na aplicação de um questionário estruturado, elaborado com base em instrumentos já utilizados no entendimento sobre escolarização de atletas por Melo (2010) e Costa (2012) observando quatro eixos temáticos, a saber, a)

²⁵ A partir de lista divulgada no site da Secretaria de Esportes do DF mapeamos os beneficiados. Em outro momento, já com a pesquisa em andamento, a lista foi retirada do ar, sendo publicada uma segunda atualizada com 120 atletas. Foi decidido seguir com o cronograma determinado inicialmente.

Trajetória no Esporte; b) Trajetória Educacional; c) Conciliação entre Esporte e Estudos e d) Relação da Família com o Esporte e Formação Educacional.

O processo de coleta dos dados foi composto por quatro fases: a) busca pelos contatos no formato de números de telefone residencial ou móvel e e-mail; b) contato por telefone para explicação do estudo e convite a participação do mesmo; c) envio do link do questionário da ferramenta *Survey Monkey* através do aplicativo *Whats app* ou por e-mail e d) repetição do processo de coleta a partir da fase “b” mediante demora na obtenção da resposta ao questionário ou possíveis erros de contato passíveis de ajuste e reenvio do link com as questões.

A ferramenta *Survey Monkey* oferece a opção de exportação dos dados coletados diretamente para o software SPSS para Windows versão 20, onde foram realizadas as análises descritivas das respostas para definição da amostra a ser estudada.

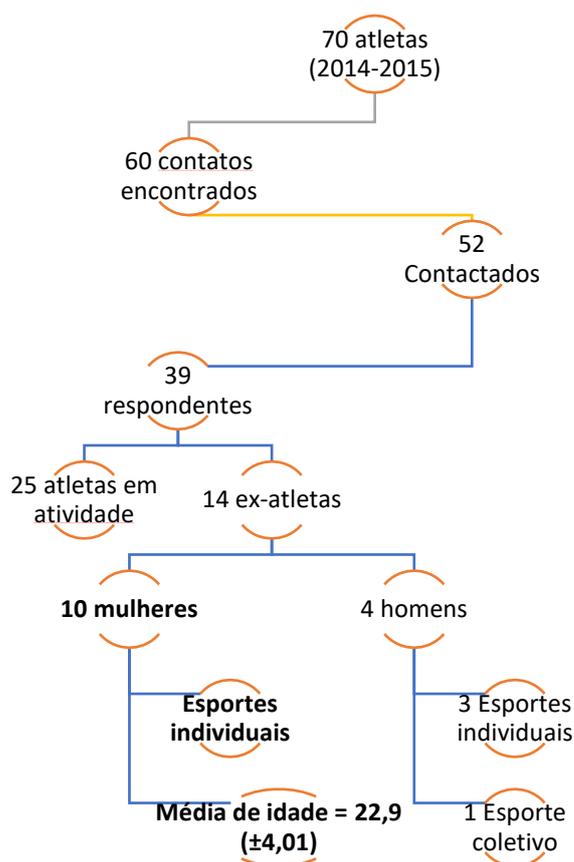


Figura 1 Etapas de definição da amostra estudada.

Dos 60 atletas encontrados, 52 foram contatados e receberam o link para responder o questionário na fase “b” e “c” respectivamente. Desses, 13 decidiram não participar da pesquisa, por diversos motivos, a saber, recusa ao convite feito por telefone, declararam não terem recebido o benefício no período determinado ou não responderam ao link do questionário, culminando em 39 respondentes.

Entre os participantes da pesquisa, 14 se apresentaram como ex-atletas, sendo 10 do sexo feminino e quatro do sexo masculino. Portanto, dada grande diferença em função do sexo, somado ao reduzido tamanho amostral, foi selecionada por conveniência a amostra composta pelas 10 ex-atletas do sexo feminino. Com idade média de 22,9 ($\pm 4,01$) anos, todas são ex-atletas de esportes individuais, a saber, atletismo, ginásticas artística e rítmica, iatismo, natação, saltos ornamentais e taekwondo.

Resultados

Os resultados descrevem a amostra das 10 ex-atletas a partir da idade, modalidade esportiva, escolarização, tipo de dedicação implementado na dupla carreira, idade em que descontinuou do EAR, escolaridade dos pais e o apoio oferecido pelo Bolsa Atleta do DF. Nove das dez ex-atletas tentaram conciliar a dupla carreira de alguma forma, seja equilibrando os estudos e EAR (uma), priorizando o esporte (quatro), colocando os estudos como prioridade (quatro) e apenas uma ex-atleta declarou dedicação exclusiva ao esporte. Toda a amostra veio de esportes individuais, predominando a presença dos esportes de especialização precoce, sendo a ginástica rítmica (GR) com mais participantes (quatro), seguida por ginástica artística (GA), saltos ornamentais, natação e taekwondo (cada qual com uma ex-atleta), apresentando média de 22 ($\pm 4,27$) anos. As demais duas participantes são de esportes de especialização tardia, sendo atletismo e iatismo, com média de 24 ($\pm 4,24$) anos, pois esses esportes exigem maiores níveis de maturação tanto fisiológicas quanto cognitivas (NUNOMURA; CARRARA; TSUKAMOTO, 2010; GORDON; LAVALLE, 2012; VIANA; ANDRADE; BRANDT, 2011; GALLAHUE, 2005). Sobre a fase de descontinuação esportiva, as ex-atletas vindas dos esportes de especialização precoce encerraram a carreira no alto rendimento em média aos 18 ($\pm 3,46$) anos, enquanto as participantes advindas dos esportes de especialização tardia encerraram suas participações no EAR um pouco mais tarde, em média aos 20,5 ($\pm 3,53$) anos.

Ex-atleta	Tipo de dedicação Dupla Carreira	Esporte	Idade	Idade de Descontinuação	Bolsa Atleta DF	Escolarização	Escolaridade Pai	Escolaridade Mãe
Ex-Atleta 1	Exclusiva ao esporte	Atletismo	27	23	Internacional	EF Incompleto	EF Incompleto	Não estudou
Ex-Atleta 2	Equilibrou de maneira igual	Ginástica Rítmica	21	17	Estudantil	ES Incompleto	EM Completo	EM Completo
Ex-Atleta 3	Priorizou Esporte	Ginástica Rítmica	23	19	Estadual	ES Completo	ES Completo	Especialização
Ex-Atleta 4	Priorizou Esporte	Ginástica Rítmica	18	14	Estadual	ES Incompleto	ES Completo	ES Completo
Ex-Atleta 5	Priorizou Esporte	Ginástica Rítmica	22	16	Estadual	ES Completo	ES Completo	EM Completo
Ex-Atleta 6	Priorizou Estudos	Ginástica Artística	22	17	Estudantil	ES Completo	Não sabe	ES Completo
Ex-Atleta 7	Priorizou Estudos	Saltos Ornamentais	23	19	Nacional	ES Incompleto	Mestrado	ES Completo
Ex-Atleta 8	Priorizou Estudos	Iatismo	22	19	Nacional	ES Incompleto	ES Completo	ES Completo
Ex-Atleta 9	Priorizou Esporte	Natação	32	26	Internacional	ES Completo	Especialização	Especialização
Ex-Atleta 10	Priorizou Estudos	Taekwondo	19	15	Nacional	ET Incompleto	EM Completo	ES Completo

Quadro 2 Perfil das ex-atletas beneficiadas pelo Programa Bolsa Atleta do Distrito Federal no período 2014/2015. Ensino Fundamental (EF), Ensino Médio (EM), Ensino Técnico (ET), Ensino Superior (ES).

A necessidade de se preparar para conquista de postos no mercado de trabalho convencional que proporcionem qualidade e estabilidade socioeconômica se justifica a partir da busca pela formação acadêmica em graus elevados. Entre as ex-atletas, quatro concluíram o Ensino Superior (ES) e outras quatro estão com o curso em andamento no mesmo nível de instrução (Ensino Superior Incompleto), uma ex-atleta está cursando o Ensino Técnico e uma possui o Ensino Fundamental Incompleto. Para entendimento da busca pela formação acadêmica por parte dessas mulheres faz-se necessário também incluir a escolaridade de seus pais, uma vez que essa característica se relaciona com as formas de entendimento sobre a dinâmica da dupla carreira por parte da família, elencada como agente fundamental no aconselhamento sobre tomadas de decisão importantes para vida da prole (LOSACCO, 2007; VILANOVA; PUIG, 2016).

Escolaridade dos Pais e Mães

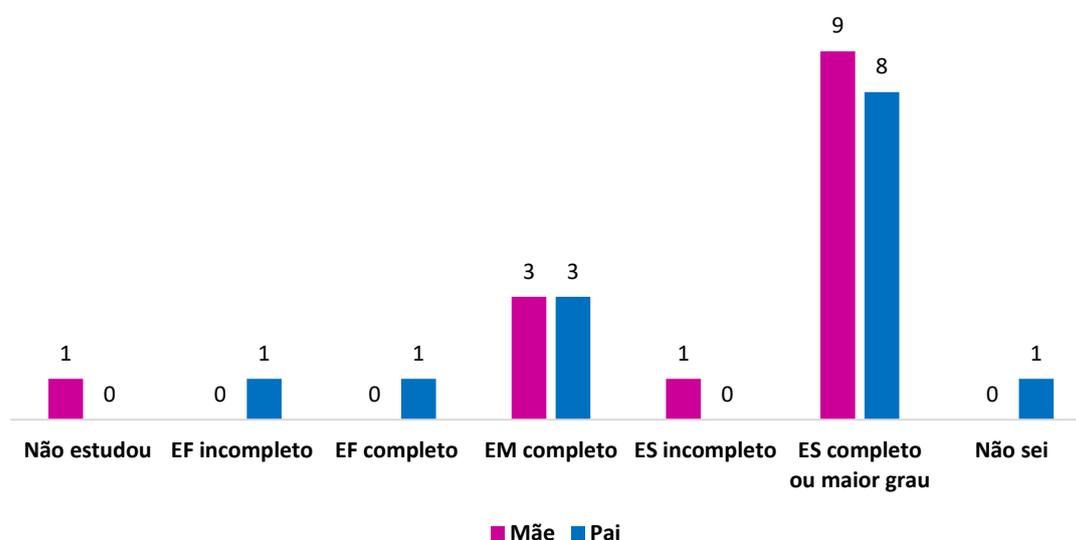


Gráfico 1. Escolaridade dos Pais e Mães das ex-atletas participantes da pesquisa. EF= Ensino Fundamental; EM= Ensino Médio; ES= Ensino Superior.

De forma geral o grupo de pais e mães possui elevados graus de instrução, sendo seis pais e sete mães com ensino superior completo ou grau mais elevado de instrução, como especialização ou mestrado. Em seguida, dois pais e duas mães possuem o ensino médio completo, seguidos de um pai que não completou o ensino fundamental e uma mãe sem grau de instrução. A realidade da amostra corrobora com os achados na Pesquisa Nacional de Amostras por Domicílio (PNAD) realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no quarto trimestre de 2017, na qual o Distrito Federal apresentou os maiores níveis de escolaridade do Brasil, sendo que 24% da população

brasiliense possui o Ensino Superior completo e 54,1% possui o Ensino Médio completo, valores expressivos diante da realidade nacional de 11,5% com ensino superior e 39,4% com ensino médio completados.

No que diz respeito ao custeio das exigências financeiras esportivas, as ex-atletas apresentaram o recebimento do apoio governamental do Programa Bolsa Atleta do Distrito Federal em diversos níveis, como estadual e nacional, com três ex-atletas cada, seguidas pelo recebimento de bolsa internacional e estudantil, cada qual com duas ex-atletas beneficiadas, um montante que contabilizou, por mês, aproximadamente 5.378,00, segundo os valores indicados na Lei nº 2.402, de 15 de junho de 1999, que institui o Programa Bolsa Atleta DF²⁶.

Discussão

A partir dos resultados apresentados realizou-se uma análise indutiva, inicial, que tem como denominador comum levantar hipóteses e identificar possíveis tendências em relação a dupla carreira dessas ex-atletas e suas transições para fora do esporte. Logo, a discussão está organizada a partir da análise conjunta das características apontadas pelas participantes em resposta ao questionário aplicado, a saber, os tipos de processo de formação e especialização esportivos, sua concomitância com a formação educacional, os níveis de escolaridade tanto das participantes quanto de seus pais, os níveis do BA-DF recebidos, idade atual e de quando descontinuaram do EAR.

Todas as ex-atletas vieram de modalidades esportivas individuais, que exigem mais de seus adeptos não só quanto a condições e capacidades físicas, como altas cargas horárias de treinamento e períodos de recuperação, além de capacidades emocionais e psicológicas impostas sobre a performance, uma vez que, ao contrário dos esportes coletivos, a pressão sobre o desempenho e resultados não pode ser dividida com companheiros de equipe durante uma disputa (SUBIJANA; BARRIOPEDRO; CONDE, 2015; BARON-THIENE; ALFERMAN, 2015; TEKAVC et al., 2015; DE BRANDT et al., 2017). Entre os esportes apresentados encontram-se aqueles que possuem formação, especialização e alto rendimento precoces e tardios, processos que exigem maiores níveis de comprometimento por parte do atleta em diferentes fases da vida, influenciando

²⁶ Disponível em: http://www.esporte.df.gov.br/wp-conteudo/uploads/2017/10/Lei-N%C2%BA-2402_99.pdf.

diretamente na dinâmica de conciliação com outras atividades, nesse caso a formação educacional.

Atletas que iniciam sua especialização esportiva precocemente, por volta dos seis aos sete anos, buscam o desenvolvimento de determinados aspectos morfológicos como força e flexibilidade (GA, GR, Saltos Ornamentais, Natação), alcançando o pico de performance no final da adolescência. (LARANO FILHO; BOHME, 2001; TEKAVC; WYLLEMAN; CECIC ERPIC, 2015; STAMBULOVA et al., 2009; CÔTÉ; LIDOR; HACKFORT, 2009). Consequentemente a exigência precoce pelo alto rendimento é acompanhada pela precocidade também na transição para fora do esporte. As atletas de ginásticas artística, rítmica, saltos ornamentais e natação se retiraram do esporte de alto rendimento em média aos 18,29 ($\pm 3,81$) anos. Esse dado corrobora com os estudos de Nunomura, Carrara e Tsukamoto (2010) e Gordon e Lavalley (2012) sobre o início da transição para fora dos esportes de especialização precoce estar alocado justamente quando os atletas atingem a maioridade, pois além de apresentarem indícios de depleção do desempenho e estarem sujeitas a maior incidência de lesões, vislumbram no ingresso ao ensino superior a oportunidade de se qualificarem em busca de bons postos de trabalho no mercado convencional.

Em contrapartida ao predomínio dos esportes de especialização precoce, os de especialização tardia presentes na amostra foram apenas o atletismo e iatismo, cada qual com uma ex-atleta, alocando o período de ápice da performance esportiva de seus adeptos entre 25 e 35 anos de idade (STAMBULOVA et al., 2009; VIANA; ANDRADE; BRANDT, 2011; ALLEN; HOPKINS, 2015; DUARTE; MULKAY; PÉREZ, 2004). A média de idade das duas ex-atletas quando se retiraram desse tipo de esporte foi de 20,5 ($\pm 3,53$) anos, indicando que a transição ocorreu antes de atingirem o ápice da performance esportiva.

Desse modo, outro fator que pode contribuir na escolha pela transição para fora do esporte e que está presente em todas as 10 ex-atletas são as possibilidades presentes mercado esportivo de cada modalidade esportiva. No Brasil, ao contrário do futebol, voleibol e basquetebol, os esportes presentes na amostra são considerados menos expressivos por não apresentarem potencial de investimento principalmente através da

produção de receita oriunda de patrocínios, ou seja, de seus níveis espetacularização²⁷. Desse modo, esse fator somado a representatividade de grandes resultados não garante estabilidade financeira para desempenho da carreira esportiva como profissão (DOS SANTOS; ALVES MEDEIROS, 2009; MEDEIROS, 2011; SOARES et al., 2011; PERES; LOVISOLO, 2006).

Além do cumprimento das exigências de dedicação ao EAR relacionados ao tempo, existem também exigências financeiras importantes para progressão e manutenção do desempenho do atleta, como alimentação, transporte para os treinamentos e competições, recursos materiais e estruturais, aporte técnico, de prevenção e reabilitação física etc. Portanto, potencial de investimento desses esportes quando comparados ao futebol não expressa condições de suporte material e estrutural, fazendo com que o próprio atleta e sua família muitas vezes financiem todo o processo de desenvolvimento e alto rendimento esportivos (CÔTÉ, 1999; WYLLEMAN; CECIC ERPIC, 2015; GOULD, 2005; WYLLEMAN; CECIC ERPIC, 2015).

Nesse contexto o Governo do Distrito Federal (GDF) oferece o Bolsa Atleta DF, definido “como um programa que garante condições mínimas para que o atleta de alto rendimento que possuem bons resultados em competições consiga se dedicar com exclusividade e tranquilidade a carreira esportiva”²⁸. Todavia para progredir no recebimento de valores maiores do benefício é necessário que o atleta obtenha resultados mais expressivos. Por exemplo, para pleitear uma bolsa estadual o atleta precisa ser indicado por sua respectiva Federação, obedecendo critérios de ranking em Brasília, logo, a progressão para a bolsa nacional está submetida no mínimo a conquista da quarta colocação no principal evento a nível nacional da modalidade esportiva (DISTRITO FEDERAL, 1999).

A partir disso, em seus processos de formação e desenvolvimento esportivos, essas ex-atletas encontraram-se entre a busca pelos resultados esportivos e a realização do ensino básico. A ex-atleta de ginástica artística juntamente com as quatro de ginástica rítmica, no período de 2014 a 2015 receberam três bolsas estaduais (GR) e duas estudantis (GA e GR), respectivamente nos valores de R\$255,00 reais e R\$133,00, enquanto as ex-atletas de natação e atletismo receberam bolsa internacional (R\$ 1023,00) e as de saltos

²⁷ Disponível em: <https://epoca.globo.com/vida/esporte/noticia/2016/07/o-futebol-tem-tres-vezes-mais-transmissoes-na-tv-do-que-volei-basquete-e-tenis-juntos.html>. Acesso em: 29 de maio de 2019.

²⁸ Disponível em: <http://www.esporte.df.gov.br/bolsa-atleta/>.

ornamentais e Iatismo receberam bolsa nacional (R\$767,00). Percebe-se a diferença na idade declarada pelas participantes sobre o ingresso na descontinuação esportiva, pois no caso da natação, saltos ornamentais, iatismo e atletismo (respectivamente 26, 19, 19 e 23 anos) os valores de bolsa foram consideravelmente mais altos que nos demais, que apresentaram idades mais reduzidas (de 14 a 19 anos). Sendo assim, o valor da bolsa pode estar atrelado a descontinuação esportiva a medida em que as ex-atletas com bolsas de menor valor descontinuaram mais cedo que as beneficiadas por valores mais altos, ilustrando a BA-DF como um fator determinante para a manutenção das exigências esportivas em busca da evolução em direção ao ápice do desempenho evitando assim a sua depleção (GORDON; LAVALLE, 2012).

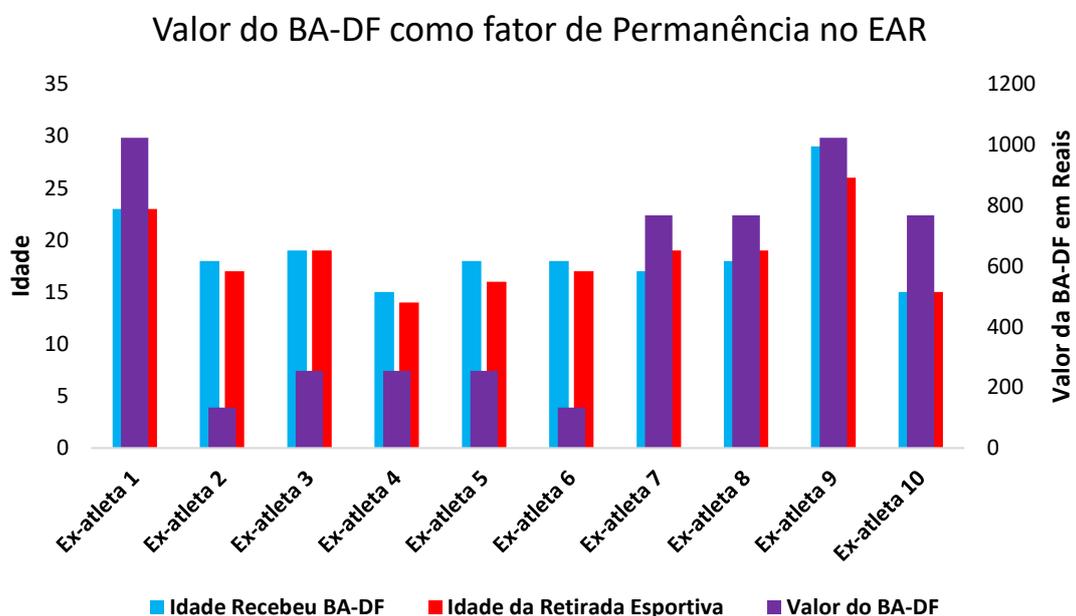


Gráfico 2. Valor do BA-DF como fator de permanência no esporte de alto rendimento.

Assim como as ex-atletas buscam bons postos de trabalho e estabilidade econômica mediante formação acadêmica em elevados graus, podemos indicar que a formação educacional dos pais apresentada supõe as condições já conquistadas para busca por essa estabilidade, justificando assim o complemento financeiro junto aos baixos valores de BA-DF em menores níveis de resultados esportivos (ARAJÚJO; BARBOSA, 2008). Dinâmica também presente em estudo realizado por Tekavc, Wylleman e Ceci Erpič (2015) com ex-atletas mulheres de natação na Europa que alegam ter a participação ativa de seus familiares não só durante a carreira esportiva, mas também durante a transição para fora do EAR.

Por mais que o papel de principal subsídio financeiro hora seja cumprido pela família, hora pelo BA-DF em valores mais elevados, a insegurança quanto ao retorno financeiro nos esportes presentes na amostra indica a valorização dos estudos na busca pela ascensão socioeconômica dessas ex-atletas.

Percebe-se a influência da família na continuidade dos projetos de formação educacional e elaboração de estratégias que facilitem a conciliação da dupla carreira e suas devidas prioridades (PALLARÉS et al., 2011; FERREIRA; DE MORAES, 2012). A maioria dos pais e mães das ex-atletas (13) possuem ES completo ou grau mais elevado de instrução como mestrado e especialização, seguidos por dois pais e duas mães com EM completo e um pai sem escolaridade declarada pela participante. A influência da família na formação educacional de suas filhas atletas pode estar atrelada ao posto de membros familiares muito influentes do ponto de vista hierárquico familiar com elevado grau de instrução.

As ex-atletas de GR, GA e Saltos Ornamentais se retiraram do esporte no início e durante o ensino médio, período decisivo da formação educacional por se tratar da preparação para a concorrência por vagas em IES públicas, uma vez que segundo o Ranking Universitário Folha 2018, entre as 20 melhores universidades do Brasil apenas duas são privadas²⁹. Nesse caso todas as ex-atletas que possuem pelo menos um pai ou mãe com o ensino superior completo ingressaram em faculdades ou universidades, com exceção da ex-atleta de ginástica rítmica que se inseriu no nível superior de ensino apesar de ter os pais concluintes apenas do ensino básico. Esses resultados corroboram com o estudo de Romão, Costa e Soares (2011) e Vilanova e Puig (2016) onde identificaram a priorização do investimento educacional em relação ao esportivo em famílias com elevado grau de instrução de atletas de voleibol no Rio de Janeiro e ex-atletas olímpicos na Espanha.

Além disso nove ex-atletas tentaram conciliar a dupla carreira de alguma maneira, seja priorizando estudos (quatro), esporte (quatro) ou tentando equilibrar de maneira igual esporte e estudos (uma). Esse cenário corrobora com estudos comparativos de gênero sobre dupla carreira esportiva, que mostram maior identificação por parte das mulheres com a formação educacional, enquanto os homens se identificam mais com a carreira esportiva, um fator que inclusive indica a precocidade do ingresso feminino à

²⁹ Disponível em: <http://ruf.folha.uol.com.br/2018/ranking-de-universidades/>

descontinuação do EAR em busca de maiores qualificações mediante prosseguimento da formação educacional no ensino superior (LUPO et al., 2015; BARON-THIENE e ALFERMAN, 2015; TEKAVC et al., 2015; DE BRANDT et al. 2017).

Por outro lado, o caso do atletismo não está presente na configuração discutida acima e chama atenção pela participante do estudo ter declarado dedicação exclusiva ao esporte de alto rendimento. Apesar da consonância com os estudos para a especialização tardia dispor de maiores margens para conciliação da dupla carreira justamente por se tratar de um desenvolvimento a longo prazo e que não necessita de precocidade no desenvolvimento de habilidades inerentes ao esporte. A influência da família é então fundamental para adoção de estratégias e decisões a favor da priorização ou tentativa de equilíbrio dos estudos em relação ao EAR (PALLARÉS et al., 2011). Com uma mãe que não estudou e um pai que possui o ensino fundamental incompleto a ex-atleta do atletismo também possui o EF incompleto e recebeu no período de 2014/2015 o nível internacional do BA-DF (R\$1023,00).

No Brasil as pessoas que não completaram o ensino fundamental recebem pouco mais de 1.000, 00 reais por mês, enquanto a progressão financeira para os que possuem ensino superior incompleto está um pouco acima dos 2.000,00³⁰. No caso do BA-DF, a progressão no valor do benefício internacional para o olímpico é de 819,00, totalizando o valor da bolsa em 1.842,00 (BRASIL, 1999). Diante dos níveis de instrução dos pais dessa ex-atleta (pai com EF incompleto e mãe que não estudou) podemos indicar que a dedicação exclusiva ao esporte esteve mais ligada a possibilidade de melhor manutenção da renda familiar a partir do recebimento do BA-DF internacional, que propriamente a partir dos níveis de provimento ligados aos graus de instrução dos pais, indicando a abdicação dos estudos sob a garantia de condições para dedicação ao EAR.

Entre a busca pelo sucesso esportivo e o cumprimento das atividades educacionais obrigatórias no chamou a atenção a presença da priorização dos estudos na conciliação da dupla carreira. Esse tipo de decisão está presente no modelo paralelo de desenvolvimento da carreira esportiva apenas a partir do momento em que ocorrem desequilíbrios significativos na vida acadêmica do atleta mediante as demandas esportivas (PALLARÉS et al., 2011). Na presente análise, em resposta à pergunta “Com

³⁰ Disponível em: <https://www.nexojournal.com.br/expresso/2018/04/13/As-diferen%C3%A7as-atuais-de-renda-entre-os-brasileiros-em-5-gr%C3%A1ficos>

relação à dedicação esporte/treino e aos estudos você considera que?” quatro ex-atletas expõe sua percepção geral acerca do tipo de dedicação implementada entre as duas jornadas. Diante disso, ao contrário do modelo paralelo que propõe a priorização da vida acadêmica apenas quando existem desequilíbrios significativos, aqui a formação educacional é indicada como prioridade em toda carreira esportiva de forma geral, elucidando um possível desdobramento no modelo de trajetórias esportivas proposto por Pallarés et al., (2011).

Apesar de as ex-atletas analisadas tentarem conciliar a dupla carreira de alguma maneira, seja priorizando esporte, estudos ou ainda tentando equilibrar ambas as jornadas, as condições favoráveis ao prosseguimento na carreira esportiva como incentivo financeiro da família e do bolsa atleta de valores mais elevados, não podemos tomar como motivo único para o encerramento de ambas as carreiras esportivas a continuidade ou priorização dos estudos. Deve-se levar em consideração que a transição para fora do esporte é um processo de decisões complexo, multifacetado e individual. Logo, outros motivos como lesões, depleção do desempenho, insegurança financeira, deseleção esportiva, gravidez, entre outros podem estar presentes ao longo da dupla carreira dessas ex-atletas (PALLARÉS et al., 2011; GORDON; LAVALLE, 2012; FERNANDEZ; STEPHAN; FOUQUEREAU, 2006).

Aproximações Iniciais

Segundo a proposta de analisar o perfil das ex-atletas que receberam o BA-DF no período de 2014/2015 a partir da ótica da dupla carreira, percebemos que a tentativa de conciliação foi ativa em nove dos dez perfis, seja priorizando os estudos, o esporte ou tentando equilibrar ambas as jornadas. Quanto a esses tipos de dedicação a dupla carreira indicamos ainda o aprofundamento de análises com relação a priorização dos estudos na conciliação, reconhecido como um desdobramento do modelo de trajetória paralelo definido por Pallarés et al., (2011) como a priorização do esporte em função de demais atividades presentes na conciliação da dupla carreira, havendo priorização dos estudos apenas quando ocorre um desequilíbrios acadêmicos significativos.

Como principais indícios encontrados na análise elencamos os tipos de processo de formação, especialização e alto rendimento, a influência da escolaridade dos pais juntamente com a necessidade do suporte financeiro mediante o potencial de investimento das modalidades e a relação com o recebimento das bolsas do Programa BA-DF, seus

possíveis significados e algumas hipóteses sobre os motivos que levaram essas ex-atletas a fase de transição para fora do esporte e sua consequente descontinuação.

A precocidade da especialização esportiva de elite em consonância com a educação básica parece apresentar o ensino médio como período crítico para dupla carreira. A priorização do esporte é elencada mediante as exigências precoces pelo alto rendimento esportivo frente a flexibilidade temporal que o estudante possui no ensino fundamental, período supostamente menos importante do que o ensino médio quanto a preparação para o vestibular. A família com elevado grau de instrução vislumbra o ensino médio como período de preparação para concorrência a vagas no ensino superior público, reforçando a priorização dos estudos. Junto a exigência pela preparação para os vestibulares está também a exigência por resultados expressivos como requisito de concessão e progressão nos valores de recebimento do BA-DF, uma relação justificada pelo maior número de bolsas estudantis (de menores requisitos quanto a resultados esportivos) e pelo número de ex-atletas que conseguiram o ingresso em IES pública (cinco). Enquanto isso, as ex-atletas que receberam bolsas de valores e consequentemente requisitos de desempenho mais elevados conseguiram inserção no ES privado. Coincidentemente, a única ex-atleta que não completou o ensino fundamental recebeu bolsa atleta internacional de valor mais alto entre a amostra estudada.

No entanto seja qual for o tipo de priorização na dupla carreira, a perspectiva de ascensão socioeconômica por meio desses esportes pode conferir mais peso na decisão pela retirada esportiva em função dos estudos. Em contrapartida, a especialização tardia apresenta suas exigências em períodos mais tardios na vida das ex-atletas, porém a longo prazo para que se conquiste o mais elevado nível de performance. Apesar de haver a priorização dos estudos em dois dos três casos e a escolaridade dos pais desses ser elevada, a transição para fora do esporte em função de supostas melhores condições de compatibilização da dupla carreira para esse tipo de esporte não confere força a hipótese de motivo para retirada esportiva, nesse caso a literatura apresenta outros motivos como lesões, deseleção esportiva, gravidez, depleção de desempenho entre outros.

Outro ponto levantado foi a relação com o recebimento do BA-DF, uma vez dito como programa que visa dar condições para que o atleta se dedique com exclusividade e tranquilidade ao EAR, mas que no caso da ex-atleta que declarou dedicação exclusiva ao esporte mostra-se como ganhos para manutenção da renda familiar em função da baixa escolaridade de seus pais e a consequente baixa perspectiva de provimento financeiro,

além da interrupção dos estudos ainda no ensino fundamental por parte da ex-atleta, fato que supõe a dedicação exclusiva ao atletismo com o objetivo de progredir no recebimento do benefício e conseqüentemente da renda familiar. Sinalizamos aqui para a necessidade de avaliação do programa com o intuito de verificar as reais necessidades do atleta de alto rendimento em Brasília não só relacionadas as exigências financeiras de recursos materiais e estruturais, mas também de tempo e estratégias de conciliação com o ensino básico obrigatório.

Elencamos como principais limitações a diferença na quantidade de ex-atletas entre a especialização tardia e precoce, bem como quantidade de participantes por esportes analisados, dificultando a elaboração de hipóteses mais robustas e significativas a respeito de suas transições para fora do EAR e a dinâmica da dupla carreira. Fica clara a necessidade de aprofundamento das análises desses casos, que será conduzida posteriormente a partir de entrevistas semiestruturadas. Para estudos futuros sugerimos análises com ex-atletas de esportes coletivos, principalmente os que possuem maior potencial de investimento como basquetebol, voleibol e futebol, além do aumento amostral em relação ao apresentado no presente estudo, vinculado ao recebimento não só do Bolsa Atleta DF, mas também do Bolsa Atleta Federal.

CAPÍTULO 3

Dupla Carreira em Foco: Transição para Fora do Esporte em Brasília

Introdução

Apesar de o esporte de alto rendimento apresentar diversas particularidades entre suas várias modalidades, sejam individuais, coletivas, de especialização precoce ou tardia, ambos partilham da perspectiva de vida útil do esporte em função de suas exigências físicas, psicológicas, psicossociais presentes em seus processos de desenvolvimento, possuindo o comum término da carreira esportiva. Além disso os atletas possuem diferentes visões de mundo e perspectivas sobre a transição para fora do esporte, bem como diferentes tipos de suporte durante e após suas carreiras, ilustrando a necessidade de se compreender esse processo em termos mais contextuais do que universais (BARKER et al., 2014; ALFERMAN; STAMBULOVA, 2012; MARTINI, 2012).

Nesse sentido a descontinuação no esporte de alto rendimento está inserida em um processo dinâmico, complexo e multifatorial composto por diferentes fases e transições em consonância com outros aspectos além do desempenho esportivo, como financeiros, psicossociais, psicológicos e educacionais. Transições por sua vez ocorrem mediante acontecimento de eventos normativos e não-normativos que resultam em mudanças de perspectiva do indivíduo em relação a si mesmo e suas visões de mundo. Um evento normativo pode ser o comum término da carreira esportiva, enquanto um evento não-normativo se configura por exemplo como uma lesão inesperada que impossibilita o atleta de competir. A partir dessa perspectiva holística a carreira esportiva de alto rendimento pode ter o seu término no auge da vida adulta do indivíduo, ou ainda mais cedo como no caso de esportes de especialização precoce, no entanto todos possuem sua fase de descontinuação esportiva (WYLLEMAN; REINTS; DE KNOP, 2013; ALFERMAN; STAMBULOVA, 2012; GORDON; LAVALLE, 2012; SCHLOSSBER, 1981; STAMBULOVA et al., 2009).

Consequentemente é no auge da vida adulta que o indivíduo apresenta alta disponibilidade de energia para desempenhar atividades, principalmente ligadas ao trabalho para manutenção e progressão de suas condições socioeconômicas. Desse modo, o pós-carreira esportiva está ligado a inserção no mercado de trabalho convencional que por sua vez exige altos níveis de instrução para ocupação de postos bem qualificados,

justificando a conciliação entre estudos e esporte, denominada dupla carreira, como condição de muitos atletas de alto rendimento (ARAÚJO; BARBOSA, 2008; RYBA et al., 2014).

Em consonância a dedicação com os compromissos esportivos elencados anteriormente o atleta estudante precisa ter o devido aproveitamento de sua formação educacional, que diz respeito não só aos estudos dentro dos muros escolares, mas também fora, mediante realização de tarefas, trabalhos, fixação de conteúdo. Assim sendo, tanto a produção científica nacional quanto a internacional ilustram tensionamentos na conciliação da dupla carreira como dificuldades na compatibilização dos horários esportivos e educacionais, pressão psicológica sobre a performance esportiva, incompreensão da condição de atleta estudante por parte de amigos, professores e familiares, instabilidade financeira, bem como dificuldades de adaptação na fase de descontinuação esportiva, como crises de identidade, depressão, uso de drogas e inclusive tentativas de suicídio. (STAMBULOVA et al., 2009; GUIROLA GÓMEZ et al., 2016; MELO; ROCHA; SOARES, 2014; MELO, et al., 2016; LEFFLER, 2012; WYLLEMAN et al., 2016).

Em contrapartida, os facilitadores para esse devido aproveitamento da dupla carreira são elaborados pela família, professores, treinadores e colegas em conjunto com as instituições esportivas e de ensino como flexibilizações de horários e compromissos esportivos e educacionais, apoio emocional e psicológico, auxílio financeiro e suporte quanto a reforço educacional ilustrando notável relevância por parte desses agentes no sentido de prover qualidade ao desenvolvimento da dupla carreira (KNIGHT; HARWOOD; SELLARS, 2018; SHERIDAN; COFFEE; LAVALLE, 2014; ELLIOT; DRUMMOND; KNIGHT, 2018).

A busca pelo melhor aproveitamento possível tanto da carreira esportiva como da formação educacional tem impacto direto na qualidade da transição para fora do esporte. Todavia o atleta estudante precisa primeiro ter consciência de que a dupla carreira é um processo, composta por fases e transições, para depois reconhecer habilidades transferíveis do EAR para vida, estudos e trabalho, desenvolver sua autonomia diante de tomadas de decisões e explorar outras vocações para a comum fase de descontinuação esportiva. (MCKNIGHT et al., 2009; JORDANA et al., 2017; KNIGHT; HARWOOD; SELLARS, 2018).

Além da compreensão acerca dos fatores listados acima é necessário que o atleta estudante esteja transitando com harmonia e bom aproveitamento entre estudos e EAR, sendo a qualidade de sua transição para fora do esporte dependente ainda do tipo de término da carreira esportiva, podendo ser voluntário ou involuntário. O término voluntário da carreira esportiva garante ao atleta tempo para planejamento da transição, possibilitando o desenvolvimento e aproveitamento de habilidades para construção de uma nova vida pós-carreira esportiva, ocorrendo apenas quando o atleta tem outra opção além da decisão tomada pela retirada. Por sua vez, o término involuntário pode ser ocasionado em função de lesões que impossibilitem o prosseguimento esportivo, problemas de relacionamento com clube e comissão técnica, problemas familiares e cortes no subsídio financeiro aos recursos, tornando esses atletas menos preparados para realizarem uma transição saudável para fora do esporte (MCKINHTG et al., 2009; STAMBULOVA et al., 2009; KERR; DACYSHYN, 2000).

No Brasil o ingresso no ensino superior mostra-se como aposta principal para os estudantes que concluem o ensino médio, pois quanto mais altos forem os níveis de instrução do indivíduo, maiores são suas possibilidades de conquistar postos qualificados no mercado de trabalho (ARAÚJO; BARBOSA, 2008; SPARTA; GOMES, 2005). Segundo a Pesquisa Nacional de Amostras por Domicílio (PNAD) realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no quarto trimestre de 2017, o Distrito Federal apresentou os maiores níveis de escolaridade do Brasil, sendo que 24% da população brasiliense possui o ES completo e 54,1% possui o EM completo, valores expressivos diante da realidade nacional de 11,5% com ES concluído e 39,4% com EM completado, dado que reforça o valor da formação educacional superior na unidade federativa. Desse modo, o prosseguimento da formação educacional no ensino superior ganha força diante da escassez de oportunidades em relação a busca pela ascensão socioeconômica, nesse caso em modalidades que não possuem níveis tão elevados de espetacularização quanto futebol, ou ainda voleibol e basquetebol³¹, denotando potencial de investimento insuficiente para configurar a trajetória esportiva de alto rendimento como uma oportunidade de se conquistar estabilidade financeira.

Outra possível tensão entre estudos e carreira esportiva se encontra no oferecimento por parte do Governo do Distrito Federal de benefícios financeiros para

³¹ Disponível em: <https://epoca.globo.com/vida/esporte/noticia/2016/07/o-futebol-tem-tres-vezes-mais-transmissoes-na-tv-do-que-volei-basquete-e-tenis-juntos.html>. Acesso em: 29 de maio de 2019.

auxílio da carreira esportiva dos jovens atletas brasilienses. Dessa forma os dois principais programas da capital federal são o Programa Bolsa Atleta do Distrito Federal e o Programa Compete Brasília. Ambos se baseiam na expressividade dos resultados esportivos de seus candidatos para concessão dos benefícios, tensionando a carreira esportiva desses atletas a maior busca por resultados.

Portanto esse estudo tem o objetivo de aprofundar a compreensão sobre a dinâmica de conciliação entre esporte e estudos de ex-atletas beneficiadas pelo Programa Bolsa Atleta DF no período 2014/2015 bem como o entendimento sobre suas transições para fora do esporte.

Metodologia

O estudo foi conduzido através da realização de entrevistas semiestruturadas mediante contato com a população do estudo (10 ex-atletas) por telefone para convite à participação na coleta, totalizando o aceite por parte de sete ex-atletas, compondo assim, a amostra a ser analisada.

Ex-Atleta	Tipo de Dedicção a Dupla Carreira	Esporte	Idade	Idade Descontinuação EAR	Nível BA-DF	Escolaridade	Escolaridade Pai	Escolaridade Mãe
2	Equilibrou de maneira igual	GR	21	17	Estudantil	ES Incompleto	EM Completo	EM Completo
3	Priorizou Esporte	GR	22	19	Estadual	ES Completo	ES Completo	Especialização
4	Priorizou Esporte	GR	18	14	Estadual	ES Incompleto	ES Completo	ES Completo
5	Priorizou Esporte	GR	21	16	Estadual	ES Completo	ES Completo	EM Completo
6	Priorizou Estudos	GA	22	17	Estudantil	ES Completo	Não sabe	ES Completo
7	Priorizou estudos	Saltos Ornamentais	21	19	Nacional	ES Incompleto	Mestrado	ES Completo
10	Priorizou estudos	Taekwondo	19	15	Nacional	ET Incompleto	EM Completo	ES Completo

Quadro 3 Caracterização da amostra entrevistada.

As entrevistas foram conduzidas em locais e horários que as participantes se sentissem mais à vontade, sempre com o cuidado de não atrapalhar suas rotinas. Sendo assim as ex-atletas foram entrevistadas em locais como de trabalho, em suas próprias casas ou locais públicos como lanchonetes ou ainda em instituições de ensino onde estudam. Foram gravados apenas os áudios das entrevistas com respectivo consentimento das participantes. Em seguida as entrevistas foram transcritas e reunidas em um único documento (Corpus geral de análise) passando por uma fase de limpeza e padronização de expressões para análise dos dados.

A análise foi dividida em duas etapas, a primeira através do software IRaMUTeQ (*Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*) mediante utilização do método de Classificação Hierárquica Descendente (CHD) e a segunda etapa conduzida pelo pesquisador em contato direto com os dados classificados na CHD a partir da utilização das estratégias de codificação inicial e focalizada presentes na Teoria Fundamentada (CHARMAZ, 2006).

O método CHD tem o objetivo de identificar e quantificar o vocabulário presente nos textos transcritos das entrevistas de acordo com a sua frequência e posição, realizando o teste de correlação do Qui-Quadrado com o intuito de identificar associações no vocabulário presente, separando assim o corpus total (documento que une as transcrições de todas as entrevistas realizadas) em classes compostas por Segmentos de Textos (STs) em função de seus níveis de associação encontrados. Para fins de significância e relevância dos dados foram adotados os valores de $p = 0,05$ e sua equivalência para o teste do qui-quadrado de $x^2 < 3,8$ (CAMARGO; JUSTO, 2013; SANTOS et al., 2017).

Após a classificação do corpus geral, a segunda fase da análise dos dados foi conduzida a partir da codificação inicial e focalizada das classes determinadas pela CHD. Cada ST foi definido com base em códigos iniciais, segundo sua própria natureza, com o uso de verbos no gerúndio que expressassem propriamente sua ação, de forma rápida e contínua, com o intuito de diminuir as tendências em fazer saltos conceituais e adotar teorias já existentes sobre os dados antes mesmo da análise necessária. Em seguida, a codificação focalizada teve o objetivo definir teoricamente as classes de STs, sintetizando, integrando e organizando os códigos iniciais mais frequentes e relevantes para análise, constatando assim preconcepções para análise final (CHARMAZ, 2006).

A partir do delineamento mostrado, o roteiro de entrevistas foi construído com base no modelo holístico de desenvolvimento da carreira esportiva de Wyllerman, De Knop e Reints (2013) e testado em exercício piloto com cinco ex-atletas de futsal. O software IRaMUTeQ organiza a lista de STs em ordem decrescente por meio dos valores de qui-quadrado para associação das palavras com a classe pré-definida pelo software. Logo, durante a leitura dos STs classificados no exercício piloto, percebemos que os últimos 30% dos segmentos (correlações mais fracas), não possuíam relação temática com os 70% já lidos e que esse fator poderia dificultar a definição teórica das classes. Portanto, a estratégia metodológica utilizada para classificação das classes temáticas se deu a partir da leitura de 70% dos STs de cada classe, seguindo a ordem decrescente de associação entre elas. Sendo assim o exercício piloto foi conduzido, havendo

aproveitamento de (80,75%) das transcrições, valor significativo para classificação útil de qualquer material textual (>75%) (CAMARGO; JUSTO, 2018).

Em seguida, apontamentos foram corrigidos no roteiro de entrevistas para maior compreensão do desenvolvimento da dupla carreira e o processo de transição para fora do esporte das sete ex-atletas presentes na amostra, sendo composto por seis eixos de abordagem, a saber: a) Trajetória Esportiva; b) Trajetória Educacional; c) Exigências Econômicas do Esporte e demais Atividades; d) Conciliação no Nível Psicossocial; e) Conciliação entre Estudos e Carreira Esportiva f) Descontinuação Esportiva.

Resultados e Discussão

O corpus geral foi constituído por sete textos (entrevistas), separados em 1.207 STs, com aproveitamento de 1.046 STs (86,66%). Emergiram 41.359 ocorrências (palavras, formas ou vocábulos), sendo 3.484 palavras distintas e 1.739 com uma única ocorrência. O conteúdo analisado foi categorizado em cinco classes, a saber: Exigências Financeiras para os Resultados Esportivos, com 233 STs (22,28%); Experiências Educacionais durante e após o EAR, com 201 STs (19,22%); Percepções sobre a Carreira Esportiva, com 198 STs (18,93%); O Papel das Instituições de Ensino na Dupla Carreira, com 135 STs (12,91%); e Suporte Psicossocial durante a Dupla Carreira e após o EAR, com 279 STs (26,67%).

Exigências Financeiras para os Resultados Esportivos

Compreende 22,28% (233 STs) do corpus total analisado. Constituída por palavras e radicais no intervalo entre $x^2=4,13$ (positivo) e $x^2=149,63$ (bolsa atleta). Predominaram as falas das entrevistadas que priorizaram o esporte, receberam o Bolsa Atleta Estadual e possuem pai com ES completo (121 STs; $x^2=31,97$), mãe com nível de especialização completo (62 STs; $x^2=30,94$), ex-atletas que já concluíram o ensino superior (129 STs; $x^2=28,1$) em IES públicas (157 STs; $x^2=9,52$) e que vieram de esportes de especialização precoce, em específico da GR (135 STs; $x^2=22,4$), com ênfase nas falas de uma ex-atleta em específico, Ex-atleta 3 (69 STs; $x^2=30,94$).

Na análise realizada foram identificados temas como os custos exigidos pelo esporte de alto rendimento e as principais formas de auxílio para suprimento dessas exigências no sentido de alcançar o êxito esportivo em competições, a saber, o custeio de materiais para treinamentos e competições, passagens, transporte para os deslocamentos aos treinos, alimentação e estadia. Essas despesas se estenderam também em casos

competições como os quatro tipos de aparelhos (Arco, Bola, Maça e Fita) além dos collants que são incluídos no processo de avaliação durante as provas como indicador estético, de beleza, exigindo padrão elevado de criação e confecção.

[...] mas eu acho que a maça devia custar a mesma coisa mais ou menos que o estilete, assim, uns **200,00 reais** o **par**, a **gente usa** uma semana antes da **competição** e na **competição** (Ex-atleta 3 Ginástica Rítmica).

Percebe-se que o valor do BA Estadual de R\$ 255,00 reais é insuficiente não só para suprir as demandas relatadas acima, mas também as elencadas anteriormente de forma geral, principalmente no custeio da participação em competições fora de Brasília com o intuito de galgar posições no ranking do DF e progredir nos valores do BA-DF. Apesar disso, três ex-atletas de especialização precoce (GA, GR e Saltos Ornamentais) declararam guardarem o BA-DF recebido em poupanças. Nesses casos os pais com elevados graus de instrução que supostamente encontrar-se-iam em situação financeira estável e favorecida aparecem como agentes principais durante toda a carreira de seus filhos atletas, inclusive no pós carreira, que nesse caso é contemplado tanto no suprimento das despesas esportivas em lugar do benefício como na gestão desse recurso no sentido de custear despesas como passagens para competições, ou investimentos futuros (TEKAVC; WYLLEMAN; CECIC ERPIC, 2015).

Então, a minha mãe, ela deixava (BA-DF) na **poupança** para mim, para por **exemplo**, quando **viajasse** para **competições usar** o **bolsa atleta** para **comprar** os almoços, as refeições de lá, alguma coisinha que eu quisesse (Ex-atleta 6 Ginástica Artística).

Além do valor insuficiente dos níveis mais baixos de BA-DF as entrevistadas ressaltam a burocracia e demora para comprovação dos resultados esportivos e concessão do benefício, influenciando diretamente na manutenção dos treinamentos em busca de melhores desempenhos e resultados.

[...] mandar um monte de coisa, **olha** aqui, é real, fui campeã. Depois que você entra com o pedido você **só recebe** no início de 2020 então sempre vai ser um ano depois, sempre eles **jogam** para o outro **ano** (Ex-atleta 6 Ginástica Artística).

Os suportes encontrados pelas participantes do estudo ao longo de suas duplas carreiras estiveram distribuídos entre o recebimento do BA-DF, a conquista de bolsas de estudos no ensino básico privado em contrapartida da representação esportiva em competições estudantis, o oferecimento do custeio de passagens para competições

nacionais e internacionais através do Programa Compete Brasília³² e o suporte financeiro familiar.

[...] **representei** a escola nas **competições** e depois eu fui para outra escola fazer o ensino médio, também tinha **bolsa**, eu me formei lá no ensino médio, sempre com **bolsa**, nunca **paguei** mensalidade integral assim (Ex-atleta 5 Ginástica Rítmica).

O programa Compete Brasília tem o objetivo de incentivar a participação de atletas e paratletas de alto rendimento em campeonatos nacionais ou internacionais via concessão de transporte aéreo ou terrestre. Porém há casos em que o programa apresenta alguns problemas quanto aos períodos de repasse do incentivo financeiro em relação ao período de ocorrência das competições além de ter como principal requisito para classificação e posterior concessão do benefício a comprovação de resultados esportivos de acordo com os valores pretendidos, ilustrando um cenário de instabilidade quanto ao suporte caso o atleta não consiga alcançar os resultados necessários para manutenção ou progressão do BA-DF.

Diante dessa instabilidade financeira presente no oferecimento do BA-DF a família surge como principal agente, no sentido de suprir essas demandas. Os pais das ex-atletas entrevistadas possuem elevados graus de instrução, sendo predominante na análise da presente classe as ex-atletas com pais que possuem o ES completo e mãe que possui o nível de ensino especialização finalizado. Conseqüentemente quanto mais elevada a escolaridade maiores são as chances de melhores postos de trabalho tanto em questão de valor dos provimentos quanto na estabilidade do posto ocupado no mercado convencional. Além disso, há também a influência pela priorização dos estudos, característica prevalente nos discursos analisados.

Nesse sentido os pais procuram o apoio de instituições de ensino básico no âmbito privado em busca não só da compatibilização entre o EAR e estudos, mas também em melhores níveis de ensino, vislumbrando o alcance por parte de seus filhos do mesmo nível ou mais elevado de escolaridade. Essa dinâmica corrobora com estudos internacionais onde o suporte da família tem com objetivo proporcionar as melhores condições possíveis para que seus filhos alcancem o sucesso, seja no esporte por meio do suprimento financeiro, seja na descontinuação esportiva a partir da consolidação de novos projetos rumo a estabilidade financeira de qualidade, permeando todas as fases de

³² Disponível em: <http://www.esporte.df.gov.br/compete-brasilgia/> Acesso em: 18 de junho de 2019.

desenvolvimento esportivo e educacional do atleta estudante (CÔTÉ, 1999; TORREGROSA et al., 2015)

[...] tudo a **gente** que **pagava**, as vezes a **gente** conseguia o apoio do **Compete Brasília**, isso, mas às vezes quase nunca, o **patrocínio** é muito difícil na GR, muita pouca visibilidade, não tem a valorização que merece. (Ex-atleta 4 Ginástica Rítmica).

Eu entrei (na GR) em 2014 e até 2018 meus pais que sempre me mantiveram no esporte, nesse **ano** que eu **recebi** a **bolsa atleta** nós **usamos** para custear, mas até aí foram **só** os meus pais mesmo e eu tinha **bolsa** na escola de 80% para **representar** a escola nos **jogos escolares** (Ex-atleta 2 Ginástica Rítmica).

Aqui as atletas tratam do BA-DF, de bolsas de estudos nas escolas particulares, auxílios viagem do Programa Compete Brasília, auxílio financeiro dos pais, custo de materiais para treinos e competições, passagens, alimentação e treinos. Criticam o BA por apresentar valores insuficientes no custeio dos recursos materiais e estruturas principalmente na GR, na demora no processo de recebimento da bolsa que vai a um ano depois da conquista dos resultados esportivos indicando período sem suporte para, pelo menos, manter as condições de desempenho alcançadas até receberem o BA-DF e custearem melhores recursos em busca da evolução do desempenho esportivo e conquista de resultados. Apontam bolsas de estudos por representarem escolas particulares e o auxílio da família na falta do incentivo financeiro. Relatam diversas conquistas esportivas, reproduzindo a ideia da relação entre as conquistas esportivas como requisito para pleitear melhores benefícios no programa do DF.

Experiências Educacionais durante e após o EAR

Compreende 19,22% (201 STs) do corpus total analisado, constituída por palavras e radicais no intervalo entre $x^2= 3,94$ (próximo) e $x^2= 73,46$ (UnB). Predominaram as falas das entrevistadas de Saltos Ornamentais (52 STs; $x^2=27,53$), GR (106 STs; $x^2=7,07$), que estão cursando o ensino superior (99 STs; $x^2=43,31$) e das participantes que possuem o pai com mestrado completo (52 STs; $x^2=27,53$).

As experiências das ex-atletas no âmbito educacional demonstram as diferenças entre os níveis fundamental, médio e superior encontradas durante e após o esporte de alto rendimento, emergindo experiências negativas e positivas durante a dupla carreira principalmente nos ensinos fundamental e médio, enquanto após a retirada esportiva, no ensino superior, são apontadas experiências vividas sobre o processo de preparação para o ingresso no mercado de trabalho convencional.

As experiências negativas contadas pelas entrevistadas são provenientes do EAR para o desenvolvimento dos estudos, como a falta de tempo para realizar tarefas e trabalhos da escola, a troca de escolas no sistema público em função dos horários dos treinos, bem como ausências em treinamentos em função da preparação para avaliações na escola.

[...] então, eu sempre voltava no outro dia com alguma tarefa que eu tinha sem fazer, porque eu não tinha tempo para fazer e sempre tinha alguma cobrança (Ex-atleta 2 Ginástica Rítmica).

[...] não vou treinar hoje porque amanhã tem **prova** que era uma **prova** muito **difícil**, então eu não ia treinar nesse dia porque tinha que **estudar** para **prova** (Ex-atleta 10 Taekwondo).

[...] **mudava** muito de escola por causa do **horário**, meus irmãos todos em escolaridades diferentes, eu tava na **quinta série**, o outro na **sexta série**, o outro na oitava e o outro no **primeiro ano do EM** e todos nós éramos atletas na época então a gente sempre tinha que **estudar** de **manhã** (Ex-atleta 6 Ginástica Artística)

A falta de tempo para realização de estudos fora dos muros escolares é algo recorrente tanto em estudos nacionais quanto em internacionais. No Brasil, atletas de futebol priorizam as jornadas esportivas dentro da conciliação com os estudos, buscando sempre instituições de ensino que compatibilizem os compromissos educacionais em função dos esportivos (MELO; ROCHA; SOARES, 2014; MELO, et al., 2016). Guirola Gómez et al., (2016) identificaram a dificuldade em dedicar tempo aos estudos em função das demandas esportivas oriundas do remo, uma vez que ao contrário do futebol, que é procurado a partir do desejo da profissionalização e conquista de altos salários, os atleta espanhóis do remo dependem de bolsas para terem o devido retorno financeiro, essas que por sua vez seguem critérios de expressividade em conquistas esportivas para serem distribuídas.

Das sete ex-atletas analisadas no presente capítulo, cinco conseguiram o ingresso em IES público, apresentando idade precoce na descontinuação esportiva (entre 14 e 19 anos). Três dessas priorizaram o esporte na conciliação, enquanto uma tentou equilibrar ambas as carreiras e uma deu prioridade aos estudos em sua dupla carreira. Em esportes de especialização precoce como os presentes na amostra percebe-se o período de ingresso no ensino superior como também de encerramento da carreira esportiva, seja pela necessidade de ingresso nessas instituições com vistas a melhores possibilidades socioeconômicas de ascensão, seja por insucessos decorrentes dos processos de especialização precoce (NUNOMURA; CARRARA; TSUKAMOTO, 2010).

Todavia, ao passo que essas ex-atletas se aproximam do final do ensino médio as expectativas sobre o ingresso no ensino superior aumentam, bem como a carga de estudos para concorrência a vagas nas IES público, sendo assim, o período final do ensino básico compreendido pelos três anos do ensino médio possui caráter de preparação para tentativa do ingresso no ensino superior público gratuito, que é reconhecido como de maior qualidade³³.

[...] quando eu voltei dessa competição eu **tentei** equilibrar mais os estudos e a GR, mas acabou que eu não fui muito bem no **PAS 2**, fui melhor no **PAS 3**, que foi quando eu **priorizei** mais os estudos porque a prova tinha peso maior (Ex-atleta 5 Ginástica Rítmica).

Especificamente na capital federal, uma das principais formas de ingresso direto a Universidade de Brasília (UnB) é o Programa de Avaliação Seriada (PAS) que ocorre em três etapas, sendo a nota final do candidato a média ponderada das três avaliações realizadas, uma em cada ano do ensino médio com seus respectivos conteúdos, diferente do vestibular tradicional que reúne todo o conteúdo do ensino médio em uma só avaliação. Em 2018 12.260 estudantes concorreram ao PAS que contou o oferecimento de 4.222 vagas na UnB³⁴, mais que o dobro oferecido no Vestibular tradicional de 2019 que contou ainda com mais de 14.000 inscritos³⁵. Desse modo, o PAS configura-se como uma alternativa facilitadora para o ingresso ao ES público, uma vez que a carga de estudos preparatória para as provas é dividida entre as três etapas da avaliação. No entanto ao passo que os estudantes atletas brasilienses podem perceber o PAS como forma de ingresso mais adequado ao ensino superior de qualidade, se veem em níveis cada vez mais elevados de dedicação em cada um dos três anos do ensino médio, período que para uns pode ser o ápice da performance esportiva ou início dessa fase.

Por sua vez, as experiências positivas se configuram no sentido inverso, sendo provenientes do EAR para realização dos estudos. Aqui estão citados como principais agentes os técnicos, que apoiam a priorização dos estudos na direção da tentativa de ingresso ao ensino superior, liberando as ex-atletas mais cedo dos treinos eventualmente.

³³ Das 20 melhores universidades presentes no Ranking Universitário Folha, apenas duas são privadas. Disponível em: <http://ruf.folha.uol.com.br/2018/ranking-de-universidades/>

³⁴ Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/eu-estudante/trabalho-e-formacao/2018/12/04/interna-trabalhoformacao-2019,723190/unb-aplica-neste-domingo-9-provas-do-pas-2018.shtml>

³⁵ Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/eu-estudante/trabalho-e-formacao/2019/05/28/interna-trabalhoformacao-2019,758120/mais-de-14-mil-candidatos-farao-o-vestibular-da-unb.shtml>.

Apesar de a família apresentar elevados níveis de instrução, a exigência precoce pelo rendimento esportivo torna esse agente psicossocial fundamental apoiador, tanto no sentido do desenvolvimento dos estudos como do esporte, dando liberdade para as ex-atletas decidirem sobre os tipos de priorização na dupla carreira em diferentes períodos do ensino básico.

[...] perto do **PAS** eu tive que **faltar** algumas vezes para **estudar**, eu **avisava** com antecedência, falava, eu tenho compromisso, tenho **curso** em tal **horário**, as treinadoras **aceitavam**, mas davam aquela bronca depois [...] (Ex-atleta 2 Ginástica Rítmica)

Já no Ensino Superior, um período reconhecido aqui tanto como de transição para fora do esporte como de descontinuação propriamente dita, as ex-atletas que mantiveram seus compromissos esportivos apontam como principal barreira a dificuldade de compatibilizar os horários de treinos em função da organização de grade horária da IES pública e o aumento das exigências educacionais nesse nível de ensino, tanto para prosseguirem na dupla carreira quanto para realizar atividade física fora do âmbito do alto rendimento, fator importante de adaptação a descontinuação esportiva.

Brown, Glastetter-Fender e Shelton (2000) definem o atleta de alto rendimento no *college* americano a partir do dispêndio de 20 a 30 horas semanais ao esporte de alto rendimento. Segundo as entrevistadas a grade horária na Universidade de Brasília apresenta cursos diurnos e noturnos, sendo o primeiro composto por disciplinas tanto no período da tarde como da manhã, ao contrário dos ensinamentos fundamental e médio os quais as aulas ocorrem sempre em um dos períodos. Esse fator somado a necessidade de intensa dedicação às demandas esportivas originaram as experiências evocadas na análise e citadas abaixo:

[...] e eu não **conseguia** treinar todos os dias porque eu tinha aula a tarde na **UnB** e obviamente eu comecei a ver que tinham meninas me ultrapassando, foi um dos **motivos**, então na **UnB** isso **mudou** um pouco porque a **rotina** era muito diferente (Ex-atleta 3 Ginástica Rítmica).

[...] muito ruim na **UnB**, não sei se vai **mudar** agora, mas é que às vezes eu tinha aula de **manhã** e depois só tinha às 16h, era mais a questão de grade horária mesmo (Ex-atleta 5 Ginástica Rítmica)

[...] 11 anos da minha vida eu fiz esporte, tipo, três horas, quatro horas, agora eu não consigo fazer nem duas vezes por semana, três vezes por semana porque a **UnB** tem o **horário** todo quebrado [...] (Ex-atleta 7 Saltos Ornamentais).

Todavia a preparação para o mercado de trabalho convencional foi identificada desde o final do ensino médio, na escolha do curso em função de perspectivas futuras

sobre postos de trabalho bem qualificados e no formato de estágios, realização de iniciação científica ou vislumbre do ingresso ao mestrado com vistas a maior qualificação para o mercado de trabalho convencional, demonstrando o teor de priorização a formação educacional a longo prazo (PERES-RIVAZES et al., 2017).

[...] eu **precisava estudar** mais, fui pra **iniciação científica**, pensei no **mestrado**, no **doutorado**, me **dediquei** muito durante **um ano** na **iniciação científica** (Ex-atleta 5 Ginástica Rítmica).

[...] quando tinha meu **horário** livre eu sou útil, não fico sem fazer nada. Eu acho que é mais ou menos isso, atualmente em Brasília o povo tá **sofrendo** muito para **formar** porque não **consegue estágio** assim (Ex-atleta 7 Saltos Ornamentais).

[...] eu dava aula para elas de psicomotricidade e GR, eu amava **ensinar** a GR, amava, e ficava na musculação também, fiquei **dois anos** lá, todos os meus **estágios** foram remunerados (Ex-atleta 5 Ginástica Rítmica).

Nesse sentido planejamento prévio na fase de transição para fora do esporte preconiza a exploração da identidade pessoal do atleta estudante para além do âmbito esportivo, a partir de experiências positivas em outras funções vocacionais presentes nos discursos das ex-atletas como estágios e iniciação científica no ES direcionando a energia disponível para o desenvolvimento de outras vocações sejam essas ligadas ou não ao esporte de alto rendimento (EUROPEAN COMMISSION, 2012; CAVALLERIO; WADEY; WAGSTAFF, 2017).

Percepções sobre a Carreira Esportiva

Compreende 18,93% (198 STs) do corpus total analisado, sendo constituída por palavras no intervalo de $x^2=61,11$ (vida) e $x^2=3,85$ (manter). Nessa classe as falas predominantes foram da ex-atleta de taekwondo ($x^2=124,55$) que está cursando o ensino técnico ($x^2=124,55$) e possui pai com EM completo ($x^2=81,49$) e mãe com ES completo ($x^2=50,79$) além da priorização dos estudos na dupla carreira ($x^2=67,81$).

Os principais temas presentes na classe analisada vão de encontro a dedicação ao EAR, suas barreiras e benefícios percebidos, o apoio da família e de pessoas próximas das ex-atletas na carreira, a transição para fora do esporte e a percepção sobre a transferência de conhecimento e habilidades da carreira de atleta para vida, estudos e trabalho. Nesse caso aspectos como cobrança pelo rendimento esportivo, convocação para compor equipes nacionais e internacionais são relatadas como experiências de motivação para seguir no desenvolvimento esportivo. Tais eventos apresentam caráter positivo no desenvolvimento da carreira esportiva de alto rendimento, servindo de suporte

em períodos de decréscimo quanto a conquistas e evoluções (DEBOIS; LEDON; WYLLEMAN, 2014). Em contrapartida o aumento do tempo e cargas de treinamento trazem ao discurso das entrevistadas aspectos de cobrança e responsabilidade diante da maior necessidade de dedicação ao esporte de alto rendimento.

[...] mas eu sempre **gostei**, sempre foi algo que me **motivava**, sair, competir, **sentir** que eu fazia algo **diferente**, isso sempre foi algo que **motivou** a fazer o **esporte** (Ex-atleta 10 Taekwondo).

[...], eu **falei**, não, eu estou selecionada, eu sou da **seleção brasileira**, eu estou representando o meu país, se eu for para outro país completamente diferente da minha cultura, representar, e essa ideia de esporte, esse negócio, você veste uma camisa, né. Você fala, nossa eu vou representar a minha equipe, eu vou representar a minha escola, até mesmo no colégio tinha isso. (Ex-atleta 10 Taekwondo).

Consequentemente na dedicação ao esporte em consonância com os estudos principalmente no ensino fundamental e médio foram apresentadas percepções sobre a transição para fora do EAR. Essas percepções se ligam a fatores normativos e não normativos presentes nas dinâmicas de dupla carreira das entrevistadas. Fatores não normativos como lesões, pressão psicológica envolvida no controle do peso corporal (GR, GA, taekwondo), a frustração de não conseguir comparecer a competição internacional a qual foi classificada (taekwondo) e o medo de executar saltos (saltos ornamentais), são fatores que ocasionam desmotivação esportiva por parte do atleta, pois não há controle dessas situações, oferecendo maiores riscos de desmotivação para o atleta (STAMBULOVA et al., 2009).

[...] na minha **cabeça** eu não **entendia**, porque antes eu ficava sem **comer**, então eu ficava agora, eu posso **comer** tudo que eu **quero**, eu sonhei, eu passei muito tempo sonhando, acredita? (Ex-atleta 10 Taekwondo).

[...] eram **coisas** que eu sabia que ia **acontecer** se eu tivesse ido para o **mundial**, mas por eu não ter ido, essas coisas não aconteceram (Ex-atleta 10 Taekwondo).

[...] minha perna não **mexia**, era um **negócio** (medo de saltar) assim, você pegava na minha perna e ela não dobrava, era muito tenso, era **psicológico** mesmo, quanto mais tempo você ficava lá em cima pior, você não sai mesmo (Ex-atleta 7 Saltos Ornamentais).

Por sua vez, os aspectos normativos encontrados na análise se ligam principalmente a priorização dos estudos, onde a obrigatoriedade do ensino básico frente a necessidade de se conquistar níveis mais elevados de instrução deslocaram a dedicação dessas ex-atletas para a formação educacional em busca de estratégias facilitadoras ao ingresso no ensino superior.

[...] então eu comecei a me preocupar mais com a **vida acadêmica** depois dos **saltos ornamentais** e foi quando eu resolvi parar com a junção do **medo** também que eu tava tendo (Ex-atleta 7 Saltos Ornamentais).

[...] mas eu **consegui levar** os estudos e o **esporte** por um tempo até eu **achar** que não seria mais saudável pra mim ficar nos dois (Ex-atleta 4 Ginástica Rítmica).

Sobre a descontinuação e a transferência de conhecimentos do esporte de alto rendimento para os estudos ou trabalho as ex-atletas citam habilidades como responsabilidade, motivação, disciplina, assiduidade, respeitar terceiros, saber lidar com situações de pressão no trabalho e nos estudos. A figura do técnico na aquisição das habilidades evocadas se apresenta como fundamental para aplicação na vida pós esporte de alto rendimento. Presentes no eixo psicossocial de desenvolvimento da carreira esportiva do atleta desde a fase de especialização, os treinadores assumem papel cada vez mais importante com o passar do tempo e processos de evolução esportiva, estimulando o uso dessas experiências positivas em situações diferentes, aspecto que desenvolve o aprendizado e percepção do atleta mediante a perspectiva da aplicabilidade na transferência do conhecimento (MCKNIGHT, et al., 2009; WYLLEMAN; DE KNOP; REINTS, 2013).

No mercado de trabalho eu **acho** que é diferencial quem fez um **esporte** competitivo desde pequena. Alguns professores já **falaram** pra mim sobre o controle de ansiedade, **responsabilidade, disciplina, o esporte disciplina** muito, eu sempre **queria** fazer tudo **certo** (Ex-atleta 5 Ginástica Rítmica).

[...] e eu **acho** que você **aprende** a ter respeito com uma **pessoa** que não é da sua família, um respeito **diferente** que pelo menos comigo, com o meu técnico eu tinha uma intimidade de fazer brincadeira (Ex-atleta 7 Saltos Ornamentais).

Suporte Psicossocial na Transição para fora do EAR

A presente classe é compreendida por 26,67% (279 STs) do corpus total, sendo constituída por palavras no intervalo entre $x^2=65,34$ (treinar) e $x^2=3,87$ (melhorar). Predominaram as falas das participantes que receberam o BA-DF Estudantil ($x^2=8,08$) e que possuem mãe com ensino médio completo ($x^2=6,5$).

A análise da classe denotou a existência de eventos não normativos durante a carreira no esporte de alto rendimento que foram apoiados por familiares, amigos atletas e não atletas, professores e treinadores. Os eventos que levaram as ex-atletas a descontinuação esportiva involuntária são lesões que impossibilitaram o prosseguimento da carreira esportiva, a falta de suporte médico e de reabilitação para lesões, a necessidade de sair de Brasília em busca de melhores condições de treino para evolução do

desempenho, a não concretização de participação em torneio mundial pela seleção brasileira, a retirada esportiva de amigos próximos no esporte, o desgaste físico gerando a depleção do desempenho e a necessidade de maior convívio social fora dos ambientes esportivos (GORDON; LAVALLE, 2012; LAVALLE; ROBINSON, 2007).

[...] eu **parei**, tentei **voltar**, mas não deu pra **voltar**, eu **melhorei** da lesão no **pé**, tentei **voltar**, mas, **melhorando mesmo só** se eu tivesse condições de fazer fisioterapia todos os dias (Ex-atleta 6 Ginástica Artística).

[...] quando você conhece atletas de fora, ou quando muitos **atletas** daqui, muitos **mesmo, saíram** de Brasília e estão em outros clubes porque não tem como **treinar** aqui, porque não tem **estrutura**, não tem apoio, não faz **sentido** ficar em Brasília (Ex-atleta 6 Ginástica Artística).

[...] eu também tava **querendo** uma **vida social** que eu não tinha até então. Nunca conseguia **sair**, perdia aniversário de **amigas**, perdia várias coisas, então **queria** muito ter uma **vida social** e conseguir fazer as coisas igual todo **mundo** fazia (Ex-atleta 4 Ginástica Rítmica).

[...] eu quebrei o **pé**, ele dói muito, como os **exercícios** são de impacto o **tempo** todo, os outros **atletas** que já conseguiram **voltar** depois de cirurgia, meu **irmão mesmo**, tem três cirurgias no joelho, uma no ombro, duas no **pé** (Ex-atleta 6 Ginástica Artística).

Consequentemente a menor capacidade de predição desses eventos não normativos é acompanhada pela dificuldade em seus enfrentamentos por parte das ex-atletas entrevistadas. Em contrapartida, em função da idade precoce das ex-atletas quando retiradas do esporte de alto rendimento junto a influência da família com elevados níveis de instrução o prosseguimento da formação educacional em direção ao ensino superior se manteve, ilustrando a superação da descontinuação esportiva mediante a perspectiva de sucesso por meio dos estudos ao conquistarem o ingresso em IES públicas (ARAÚJO; BARBOSA, 2008; MOESCH, 2013; CÔTÉ, 1999).

Torregrosa et al., (2015) identificaram suporte psicossocial bem estruturado quanto a descontinuação esportiva de atletas olímpicos espanhóis que implementaram os modelos de dedicação paralelo e convergente em suas carreiras esportivas, ressaltando uma lacuna sobre a conscientização das pessoas próximas aos atletas que se dedicaram exclusivamente ao esporte. Em contrapartida, as ex-atletas entrevistadas apresentaram aspectos de incompreensão sobre a vida após o EAR por parte de suas configurações psicossociais, mesmo havendo a conciliação da dupla carreira de alguma maneira, seja priorizando esporte, estudos ou tentando equilibrar ambas as jornadas.

[...] na verdade minha **mãe** era mais empolgada, muito mais empolgada do que eu com o esporte, ela sempre me **incentivou** muito, na verdade quando eu **parei** minha **mãe ficou** muito **triste** (Ex-atleta 2 Ginástica Rítmica).

[...] minha **mãe** não **viu** essa minha **saída** do esporte até hoje, ela sempre **fala**, bora, eu te levo lá pra **treinar**. Meus **irmãos** (ex-atletas também) **pensam** que é isso **mesmo**, já foi mais um (Ex-atleta 6 Ginástica Artística).

Nesse sentido a dificuldade de aceitar a retirada esportiva por parte de mães, treinadores e amigos não atletas, além da falta de apoio nessa fase percebida em função da indiferença familiar quanto a vida pós EAR foram elencadas como principais focos passíveis de conscientização para devido suporte das ex-atletas. Vale ressaltar o caso da Ex-atleta 2, única a possuir ambos pai e mãe com ensino médio completo, aspecto que reflete no único tipo de dedicação declarado sob tentativa de equilíbrio de ambas as carreiras, pois percebemos por um lado a empolgação da mãe citada acima em relação a tentativa de prosseguimento e ascensão esportiva e por outro, a valorização dos estudos por parte da ex-atleta no sentido de alcançar níveis mais elevados de instrução do que os conquistados pelos seus pais.

O Papel das Instituições de Ensino na Dupla Carreira

A análise da última classe foi composta por 12,91% (135 STs) do corpus total, constituindo-se por palavras no intervalo entre $x^2=150,3$ (escola) e $x^2=3,9$ (precisar). As evocações mais predominantes dentro da classe foram da parte das ex-atletas que possuem o ensino superior completo ($x^2=8,53$), receberam o BA-DF estudantil ($x^2=9,03$) e em especial da ex-atleta de ginástica artística ($x^2=11,71$).

As falas das entrevistadas convergiram para o ambiente institucional de ensino, sejam as escolas, sejam as IES privadas ou públicas. Nesse sentido foram encontradas as percepções das entrevistadas sobre o suporte institucional recebido na tentativa de harmonizar a dupla carreira, por meio de abono de faltas e remarcação de provas em função dos compromissos esportivos (treinamentos e competições). Estudos sobre o futsal feminino em Santa Catarina ilustram o mesmo cenário quanto as estratégias elaboradas pelas instituições de ensino para facilitar a dupla carreira do atleta, definindo-as como informais por não haver regulamentação específica para as necessidades do atleta estudante (ROCHA et al., 2011; MELO; SOARES; ROCHA, 2014; MELO et al., 2016; COSTA, 2012).

Aspecto que chama atenção por parte das escolas particulares é a concessão de bolsas de estudos em troca da representação esportiva estudantil. Ao passo que grande

parte das vagas em IES são preenchidas por estudantes oriundos de escolas particulares³⁶ e a valorização da escolarização de qualidade com vistas a inserção no ensino superior público converge a concessão de bolsas de estudos nessas instituições em uma estratégia que visa o impacto na conquista de clientela mediante expressão esportiva estudantil conquistada por seus estudantes bolsistas (COSTA; KOSLINSK, 2006).

[...] então a gente sempre **entregou declaração** de que íamos viajar pra competir e eles abonavam as faltas se tivesse prova que sempre tinha, você sempre iria perder prova, você fazia a **reposição**, eles sempre **davam a reposição** que era um motivo justo assim você entregando a **declaração** (Ex-atleta 5 Ginástica Rítmica).

[...] mas sempre era 50% (de bolsa de estudos) e no **colégio** que eu fiz o ensino médio era a mesma **coisa**, tinham uns **atletas** de karatê, de judô, também **estudavam** lá com bolsa e **representavam** a **escola** em alguns campeonatos nacionais (Ex-atleta 5 Ginástica Rítmica).

Todavia esse suporte a dupla carreira não foi identificado como regra, emergindo também experiências negativas vividas pelas entrevistadas em relação a compreensão por parte das instituições de ensino básico e superior sobre as necessidades do atleta estudante para com o rendimento esportivo e acadêmico.

[...] acho que para os meus **colegas** e as outras pessoas da **escola** eu era a diferente, acho que de uma **sala** com 30 alunos, só dois eram **atletas**, era eu e mais um, então era minoria (Ex-atleta 5 Ginástica Rítmica).

As pessoas da **escola** já achavam **ruim**, é porque assim, eu já **faltei** muito mais a **escola** por causa da **GR** do que a **GR** por causa da **escola** (Ex-atleta 3 Ginástica Rítmica).

Então, até quando eu era bem novinha tinha essas **coisas** e a gente achava um absurdo porque não fazia sentido nenhum eu tinha uma **professora** que ela mesmo não acreditava que a gente **tirava nota boa** (Ex-atleta 7 Saltos Ornamentais).

Nesse sentido, no ensino básico foi percebida a falta de suporte com o conteúdo de aulas perdidas em função das ausências ocasionadas pelos compromissos esportivos e a incompreensão por parte dos professores.

[...] **lógico**, porque também tinham alguns **professores** que não estavam nem aí, não era assim de sentar comigo e explicar a matéria, eles falavam assim, eu passei isso aqui e isso aqui (Ex-atleta 7 Saltos Ornamentais).

Sobre **reposição** de **aula** não tinha nada, a **aula** você tinha que se **virar** depois (Ex-atleta 5 Ginástica Rítmica).

[...] **entender** um **mundo** porque o meu tempo na **escola** era quando eu tinha pra **entender** o **mundo** porque o resto do meu tempo eu tava trancada o **dia**

³⁶ Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/62192/educacao-parametros-entre-as-escolas-publicas-e-privadas-do-brasil>

inteiro dentro do ginásio, então assim como você vai ter essa **relação** num **ambiente** que não tá propenso pra isso? (Ex-atleta 4 Ginástica Rítmica).

Por sua vez, no ensino superior evocaram barreiras como incompreensão por parte do corpo docente com relação a flexibilização de entregas de trabalhos e realização de avaliações no ensino superior e a configuração das grades horárias nas IES públicas.

[...] na faculdade era **pior** porque os **professores** não **entendiam** mesmo, mesmo que eu sendo da faculdade de educação física eles falavam, perdeu trabalho o **problema** é seu (Ex-atleta 3 Ginástica Rítmica).

Além da necessidade de regulamentação específica que ampare o atleta estudante se faz necessário também o exercício da conscientização das pessoas próximas a esse público, no que diz respeito aos relatos apresentados, a comunidade acadêmica e o suporte familiar (RADTKE; COALTER, 2007; PETITPAS; VAN RAALTE; BREWER, 2013). Fora do Brasil as discussões sobre a implementação de programas de suporte a dupla carreira encontram-se em fase mais avançada. Sánchez Pato et al., (2017) elaboraram o livro *An Innovate European Sports Tutorship Model of the Dual Career of Student-Athletes*, apresentando experiências de países como Grécia, Itália, Reino Unido e Espanha quanto a elaboração e implementação de programas de suporte ao atleta estudante.

O uso do ensino a distância para facilitar a realização de tarefas e entrega de trabalhos acadêmicos, bem como exercícios de conscientização não só para os atletas estudantes, mas para comunidade acadêmica em geral e seus familiares são algumas das estratégias apresentadas pelos autores. Na Espanha os *workshops* foram utilizados como forma de identificação do perfil do atleta estudante na Universidade de Múrcia, já na Itália, na Universidade do Foro Itálico, o uso de estratégias pedagógicas na realização de oficinas denominadas “world café” foram identificadas necessidades provenientes do atendimento educacional por parte dos tutores e para maior eficiência do sistema de ensino a distância (SANCHEZ et al., 2017; KOUSTELIOS et al., 2017).

No caso do ensino básico brasileiro segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, o ensino fundamental tem caráter predominantemente presencial, sendo permitida utilização de ferramentas de educação a distância apenas para fins de complementação da aprendizagem (BRASIL, 1996). Porém, a necessidade de se modelar o sistema de EAD como suporte complementar para devido aproveitamento e cumprimento das atividades educacionais do atleta estudante ainda é um tema incipiente dentro da perspectiva de atendimento da dupla carreira.

Um estudo realizado na Universidade de Brasília sobre os estudantes que conciliam seus tempos de compromissos acadêmicos com a representação esportiva universitária apontou como uma das principais barreiras na conciliação a compreensão por parte do corpo docente sobre as necessidades de representação esportiva dos estudantes e o cumprimento dos compromissos acadêmicos (MIRANDA et al., 2018). Os autores ainda sugerem a criação de um programa de assistência ao atleta estudante não só de representação, mas também aos atletas de elite presentes na universidade, contemplando necessidades estruturais, materiais, de recursos humanos e aconselhamento sobre as decisões estratégicas a serem tomadas durante o curso da dupla carreira.

Conclusões

A partir da análise feita sobre os relatos das ex-atletas beneficiadas pelo Programa Bolsa Atleta do Distrito Federal, podemos concluir que através do alcance do nível superior na formação educacional, essas ex-atletas obtiveram qualificações para irem em busca da ascensão socioeconômica, confirmando predisposição ao sucesso pretendido no início de suas duplas carreiras. Diante disso, percebemos que a transição para fora do esporte se deu precocemente e para maioria das ex-atletas entrevistadas de forma voluntária segundo o vislumbre do ingresso no ensino superior como melhor oportunidade de se alcançar a ascensão socioeconômica. Observamos quanto a isso a inadequação dos valores repassados pelo Programa Bolsa Atleta do Distrito Federal em relação a exigências financeiras específicas de determinadores esportes como a ginástica artística, bem como sobre os critérios de concessão do benefício em relação aos resultados expressivos para esportes de especialização precoce, situação contemplada na amostra por quatro das sete ex-atletas analisadas.

Portanto a necessidade em manter ou aumentar os níveis de dedicação ao esporte de alto rendimento de forma precoce compete com a dedicação aos estudos até o ingresso no ensino médio. A partir daí por mais que haja a priorização do esporte na conciliação com a formação educacional o período do ensino médio foi compreendido como fundamental para preparação a concorrência por vagas em instituições de ensino superior públicas subjugando o potencial de exigência esportivo aspecto refletido nos baixos valores de BA-DF conquistados pelas participantes ao final de suas carreiras no EAR.

Para além do caráter de maior predição dessa configuração para a dupla carreira no Distrito Federal, encontramos também dois casos de transição para fora do esporte de

teor involuntário mediante lesão que impossibilitou o prosseguimento esportivo e a frustração em não participar de competição internacional representando a seleção brasileira. Nesses casos a priorização dos estudos na conciliação com o EAR se mostrou eficaz para a salubridade da descontinuação esportiva, pois ambas as ex-atletas, com exceção de uma matriculada no ensino técnico, conseguiram ingressar em instituições de ensino superior, porém no âmbito privado.

A contribuição do suporte psicossocial foi considerada como fundamental no desenvolvimento da dupla carreira, tanto no âmbito esportivo, por parte dos treinadores no tocante a flexibilização dos compromissos esportivos em função dos estudos principalmente no ensino médio, quanto da família com elevados graus de instrução no investimento da formação educacional de qualidade sob a busca por bolsas de estudos em instituições de ensino básico privadas e no suporte financeiro prestado a suas filhas quanto as exigências financeiras esportivas não supridas pelo BA-DF. Todavia chamamos atenção para alguns casos de incompreensão por parte de algumas mães sobre o fim da carreira esportiva de suas filhas, demonstrada sob a perspectiva de insistência da continuação ou retorno a carreira esportiva mesmo quando a decisão é voluntária por parte da própria ex-atleta. Ações de conscientização devem ser pensadas para que esse fundamental eixo do suporte psicossocial tenha o melhor aproveitamento possível na qualidade da transição para fora do esporte.

Apesar da exigência precoce pelo alto rendimento esportivo a conquista de resultados expressivos para concessão do BA-DF o EAR não consegue fazer frente a formação educacional de qualidade sobre a questão de exigência da dedicação a seus compromissos. Porém a informalidade das estratégias de compatibilização estabelecidas pelas ex-atletas durante suas duplas carreiras não garantiu o devido aproveitamento da formação educacional sendo tensões presentes no ensino básico reposições de conteúdos perdidos e no ensino superior público a incompatibilidade dos horários entre compromissos esportivos e educacionais, bem como flexibilização na entrega de trabalhos e realização de avaliações, sendo ainda recorrentes a incompreensão sobre a condição de atleta estudante por parte do corpo docente. Percebemos que a compatibilização das atividades educacionais e esportivas deve ser pensada no lugar da compatibilização de tempos em função do devido aproveitamento de oportunidades educacionais para que haja harmonização e prosseguimento da carreira esportiva. Nesse ponto pensamos que experiências internacionais como workshops no sentido tanto de

identificar necessidades da dupla carreira quanto para conscientizar as pessoas envolvidas no processo a partir de estratégias pedagógicas no fomento ao debate e interação dessas pessoas. Sugerimos o aprofundamento de estudos sobre estratégias pedagógicas tanto para o ensino básico quanto para o ensino superior no sentido de aproximar os agentes envolvidos com o atleta estudante do exercício de compreensão e apoio de suas necessidades tanto para o desenvolvimento educacional quanto para o desempenho esportivo. Vale ressaltar ainda a contribuição dessas experiências internacionais como pano de fundo para elaboração regulamentações específicas adaptadas a realidade do atleta estudante brasileiro com vistas ao devido aproveitamento da dupla carreira.

Ressaltamos limitações no estudo quanto ao tamanho amostral e a variedade de esportes em relação a quantidade de ex-atletas. Sugerimos para aprofundamentos futuros a realização de estudos com delineamento qualitativo em amostras de ex-atletas de sexo masculino, em esportes coletivos ou aumento amostral entre os esportes de especialização tardia.

Considerações Finais

O presente trabalho de dissertação teve como principal proposta analisar o desenvolvimento da dupla carreira de ex-atletas beneficiadas pelo programa Bolsa Atleta do Distrito Federal no período 2014/2015. Observamos que o processo de desenvolvimento da dupla carreira é permeado por diversos fatores presentes nas carreiras esportiva, educacional e nas relações interpessoais das ex-atletas em primeiro plano com seus familiares e em segundo com treinadores e professores. Diante dessas dinâmicas encontramos no DF ex-atletas que tiveram precoce término de suas carreiras esportivas, seja pelo tipo de formação e desenvolvimento próprios de suas modalidades, seja pelo prosseguimento dos estudos em direção a conquista do ensino superior.

Destarte a análise da produção científica nacional sobre dupla carreira encontramos diferenças que auxiliaram na compreensão indutiva sobre prováveis motivos para a ocorrência da descontinuação esportiva precoce bem como semelhanças quanto ao desenvolvimento das dinâmicas na conciliação entre estudos e EAR. Percebemos que ao passo que o desenvolvimento esportivo avança em direção a consonância com o ensino médio a formação educacional passa a ser mais valorizada, seja qual for o tipo de dedicação na dupla carreira declarada pelas participantes, pois um dos fatores centrais ligados a esse aspecto é a percepção por parte da família e das próprias ex-atletas quanto a insegurança das oportunidades de profissionalização e conseqüente ascensão presentes nos mercados das modalidades esportivas encontradas. Enquanto o potencial de investimento do futebol ilustra o cenário da profissionalização como projeto principal para as famílias dos jovens atletas, as demais modalidades esportivas que não partilham desse potencial de investimento, subsidiado principalmente pela espetacularização apontaram a formação educacional de qualidade como principal aposta para as ex-atletas estudadas e suas famílias. Quanto a isso observamos que essas famílias foram fundamentais para o prosseguimento das carreiras esportivas no caso da priorização do esporte quanto ao suporte as exigências financeiras presentes nas modalidades esportivas e na priorização dos estudos ou equilíbrio entre as carreiras por apresentarem formação educacional elevada e conseqüentemente o entendimento dessa como melhor opção para ascensão socioeconômica assim como a disposição econômica favorável supostamente já conquistada. Vale ressaltar como sugestão para aprofundamentos do tema a percepção sobre a disponibilidade das oportunidades presentes na dupla carreira por parte da família como objeto direto de estudos bem como a compreensão sobre os diferentes mercados

esportivos quanto aos seus reais potenciais de investimento uma vez que na presente análise foram usados apenas os níveis de escolaridade dos familiares e dados sobre empregabilidade relacionada a formação educacional.

Por mais que a obrigatoriedade do ensino básico torne a conciliação com o esporte de alto rendimento uma dinâmica comum a todos os jovens identificamos uma exceção tocante a dedicação exclusiva a carreira esportiva viabilizada pelo abandono dos estudos. Assim como o atleta de futebol abdica da formação educacional sem vislumbrar o término da carreira esportiva em função principalmente do retorno financeiro advindo do sucesso esportivo, no caso encontrado no presente estudo percebemos a aposta financeira na dedicação ao atletismo mediante a manutenção ou possível tentativa de progressão no recebimento dos valores do BA-DF, uma vez que a família apresentou baixos níveis de escolaridade e conseqüente menor disposição socioeconômica. Quanto ao BA-DF identificamos baixos valores do benefício recebidos pela maioria das ex-atletas que coincidentemente encerraram suas carreiras esportivas durante o ensino médio, concluindo que o critério de resultados esportivos expressivos para pleito de benefícios maiores esbarra na valorização dos estudos nesse período de preparação para tentativas de ingresso no ensino superior.

Chamamos a atenção para a avaliação do Programa Bolsa Atleta – DF sobre as condições e necessidades financeiras específicas de cada esporte e socioeconômicas de cada ex-atleta bem como a revisão dos critérios de concessão do benefício de acordo com os tipos de formação e desenvolvimento esportivos, precoces ou tardios e sua consonância com o aumento das exigências de dedicação ao esporte durante o ensino médio, período identificado como crítico para a dupla carreira dessas ex-atletas haja vista a necessidade de melhorar a relação entre o dever do oferecimento, por parte do Estado do ensino superior a população e não garantir as condições necessárias para o devido aproveitamento dos estudos e concorrência a vagas nas IES públicas, uma vez que grande parte dos graduandos dessas instituições de ensino são oriundos de escolas particulares.

Sobre o devido aproveitamento tanto da formação educacional quanto da carreira esportiva identificamos a figura da família junto aos treinadores e instituições de ensino no papel central de elaboradores das estratégias de compatibilização da dupla carreira e apoiadores na fase de transição para fora do esporte. As estratégias são elaboradas de maneira informal no sentido do cumprimento dos requisitos básicos para que não haja reprovação ou prejuízo no cumprimento de trabalhos e provas, aspecto minimizado pelo

ingresso no ensino superior por todas as ex-atletas que tentaram conciliar a dupla carreira de alguma maneira mas que impossibilitou o prosseguimento de boa parte das carreiras esportivas de forma voluntária mediante a dinâmica de maiores exigências no período do ensino médio relatada anteriormente. Quanto a isso, lacunas como reposição de conteúdo no ensino básico e flexibilização de datas para entrega de trabalhos, abono a faltas em função de compromissos esportivos e incompreensão do corpo docente quanto a condição de atleta estudante no ensino superior foram identificadas. Nesse ponto, experiências internacionais se encontram em estágios avançados tanto no sentido de implementação e avaliação quanto no sentido de documentação e divulgação, possibilitando apropriação e elaboração de ações de conscientização e regulamentação específica para o atleta estudante de Brasília.

Contudo para que seja evitada a tendência em se aplicar modelos e propostas estrangeiras é necessário maior compreensão da realidade brasiliense e brasileira. Apesar de a produção científica nacional analisada no presente estudo se dirigir quase em totalidade a análise da modalidade futebol, limitações impossibilitaram a retenção dos estudos nacionais sobre outras modalidades, como voleibol, futsal, turfe e basquetebol, mas que estão presentes do decorrer do trabalho de forma complementar. No entanto, a incipiência do tema quanto ao trato exploratório necessita de aprofundamentos tanto quantitativos como qualitativos uma vez que o caráter multifacetado e dinâmico da dupla carreira presente na perspectiva holística indica seu entendimento tanto universal quanto contextual. Logo, aprofundamentos quanto ao tamanho amostral e aproximação teórica quanto aos tipos de análises presentes nos avanços da literatura internacional aumentariam a capacidade de apreensão da realidade desses estudantes atletas além de viabilizar diálogos científicos comparativos com outros países.

Referências

- AGRESTA, M. C.; BRANDÃO, M. R. F.; BARROS NETO, T. L. Impacto do término de carreira esportiva na situação econômica e profissional de jogadores de futebol profissional. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 16, n. 1, p. 29-38. 2008.
- AGRESTA M. C. et al. Terminación de la carrera deportiva en jugadores de futsal. In: **Libro de resúmenes del II Congreso Internacional de Psicología Aplicada al Deporte**; 2003, nov. 12-15. Madri, Espanha. Madri: Dykinson. p. 137, 2003.
- ALFERMANN, D.; STAMBULOVA, N. Career Transitions and Career Termination. In: TENENBAUM, G.; EKLUND, R. C. (Eds.). . **Handbook of Sport Psychology: Third Edition**. 3th. ed. John Wiley and Sons, Inc., 2012. p. 712–733.
- ALLEN, S. V.; HOPKINS, W. G. Age of Peak Competitive Performance of Elite Athletes: A Systematic Review. **Sports Medicine**, v. 45, n. 10, p. 1431–1441, 2015.
- ARAÚJO, H. E.; BARBOSA, F. O futuro da previdência e do trabalho. **GV executivo**, v. 7, n. 4, p. 22–27, 2008.
- AZEVEDO, et al. A escola no entendimento do atleta de elite. In: SOARES, Antônio Jorge Gonçalves; CORRÊIA, Carlus Augustus Jourand; MELO, Leonardo Bernardes Silva. (Orgs.). **Educação do corpo e escolarização de atletas: debates contemporâneos**. 1. ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2016. cap. 4, p. 110-133.
- AZEVEDO, et al. Formação escolar e formação esportiva: caminhos apresentados pela produção acadêmica. **Movimento**, Porto Alegre, v. 23, n. 1, p. 185-200, jan./mar. 2017.
- AZEVEDO, Márcio Faria de. **Conciliações entre formação esportiva e formação escolar: Um estudo das seleções brasileiras masculinas de basquetebol de base**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.
- BARKER, D. et al. Moving out of Sports: A Sociocultural Examination of Olympic Career Transitions. **International Journal of Sports Science & Coaching**, v. 9, n. 2, 2014.
- BAHRON-THIENE, A.; ALFERMAN, D. Personal characteristics as predictors for dual career dropout versus continuation: A prospective study of adolescent athletes from German elite sport schools. **Psychology of Sport and Exercise**. V. 21, p.42-49. 2015.

BARRETO, Paulo Henrique Guilhermino. **Flexibilização escolar para atletas em formação alojados em centros de treinamento no futebol**: um estudo na Toca da Raposa e na Cidade do Galo. 2012. 106 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2012.

BARTHOLO, T. L. et al. Formando jogadores de futebol: o impacto do tempo de treinamento na formação escolar de jovens espanhóis e brasileiros. In: Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 2011, Porto Alegre. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <<http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2011/2011/paper/viewFile/3065/1557>>. Acesso em: 08 de março de 2018.

BREWER, B.; VAN RAALTE, J.; LINDER, D. Athletic identity: Hercules' muscles or Achilles heel? **International journal of sport psychology**, v. 24, n. 2, p. 237–254, 1993.

BORSA, J. L.; NUNES, M. L. T. Aspectos psicossociais da parentalidade: O papel de homens e mulheres na família nuclear. **Psicologia e Argumento**. Curitiba, v. 29, n. 64, p. 31-39, jan./mar. 2011.

BRANDÃO M. R. F. et al. Career transitions of former Brazilian top level athletes. In: PAPAIOANNOU, A.; GOUDAS, M.; THEODORAKIS, Y (Eds.) **The dawn of the new millennium. Program and proceedings of the 10th World Congress of Sport Psychology**. Thessaloniki, Greece: Christodoulidi. Pub., v.3, p. 1-2, 2001.

BRANDÃO, M. R. F. e VIEIRA, L. F. Athlete's career in Brazil: research and application in the land of ginga. In: SAMBULOVA, N. e RYBA, T. (Org.). **Athletes' careers across cultures**. Nova York, NY: Routledge. 2013.

BRASIL. Resolução n. 5 de 2005. **Política Nacional do Esporte**. Conselho Nacional do Esporte.

DISTRITO FEDERAL. Lei n. 2.402, de 15 de janeiro de 1999. Bolsa Atleta DF. **Câmara Legislativa do Distrito Federal**, Brasília, 15 de jan. 1999. Disponível em: <<http://www.esporte.gov.br/arquivos/conselhoEsporte/legislacao/polNacEsp.pdf>>.

Acesso em: 20 de março de 2018.

BRASIL. Lei n. 11.438, de 29 de dezembro de 2006. **Lei de incentivo ao esporte**. Ministério do Esporte. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2006/lei/11438.htm>. Acesso em: 23 de março de 2018.

BRASIL. Lei n. 10.264, de 16 de julho de 2001. **Lei Agnelo Piva**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/LEIS_2001/L10264.htm>. Acesso em: 29 de março de 2018.

BRASIL. Lei n. 12.395, de 16 de março de 2011: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2011/lei/112395.htm>. Acesso em: 6 de abril de 2018.

BRASIL. Lei n.11.438/2006. **Ministério do Esporte**, Brasília, 2006. Disponível em: <http://www.brasil2016.gov.br/pt-br/incentivo-ao-esporte/lei-de-incentivo-ao-esporte>

BRASIL. Lei n. 2.402, de 15 de janeiro de 1999. Bolsa Atleta DF. **Câmara Legislativa do Distrito Federal**, Brasília, 15 de jan. 1999. Disponível em: <http://www.tc.df.gov.br/SINJ/Arquivo.ashx?id_norma_consolidado=50360>

BROWN, C.; GLASTTETER-FENDER, C.; SHELTON, M. Psychosocial identity and career control in college student-athletes. **Journal of Vocational Behavior**, v. 56, p. 53-62, 2000.

BUENO, L. **Políticas Públicas do Esporte no Brasil: razões para o predomínio do alto rendimento**. Tese (Doutorado em Administração Pública e Governo) – Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2008.

CAMARGO, B. V.; JUSTO, A. M. **Tutorial para uso do software IRaMuTeQ**. 2018. Disponível em: <http://iramuteq.org/documentation/fichiers/tutoriel-portugais-22-11-2018>. Acesso em: 06 de março de 2019.

CAMARGO, B. V.; JUSTO, A. M. IRAMUTEQ: Um software gratuito para análise de dados textuais. **Temas em psicologia**, v. 21, n. 2, p. 513-518, 2013.

CAMARGO, P. R. de e MEZZADRI, F. M. Políticas Públicas para o Esporte: O Programa Bolsa-Atleta e sua Abrangência na Base do Handebol no Brasil. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 20, n. 1, jan./mar. 2017.

CAMPOS, R. C.; CAPPELLE, M. C. A.; MACIEL, L. H. R. Carreira Esportiva: O Esporte de Alto Rendimento como Trabalho, Profissão e Carreira. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v. 18, n. 1, p. 31–41, 2017.

CAPRANICA, L. MILLARD-STAFFORD, M. L. Youht Sport Specialization: how to manage competition and training? **International Journal of Sports Physiology and Performance**. V. 6, p. 572-579. 2011.

CARVALHO, R. A. T.; HAAS, C. M. Conflito na legislação brasileira referente à escolarização de seus jovens atletas. **Revista de estudios e Investigación en psicología y educación**, Coruña, v. Extr., n. 12, p. 011-015. 2015.

CASTRO, S. B. E de. POFFO, B. N. e SOUZA, D. L. de. O financiamento do esporte de alto rendimento no Brasil: uma análise do programa “Brasil no Esporte de Alto Rendimento” (2004-2011). **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília. v. 24, n 3, p.146-147.

CAVALLERIO, F.; WADEY, R.; WAGSTAFF, C. R. D. Adjusting to retirement from sport: narratives of former competitive rhythmic gymnasts. **Qualitative Research in Sport, Exercise and Health**, v. 9, n. 5, 2017.

CHARMAZ, K. **Constructing Grounded Theory: A practical guide through qualitative analysis**. 1.ed. Londres: Sage Publications. 2006.

CONCEIÇÃO, Daniel Machado da. **O estudante-atleta: desafios de uma conciliação**. 2015. 133 f. Dissertação de mestrado – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2015.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL. Resolução n. 01/2012. **Certificado Clube Formador**. Disponível em: http://fmf.esumula.com.br/Arquivos/Resolucao/Resolucao_8.pdf>. Acesso em: 5 de junho de 2018.

CORRÊIA, C. A. J.; SILVA, J. C. S.; SOARES, A. J. G. Colégio Vasco da Gama: notas para pensar os entrelaçamentos das culturas escolares com as práticas esportivas. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 35, n. 1, p. 188-213, jan./mar. 2017.

CORRÊIA, Carlus Augustus Jourand. **Entre a profissionalização e a escolarização: projetos e campo de possibilidades em jovens atletas do Colégio Vasco da Gama. Rio de Janeiro**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós- Graduação da Faculdade de Educação no Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

CORRÊIA, A. J. et al. Financiamento do Esporte Olímpico de Verão Brasileiro: Mapeamento Inicial do Programa “Bolsa-Atleta” (2005-2011). **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 17, n. 4, out./dez. 2014.

COSTA, Felipe Rodrigues da. **A Escola, o esporte e a concorrência entre estes mercados para jovens atletas mulheres no futsal de Santa Catarina**. 2012.Tese (Doutorado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

COSTA e SILVA, André Luiz da. **Esporte e Escolarização: Projetos, biografias e programa governamental**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de

Pós-Graduação em Educação Física do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2016.

COSTA, M.; KOSLINSKI, M. C. Entre o mérito e a sorte: escola, presente e futuro na visão de estudantes do ensino fundamental do Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Educação**, v. 11, n. 31, p. 133-201, jan./abr. 2006.

CÔTÉ, J. The influence of the family in the development of talent in sport. **The sport psychologist**, v. 13 p. 395-417. 1999.

CÔTE, J.; LIDOR, R.; HACKFORT, D. ISSP position stand: To sample or to specialize? Seven postulates about youth sport activities that lead to continued participation and elite performance. **International Journal of Sport and Exercise Psychology**, v. 9, n. 1, p. 7–17, 2009.

DEBOIS, N.; LEDON, A.; WYLLEMAN, P. A lifespan perspective on the dual career of elite male athletes. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 21, p. 15–26, 2015.

DE BRANDT, K. et al. Student-athlete's perceptions of four dual career competencies. **Revista de Psicología del Deporte**. V. 26, n.4, p.28-33. 2017.

DIAS, Y. R. et al. O Judô no Programa Governamental Bolsa-Atleta: A Distribuição Espacial dos Bolsistas (2011-2013). **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 19, n. 1, jan./mar. 2016.

DIAS, Y. R. et al. O panorama do Judô no programa “Bolsa-Atleta”: uma análise entre os anos de 2011 a 2013. **Motrivivência**, Santa Catarina, v. 28, n. 49, p. 82-98, dez. 2016.

DUARTE, R. B.; MULKAY, I. Z.; PÉREZ, L. C. Valoración de parámetros psicosociales en la selección de talentos para el deporte de velas. **Efdeportes**, v. 10, n. 73, 2004.

ELLIOTT, S.; DRUMMOND, M. J. N.; KNIGHT, C. The Experiences of Being a Talented Youth Athlete: Lessons for Parents. **Journal of Applied Sport Psychology**, v. 30, n. 4, p. 437–455, 2018.

ERPIC, C. S.; WYLLEMAN, P.; ZUPANCIC, M. The effect of athletic and non-athletic factors on the sports career termination process. **Psychology of Sport and Exercise**. V.5, 45-49, 2004.

EUROPEAN COMMISSION. **EU guidelines on dual careers of athletes: recommended policy actions in support of dual careers in high-performance sport**. Brussels: Sport Unit, European Commission, Education, Culture and Sport. 2012.

Disponível em: <http://ec.europa.eu/assets/eac/sport/library/documents/dual-career-guidelines-final_en.pdf>. Acesso em: 18 de fevereiro de 2018.

EPIPHANIO, E. H. Conflitos vivenciados por atletas quanto à manutenção da prática esportiva de alto rendimento. **Revista Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 19, p. 15-22, jan./abr. 2002.

FERNANDEZ, A.; STEPHAN, Y.; FOUQUEREAU, E. Assessing reasons for sports career termination: Development of the Athletes' Retirement Decision Inventory (ARDI). **Psychology of Sport and Exercise**, v. 7, n. 4, p. 407–421, 2006.

FERREIRA, R. M.; MORAES, L. C. Influência da família na primeira fase de desenvolvimento da carreira de nadadores medalhistas olímpicos brasileiros. **Motricidade**, v. 8, n. 2, p. 42-51. 2012.

FERREIRA, N. S. A. As pesquisas denominadas “estado da arte”. **Educação e sociedade**, São Paulo, n. 79, p. 257-272, ago. 2002.

GALLAHUE, D. L. Conceitos Para Maximizar O Desenvolvimento Da Habilidade De Movimento Especializado. **Journal of Physical Education**, v. 16, n. 2, p. 275–289, 2005.

GÓMEZ et al. Remando contracorriente: facilitadores y barreras para compaginar el deporte y los estudios. **Revista Andaluza de Medicina del Deporte**. v. 11, p. 12-17, jan./mar. 2016.

GORDON, S. e LAVALLE, D. Career transitions. In: MORRIS, T. e P. TERRY, P. (Eds.). **The new sport and exercise psychology companion**. Morgantown, WV: Fitness Information Technology, P.567-582. 2012.

GOULD, D. Early Sports Specialization: A Psychological Perspective. **Journal of Physical Education, Recreation and Dance**, v. 81, n. 8, p. 33–37, 2010.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. Tabela 5919. 2017. – População, por Níveis de Instrução. Recuperado em 20 de abril de 2018 de: <https://sidra.ibge.gov.br/Tabela/5919#resultado>.

JORDANA, A. et al. Retirada del deporte de élite: Una revisión sistemática de estudios cualitativos. **Revista de Psicología del Deporte**, v. 26, p. 68–74, 2017.

KERR, G.; DACYSHYN, A. The retirement experiences of elite, female gymnasts. **Journal of Applied Sport Psychology**, v. 12, n. 2, p. 115–133, 2000.

KNIGHT, C. J.; HARWOOD, C. G.; SELLARS, P. A. Supporting adolescent athletes' dual careers: The role of an athlete's social support network. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 38, 2018.

KOUSTELIOS, A. et al. Methodology of implementation the sports tutor model. In:

SÁNCHE PATO, A. et al. (Eds.). . **An Innovative European Sports Tutorship Model of the Dual Career of Student-Athlete**. Murcia: Universidad Católica de Murcia, 2017. p. 103–129.

LARANO FILHO, P. e BOHME, S. T. M. Detecção, seleção e promoção de talentos esportivos em ginástica rítmica desportiva: Um estudo de revisão. **Revista Paulista de Educação Física**. São Paulo, v.15, n.2, p.154-168. 2001.

LALLY, P. Identity and athletic retirement: A prospective study. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 8, n. 1, p. 85–99, 2007.

LAVALLE, D.; ROBINSON, H. K. In pursuit of an identity: A qualitative exploration of retirement from women ' s artistic gymnastics , *Psychology of Sport and Exercise* , 8 (1), pp . 119-. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 8, n. 1, p. 119–141, 2007.

LEE, C. C. An investigation of the athletic career expectations of high school students athletes. **The Personnel & Guidance Journal**, v. 61, n. 9, p. 544-547. 1983.

LEITÃO, L. M.; FERREIRA, M. C. **Proteção aos direitos do jovem atleta e a atuação do Ministério Público do Trabalho**. Artigo de Iniciação Científica. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2016.

LÓPEZ DE SUBIJANA, C.; BARRIOPEDRO, M.; CONDE, E. Suport Dual Career in Spain: elite athletes barriers to studies. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 21, p. 57-64. 2015.

LOSACCO, S. O jovem e o contexto familiar. In: VITALE, M. A. F.; ACOSTA, A. R. (Orgs.). **Família, Redes, Laços e Políticas Públicas**. 6º ed., p.63–76, 2007. São Paulo: Cortez.

LUPO, C. et al. Motivations towards dual career of European student-athletes. **European Journal of Sports Sciences**. V.15, n.2, p.151-160. 2015.

MALINA ROBERT, M. Early Sport Specialization: Roots, Effectiveness, Risks. **Current Sports Medicine Reports**, v. 9, n. 6, p. 364–371, 2010.

MARTINI, L. Transição de carreira e suas implicações no esporte. In: RUBIO, K. (org.). **Destreinamento e transição de carreira no esporte**. São Paulo, Brasil: Casa do Psicólogo. Cap. 2, p. 08-36. 2012.

MCKNIGHT, K. et al. Life After Sport : Athletic Career Transition and Transferable Skills. **Journal of Excellence**, n. 13, p. 63–77, 2009.

MEDEIROS, J. **A espetacularização midiática sobre os denominados heróis-singulares da ginástica artística**. Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social. Universidade Estadual da Paraíba, 2011.

MELO, L. B. M.; SOARES, A. J. G.; ROCHA, H. P. A. Perfil educacional de atletas em formação no futebol no Estado do Rio de Janeiro. **Revista brasileira de educação física e esporte**, São Paulo, v. 28, n. 4, p. 617-628, out./dez. 2014.

MELO, et al. Jornada escola *versus* tempo de treinamento: A profissionalização no futebol e a formação na escola básica. **Revista brasileira de ciência do esporte**, Florianópolis, v. 38, n. 4, p. 400-406, out./dez. 2016.

MELO, G. F.; RUBIO, K. Mulheres atletas olímpicas brasileiras: início e final de carreira por modalidade esportiva. **Revista brasileira de ciência e movimento**, Brasília, v. 25, n. 4, p. 104-116. 2017.

MELO, Leonardo Bernardes Silva. **Formação e escolarização de jogadores de futebol do Estado do Rio de Janeiro**. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2010.

MELO, L. B. M.; SOARES, A. J. G. e ROCHA, H. P. A. Perfil educacional de atletas em formação no futebol no Estado do Rio de Janeiro. **Revista brasileira de educação física e esporte**, São Paulo, v.28, n.4, p.617-628, out./dez. 2014.

MELO, et al. Jornada escola *versus* tempo de treinamento: A profissionalização no futebol e a formação na escola básica. **Revista brasileira de ciência do esporte**, Florianópolis, v.38, n.4, p.400-406, out./dez. 2016.

MELO, L. B. S. **Formação e escolarização de jogadores de futebol do Estado do Rio de Janeiro**. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2010.

MIRANDA, I. S. et al. Dupla jornada no esporte de representação: o caso dos atletas da universidade de Brasília. **Temas em Educação Física Escolar**, v. 3, n. 1, p. 19–35, 2018.

MOESCH, K. Reasons for Career Termination in Danish Elite Athletes: Investigating Gender Differences and the Time-point as Potential Correlates. **Sport Science Review**, v. 21, n. 5–6, p. 49–68, 2013.

NUNOMURA, M.; CARRARA, S. D. P. e TSUKAMOTO, C. H. M. Ginástica artística e especialização precoce: Cedo demais para especializar, tarde demais para ser campeão! **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**. São Paulo, v.24, n.3, p.305-314. 2010.

NORTON, B. Language, identity, and the Ownership of English. **Tesol Quarterly**, v. 31,

n. 3, p. 409–429, 1997.

OKOLI, C.; SCHABRAM, K. A guide to conducting a systematic literature review of information systems research. **Sprouts: working papers on information systems**, v. 10, n. 26. 2010.

OLIVEIRA, E. M.; BALZANO, O. N. e MORAIS, P. H. N. O perfil dos atletas em transição para a fase profissional das equipes de futebol da cidade de Fortaleza. **Revista brasileira de futsal e futebol**, São Paulo, v.9, n.33, p.130-137, mai./ago. 2017.

PALLARÉS, S. et al. Modelos de trayectoria deportiva en waterpolo y su implicación en la transición hacia una carrera profesional alternativa. **Cultura, Ciencia y Deporte**, v. 6, n. 17, p. 93–103, 2011.

PARK, S.; LAVALLEE, D.; TOD, D. Athletes' career transition out of sport: A systematic review. **International Review of Sport and Exercise Psychology**, v. 6, n. 1, p. 22–53, 2013

PERES, L. e LOVISOLO, H. Formação Esportiva: Teoria e visões do atleta de elite no Brasil. **Revista da Educação Física da Universidade Estadual de Maringá**. Maringá, v. 17, n.2, p.211-218, sem. 2006.

PEREZ-RIVASES, A. et al. Seguimiento de la transición a la universidad en mujeres deportistas de alto rendimiento. **Journal of Sport Psychology**, v. 26, p. 102–107, 2017.

PETITPAS, A. J.; VAN RAALTE, J. L.; BREWER, B. W. Athlete's career in United State: developmental programming for athletes in transition. In: STAMBULOVA, N. B.; RYBA, T. V. (Eds.). . **Athlete's career across cultures**. Nova York: Routledge, 2013.

RADTKE, S.; COALTER, F. **Elite Sport Schools: An international review on policies and practices**. 6th EAS Conference: Breaking down the barriers high performance sport and education. **Anais...Sitrling**: 2011

ROCHA, Hugo Paula Almeida da. **A escola dos jôqueis**: a escolha de carreira do aluno atleta. Rio de Janeiro, 2013. 242 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

RYBA, T. V. et al. Dual career pathways of transnational athletes. **Psychology of Sport and Exercise**, 1-10, 2014.

ROCHA et al. Jovens esportistas: Profissionalização no futebol e a formação na escola. **Motriz**, Rio Claro, v.17, n.2, p.252-263, abr./jun. 2011.

ROCHA et al. Jovens esportistas: profissionalização no futebol e a formação na escola. **Motriz**, Rio Claro, v. 17, n. 2, p. 252-263, abr./jun. 2011.

RYBA et al. Dual career pathways of transnational athletes. **Psychology and sport and exercise**, p. 1-10. 2014.

ROMÃO, M. G.; COSTA, F. R. da; SOARES, A. J. G. **Escolarização de equipes do voleibol no Rio De Janeiro**. Trabalho apresentado no XI Congresso Espírito-Santense de Educação Física, Vitória, 2010.

SAMPAIO, R. F. e MANCINI, M. C. Estudos de revisão sistemática: Um guia para síntese criteriosa da evidência científica. **Revista brasileira de fisioterapia**, São Carlos, v. 11, n. 1, p. 83-89, jan./fev. 2007.

SAMULSKI, D. M. et al. Análises das Transições das Carreiras de Ex-Atletas de Alto Nível. **Motriz**, Rio Claro, v. 15 n. 2 p. 310-317, abr./jun. 2009.

SANCHEZ PATO, A. et al. **An Inovate European Sports Tutorship Model of the Dual Career Of Student-Athletes**. [s.l: s.n.].

SANTOS, A. L. P.; ALEXANDRINO, R. R. Desenvolvimento da Carreira do Atleta: Análise das Fases e Transições. **Revista da Faculdade de Educação Física Unicamp**, v. 13, n.2, 185-205. 2015.

SANTOS, V.; SALVADOR, P.; GOMES, A.; RODRIGUES, C.; TAVARES, F. IRAMUTEQ nas pesquisas qualitativas brasileiras da área da saúde. **Investigação Qualitativa em Saúde**, v. 2, p. 392-401, 2017.

SCHLOSSBERG, K. N. A model for analyzing human adaptation to transition. **The Counseling Psychologist**, v. 9, n. 3, p. 2-18, 1981.

SHERIDAN, D.; COFFEE, P.; LAVALLEE, D. A systematic review of social support in youth sport. **International Review of Sport and Exercise Psychology**, v. 7, n. 1, 2014.

SOARES, A. J. G. et al. Jogadores de futebol no Brasil: Mercado, formação de atletas e escola. **Revista brasileira de ciência e esporte**, Florianópolis, v. 33, n. 4, p. 905-921, out./dez. 2011.

SOARES, A. J. G. et al. Tiempo para el fútbol y la escuela: un análisis de los jóvenes jugadores brasileños de Rio de Janeiro. **Estudios Sociológicos de El Colegio de México**, México, v. 31, n. 32, p. 437-469, mai./ago. 2013.

SOARES, M. B.; MACIEL, F. **Série estado do conhecimento: alfabetização**. Brasil, Brasília, Ministério da Educação/Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira/Comitê dos Produtores da Informação Educacional, 2000.

SOARES, G. J. A.; CORRÊIA, J. A. C. e MELO, S. B. L. (Org.). **Educação do Corpo e Escolarização de Jovens Atletas: Debates Contemporâneos**. 1 Ed., p. 264. Rio de Janeiro: Editora: 7letras. 2016.

SOARES et al. Jogadores de futebol no Brasil: Mercado, formação de atletas e escola. **Revista brasileira de ciência e esporte**, Florianópolis, v.33, n.4, p.905-921, out./dez. 2011.

SOARES, A. J. G.; ROCHA, H. P. A.; COSTA, F. R. A escola dos jôqueis: a aposta de carreira do aluno-atleta. **Trabalho apresentado no XV Congresso Brasileiro de Sociologia**, Curitiba, 2011

SPARTA, M.; GOMES, W. B. Importância atribuída ao ingresso na educação superior por alunos do ensino médio. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v. 6, n. 2, p. 45–53, 2005.

SUBIJANA, C. L.; BARRIOPEDRO, M.; CONDE, E. Suport Dual Career in Spain. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 21, p.57-64. 2015.

SOARES, A. J. G. et al. Tiempo para el Futbol y la Escuela: Um Análisis de los Jóvenes Jugadores Brasileños de Rio de Janeiro. **Estudios Sociológicos de El Colegio de México**, México, v.31, n 32, p. 437-469, may/ago. 2013.

STAMBULOVA, N. et al. ISSP position stand: Career development and transitions of athletes. **International Journal of Sport and Exercise Psychology**, v. 7, n. 4, p. 395–412, 2009.

STRACHAN, L.; CÔTÉ, J.; DEAKIN, J. “Specializers” versus “Samplers” in Youth Sport: Comparing Experiences and Outcomes. **The Sport Psychologist**, v. 23, n. 1, p. 77–92, 2009.

SUBIJANA, C. L. DE; BARRIOPEDRO, M. I.; SANZ, I. Dual career motivation and athletic identity on elite athletes. **Revista de Psicología del Deporte**, v. 24, n. 1, p. 55–57, 2015.

TEKAVC, J.; WYLLEMAN, P.; CECIĆ ERPIČ, S. Perceptions of dual career development among elite level swimmers and basketball players. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 21, p. 27–41, 2015.

TORREGROSA, M. et al. Olympic athletes back to retirement: A qualitative longitudinal study. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 21, p. 50–56, 2015.

VÁLKOVÁ, H. A Theory of Transition in Sports Career Teorie přechodových fází v průběhu sportovní kariéry. **Studia Sportiva**, v. 11, p. 210–215, 2017.

VIANA, M. DA S.; ANDRADE, A.; BRANDT, R. Iniciação esportiva de velejadores Brasileiros: um estudo qualitativo diagnóstico. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 33, n. 2, p. 283–301, 2011.

VILANI, L. H. P.; SAMULSKI, D. M. Família e esporte: uma revisão sobre a influência dos pais na carreira esportiva de crianças e adolescentes. In: SILAMI, G. E.; LEMOS, K. L. M. **Temas atuais VII: educação física e esportes**. Belo Horizonte: Ed. Health, 2002, p. 9-26.

VILANOVA, A.; PUIG, N. Personal strategies for managing a second career: The experiences of Spanish Olympians. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 51, n. 5, 2016.

WYLLEMAN, P.; REINTS, A., e DE KNOP, P. A developmental and holistic perspective on athletic career development. In P. SOTIRIADOU, P. e DE BOSSCHER, V. (Org.). **Foundations of sport management: Managing high performance sport**, v.53, p.159–182. New York: NY: Routledge. 2013.

ANEXOS

ANEXO 1. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE



Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE

Convidamos o(a) Senhor(a) a participar do projeto de pesquisa Análise da profissionalização e escolarização dos atletas do Programa Bolsa Atleta do Governo do Distrito Federal, sob a responsabilidade do pesquisador Felipe Rodrigues da Costa. Nesta pesquisa pretendemos analisar como os jovens atletas em formação no esporte para o alto rendimento conciliam as atividades de treinamento com as obrigações escolares.

O objetivo desta pesquisa é investigar a relação entre a formação esportiva e a vida escolar dos beneficiados pelo Programa Bolsa Atleta do Distrito Federal, relacionando ainda o nível socioeconômico e familiar, e o grau de instrução dos responsáveis dos atletas, às expectativas educacionais e às estratégias adotadas para a concretização da formação profissional no esporte. O motivo que nos leva a estudar esse assunto é pequena incidência de pesquisas nacionais sobre a escolarização de atletas. Este estudo quer produzir informações para auxiliar a construção de programas ou políticas de Estado que tenham como foco criar estratégias para melhorar a relação desses jovens com a escola.

O(a) senhor(a) receberá todos os esclarecimentos necessários antes e no decorrer da pesquisa e lhe asseguramos que seu nome não aparecerá sendo mantido o mais rigoroso sigilo pela omissão total de quaisquer informações que permitam identificá-lo(a).

A sua participação se dará por meio de convite a responder um questionário sobre o tema em questão, na data combinada com um tempo estimado de 45 minutos para sua realização.

Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido (a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido (a) pelo pesquisador que irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificado em nenhuma publicação. A pesquisa oferece riscos ao participante de sentir-se

constrangido com algum questionamento. Porém, a pesquisa será conduzida com este tipo de preocupação, procurando evitar tal situação. O(a) Senhor(a) pode se recusar a responder (ou participar de qualquer procedimento) a qualquer questão que lhe traga constrangimento, podendo desistir de participar da pesquisa em

qualquer momento sem nenhum prejuízo para o(a) senhor(a). Sua participação é voluntária, isto é, não há pagamento por sua colaboração.

Todas as despesas que você tiver relacionadas diretamente ao projeto de pesquisa (passagem para o local da pesquisa, alimentação no local da pesquisa ou exames para realização da pesquisa) serão cobertas pelo pesquisador responsável.

Caso haja algum dano direto ou indireto decorrente de sua participação na pesquisa, você poderá ser indenizado, obedecendo-se as disposições legais vigentes no Brasil. Os resultados da pesquisa serão divulgados na Universidade de Brasília podendo ser publicados posteriormente. Os dados e materiais serão utilizados somente para esta pesquisa e ficarão sob a guarda do pesquisador por um período de cinco anos, após isso serão destruídos.

Se o(a) Senhor(a) tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, por favor telefone para: Felipe Rodrigues da Costa, no telefone 61 9903 2727.

Este projeto foi Aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências da Saúde (CEP/FS) da Universidade de Brasília. O CEP é composto por profissionais de diferentes áreas cuja função é defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. As dúvidas com relação à assinatura do TCLE ou os direitos do participante da pesquisa podem ser obtidos através do telefone: (61) 3107-1947 ou do e-mail cepfs@unb.br ou cepfsunb@gmail.com, horário de atendimento de 10:00hs às 12:00hs e de 13:30hs às 15:30hs, de segunda a sexta-feira.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o pesquisador responsável e a outra com o Senhor(a).

Nome / assinatura

Pesquisador Responsável Nome e assinatura

Brasília, ____ de _____ de _____.

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar: CEP - Comitê de Ética em Pesquisa/UnB. Faculdade de Ciências da Saúde - Campus Darcy Ribeiro. Universidade de Brasília, DF, 70.904-970 Brasil. (61) 31071947

Pesquisador Responsável: Felipe Rodrigues da Costa Endereço: Centro Olímpico. Campus Universitário Darcy Ribeiro, Brasília - DF, 70910-900. Email: fcostavix@gmail.com. Telefone: (61) 9903 2727.

ANEXO 2. Instrumento de Coleta Questionário Estruturado – Capítulo 2.**Questionário Estruturado****Plataforma Survey Monkey****Dados de Identificação do Atleta****Nome:****Data de Nascimento:****CEP:**

- 1. Qual modalidade de Bolsa Atleta-DF recebida para o período 2014/2015?**
 - a. Estudantil
 - b. Distrital/Estadual
 - c. Nacional
 - d. Internacional
 - e. Olímpico
- 2. Você treina atualmente?**
 - a. Sim
 - b. Não
- 3. Com relação a dedicação à esporte/treino e aos estudos, você considera que:**
 - a. Tento conciliar o esporte com os estudos, priorizando o esporte.
 - b. Tento conciliar o esporte com os estudos, priorizando os estudos.
 - c. Tento conciliar o esporte com os estudos de maneira igual.
 - d. Me dediquei exclusivamente ao esporte.
- 4. Você treina na mesma modalidade em que foi contemplado com o Bolsa Atleta 2014/2015?**
 - a. Sim
 - b. Não
- 5. A qual Clube você está vinculado?**
 - a. Resposta aberta.
- 6. Continua recebendo algum tipo de Bolsa Atleta?**
 - a. Sim
 - b. Não
- 7. Seu pai participou, ou participa de alguma atividade esportiva?**
 - a. Não.
 - b. Sim, por lazer.
 - c. Sim, como atleta.
- 8. Sua mãe participou, ou participa de alguma atividade esportiva?**
 - a. Não.
 - b. Sim, por lazer.
 - c. Sim, como atleta.
- 9. Além de seus pais, alguém da sua família foi ou é atleta?**
 - a. Não.
 - b. Sim.
 - i. Irmãos ou irmãs.
 - ii. Tios ou tias.
 - iii. Primos ou primas.

- iv. Avôs ou avós.
- v. Bisavôs ou bisavós.
- vi. Outros (especifique).

10. Você está matriculado em alguma escola/universidade?

- a. Sim.
- b. Não.

11. Qual ano você está matriculado?

- a. Resposta aberta.

12. Em qual/quais turno(s) você está matriculado?

- a. Manhã.
- b. Tarde.
- c. Noite.
- d. Manhã e tarde.
- e. Manhã e noite.
- f. Tarde e noite.

13. Sua escola/universidade é:

- a. Particular.
- b. Federal.
- c. Pública - GDF.

14. Em qual escola/universidade você estuda atualmente?

- a. Resposta aberta.

15. Em qual cidade / região administrativa a sua escola/universidade está localizada?

- a. Resposta aberta.

16. Qual a escolaridade da sua mãe ou responsável?

- a. Não estudou
- b. Ensino Fundamental incompleto.
- c. Ensino Fundamental completo.
- d. Ensino Médio incompleto.
- e. Ensino Médio completo.
- f. Ensino Superior incompleto.
- g. Ensino Superior completo.
- h. Especialização incompleto.
- i. Especialização completo.
- j. Mestrado incompleto.
- k. Mestrado completo.
- l. Doutorado incompleto.
- m. Doutorado completo.

17. Qual a escolaridade do seu pai ou responsável?

- a. Não estudou
- b. Ensino Fundamental incompleto.
- c. Ensino Fundamental completo.
- d. Ensino Médio incompleto.
- e. Ensino Médio completo.
- f. Ensino Superior incompleto.
- g. Ensino Superior completo.
- h. Especialização incompleto.

- i. Especialização completo.
- j. Mestrado incompleto.
- k. Mestrado completo.
- l. Doutorado incompleto.
- m. Doutorado completo.

18. Você tem irmãos?

- a. Sim.

- i. Quantos?**

- 1. Resposta aberta.

- a. Quantos irmãos participam de algum processo de formação esportiva?**

- i. Resposta aberta.

- ii. Algum irmão recebe ou recebeu algum tipo de Bolsa atleta?**

- 1. Sim.
 - 2. Não.

ANEXO 3. Roteiro de Entrevistas elaborado - Exercício Piloto

Grupo de Estudos em Dupla Carreira - DuCa Guia de Entrevistas Projeto Bolsa Atleta DF

O guia é dividido em cinco eixos norteadores segundo o modelo de categorização de atletas em dupla carreira de Whylleman et al, (2013) e seus cinco eixos caracterizadores segundo a idade do indivíduo além do guia de entrevistas de Gomes et al, (2016) e Correia (2018). Seguindo questões diretas com respectivos apontamentos para intervenção do entrevistador no sentido de aprofundar as respostas do entrevistado, caracterizando assim um guia de entrevista semiestruturado.

- a) Trajetória no Esporte**
- b) Trajetória Escolar**
- c) Exigências Econômicas do esporte e demais atividades**
- d) Conciliação no nível Psicossocial**
- e) Conciliação entre estudos e carreira esportiva**

a) Trajetória no Esporte

1. Quando você começou a praticar esporte? Como conheceu o esporte “X”? (Quando, onde, influências, motivações, relações com clube, formador e de rendimento). Caso tenha mudado de esporte, por que mudou?
2. A partir de que momento você passou a se considerar um atleta?
3. Me fale sobre sua rotina de atleta... (Carga horária, turnos, nível de exigência, distâncias percorridas, relações interpessoais com comissão técnica, dirigentes, colegas, quais foram as maiores mudanças, como ocorreram, etc.)
4. Como conheceu o bolsa atleta? Como se inscreveu?
5. Ainda tem algum tipo de benefício como atleta? Ganhou alguma competição durante/após o período de recebimento da bolsa?

b) Trajetória Escolar

1. Quando falamos da escola, do que você se lembra? O que teve de positivo na escola?
2. O que você não gostava na escola? Por que não gostava?
3. Teve dificuldade na escola? Como eram suas notas? Reprovou? Ficou de recuperação? Por que?
4. Me fale sobre sua formação educacional...

Onde você começou seus estudos? Quais escolas estudou? Públicas? Particulares? O que te levou a escolher essas escolas? Porque?

5. Como eram as relações na escola antes de ser atleta? Tinha muitos amigos? Como era sua relação com os professores, coordenadores, diretores e demais empregados da escola? Então a escola era para você...
6. Como você enxergava essas relações depois de ter se tornado atleta? (Turnos, escolas diferentes, motivos de escolha das escolas, particulares? Públicas? Seus círculos de amizade mudaram? Como? (Distâncias percorridas). Então aqui a escola passou a ser vista por você de que maneira? Como você acha que seu professores e colegas enxergavam sua relação com o esporte?
7. Já mudou de escola por causa do esporte? E de turno, já mudou? Se não foi pelo esporte, quais foram os outros motivos?
8. Realizou ou realiza alguma outra atividade rotineira? Ex. Trabalho, menor aprendiz, estágio, cursos e etc. Qual o seu interesse nessas atividades? O que você espera dessas atividades?
9. Dedicção atual aos estudos: Estudo e dever de casa hoje em sua escola. Conta como você estuda? Você tem uma rotina organizada de estudos diariamente? Quando você estuda? Seus pais acompanham seu boletim de notas? Eles cobram uma rotina de estudos para você diariamente ou semanalmente? –
10. Sucesso escolar: Conte até quando quer estudar (ou parar o estudo)? Você já ficou em recuperação alguma vez? Em que ano e em quais matérias? Em sua opinião, o que te levou a ficar em recuperação? Você já foi reprovado alguma vez? Em que ano e em quais matérias? Em sua opinião, o que te levou a ser reprovado? Quais as dificuldades que você enfrentou e enfrenta na escola? Quais as matérias que você mais gosta? E as que você menos gosta?
11. Expectativa de futuro: qual a profissão que pretende seguir? Onde gostaria de ser empregado?

c) Exigências econômicas no esporte e demais atividades complementares

1. Quais os gastos que você tinha para manter sua carreira esportiva? (alimentação, suplementação, equipamento/material esportivo, passagens, diárias, transporte para competições e treinos, inscrições, equipe técnica, nutricionista, psicólogo, técnico).
2. Quem financiava esses gastos?
3. O auxílio do bolsa atleta 2014 foi o seu primeiro? Se não, quais foram os outros? (clube, empresários, bolsa atleta DF e ou Federal, Universidade).
4. Como a bolsa atleta te ajudava? (Exclusivamente para o esporte? Ou não?)

d) Conciliação a nível psicossocial (Família)

1. Quais pessoas foram fundamentais para você se tornar um atleta?
2. Me fale do apoio de seus familiares e pessoas próximas no seu desenvolvimento esportivo? Como você percebe que sua família e as pessoas próximas a você enxergam sua relação com o esporte? E com os estudos?
3. Alguma outra pessoa fora da sua família te influenciou a ser um esportista? Quem? Como te influenciou? Em que momento da sua vida? Qual impacto essa outra pessoa teve no seu desenvolvimento como atleta?
4. Houve alguma mudança na rotina profissional dos seus pais devido a exigências esportivos do filho? Quais? Como aconteceram?

e) Conciliação entre esporte e estudos

1. Me fale sobre sua rotina diária quando treinava como atleta e estudava ao mesmo tempo... Como se dividia seu tempo entre os compromissos com o esporte e estudos? (Trajetos, meios de transporte, horários, atrasos e seus motivos, carga horária de estudos fora da escola, cansaço na escola e nos treinos, se poupava?)
2. Como o clube em que você treinava enxergava seus compromissos com a escola? (Carga de treinamento, exigência de desempenho na escola, apenas matricula, flexibilizava horários para com a escola?). Havia dispensa dos treinos para estudar, participar de alguma atividade escolar? A escola provoca dificuldades para o seu desempenho no esporte? Quais seriam essas dificuldades?
3. Como a escola enxergava seus compromissos com a carreira de atleta? (Estratégias de flexibilização para o esporte, faltas, abonos, remarcação de provas, trabalhos extra).
4. Você participava das equipes escolares? Como seus colegas enxergavam sua participação nessas equipes? Como seu clube enxergava sua participação nessas equipes?
5. Me fale um pouco como você se sente ou se sentia em relação a essa situação de conciliar estudos e carreira esportiva...

Da minha parte passamos por todos os temas da entrevista, mas, se você percebeu que não falamos de algum tema específico e que tenha a ver com os temas falados ficarei grato em te ouvir. Obrigado por participar.

ANEXO 4. Roteiro de Entrevistas Definitivo



Grupo de Estudos em Dupla Carreira - DuCa Roteiro de Entrevistas Projeto Bolsa Atleta DF

Nome: _____ Idade: _____

Modalidade Esportiva: _____ Escolaridade: _____

- f) Trajetória Esportiva
- g) Trajetória Educacional
- h) Trabalho
- i) Exigências Econômicas na Dupla Carreira
- j) Conciliação entre esporte e estudos/trabalho
- k) Descontinuação Esportiva

f) Trajetória Esportiva

6. Quando falamos de esporte qual a primeira palavra que vem a sua cabeça?
7. Como você começou a praticar esportes, no geral?
8. Como você conheceu o esporte "X"? Caso tenha mudado de esporte, por que mudou?
9. Se não contou ainda, quais pessoas foram fundamentais para você ter se tornado atleta?
10. A partir de que momento você passou a se considerar um atleta de alto rendimento?
11. Como foi sua carreira esportiva? Como foram as principais conquistas? E as derrotas?

g) Trajetória Educacional

12. Quando falamos da escola, do que você se lembra? Me fale sobre a sua formação educacional...
13. O que gostava na escola? E no Ensino Superior/Faculdade?
14. O que você não gostava na escola? Por que não gostava? E no Ensino Superior/Faculdade?

15. Teve dificuldade na escola? Como eram suas notas? Reprovou? Ficou de recuperação? Por quê? E no Ensino Superior/Faculdade?

16. Até que nível pretende estudar?

h) Trabalho/Estágio

1. Já trabalhou ou estagiou? Como você começou a trabalhar ou estagiar?

2. Como você percebe que o esporte influencia na sua carreira profissional/trabalho/estágio?

3. Quais são as suas expectativas em relação a trabalho?

i) Exigências econômicas na Dupla Carreira

5. Quais os gastos que você tinha para manter sua carreira esportiva?

6. Quem financiava esses gastos?

7. Como conheceu o bolsa atleta? Como se inscreveu?

8. O auxílio do bolsa atleta 2014 foi o seu primeiro? Se não, quais foram os outros?

9. Como a bolsa atleta te ajudava?

j) Conciliação entre esporte e estudos/Rotina Social

6. Me fale sobre sua rotina de treinos, competições e estudos... Como você dividia o tempo entre os compromissos esportivos e educacionais?

7. Como você percebia que o clube em que você treinava enxergava seus compromissos com a escola?

8. Como você percebia que seus colegas de escola e ou faculdade, professores e demais pessoas da escola enxergavam seus compromissos com a carreira de atleta? Essas relações mudaram depois de se tornar atleta de alto rendimento?

9. Como você percebia que a sua família enxergava seus compromissos entre esporte e estudos?

10. Posso te fazer uma pergunta pessoal? Fique a vontade para escolher não responder se não se sentir a vontade. Teve namorado (a) esposo (a) quando foi atleta? Como você percebe que essa (s) pessoa (s) enxergavam seu compromisso com estudos e esporte de alto rendimento?

11. Me fale um pouco como você se sentia em relação a situação de conciliar estudos e carreira esportiva de alto rendimento.

k) Descontinuação Esportiva

1. Como foi o processo de retirada do esporte? A partir de que momento você passou a se considerar ex-atleta de alto rendimento?
2. Como você percebe que a sua família, amigos e demais pessoas próximas enxergaram seu processo de retirada do esporte de alto rendimento?
3. Se me respondeu que tinha namorado (a), como você percebe que ele (a) enxergaram seu processo de retirada do esporte? Filhos?
4. Como você percebe que o Clube, comissão técnica e demais envolvidos no esporte enxergaram seu processo de retirada do esporte de alto rendimento?

Da minha parte passamos por todos os pontos da entrevista. Fique a vontade para falar de algo que na sua opinião não abordamos e que tenha ligação com a conciliação entre estudos e carreira esportiva.

ANEXO 5. Corpus Geral (Transcrições das Entrevistas coletadas) Capítulo 3

Corpus Geral

Entrevistas das Ex-atletas Bolsa Atleta DF 2014/2015

Ex-atleta 7 – Saltos Ornamentais

Assim, não sei, mas eu penso assim, se for para ser um EAR tem que ter muita disciplina, tipo, é a base que eu percebi, até criei, ao longo do esporte. Então, eu tinha 5_anos e comecei a querer fazer ginástica_olímpica. Meus pais sempre foram assim, me colocaram no esporte, no balé quando pequena. Mas quando eu comecei mesmo foi a ginástica_olímpica, aonde eu já fazia balé. Mas o que eu quis mesmo fazer foi ginástica_olímpica, com 5_anos, morando em Recife, então eu comecei no último_ano que eu morava lá, depois me mudei pra cá e comecei a fazer lá na ASBAC, não sei se você conhece. Acho quenda tem lá no centro. Eu treinei 5_anos com o Carlos, até 2008, porque eu entrei em 2005. Não, 2003 e foi até 2008. Eu comecei a ter a prova_de_ginástica, o treino era bem pesado, bem mais pesado do que nos saltos_ornamentais, eram 4h_por_dia, de segunda a sábado, acho que não tinha quarta. Então eu tive problemas com o técnico, porque ele era bem grosso e não sabia bem como trabalhar com crianças. Quando parei, tinha 9_anos ou 10_anos, ele falou que parecia que eu estava grávida, porque tinha engordado 1_kg nas férias. E eu não era gorda, de jeito nenhum, eu era magrela na época, sabe? eu parei com a ginástica_olímpica e uma amiga do meu pai, tinha aquele que fazia o saltos_ornamentais, então eu fui conhecer e gostei. Eu saí da ginástica_olímpica em um dia, no outro eu já estava nos saltos_ornamentais e fiquei até 2014, até o meio de 2014, eu acho. Então eu comecei nos saltos_ornamentais em 2008, com 10_anos, 9_anos ou 10_anos e fui até 2014 com 16_anos eu acho. Eu acho que foi o apoio dos meus pais. Porque assim, meu pai gosta muito de esporte. Toda vez ele fica assistindo, só que ninguém lá em casa foi atleta, assim, como eu? De competir e tal. Minha mãe era do interior, então não tinha nem como. Mas ela sempre foi de fazer estripulias, essas coisas, só que ela praticou esporte. Meu pai até hoje caminha, mas assim, bem básico. Só que eles sempre me apoiaram de continuar, me levaram nos treinos, que é o que eu precisava na época. Mas assim, foi muita decisão minha, eu gostava e não via problema em ficar treinando 3h_por_dia, gostava de ir, fazer as coisas, competir. Eu nunca me considerei uma atleta_de_alto_rendimento, entendeu? Só que assim, eu fiquei em terceiro_lugar no campeonato_brasileiro, então eu acho que já é considerado alto_rendimento, não sei, eu não considero, tipo, para mim eu era uma atleta como minha mãe, eu nem falava que eu era atleta, minha mãe sempre falava, você é atleta, quando se referia a mim, falava, minha filha é atleta. Pra mim era, estou no esporte, estou gostando, eu gostava de crescer no esporte entendeu então para mim nunca foi uma obrigação, assim, claro que era uma obrigação de treinar, mas não foi aquele negócio de, estou fazendo isso. Eu queria competir mais alto só que as estruturas que a gente tinha de técnicos, essas coisas, não me permitiram. no final eu fiquei com uns medos de saltar mesmo. É, eu comecei do nada, assim, a fazer um

saltos_ornamentais a um tempo, então do nada o meu psicológico ficou meio louco, eu acho, e não consegui fazer mais aqueles saltos_ornamentais, sei lá, eu tinha medo de começar o movimento, eu parei, justamente, foi uma junção de fatores, começou com o medo que eu estava e eu ia começar a fazer cursinho para entrar na faculdade, no segundo_ano_em. foram os dois, e eu não tava mais andando no esporte, por que a gente não tinha estrutura, meu técnico foi, Giovani, ele é velhinho? Ele já tinha 70_anos quando deu o treino pra mim, então assim, adoro o Giovani, mas ele tinha umas técnicas meio já ultrapassadas para dar o treino. A gente não tinha uma parte física, a gente só tinha a parte de piscina. O técnico dava escolinha, que era para os mais novos, de 14h as 16h e de 16h às 17h a gente ia pra piscina, tipo, 1h, era muito pouco tempo para gente treinar e melhorar. acabou que eu não avancei e acabei parando.É, na ginástica_olímpica comecei a competir, só que eu fui para um campeonato_brasileiro, eu acho que era o nível mais básico, fiquei tipo, em décimo_lugar, porque já tinha bastante gente competindo, foi uma derrota, vamos dizer assim. Mas eu era muito novinha também, tinha 8_anos, mas assim, a ginástica_olímpica aqui no Brasil já é muito mais, vamos dizer sério do que os saltos_ornamentais? Tem muita gente competindo e eu era boa na ginástica_olímpica para minha idade também, mas a competitividade era bem mais alta do que nos saltos_ornamentais. eu competi o campeonato_brasileiro na ginástica_olímpica, quando eu entrei nos saltos_ornamentais em 2008 eu já competi o campeonato_brasileiro, fiquei em quarto_lugar, tava em segundo_lugar até o penúltimo salto, eu errei e fui para quarto_lugar. E assim, isso que eu falo, a primeira_competição em 2008 tava no mesmo nível de todo mundo, 2009 também, 2010 todo mundo já do RJ que foi para competir pelo RJ, e assim melhorou muito porque eles tinham um técnico para parte física, eles tinham uma técnica para a parte da piscina, era um treinamento muito diferente. Meus pais, na época até pensaram em me mudar para o RJ para ficar treinando lá, só que, acabou que eu não fui. eu sempre ficava em quarto_lugar, era mais ou menos isso, terceiro_lugar as vezes, era basicamente isso, só cheguei a ficar em segundo_lugar também no sincronizado, e os resultados foram basicamente esses, no Brasiliense centro-oeste era sempre o primeiro_lugar, porque assim tinha eu e mais duas pessoas competindo. Pra mim era muito fácil, em Brasília, na minha categoria eu era a melhor entendeu!? Só que para o Brasil, já não era, ficava em terceiro_lugar, quarto_lugar. Cara, eu não sentia dificuldade, eu sempre fui uma boa aluna assim nunca fui de odiar estudar, claro que tinha matérias que eu não gostava mesmo, tipo, humanas, sou de exatas,, então, eu sempre não gostei de humanas, as exatas eu só não gostava quando eu não gostava do professor, eu era bem de professor, eu ia bem na matéria quando gostava do professor e ia mal quando eu não gostava, mas assim da primeira_série à quarta_série eu estudei em colégio_público, e eu estudei mais por opção dos meus pais a gente morava na asa_sul, era pertinho, era tranquilo, eles nunca tiveram preconceito com colégio_público, eles sempre acharam muito bom, da base, depois da quinta_série e sexta_série, fui para o colégio_particular, e na sétima_série, eu fui para o colégio_militar. também não senti dificuldade, sentia as vezes, em sair do treino e ir para o colégio, porque as vezes me atrasava 10_min, 15_min que eu me atrasava, porque eu morava no plano_piloto também, o meu problema com Colégio foi conciliar o horário de chegar e o de

deslocamento mesmo, entendeu?! Mas com o estudo sempre foi muito tranquilo nunca tive dificuldade não. Do sétimo ano até o terceiro ano no colégio militar, no segundo ano eu parei de saltar, no meio do segundo ano. Para mim eu fazia amizade, mas não era aquelas amizades, não mantive nenhuma amizade no meu ensino_fundamental e ensino_médio, só mantive três amigos do colégio_militar, mas nos anteriores não. Eu estudei em um colégio_particular que eu não suportei estudar lá, porque eu era do colégio_público e as pessoas não tinham muita frescurinha, já no colégio_particular era muita frescura, muita gente rica querendo se achar, e no colégio_público não tinha isso,, então eu sofri muito quando passei do colégio_público para o colégio_particular, não gostava daquele colégio, de jeito nenhum, não tive nenhuma amizade de lá. no colégio_militar foi bem tranquilo, assim, em questão de pessoas. Essa é mais difícil, assim, não odeio faculdade, mas o que eu sofro muito pelo menos aqui na UnB, é o horário, que é todo quebrado, desde que sai dos saltos_ornamentais não consegui fazer, manter um esporte por mais de 1_ano, eu fico meio chateada com isso, porque, poxa, eu fiz esporte a minha vida inteira, 11_anos da minha vida eu fiz esporte, tipo, 3h, 4h, agora, eu não consigo fazer nem 2_vezes_por_semana, 3_vezes_por_semana porque a UnB tem o horário todo quebrado, antigamente, teve um tempo atrás que eu não tinha carro eu também não consegui gostar dos esportes porque não conseguia me dedicar tão bem como me dediquei quando criança com os esportes, e o horário da UNB estragou, mas assim, eu gosto de pensar poxa, estou me graduando, vou conseguir trabalhar, talvez, na minha área, mas assim, as amizade também da UNB, eu acho essa difícil de responder. Meus pais falavam que achavam mais perigoso me pôr em colégio_público da quinta_série para cima, eles optaram, a gente se mudou também, saiu da asa_sul e foi morar na asa_norte, a gente optou, meu colégio_particular ficava embaixo do colégio_militar, minha mãe estudou em colégio_militar, era mais, perto da minha irmã, os saltos_ornamentais também era em cima do colégio_militar, então era tudo muito pertinho, foi mais por distância que meus pais escolheram, tinha o Sagrado_Coração_de_Maria e tinha o Marista, eu estudei no Sagrado, fiquei lá 1_ano, sempre reclamando para os meus pais, então a gente pensou em mudar para o Marista, viu que ia ser a mesma coisa e resolveu continuar no Sagrado. O colégio_militar foi porque o meu pai era militar e a gente conseguiu uma vaga lá, fui para o colégio_militar, porque por questão de vaga, assim, o ensino é bom, não tenho problema com disciplina, então para mim foi bem tranquilo. Não, nunca fiquei de recuperação. Na faculdade já tive um pouco mais de dificuldade, mas assim, eu acho que é o normal, pelo menos, porque na minha turma, o povo também nunca ficou de recuperação, talvez um ou outro tenha ficado, mas também reprovaram. Acho que é questão do curso mesmo, claro que teve gente que nunca reprovou, mas, são tipo, 3_pessoas, 4_pessoas. o resto reprovou um monte, eu já reprovei em 2_matérias na faculdade, não considero muito não. Eu acho que não vou formar no tempo certo, por questão de ter muito crédito e eu peguei poucos, sabe, mas eu estou no fluxo, assim, estou pegando todas as matérias do oitavo_semestre. Eu sempre sou bem neurótica, não sou o,de pessoa que estuda focada, mas eu não gosto de reprovar, até mesmo porque na minha primeira_reprovação, quase morri, e na segunda_reprovação já aceitei. Mas assim, até hoje eu sou super preocupada em reprovar nas matérias, eu sou bem neurótica com

estudos, sempre fui. Assim, eu pretendo terminar a graduação, só que a minha área é meio difícil pelo menos aqui em Brasília, eu não pretendo fazer mestrado não. Mas, eu não estou planejando, o que mais ou menos vai ser, não pensei o que eu vou fazer depois da faculdade, se é trabalho, mas vai ser isso, não pensei no que eu vou fazer depois da faculdade. Então a ideia é, ter um trabalho, mas não sei como vai ser isso, talvez se não estiver muito difícil, eu faço um mestrado, mas não é aquele meu plano. É mais terminar graduação, talvez fazer uma especialização, curso específico. É, eu comecei estágio esse semestre, em fevereiro. Estágio obrigatório como disciplina, porque na minha área mesmo lá na CAESB de Samambaia, então tipo, complicou um pouco a minha vida. Eu pude pegar menos créditos na UnB, porque o meu estágio é de segunda a sexta, de manhã. E ele é muito longe da UnB, então assim, agora eu tenho que ir para Samambaia, mas pelo menos eu estou almoçando em casa, isso que eu não fazia antes. Estou indo para samambaia, fico no estágio, e vou para casa e venho para a UnB, que minhas aulas são mais basicamente a tarde. Não, esse é o meu primeiro estágio. No esporte você é algo mais sério, do que assim, na escola as pessoas fazem muito por obrigação, no esporte você faz porque quer normalmente? E, eu acho que você aprende a ter respeito com uma pessoa que não é da sua família, um respeito diferente, que pelo menos comigo, com o meu técnico, eu tinha uma intimidade de fazer brincadeira, a gente viajava para competir, era uma relação, que eu vejo um pouco de chefe para trabalhador às vezes. E eu acho que eu aprendi a ter uma disciplina diferente, de fazer aquilo que eu gosto e de levar a sério, e a não fazer na brincadeira. Eu acho que eu funciono melhor quando eu tenho muita coisa para fazer. Tipo, na escola era, estudar de manhã e saltos ornamentais à tarde, eu levava melhor assim, que quando tinha tempo, tinha que estudar, não ficava, às vezes, mexendo muito no celular. Eu nem imagino como seria a minha vida se eu não tivesse feito um esporte, sabe, ocupando o meu tempo. Eu sinto que eu fico muito ansiosa, eu não consigo manejar, parar para mexer no celular, ou fico a tarde inteira ou não mexo, entendeu? Então eu acho que o esporte me fez, trabalhar assim, quando tinha meu horário livre, eu sou útil, não fico sem fazer nada. Eu acho que é mais ou menos isso. Atualmente em Brasília o povo tá sofrendo muito para formar porque não consegue estágio, assim, o meu estágio foi por indicação, como é na CAESB, só contrata por indicação. O estágio referente ao curso é difícil de conseguir. Eu até sofri um pouco, porque ficava, , eu não vou conseguir um estágio, não sei o que lá. Só que surgiu a oportunidade, e eu consegui uma indicação para a CAESB, que conta como estágio obrigatório. Só que assim, eu sou meio burra, tipo, tenho um pouco de problema de autoconfiança, em uma oportunidade, não oportunidade, mas tinha um processo seletivo para estágio na BRASAL, e lá, se você for um bom estagiário, eles te contratam normalmente no final da graduação. E eu falei assim, é, o estágio falava que precisava de um excelente desenvolvimento acadêmico que precisa, eu disse, eu não vou nem tentar, porque o meu rendimento não é ótimo. Então eu me considero burra, por não ter tentado, porque assim, o povo da minha turma tentou, e o nível da minha turma, pelo menos quem continua no fluxo, é praticamente igual, e uma menina conseguiu. Ela até reprovou em uma matéria que eu passei, semestre passado, sabe, tipo, não tem uma diferente, assim. eu me considero bem burra de não ter tentado. Minha expectativa mais para frente eu quero tentar esse

processo_seletivo, que eu acho que abre todo_ano ou todo_semestre, e mais pra frente tentar um trainer e tentar entrar numa empresa, mas eu não tenho nenhuma empresa em mente, não tenho, assim, a gente fazer, quer dizer, eu quero formar, mas eu não sei no que que eu quero formar porque eu não tenho nenhuma expectativa eu quero trabalhar para tal empresa, quero fazer isso ou aquilo. Então, para estágio tem a Caesb, só que é concurso, e não sai um a séculos. Aqui no Brasil não tem, tem a Brasal que é de refrigerante e tem umas no entorno, mas assim, o povo, tranca o semestre e vai fazer estágio no Goiás, onde tem a Ambev, tem uma menina em Formosa, mas também tem uma depois de Samambaia, onde é o outlet, perto de Alexânia, só que eu não sei o nome da cidade agora. o povo vai para o entorno, assim, a expectativa é bem triste porque o curso é muito novo, então, o curso está meio bagunçado ainda, meu TCC é em grupo, tem uns defeitos o meu curso. Ah, os saltos_ornamentais a gente pagava muito barato, porque era do DEFER, não sei se é bem esse o nome, mas é meio que do governo o espaço. Então, quando eu entrei era 50_reais, não é o que vale hoje na época, mas assim, para minha família nunca foi difícil pagar, porque minha família tem até uma condição financeira boa, depois passou para 80_reais, e assim era um gasto que eu comprava um maiô e ele durava por 1_ano, comprava,dois maiôs, normalmente e eram 100_reais cada. E eu considero gastos baixos nos saltos_ornamentais, assim, pra noção da época. eu tinha uma toalhinha pra me secar e transporte, mas que os meus pais sempre me levaram e buscavam. Então, os meus gastos não foram altos., no começo quando eu saltava, não tinha ajuda para viagens então, normalmente meus pais pagavam passagem e alimentação., mais para frente, acho que no meus 3_últimos_anos começou os Correios a pagar alguma coisa assim, patrocinavam, não sei se é patrocínio, a CBE pagava. dava pra gente competir, pagava o hotel, pagava a alimentação, pagava tudo, no começo eram mais esses casos, mas, pra gente nunca foi difícil, na ginástica_olímpica que eu acho que era mais caro pagar. É, meus pais buscavam todo dia. Não, não, assim, nosso esporte, na época, não tinha nenhum auxílio de fora. Eu fiz nutricionista, mas um pouco mais velha e foi mais para pessoal, e não para rendimento do esporte. Os saltos_ornamentais eram 3h de treino, de terça a sexta, era a tarde era de 14h às 17h e de manhã era de 8h as 11h. eu treinei em uma época de manhã e outra de tarde. Era uma hora, porque assim, nunca teve cobrança de horário nos saltos_ornamentais. Eu sempre fui meio rigorosa com horário, não gostava muito de me atrasar. Mas assim, como era os meus pais que me levavam, acaba atrasando uns 15min. A gente chegava e a gente mesmo se treinava, tipo, fazia uns abdominais, umas corridinhas. Mas assim quando a gente era mais novo, as crianças ficavam pulando na cama_elástica, porque tinha cama_elástica lá, normalmente otécnico descia pra dar a cama_elástica pra gente fazer o treino na cama elástica. Então ele dava treino na cama_elástica, a gente terminava o nosso treino e subia pra piscina, e ficava era 1h cada, mais ou menos, 1h na cama_elástica, só que não era 1h exclusivamente para você. Era 1h para 10_pessoas, a gente ficava, E depois a gente entrava na piscina e treinava mais 1h também. O nosso treino na piscina, precisava fazer a repetição de 3_vezes nos exercícios, tipo, um salto, repetir 3_vezes. Teve uma época que a gente teve um treinador que ele era cubano, da parte_física, que a gente ia melhorar bastante, só que não sei o que aconteceu com ele, porque ele saiu, não sabia se ele estava regularizado no Brasil também. É, no começo

meus pais que pagavam tudo, depois eu comecei a receber a bolsa_atleta, só que os meus pais nunca disseram, vou usar esse dinheiro para pagar o seu esporte, então ficava pra mim, pra minha conta mesmo. Acho que era bolsa_atleta_nacional, mas não lembro direito não, porque assim, eu recebi dois tipos diferentes. Recebi a bolsa_atleta mais básica, no começo, e depois fiquei tipo, 1_ano com a melhorzinha, mas, não me lembro da diferença. Eu conheci o bolsa_atleta pelos saltos_ornamentais mesmo, técnico acho que tinha um limite de 4_atletas, 2_mulheres e 2_homens para receber. As bolsas eram tipo, vagas, teve uma época que eu recebi porque uma pessoa saiu dos saltos_ornamentais e liberou uma vaga e era de acordo com a sua classificação no campeonato_brasileiro, então eu tive o direito de receber. Eu recebia, mas assim, nunca fiz uso do dinheiro, não, não para uso do esporte. É, ficava pra uso pessoal, só que eu acabei que até hoje, deixei na poupança e ficou lá. Eu não sei mais quais eram as categorias do bolsa_atleta. Eu lembro mais ou menos dos valores, que eram uns 200_reais e pouco, 250_reais mais ou menos. O 250_reais é o estudantil, acho que foi de 2011 a 2013, provavelmente, no meio de 2013 para 2014 eu recebi, talvez, a bolsa_atleta_nacional, que é um pouquinho mais, só que é muito pouco, acho que uns 100_reais de diferença. Mas eu também não sei muito bem não. Não, porque o DEFER era público, então o auxílio que eles davam era não ter piscina às vezes. Porque a piscina viva estragada e isso também era um problema. Eu comecei quando fui para o colégio militar, eu estudava a tarde no começo, de 12h15 às 18h, depois eu ia para os saltos_ornamentais de manhã, acordava, tomava o café e ia para os saltos_ornamentais, eu tomava até banho lá e já saía e ia em casa, almoçava e meus pais me levavam para o colégio. eu ficava no colégio até as 18h e meus pais me buscavam, e eu ficava em casa, assim, eu tinha a obrigação de descer com os cachorros. E fazia assim, os deveres de casa, trabalho, mas assim, nunca foi algo que eu precisei virar a noite, foi algo bem tranquilo pra mim. Era 12h15, e depois quando fui para ensino_médio, eu entrava 6h50 e saía 12h15, eu acho. Eu chegava em casa 18h30, 19h no máximo. É, de descer com os cachorros, e fazer os exercícios. Mas assim, eu sempre achei o colégio muito fácil, então era assim, fazer um dever de casa e pronto. Eu fazia também inglês, na época, acabei de me lembrar. Fazia inglês em um cursinho. No ensino_médio, eu fazia à noite, que era de 19h30 às 20h30, eu não sei, não lembro o horário. Mas era a noite, e quando eu era do ensino_fundamental eu até faltava o treino, que eu fazia na segunda e quarta. eu faltava o treino de quarta pra fazer inglês. Mas foi tranquilo também o inglês. Inglês fiz desde a 7_série até o 3_ano_EM. Isso foi tipo, 1_ano ou 2_anos. Ah, meu técnico era bem tranquilo, toda vez que a gente faltava ele ligava, porque não eram muitos atletas. Então ele tinha um controle muito bom dos atletas. Toda vez que eu faltava sempre avisava quando ia faltar, normalmente, mas quando faltava e não ligava, ele ligava pra minha mãe. Ele tinha mais contato com a minha mãe, por causa dos treinos. ele ligava pra minha mãe, perguntava por que eu faltei. E minha mãe conversou com ele quando eu comecei a fazer o inglês, ele nunca reclamou só que ele também era mais rígido nos outros dias, devia pensar, você já falta quarta, não falta outro dia. Ele era muito tranquilo com os estudos, ele nunca encheu o saco não. Ah, meus amigos sempre souberam que eu fazia saltos_ornamentais, e eles eram muito tranquilos. Tipo, meus amigos sempre ficavam a tarde inteira em casa e eu achava muito estranho, tipo, uma

tarde toda livre, e eles, assim, senti um pouco no ensino_médio, porque eu tinha uns amigos que, toda sexta saíam. Porque meus amigos, normalmente, não podiam brincar juntos, sair para fazer algo durante a semana, era a partir de sexta. E eu lembro que na sexta eles sempre saíam, iam andar em Brasília, fazer alguma coisa, e eu sempre tinha treino, eu ficava com um pouquinho de inveja, eles se divertiram pra caramba. Mas assim, foi o que um dia eles foram até me assistir treinando, eles sempre me apoiaram, achava legal, porque era diferente, então todo mundo achava, , fazer saltos_ornamentais! E o colégio, assim, foi bem indiferente, sabe, tipo, quando viajava para competir, eu acho que raramente eu perdia prova. Mas quando eu tinha prova eles sempre aceitavam tranquilo, tipo. Também, quando saía no Jornal por competição, minha mãe sempre levava o jornalzinho lá, pra mostrar. E, foi isso só. Normalmente as competições eram de quarta a domingo. Porque as competições sempre são sexta, sábado e domingo. Ah, eu perdia matéria, mas depois eu recuperava com os cadernos dos meus colegas. Não, nunca perdi aula pra treinar, mas também, os meus pais nunca me deixavam faltar, por isso nunca tive problema de falta no colégio. Ah, como eu nunca dei trabalho com estudo, meus pais sempre levaram tranquilo, os dois caminham juntos, sabe. Eles levavam muito a sério meus treinos, eles nunca falaram, assim, vamos ao cinema, eles, tá ela tá no treino de 14h às 17h ela vai ficar lá, não vai sair dali, e a gente não vai marcar alguma coisa, o máximo era médico, quando não tinha outra opção_de_horário, mas ele sempre estiveram disponíveis para me levar e me buscar nos horários e quando tivesse um médico, faltar e eles me levassem no médico, mas eles sempre foram muito sérios com relação a essas coisas. no 2_ano_em, 3_ano_em que comecei a ter mais medo do saltos_ornamentais, e quando estava no 1_ano_em, tava todo mundo fazendo cursinho pra entrar na faculdade e eu nem sabia que existia cursinho, meus pais nunca fizeram questão de eu estudar em faculdade_pública, então faculdade_particular não tem concorrente, então não precisava fazer muito cursinho. no 1_ano_em todo mundo fazendo cursinho a tarde, e eu gente, por que vocês estão fazendo isso? Porque eu tipo, não imaginava o futuro, de fazer vestibular. no 2_ano_em resolvi parar eu tava querendo fazer engenharia já, e os meus pais sempre falavam do ITA, do IME, melhor Escola de Engenharia. eu ficava pensando, não sei se eu quero isso, acho que eu quero engenharia, mas não sei, no 2_ano_em fui fazer um cursinho para o PAS, foi quando eu parei os saltos_ornamentais e comecei o cursinho, depois eu não voltei mais. Talvez eu tenha até competido, no meio do ano de 2015, mas eu acho que não., parei com os saltos_ornamentais e comecei a vida só acadêmica, praticamente. Meus pais até falaram, faz um esporte, pra manter a saúde mesmo. Eu acho que eu sempre tive uma aversão a leitura, eu tinha uma ideia muito errada de que engenharia não precisa ler é só fazer conta, iludida. Fiquei com essa ideia na minha cabeça, e no ensino_médio eu gostava muito de química, hoje eu odeio química. E eu tinha um primo, que fazia engenharia_química, só que ele saiu, voltou, saiu milhares_de_vezes do curso. eu falei, vai ser isso, fiz o particular para engenharia química no meio do 3_ano_em, porque o colégio_militar tinha o avanço, você podia sair antes de formar. Então eu fiz e não tinha passado eu ia fazer direito, porque meu pai falou, faz direito, é bom pra concurso, segurança, eu ia fazer direito no CEUB, só que eu passei em segunda_chamada na UnB, e foi uma confusão porque eu tava viajando, e eu precisava

fazer matrícula, porque a segunda_chamada é um dia de matricula e pronto. foi uma loucura, meu pai não queria muito que eu estudasse aqui, porque tinha medo de violência, morava já em Águas Claras, então, a distância também, que o CEUB eu ia fazer lá em Taguatinga, ia ser do lado. eu escolhi o curso, entrei, sofri e estou aqui até hoje. O curso aqui, dura 5_anos, 10_semestres. É, meu pai disse que eu deveria ter feito Educação_Física. Não, porque os meus primos são de Salvador, então eu via eles uma_vez_por_ano. Mas assim, eu acho que foi mais porque eu gostava de química, gostava de exatas. Eu namorei uma vez, mas eu tava quase saindo dos saltos_ornamentais, e tava entrando no ensino_médio, mas assim a mãe dele era um saco, ela não deixava ele sair nunca, isso não influenciava nenhum pouco nos meus treinos. Ele não tava nem pros saltos_ornamentais, sabe? Eu achava muito legal, querendo mostrar, olha que legal o que eu fiz hoje, e ele tava bem desinteressado, sabe. E como os treinos raramente eram aos sábados de manhã, não influenciava nas nossas saídas e a mãe dele nunca deixava ele sair, então. Eu nunca sofri não, eu achei que foi bem tranquilo, gostava do que fazia dos saltos_ornamentais, também gostava de estudar na escola, não tinha nada contra. Então, foi assim, eu tenho que fazer isso, mas não foi uma obrigação, mas estou aqui, vamos fazer. E foi assim, indo. Eu acho que foi quando eu comecei a sentir muito medo, quando eu via que as pessoas dos outros clubes estavam rendendo muito mais que eu, eu ficava meio triste, eu entrei junto com essas pessoas, e elas melhoraram muito mais do que eu, não conseguia entender o porquê. Eu não evoluía porque a gente não tinha estrutura para fazer um treino melhor, pra gente evoluir. Eu vi que não estava rendendo, vi que não ia dar para andar muito mais, e começou a chegar a época de vestibular, porque meus colegas já estavam se preocupando na escola e eu não tava nem, então eu comecei a me preocupar mais com a vida acadêmica,, depois dos saltos_ornamentais. E foi quando eu resolvi parar com a junção do medo também, que eu tava tendo. Não sei, sempre tive o medo, normal, mas assim é um esporte que você olha e fala, isso é perigoso sabe, eu já vi gente abrindo a cabeça, assim, exatamente ele levou 10_pontos na cabeça, é um esporte que você se machuca, você erra o saltos_ornamentais, você fica roxo uma semana. Acontecia comigo, acontecia com todo mundo, já vi gente batendo a mão no trampolim, eu cheguei a bater o pé em uma competição mas foi bater o pé, uma passagem que você tem que fazer, todo mundo faz isso na vida, o meu pai sempre falou que é um esporte perigoso. Meu pai sempre brincava, Natália para com isso, tá muito perigoso, mas nunca deixou de apoiar. Só que, hoje em dia eu faço pole dance, que meu pai falava isso é muito alto, você vai cair daí, você vai morrer, não sei o que lá. Meu pai é todo preocupado, mas eu fiquei com esse medo porque eu fui perdendo o interesse nos saltos_ornamentais, mas eunda gosto, eu gostaria de saltarnda. Eu não sei o que causou mesmo, mas acho que foi psicológico, eu não tive nenhum acidente nos saltos_ornamentais de me machucar feio. Psicólogo nunca fiz na época dos saltos_ornamentais, mas ele sabia que eu sentia medo. Tinha uns saltos_ornamentais que a gente fazia de plataforma, que eu ficava a manhã_inteira, de verdade, pra fazer o saltos_ornamentais e eu não conseguia, minha perna não mexia, era um negócio assim, você pegava na minha perna e ela não dobrava, era muito tenso. Era psicológico mesmo, quanto mais tempo você ficava lá em cima pior, você não sai mesmo, sua

cabeça fica, nossa, você vai se machucar, isso daqui não vai dar certo. E era algo que, eu acho que fui alimentando isso na minha cabeça porque um salto, velho, muito besta, eu faço isso, só que, quando eu vou para lá não consigo, entendeu? Eu acho que foi muito psicológico mesmo. Meu técnico ficou triste, porque perdeu uma atleta e na época muita gente saiu também junto comigo, acho que chega nessa idade diminui muito a quantidade de gente que continua atleta. De 16_anos, 17_anos, que era ensino_médio já. Tinha muita gente saindo dos saltos_ornamentais, meu técnico disse, poxa continua. Meus pais falaram, você tá saindo para você fazer um cursinho para você pensar, a gente sabe que aqui no Brasil é muito difícil você ter uma vida estável, boa, sendo atleta, sabe,nda mais de saltos_ornamentais. Uma coisa é ser atleta de futebol, agora, de saltos_ornamentais você não tem oportunidade de crescer, você não faz propaganda, você basicamente vive da bolsa_atleta e é muito difícil conciliar a faculdade com um esporte desse de rendimento. Tipo, tinha um cara que competiu nas olimpíadas comigo, ele treinava de manhã e a tarde, e cara é cansativo você treinar de manhã, à tarde e fazer faculdade à noite, sabe. Eles viram que como sendo algo que uma hora ou outra iria acontecer, uma hora iria ter que sair e me dedicar aos estudos. Meu namorado acho que cagou e os meus amigos também. Eu nem lembro, pra falar a verdade. Eu acho que pra ele ficou tanto faz, inclusive eu fazia cursinho aonde ele estudava, então pra ele era até bom, agora a gente vai poder se ver, acho que pra ele foi até bom. Eu nunca tive, tem umas pessoas que depois que eu saí do saltos_ornamentais, que treinavam comigo e tem uma pessoa que eu encontro de conversar e ela diz, saudade de saltar, mas o resto nem mantive contato, é mais assim no Facebook, tinha uma amiga que era muito próxima nos saltos_ornamentais, mas depois que ela saiu e que eu sai a gente nunca mais se viu, ela até me chamou pra gente ir assistir a competição, ir saltar junto, mas não fiquei muito ligada ao povo do esporte. O meu técnico, faz bastante tempo que eu não vejo ele, que eu costumava assim, aparecer às vezes pra saltar, pra falar com o técnico, mas faz tempo que não faço isso. A UNB me consumiu. Assim, o estudo acaba que tinha que me dedicar, porque tinha que fazer dever, essas coisas, trabalho, então acabou que eu me dedicava acho que mais pra escola. Mas quando estava nos saltos_ornamentais me dedicava para os saltos_ornamentais, então com relação ao tempo, era um pouco mais pra escola, mas o psicológico assim era voltado para os dois, nunca foi mal conciliado assim. Acho interessante, talvez, que se a pessoa continuou fazendo algum esporte depois, se ela levou o esporte como algo não cético, levar o esporte, quer dizer fazer 2_vezes_por_semana, não sofro muito, mas estou morrendo, mas que eu acho que fico triste, porque poxa, não consigo mais focar em um esporte. Não sei se é questão da UNB, se eu não me interesse tanto por algo. Mas eu acho que é interessante saber se a pessoa conseguiu manter a forma, por que falam que muito atleta engorda? Depois de parar o esporte. E assim, dos saltos_ornamentais, teve um amigo que ele realmente engordou muito. Eu acho que é isso, também, ver como a pessoa ficou depois do esporte. Eu sinto, um pouco. Eu acho que é algo que eu gostava, que aliviava a cabeça. E agora eu não consigo fazer nada por mais de 1_ano, não sei se é o meu interesse, se eu uso como desculpa. Eu fazia natação, depois não fiz mais porque falo que é por culpa de horário, mas assim, quanto é por culpa de horário ou porque eu deixei de me interessar, em resolver mudar? Já é a terceira_vez que tento fazer pole_dance, eu sempre paro,

porque paro de gostar, a primeira vez que parei foi porque entrei na UNB, depois eu falei que era porque as barras estavam curtas, agora estou no terceiro_lugar eu não sei o que vou inventar da próxima vez.

Ex-atleta 10 - Taekwondo

Exercício, competição. Sempre pensei assim sobre o esporte. Desde sempre, desde 3_anos já, a gente sempre fez exercício. Aqui mesmo na escola, a gente fazia. Na escolinha da minha mãe eu comecei a fazer, estudava aqui e fazia junto com os outros alunos também. A gente tinha aula de esporte, tinha Taekwondo, a gente começou a fazer. Minha mãe contratou um professor e a gente começou a ter aula de Taekwondo, bem nova mesmo. Cheguei a fazer outro esporte, eu fiz natação. Os outros era só brincar, mesmo. Achou que eu entrei na federação, se eu não me engano, com 13_anos ou 14_anos, foi por essa média. Quando eu comecei a competir, que eu acho que foi pelos 14_anos também, foi tudo na mesma época, quando eu me federei, eu comecei a ser federada eu comecei a competir e a sair de Brasília para competir. eu comecei a realmente treinar para ser atleta_de_taekwondo. Além da minha mãe teve muita influência também do meu irmão. Meu irmão também fazia antes de mim, porque teve aqui primeiro, mas só que ele fazia já em outro lugar, porque eu não lembro onde que era, mas que ele já fazia. Então, minha mãe achou interessante e quis colocar aqui também pra gente como esporte, E ele fazia e a gente sempre viu, assim, eu era muito pequenininha, mas eu me lembro mais ou menos. Então, por isso eu comecei, foi algo mais de criança mesmo, começar a fazer assim, não tinha muito interesse, só fazia porque achava divertido, era diferente. Depois, com tempo fui me interessando por ser atleta mesmo, de Taekwondo. Foi muito rápido, foi com 13_anos, 14_anos que eu comecei a realmente competir, de sair de casa para poder ir em outros estados para competir. Era muito diferente, que como eu não tinha feito nenhum outro esporte, só tinha aquela experiência e eu nunca tinha feito isso antes, então foi bem diferente, mas ao mesmo tempo foi muito empolgante. Porque eu gostava mesmo de fazer, então eu saí, eu ia viajar e tinha a questão de ir ao campeonato, e ir com os colegas e, enfim, se divertir. Então, gostava bastante me motivava. Foi, assim para mim, foi algo que me motivava, mas como o tempo foi passando essa motivação que eu tinha por várias coisas, e eu acabei desistindo de fazer. Mas eu sempre gostei, sempre foi algo que me motivava, sair, competir, sentir que eu fazia algo diferente, isso sempre foi algo que motivou a fazer o esporte. Tem no meu currículo, mas eu não me lembro, porque é muita coisa, mas eu posso até chegar a olhar pra você depois. Mas eu acho que eu devo ter feito outras competições, mas era um que a gente chama de abertos, que não vale pontuação dentro da Federação, não vale pontuação no ranking. Era só competição que assim, eu era criança, então você vai competir para ver se você gosta. Então foi bem novinha, que a gente conseguiu, minha mãe viu e falou, olha tem um campeonato, vamos colocar você pra gente ver. Acho que deve ter sido nessa faixa de 10_anos, 11_anos, que a gente já lutava. Isso, a partir dos 13_anos eu já comecei a pontuar para o ranking, foi cada vez mais, os próximos anos ficava mais competitivo, tinha a questão da faixa,, que é uma das coisas da arte_marcial que tem, que já muda como forma da

modalidade individual da luta, como a luta é diferente,. Então eu fui cada vez competindo mais, eu viajava umas, acho que assim, nos últimos_anos, quando eu comecei a viajar mais, eu viajava umas 4_vezes_por_ano, pra ter competições. Desde o início do ano até o final do ano, era bastante corrido, mas eu gostava, me sentia empolgada, quase sempre. Ah, teve o meu primeiro_brasileiro, assim, teve o início de quando eu fui e ganhei, a primeira vez que eu competi, que eu não lutei, que eu tinha uns 13_anos, mas só que quando eu comecei a realmente treinar e lutar, e eu ganhei lá fora., quando eu sai daqui de Brasília, eu não lembro se foi Vitória, Rio_de_Janeiro, algo assim, assim, que, eu competi lá e foi a primeira competição que eu tive ideia que tinha ganhado o campeonato. Porque eu tinha treinado para estar lá. Porque no campeonato tem as categorias, de peso, e algumas vezes tem pessoas que ficam sem ninguém na categoria. Por exemplo, você vai para o campeonato, você vai lutar, você fica pronta pra lutar, só que não tem ninguém que tenha o seu peso, normalmente acontece isso, algumas vezes. Quando eu fui lutar a primeira vez, eu era muito novinha, e não tinha uma pessoa para o meu peso, e então, a gente chama de WO, você ganha por você ter ido, mas você não luta pra poder ganhar a medalha. Então isso aconteceu no início e depois começou a ficar realmente competitivo, de eu começar a lutar mesmo, pra poder ganhar as medalhas. É, campeonato_nacional, campeonato_regional, tinha os internos que eram daqui de Brasília mesmo, todos os campeonatos, a gente sempre, quando eu realmente comecei a lutar para contar para o ranking, tinha os campeonatos_internos, os campeonatos_abertos, e campeonatos_estaduais. Até o campeonato_brasileiro, copa_do_Brasil, todos. Não, internacional eu só, eu fui classificada., eu fui para a seleção_brasileira, eu ia lutar, já tinha meu nome lá, tudo certo, eu só não viajei pra lutar, mas eu já tava, lá na hora quando aconteceu a competição, chamaram o meu nome, tava lá, mas eu não fui para o lugar, que eu acho que era Azerbaijão, se eu não me engano, mas eu não fui viajar. Foi no meu penúltimo ano, teve um problema lá, que deu de sair a passagem, teve um problema lá com o governo, não quiseram liberar, não liberaram, porque eu era menor_de_idade. Eu tinha 15_anos, e eu ia para um país que eu não me lembro onde ele fica, se era no Oriente Médio. Enfim, não lembro qual era o país, tem toda uma coisa, tem que ter um cuidado, porque eu era muito jovem, eu era criança, eu não podia ir sozinha. Parece que meu treinador não ia ter como ir, eles disseram que não ia ter como dar 2_passagens, e não tinha como a gente ir correr atrás da passagem, porque já estava muito perto. isso foi uma confusão, eu acabei não indo. É, eu acho que era, se eu não me engano, era a Federação ou esqueci agora o nome, mas eu acho que é a Federação mesmo, que a gente ia, se inscrevia para ter a nossa passagem, só que deu um problema e depois ficou só uma_passagem, e não tinha como ir só eu, sozinha, por isso foi que eu não viajei. Eu já venci tudo, campeonato_brasileiro, Copa_do_Brasil, campeonato_interclubes, o Campeonato_Brasiliense, campeonato_aberto, só não campeonato_internacional, até a seletiva para seleção, também, já ganhei, todas essas, menos competir assim, internacional. Na minha época de escola quando eu treinava? A primeira palavra que vem a cabeça quando lembro de escola é estudo, estudar matéria. Eu também comecei a estudar aqui na escola da minha mãe, eu me formei, assim, eu me alfabetizei aqui na escola da minha mãe, depois eu fui para outros colégios, até ficar em um colégio que é

aqui perto, eu fiquei durante 7_anos, que eu terminei meu ensino_fundamental e meu ensino_médio nesse mesmo colégio. Foi tranquilo, eu comecei desde novinha mesmo, acho que, com uns 3_anos já comecei a alfabetização. Não, só teve 1_ano que eu estudei em colégio_público, foi em 2009. Foi, foi antes. Foi em 2009 que eu fiquei nesse colégio, e depois dele eu já fiquei 7_anos no colégio_particular até terminar. Primeiro porque sempre foi perto da minha casa, o meu irmão também estudava lá, então para o meu pai era muito mais em conta, perto do trabalho dele e perto da nossa casa, o ensino era muito bom, eu gostava do colégio, meu irmão gostava, então pra mim nunca foi um problema. Nossa, eu gostava muito, de obviamente, educação_física, também gostava de estudar, estar com meus colegas, do espaço_do_colégio, sempre gostei. Me sentia muito confortável, eu amava estudar, então sempre foi muito bom para mim, assim. Falo até que assim, passou rápido. É, estudar, de frequentar a escola, sempre gostei. Não gostava na escola? Quando começava a ficar chato, no final_do_ano, normalmente é bem cansativo. Então, no final_do_ano já fica aquele desgaste que você já quer terminar a escola, você já quer ter férias, tudo mais. Então, era só nesse momento que sentia, mas o resto não me atrapalha não, eu gostava. Cansada de estudar. Não, era muito tranquilo, a gente sempre foi bastante assim, na nossa família a gente sempre se dedicou bastante, sempre colocou o estudo na frente do esporte, sempre estudar, depois se divertir, primeiro estudar. Então, assim, e involuntariamente a gente já sentia responsável por tirar notas boas, e eu gostava de estudar, eu sempre quis tirar notas boas, eu gostava. Então nunca foi um empecilho, nem para fazer esporte, nem pra nada, sempre me dediquei no colégio. Nunca reprovei, nem fiquei de recuperação. Agora eu estou fazendo faculdade, não sei, é muito incertonda para mim assim, eu não tenho nada certo na minha cabeça, assim do que eu quero, estou vendo se eu gosto desse curso que eu estou fazendo, mas eu não sei se eu ficaria mais tempo assim,, em questão_acadêmica. Eu não tenho certeza se eu faria isso, ou se eu já iria para o mercado_de_trabalho. Hoje eu faço o curso de Design_de_interiores. Como eu sempre gostei de estudar e sempre gostei de rotina. Quando eu terminei o meu terceiro_ano_em com 16_anos, eu terminei nova, então foi meio difícil pra mim parar de estudar, porque já estava tão acostumada, a todo dia, janeiro começar a estudar e parar em novembro, já tava muito acostumada. E eu sou muito apegada a rotina, gosto muito de rotina. Então quando eu mudei, foi horrível para mim, ter que ficar estudando para ENEM, vestibular, pra poder passar na faculdade, me estressava. Era algo muito ruim, agora já melhorou bastante, já tá quase no meio_do_ano, então já estou me interessando um pouco mais, mas não é a mesma coisa, completamente diferente do colégio. Eu me sentia muito mais confortável no colégio, por já conhecer o espaço, por eu já saber lidar com as coisas, porque, por mais que passassem os anos, de certa forma a gente sabe como funciona, e na faculdade é completamente diferente. Então, por essa segurança, assim, por ser uma pessoa muito metódica, eu acho que eu me sentia mais confortável na época_do_colégio. Sim, estou no primeiro_semestre. Então eu acho que é por isso, primeiro, porque tem muitas idades, faixas_etárias diferentes, então é meio diferente para mim que sempre estudei com as pessoas, que eu sempre fui a mais nova da minha sala, porque como eu pulei uma série, então, sempre fui a mais novinha. Mas, mesmo assim, eram idades muito próximas da minha. Era 1_ano, 2_anos, no máximo, mais nova. E, quando você entra na

faculdade, nesse ambiente_universitário é completamente diferente, são pessoas diferentes, parece que você tem uma responsabilidade maior, do que que eu vou fazer depois da faculdade, se eu vou estudar, vou trabalhar. É muito diferente de quando você tá no colégio, porque você está lá só pra tirar nota boa, estudar e se divertir. Era assim que eu pensava quando estava no colégio. Minha faculdade é particular, é diurno, de manhã. Não, nunca cheguei a trabalhar nem estagiar, eu só fiquei estudando pra tentar passar. É, eu acho que, como o meu curso é um curso que a gente normalmente trabalha autônomo, então normalmente, eu busco por trabalho. Então, eu vou procurar, fazer outros cursos para poder aprimorar o meu curso. Porque, como o meu curso é técnico, então eu acredito que eu vou ter que fazer outros cursos para poder aprimorar meu curso. É, estágio eu também acho que vai ter estágio_obrigatório, algumas matérias diferentes, tentar pegar outras coisas diferentes, para poder, sei lá. Assim, num futuro assim mais longo, ainda não pensei algo concreto, ainda estou tentando viver mais agora, sabe? Tentar entender mais o curso, se é realmente o que eu quero, porque eu sempre fui muito de pensar em tudo, eu sempre pensava muito nas coisas que aconteciam até o final, e algumas vezes não dava muito certo, então agora estou tentando entender mais, tentar fazer o agora da melhor forma, para poder entender o que eu quero lá para frente, para poder ter mais certeza, porque ainda é muito incerto. Estou tentando para ver se é o que eu gosto. É porque o meu curso ele existe na graduação de 4_anos que é Bacharel, e Curso_Técnico, de 2_anos, é um curso novo, então eles ainda estão ajustando nessa questão da Universidade e colocar qual de graduação ele seria. Então esse que eu estou fazendo é o curso de graduação de 2_anos, ele é um curso que é metade do curso de Bacharel, que é 4_anos, eu estou fazendo 2_anos só, ele é um curso_técnico. Por eu estar muito inserida nessa questão do esporte, a gente sempre gostou muito de ver sobre todos os tipos de esporte, futebol, basquete, vôlei, tudo, então é algo que sempre estava dentro da gente, mas como entretenimento, a gente nunca viu como algo que eu trabalharia, eu nunca vi dessa forma, sempre foi algo que, a questão da disciplina, sempre influenciou bastante, questão de movimentar, querer algo dinâmico. Acredito que, isso tem influenciado, assim, nas coisas que eu gosto de fazer, eu acredito que isso tem muito a ver com o esporte, porque o esporte é muito dinâmico, sempre tá acontecendo alguma coisa, tem a questão de energia, tem a questão de competição, sei lá. Sempre tem essas coisas no esporte que é muito legal, que algumas vezes na vida real nem sempre tem, principalmente na parte trabalho, normalmente você tem uma rotina de trabalho, mas não existe essa competição, não em todos os trabalhos. Então, eu acho que, essa dinâmica, esse movimento, de fazer algo diferente que eu acho que sempre tem um acontecimento, é sempre um acontecimento que você se prepara para uma competição, se prepara para algo que vai acontecer, então acho que é isso, a ideia das coisas serem assim, buscar a dinâmica, é sempre algo que eu acho que eu levei do esporte e levo para minha vida também. Os gastos que eu tinha para eu conseguir treinar era só questão de passagem porque eu treinava na Samambaia, e eu moro aqui em Taguatinga. Então, eu tinha que me deslocar para lá quando eu ia treinar, quando eu já era alto_rendimento, eu ia pra lá sempre pro instituto pra treinar. É, a questão de equipamento, porque quanto mais você vai avançando, quanto mais passava os anos, mais vai sendo específico, então a gente tinha todos os protetores. Então, eu tinha que

comprar esses protetores, tinha que ser os protetores de acordo com as regras da Federação, da WTF. Então, sempre tinha essa questão desses gastos, normalmente eram esses gastos que a gente tinha. E, quando tinha viagens, tinha uns gatos que o bolsa_atleta ajudava, nas passagens, alimentação, e as outras coisas que não era, que o bolsa_atleta não dava pra cobrir tudo, a minha mãe e meu pai ajudava com essa parte, no que a gente precisasse quando a gente estava viajando. As inscrições cada vez mais aumentavam, cada ano aumenta, porque antigamente quando eram as nossas primeiras_competições era um bastante, era muito barato. Tanto é que eu, minha irmã e meu irmão, nós três se inscrevia. Com o tempo, só ficou eu e meu irmão, mas depois não dava mais para ficar nós três. Nós três, na verdade até a minha mãe lutava. Não, o meu pai já era mais, assim, não gostava muito não. Sim, ela até, tem duas categorias, categoria de luta e categoria de ponsae. a minha mãe fez a categoria de ponsae, ela fez foi uma ou duas competições, mãe? que a senhora fez. Foi, duas competições de ponsae que é uma categoria que tem. É, é uma presencial, é como uma luta virtual, você não luta com ninguém, é só você fazendo a apresentação. E ela fez essa, a gente sempre fez Taekwondo, porque aqui também é intrínseco na nossa família. Olha, o último que eu lembro chegou a ser uns 120_reais. As últimas, 120_reais, 150_reais, os últimos anos, e começou, era bem mais barato antigamente, não era, mais o campeonato geral, foi aumentando com o tempo. Os mesmos campeonatos foram aumentando. Aumentava uns 30_reais. É, que eram os abertos, que era daqui de dentro, o Campeonato_Brasiliense é seletiva aqui dentro, mas lá fora normalmente era mais caro, era 190_reais, facada. Como eu já tava na Federação, a gente ficou sabendo do bolsa_atleta. Quando eu entrei na seleção_DF, na primeira vez, a própria Federação me indicou para o bolsa_atleta. Foi feito todo um colegiado, pela Federação que escolhe os atletas que vão ser indicados, não é se você é o primeiro colocado não, é o colegiado da Federação que escolhe os atletas indicados para o bolsa_atleta. Mas assim, certo, certo saber a gente não sabe, a gente sabe que, compete e depois aparecem os nomes dos indicados, mas todos os critérios a gente não sabe, por que isso é com a Federação, então quando você preenche toda a papelada, você tem que apresentar além de fotos, se você recebeu alguma medalha, publicação, é tudo, você tem que apresentar aquilo que está no seu currículo, você tem que apresentar o seu currículo, com todas as competições do ano e, as anteriores. Eu era bolsa_atleta_nacional, acho que eu só tinha essa bolsa, eu renovava essa bolsa pra continuar competindo, mas eu não tive bolsa_internacional não. Eu acho que foi 2013, a última foi 2015, quando começou a valer como seleção_DF, meu primeiro quando eu competi em Uberlândia, eu tinha 10_anos, mas não valei como pontuação, porque era de menor, então eles não contavam, só a partir dos 12_anos que começava a valer, que tinha validade para a Federação. Tanto que em 2013 quando começaram as seletivas para o mundial, o primeiro mundial, no começo de 2014 eu não pude ir. Olha, no início assim, antes de eu começar, porque foi 2014, 2015 que eu comecei a ter essa ideia de ir pra seletiva_da_seleção_brasileira e realmente ir pra campeonatos_nacionais e campeonato_brasileiro, que eu comecei ir bastante para os campeonatos. Mas eu não tinha dia assim, normalmente eu ia na segunda, quarta, sexta, ou se não, eu ia terça e quinta, não tinha dias exatos, só quando eu me preparei para o campeonato_mundial,

que eu tinha os dias certinho que eu treinava. Mas eu não tinha os dias certo, eu ia segunda, quarta ia terça, quinta, não tinha dias assim, vou segunda, quarta e sexta. Todas as vezes que eu queria ir treinar. Acho que umas 2h_por_dia, se for tirar assim do treino_geral, desde que eu chegava até terminar o treino, era umas 2h, que a gente alongava, fazia movimentação, tinha luta, tinha várias coisas, dava umas 2h de treino. É, tinha vezes que eu ia segunda, quarta e sexta, outras vezes eu ia segunda e quarta eu enrolava e não ia. Não consigo me lembrar de eu indo assim segunda, quarta e sexta certinho. Mas normalmente, era segunda e quarta, se eu não me engano, porque o professor que era o meu técnico também, ele dava aula para as crianças daqui, da escola. Então, ele dava aula para as crianças e eu ia com ele pro Instituto, ter aula, com os outros de altor_endimento. Então, normalmente era quando ele vinha dar aula, então segunda e quarta., só de vez em quando, quando ele não vinha, que eu tinha que ir para lá que era terça e quinta. À tarde, porque eu estudava de manhã, sempre estudei de manhã. 7h30, no ensino_médio era 7h15, então nessa faixa de horário até 12h40. 15h era quando o treino começava. E eu voltava pra casa 17h. Eu pegava ônibus, porque treinava em Samambaia. É, não sei se tem mais ele, porque teve uma confusão, e não sei senda tem o nome, tinha um nome depois mudaram o nome, foi para outro lugar. Foi IACC e depois mudou para Superar. IACC. Isso, depois mudou para Superar, acho que tá mudando. Essa parte de como foi sobre o Instituto, essas coisas, a minha mãe sabe mais, porque ela sempre foi bem a gente ia, fazer lá, conhecer as pessoas. Ficava em samambaia, se era sul ou norte eu já não me lembro. É, 13h30, 14 horas, por, na faixa de 14h a 15h horas eu tava saindo pra poder ir, e quando eu tinha aula aqui também, porque algumas vezes eu tinha aula aqui, outras vezes eu tinha aula lá. No início, era muito assim, não tinha uma coisa, um espaço certo, sabe, eu treinava aqui e treinava lá. Quando eu comecei a realmente lutar, pra ganhar os campeonatos_nacionais, quando já era bem maior, porque aqui as crianças são bem pequenininhas, só vai até o jardim_II. Então, quando só tinha eu, quando só ficava eu, eu também já tive outros colegas, é tudo, muito, todo mundo começou junto, assim, várias pessoas. Meu irmão, eu, tinha outros amigos que estudava com a gente também no mesmo colégio, todo mundo treinava aqui, só que a gente treinava só de ser um esporte para gente fazer, que nem quando as pessoas colocam em natação e tudo mais, só que sem competição. Só que eu comecei a competir, outros colegas começaram também, mas pararam e eu continuei a competir. Então, não tinha como seguir as aulas, tinha só ele, entendeu, tinha que ter outras pessoas pra eu competir, pra eu lutar, pra eu ver como era diferente, pra sociabilizar. Então, eu comecei a lutar no Instituto, que foi quando eu fui pra lá, eu começava a treinar lá, eu treinava aqui, treinava lá. Eu ia com o mestre, depois quando eu já era um pouco mais velha, eu comecei a ir eu mesma. eu ia pra lá, meu irmão ia comigo as vezes. Pra chegar lá? Não era rapidinho. Era muito rápido. Era, fazia o balão e chegava, era muito rápido, não demorava muito não. A questão do transporte não era um empecilho. Eu acho que o Instituto sem viu meu estudos de forma bem positiva, por que a gente sempre teve que ser assim, ter boas_notas, ser bem dedicada no colégio, mas como isso nunca foi um problema para mim, então não era algo, que assim, que era cobrado, é algo que eu mesma cobrava, nossa família, pra eu ir bem sempre no colégio, por exemplo, teve vezes que eu dizia, não vou treinar hoje porque amanhã tem prova,

que era uma prova que era muito difícil, então, eu não ia treinar nesse dia, porque tinha que estudar para prova. É, porque era uma prova que eu precisava estudar, e eu sempre priorizei o estudo. Por mais que algumas vezes assim tinha que treinar mais, quando faltava 1_semana, 2_semanas pro campeonato, e eu tinha treinado muito pouco no mês, e eu precisava treinar mais, só que eu sempre priorizei o estudo. Então eu falava, não mãe, eu tenho prova, então eu vou estudar, depois eu treino, mas eu vou estudar. Estudar, primeiro, porque sempre foi o foco, o principal. Algumas vezes, quando eu comecei esse alto rendimento mesmo, não era bom, os técnicos viviam falando assim, você tem que treinar, você não ta treinando, eu sei que você tem prova amanhã, mas você tem que treinar. Era, eu era cobrada para poder ir, mais só que era algo que assim, não me afetava de certa forma, porque eu entendia que eu queria tirar nota boa. Eu falava não, eu vou estudar, eu tenho uma prova, quero estudar pra prova, então eu vou estudar. Mas eu ficava, , se eu chegar no campeonato e não tiver treinado, ficava aquelas duas coisas, dinamismo, ficava , eu vou treinar ou eu vou estudar. Mas eu pensava na minha cabeça sempre, não, o estudo tem mais consequência na minha vida, do que eu não treinar um dia, então, por isso eu deixava de ir treinar pra ir estudar. Na maioria das vezes, a maioria das pessoas gostavam, achavam interessante, meus amigos, alguns professores, falavam, Clara, você competiu, só que tinha uma pessoa ou outra, sempre tem aquela pessoa que fica questionando você, porque, acho que as pessoas tem muito aquela ilusão de que, quem faz esporte é porque não gosta de estudar, é porque quer fazer faculdade, tudo mais. Então, até quando eu era bem novinha tinha essas coisas, e a gente achava um absurdo, porque não fazia sentido nenhum. Eu tinha uma professora que ela mesmo não acreditava que a gente tirava nota boa, eu e o meu irmão, ela deu aula para nós dois, mesma escola. E ela não conseguia acreditar que mesmo eu, tendo que competir, mesmo eu treinando, conseguia tirar nota boa, conseguia ser uma das melhores alunas da sala e tirar notas boas nas provas dela. Ela não conseguia acreditar e ficava achando que era algo fora do normal, e eu falava, eu estudo, normal, como todo mundo, e até mais do que alguns. Então, pra gente sempre foi prioridade, eu sempre via o estudo como prioridade. A gente fazia o esporte, ia treinar, competir, faltava aula, porque tem viagens que você tem que sair quinta e sexta-feira, pra poder competir sábado e domingo, então eu tinha que faltar aula alguns dias. Algumas vezes conversava com o diretor pra poder sair, mas, é claro que eu recebia falta, eu sabia que eu ia receber a falta. Não, não abonava falta, porque eu ia competir. Só abonava falta quando eu tava doente, essas coisas, mas era raramente que eu ficava doente, porque eu gostava de ir para o colégio. Mas, normalmente, é, nunca abonou. Não tenho certeza se eu já perdi uma prova. Eu acho que eu já tive que fazer uma prova substitutiva porque, eu ia pro campeonato. É, mas, não fazia isso, porque sei lá, como era uma pessoa só, eu acredito que na nossa época, eu acho ainda muito assim, o esporte não é visto como algo que, possa ser que tenha uma importância ali dentro do colégio. E feito pela aula de Educação Física, e tudo bem se você quer competir o problema é seu, se você quer ter competição, se você vai faltar, se você vai perder uma prova por causa disso, isso é você que tem que resolver entre você e seus estudos, eles não incentivavam, mas também não desmotivavam, entendeu? Mas, também não era algo que te dava apoio, era, eles falavam assim, não, você tem essa competição muito importante, mas a gente vai, é

pode ficar tranquilo, que sei lá esse dia, vou colocar alguma coisa, senão você pode repor à tarde, é não tinha essas coisas. Era normal, ou você vem na aula, se você não vem na aula, se não veio a aula porque foi pra competição, você recebe falta como alguém que falta normal. Não tinha isso, não. A minha família, principalmente a minha mãe, o meu pai de uma forma mais discreta, porque ele é mais introspectivo, mas, a minha mãe sempre apoiou bastante até quando a gente ficava desmotivado, ela falava, não minha filha, vai em paz eu vou falar pra você e você vai para o campeonato, vai treinar, motivar. Porque ela sempre motivava, não era em princípio, mas algumas vezes, tinha aquela questão de como eu falei, por a gente estudar e querer tirar nota boa e tudo mais e ter aula, algumas vezes ficava com indecisão, você vai treinar ou vai estudar, amanhã você tem prova, você que sabe. Mas na maioria das vezes era mais motivação pra eu ir estudar e treinar. Era muito, não foi algo que causou alguma coisa, pra dizer assim, você tem que parar, isso, você tem que parar de treinar, tem que parar de estudar, não tinha essas coisas não. Sempre apoiaram os dois. Sempre levava a gente para os campeonatos e torcia, tudo mais. Torcia até para os outros também, tranquilo. Não, nunca namorei, sempre fui mais na minha é porque, sei lá, sempre foi da minha cabeça mesmo, a gente sempre foi uma família que, sempre foi muito de responsabilidade, desde pequeno sempre entendeu essa questão de responsabilidade, tudo mais, e sempre deu prioridade para algumas coisas, a gente nunca foi muito, todos nós, meus dois irmãos, tanto o Arthur como eu, e minha irmã, também, a gente nunca foi pessoas de sair muito, ir pra festa, se divertir, a gente sempre foi casa e estudo, casa e ir para o colégio, treino, a gente sempre foi muito assim, não tinha, vamos sair para festa, vamos sair para outro lugar. Não era assim, a gente sempre teve essa rotina de vida, então acho que por causa disso, e por, essa questão pessoal, ser não tão sociável assim, então, acho que por causa disso eu não me interessei, me relacionei muito assim, nunca liguei muito pra essa parte, sempre tava mais, no colégio, eu vou me divertir, mas eu me via muito como criança, só vou me divertir e estudar, eu só pensava assim, e ia treinar também e voltava pra casa, sempre foi assim que eu pensei. É muito complicado, assim, pra mim, porque eu sempre gostei muito de taekwondo, sempre gostei muito de fazer esporte, como eu te falei, a gente faz um monte de esporte. Então, é, a gente sempre gostou muito de esportes, sempre foi algo motivador, só que eu sou uma pessoa que não gosto muito de pressão, eu não sei trabalhar muito bem com pressão. Ser pressionada para fazer as coisas, e eu também não gosto de, as pessoas esperarem algo de mim e eu não conseguir, eu fico muito chateada com isso. Então, com essa pressão de você tem que treinar, ter que estudar nem tanto, porque minha mãe é, meus pais são tão tranquilos, que sabia que a gente ia estudar, então a gente não tinha essa cobrança de, , eu vou tirar nota_baixa, não vou conseguir estudar, não tinha isso. Então, era mais a questão do taekwondo mesmo, do esporte, que eu tinha comigo mesma, que, eu tenho que treinar, eu tenho que competir, vencer e tudo mais, sabe, você vai criar isso dentro de você, mas parece que o mundo tá fazendo pressão sobre você, mas é você mesmo. Então, eu pensava muito dessa forma, nunca gostei de ser pressionada. Então, o esporte, querendo ou não, quanto mais você adota o rendimento, tem uma pressão, porque você precisa de resultado, você não é, você não vai mais só pra competir. Se você vai pra competir, você tem que ficar classificada, ou você ganha primeiro_lugar, ou segundo_lugar ou

terceiro_lugar, mas você tem que classificar, porque senão, você não ganha ponto para o ranking. É uma dinâmica diferente, porque antigamente era só eu ir competir, agora não, eu tenho que competir, tenho que conseguir uma pontuação, quando eu chego em casa, você tem que ver se você tá pontuada, e tem documento, sabe? É estresse que você vai vendo diferente, que com o tempo vai ficando desgastado. E eu também, nunca gostei de treinar, todo mundo fica surpreso quando eu falo isso. Mas eu nunca gostei de treinar, eu amava competir. Meu irmão era sempre o contrário, meu irmão não gostava de competir e amava treinar. Então, a gente era essa loucura, nós dois. Porque ele gostava de treinar e eu não gostava, e assim, depois que meu irmão fez educação física, ele me falou mais dessa questão psicológica, do esporte. E eu entendi, que, talvez, por isso eu não gostasse de treinar, porque eu tinha que me deslocar para outro lugar, por não ser um lugar que eu me sentisse tão confortável, como me sentia em casa, porque como eu comecei a treinar aqui desde criança, e como, eu sempre gostei dessa questão de me sentir confortável no espaço eu não me sentia tão confortável lá, talvez isso possa ter influenciado, mas com o tempo isso não influenciou, acho que me senti bem, já conseguia treinar, mas a ideia de eu sair de casa pra treinar, ou descer pra treinar, me incomodava, eu não gostava. Sempre no final parece que, sentia uma coisa, pronto passou, era assim que eu me sentia, então segunda e quarta era sempre desse jeito, eu pensava, tenho que treinar, meus amigos viviam falando comigo, por que você está desse jeito? Por que você vai treinar? Todo mundo já sabia, e falavam, se você não gosta, por que você continua? Todo mundo fazia a mesma pergunta, e eu ficava, não, porque eu gosto de competir, mas não tem como você competir, sem treinar. Eu falo, mas gente eu sei, é por isso que eu fico nessa loucura na minha cabeça, porque eu não gosto de treinar, mas eu gosto de competir, como que você compete sem treinar? Então, passava essas coisas na minha cabeça, essa pressão minha, essa questão de documento e tudo mais. E eu acredito que eu teria continuado, acho que até hoje eu estaria no esporte, se eu tivesse ido para esse mundial. Por isso que minha mãe disse que eu não consigo falar muito disso. Porque, se eu tivesse ido para esse mundial seria diferente, porque eu teria outros patrocinadores, eu tive outros patrocinadores que me ajudaram também, tinha o bolsa_atleta, mas a empresa do meu pai também me patrocinava a empresa do meu tio, também, me ajudava na despesa de treino e tudo mais. E assim, patrocínio, mãetrocínio, também. Então quando você vai para um campeonato_internacional, querendo ou não, até mesmo na escola, todo mundo te dá um apoio diferente, porque, eles vão ter um aluno que é campeão ou participou de um campeonato_mundial, eles te olham com olhar diferente, querendo ou não dentro do colégio. Antigamente não reconheciam, mas a partir desse momento eu fiz entrevistas em alguns lugares, é entrevista para, acho que foi para a globo, não lembro direito. Foi pra um outro negócio. Não, entrevista mesmo, pra falar do campeonato, que eu era de Brasília e ia para o campeonato. Então, existe uma divulgação, até na mídia mesmo, que trabalha sobre essa questão de uma atleta ir para o mundial. Então, tinha essa questão, já estava tudo certo para ir para o mundial, só que a partir do momento que eu não vou, meio que fica tudo, tudo que você estava planejando, porque, eu não gostava, essa questão mesmo de treinar, eu não gosto de treinar, mas nesse momento que eu falei, não eu estou selecionada, eu sou da seleção_brasileira, eu estou representando o meu país,

se eu for para outro país completamente diferente da minha cultura, representar, esse negócio, você veste uma camisa,. Você fala nossa eu vou representar a minha equipe, eu vou representar a minha escola, até mesmo no colégio tinha isso. Então, essa ideia de eu representar o Brasil, já me deu um ânimo diferente, tanto é que eu comecei a treinar muito mais vezes, eu treinava 2_vezes_por_dia, a tarde e a noite, e voltava para casa só à noite. Nessa época que eu fui classificado para o mundial. É, eu chegava de manhã no colégio, e à tarde eu ia para lá e voltava com o meu mestre, eu ficava na casa dele, lanchava e ia treinar de novo à noite. Eu fazia 2_treinos, quase todo dia. Eu comecei a realmente me dedicar, tiveram treinos da seleção_brasileira mesmo, que eu fui, e teve algumas pessoas que eram daqui de Brasília, que também foram para seleção_brasileira. E, eu fui para esse treino que foi em outro lugar, que não era que o que eu tava acostumada, que já foi outra complicação para mim, entender que eu tinha que ir para outro lugar treinar, eu não gostava, mas eu fui porque eu tava muito determinada, fui treinar em outras equipes, porque, pelo menos no taekwondo nessa época que eu treinava, as equipes meio que se ajudavam quando chegava perto desses campeonatos. Porque quando você faz a seleção_brasileira é junto, não tem mais equipe_A, equipe_B, e equipe_C,, todas as equipes juntas. Então a gente começou a treinar com aparelhos de outras academias, ir para outras academias, cheguei a ir para uma academia lá em Taguatinga_Norte, se eu não me engano, fui treinar lá, que a gente treinava todo mundo, alto_rendimento mesmo, com gente que já era da olimpíada, a gente treinando com eles, cabuloso mesmo, pra conseguir se dedicar para realmente fazer um bom trabalho. Eu realmente me dediquei muito, todo mundo ficou surpreso, porque eu ia, essa questão de eu me motivar de sair de casa e ficar até a noite lá, que era algo que ninguém acreditava, por saber que eu não gostava de treinar, foi muito difícil, porque todo mundo falou nossa você vai mesmo, todo mundo via, e quando eu não fui, foi a merda geral. Você vê que a sua mãe fica revoltada, porque você não vai, porque ela foi a pessoa que ficou mais te motivando, ajudando, eu fiquei, mas nessas questões eu sempre consegui lidar melhor. Ela já ficou bastante revoltada porque ela sabe que não foi uma questão de incompetência dela, nem minha, foi uma questão do governo não conseguir resolver e não querer dar as 2_passagens, e eu não ter condições de ir sozinha porque meus pais nunca iam me deixar sair daqui para o Azerbaijão sozinha, então, por essa questão, eu já estava desmotivada, eu me motivei, eu saí de lá de trás para o pico, já tava lá em cima, falei , agora eu vou ser atleta_de_alto_rendimento mesmo, é a fase da minha vida e então, eu não vou, e fica todo aquele negócio, qualquer pessoa que te para na rua, que lembra que viu o jornal, fala e aí? Você foi para o Campeonato? Você olha pra cara da pessoa com uma raiva, eu ainda continuei mais um ano, depois que eu não fui para o mundial, ainda continuei competindo. Mas, é muito difícil você ir para os campeonatos, e todo mundo falar, eu não te vi lá no campeonato_mundial, falei, eu sei, eu não fui mesmo. Você vê as pessoas que vocês iam juntos crescendo, indo para outros campeonatos, porque querendo ou não, dentro do esporte que você conhece pessoas que podem te ajudar, escuta, eu tenho uma academia lá no Goiás que pode te ajudar, eram coisas que eu sabia que ia acontecer, se eu tivesse ido para o mundial. Mas, por eu não ter ido para o mundial, essas coisas não aconteceram. Então, você fica meio, eu já tava desmotivada, eu fico desmotivada

mesmo, porque atrapalha em tudo. Foi só um estopim, e era só o que precisava e depois disso, eu ainda fiquei mais 1_ano, que foi 2015, que foi o último_ano, que foi o que eu aguentei ao máximo, foi o máximo que eu conseguia, eu já não suportava treinar, era muito mais cabulosa do treino, e a questão da luta, que com o tempo vai mudando,, começa outra categoria. O nosso esporte, a arte marcial, você primeiro luta só no tronco e depois quando você atinge a idade que a gente chama de Juvenil, você começa a lutar valendo na cabeça também, então era muito mais sério, era muito mais pancada, e eu comecei a treinar, treinava com menino, treinava com o Arthur, treinava com os meninos mais velhos que já eram adultos, tudo isso na raça lá, doidona pra poder conseguir vencer e conseguir ter os meus resultados. Só que, quando isso aconteceu, você também esfria, de certa forma, eu ia treinar uma vez na vida e outra vez na morte, sempre com desculpa pra não treinar, eu ficava desmotivada e falava, não, hoje eu não vou. Sempre esperando acontecer alguma coisa, para eu não ir. Isso querendo ou não, é negativo, porque você tá se esforçando a fazer o que você não quer, as pessoas estão percebendo isso, fica chato para todo mundo e eu tava percebendo que, todo mundo tava se incomodando com isso, eu disse, se todo mundo tá se incomodando, desse jeito que eu fico, sempre que eu vou treinar, então acho que é melhor eu parar, porque vai ser saudável pra todo mundo. Vai ser saudável pra mim e para as outras pessoas, porque querendo ou não, as pessoas que convivem com você, elas sabem como você se sente, então meus amigos diziam, a Clara, você tá muito desmotivada hoje, você vai treinar, mas você não quer, então isso, querendo ou não influencia as pessoas que estão a sua volta. Então por causa disso eu falei, eu já estou desmotivada mesmo, não estou conseguindo ganhar mais merda nenhuma, não fui pra esse trem, bota um monte de coisa, quer saber, eu vou parar. Porque eu acho que vai ser melhor mesmo, vou focar em estudar, eu já faltava 1_ano para terminar,, eu tinha 15_anos, eu tava no 2_ano_em, eu sempre fui mais nova, do que os meus colegas, então, tinha, só faltava mais 1_ano pra eu terminar. Então, eu já tava com cabeça em faculdade, o quê que eu queria fazer, então pra mim foi mais confortável, e eu quis parar. Então, não foi ninguém que me levou a isso, eu mesma, com o tempo, acabei querendo parar. Mas é claro que é muito difícil e se eu voltar a treinar, porque eu ainda gosto, eu não parei porque eu odiei o taekwondo, ou porque a experiência que eu tive foi tão ruim a ponto de querer parar, não é isso, eu parei porque a questão dessa pressão, desse negócio, eu acho que a minha cabeça, meu psicológico quando eu era criança, não conseguia ter essa responsabilidade, eu acredito que a minha cabeça não conseguia suportar essa pressão, porque para as outras pessoas era só você competir e ganhar uma medalha, mas, pra mim não, pra mim era você competir, ir treinar, e as pessoas esperarem que você tivesse bons resultados, então, era muito difícil. Hoje em dia, eu vejo que se eu quiser voltar, vai demorar para chegar no alto rendimento, que eu sei que você tem que passar etapas, eu não vou voltar lá em cima onde eu já estava, então isso que não me faz querer tanto voltar. Assim, treinar e tudo mais, não é um problema, se quiser voltar só para treinar só para lutar, de boa, mas voltar a competir, não sei se eu voltaria, entendeu? Até uns dias desses atrás a minha mãe estava assistindo jogo de vôlei, minha mãe viu a arquibancada e falou assim, nossa minha filha você não sente saudade de, quando você ficava lá na competição? Eu falei, mamãe, muita, era muito divertido, é claro que eu sinto muita

saudade, e minha mãe falou, eu também sinto, e eu falei, mas só que, o que a gente pode fazer? Não tem mais condição, assim, eu acho que não cabe mais na minha cabeça, mas essa ideia de voltar a competir em alto_rendimento. Mas, que eu sinto saudade, eu sinto, com certeza. Extravasar essas coisas. A gente aqui em casa é muito animado, então a gente, principalmente eu, gosto muito de dançar. Então, eu extravaso muito dançando, sempre conversando o tempo inteiro. Então, a gente canta muito alto, ri muito alto, então acho que é uma forma que a gente extravasa toda essa animação que a gente tinha. Porque querendo ou não é energia ali, que você extravasa, e tudo mais, de rir, de torcer pra outra pessoa. É claro que é uma energia diferente, porque ali você tá tendo um foco da sua energia, que é o que acontece por acaso. A gente vai, mas eu acho que é mais isso, mas diminuiu bastante, depois que eu parei de treinar tanto em forma física, tanto em condicionamento físico, em motivação para as coisas, mudou muito e diminuiu bastante. Porque querendo ou não, o esporte, involuntariamente ele te dá uma capacidade física maior, então você se sente melhor, sua autoestima é melhor, por mais que eu vivesse com esse negócio de parar ou não. É, na minha rotina, viver no dia a dia era mais tranquilo, porque eu me sentia melhor comigo, esse tempo, também que eu fiquei no esporte, que tinha o nosso esporte de peso, então você tem que pesar, você tem que pesar um determinado peso naquele determinado dia. Então você fica sem comer, eu ficava o dia sem comer, meu irmão tá de prova. Eu ficava sem comer, tinha que ir para o Colégio, tinha prova no sábado, quando eu entrei no ensino_médio, eu tinha prova no sábado, e eu acordava de manhã, eu fiquei sem comer, eu treinei, fiquei sem comer. Eu acordava ia pra escola todo mundo me via, aquela coisa, que parecia que você queria dar comida. Uma vez, eles viram pra mim e falaram assim, Clara você não vai comer nada, não? Olha o jeito que você tá, Clara, você tá muito magra, e ficava, aquela coisa, justamente por as pessoas não terem muito conhecimento, pelo menos a gente, não tinha muito conhecimento de como cuidar do corpo para chegar no campeonato. Pra gente, até quando eu era alto_rendimento, não tinha tanto conhecimento assim, foi mais de quando meu irmão entrou na educação_física. E, quando ele começou a estudar, que ele auxiliou nisso, de como fazer exercício, o que motivar pra que seu corpo, possa ter potência, o que eu posso trabalhar em você. Essa questão de realmente ser mais específico, eu vou treinar o taekwondo, mas não era toda aquela estrutura que você vê nessa galera da olimpíada, e tudo mais. Para o Mundial não era essa estrutura, era uma estrutura bem mais simples, então, você achava que, para bater o peso eu tinha que morrer de correr aqui nessa rua, e ficar sem comer, era isso. Só que com tempo com a ajuda do meu irmão, foi perceber, não Clara, tem certas coisas que você com o exercício que você faz, que vão te ajudar a você conseguir chegar lá, sem passar fome. Tanto é, que, nos meus 2_últimos, foram os meus 2_últimos campeonatos, meu peso era 55_quilos, e eu bati 53_quilos, eu fui menos e de boa, eu tava superfeliz, a gente foi na viagem, sem fome. O Arthur falou, Clara você me deixa te ajudar? Se não der certo, tudo bem, mas vamos tentar desse jeito? Porque a gente fazia antes com esse negócio de ficar sem comer e tudo mais, e você sofria, chegava fraca, o seu rendimento na luta vai ser diferente, porque você estava sem comer no outro dia. Você vai beber água e comer, não vai funcionar. E ele chegou e falou, não Clara, vamos tentar esse jeito diferente, ele foi fez um negócio, o que eu podia comer, o

exercício que a gente fazia, eu segui tudo. Quando eu cheguei lá, eu bati o peso menor que eu te falei, bati 53_quilos e pouco. Meu peso era 55_quilos e eu bati 53_quilos e pouco, de boa. Se eu tivesse que andar e correr lá, eu correria de boa. Eu estava feliz, não fui sentindo fome nenhuma, é claro que, no início antes de você pesar, você não pode comer. Mas, foi de boa, eu fui tranquila, e essa questão do conhecimento, também, eu acho que, enquanto eu treinava, a maior parte das pessoas não tinha esse conhecimento de, no que você pode ajudar seu corpo, como cuidar do corpo, como realmente perder peso. Você vê as pessoas de agasalho, era muito comum, sempre tinha isso, se você estivesse em um campeonato, você ia ver as pessoas de agasalho morrendo de correr no ginásio, para tentar perder peso, sem comer. Era muito comum, é muito comum. E, depois que, o Arthur entrou pra faculdade, que eu fui compreender que, nós estamos fazendo tudo errado, Jesus! E a gente viu que isso, também pode ter influenciado no meu rendimento, no meu rendimento como atleta, no campeonato. De me sentir menos cansada, enfim, de todas as questões. Porque, essa questão de você ficar sem comer, te dá uma paranoia, tão grande, que até hoje eu tenho, de tipo, querer emagrecer. Até um tempo atrás, eu me pesava todo dia, todos os dias de manhã, à tarde, e à noite. Todas as horas, porque eu tinha que fazer isso antes. Eu tinha que saber quanto eu tava pesando, então ficava nessa loucura, de, vou pesar agora, vou pesar depois, vou pesar depois, eu tenho que perder, e você fica, 100_gramas, 200_gramas, era muito diferente. Quando eu saí do esporte, eu falei, agora eu posso comer tudo que eu quero? Na minha cabeça eu não entendia, que antes eu ficava sem comer, então eu ficava, , agora eu posso comer tudo que eu quero, eu sonhei, eu passei muito tempo sonhando, acredita? Sonhando que, eu tinha que perder peso, eu acordava e eu falava gente eu sonhei, estou louca. Eu sonhava que eu tinha que perder vários_quilos, eu tinha que perder muito, 10_quilos, , porque era tão cabeluda esse negócio, da gente perder, e como eu nunca gostei tanto desse negócio de pressão, acho que ficava mais na minha cabeça ainda. Então, era muito cabuloso pra mim, e eu levei até agora, até esse tempo, até hoje ainda, assim, meu irmão que me ajuda a não ficar tão paranoica assim, porque se não, ele fala Clara, não seja assim e tudo mais. Que, quando eu pego pra fazer exercício, depois que isso aconteceu, eu fiquei muito tempo sedentária, sem fazer nenhum exercício, eu parei. Eu achei que tinha que parar tudo, louca, e meu irmão é completamente ao contrário, ele fica naquela, querendo voar no meu pescoço, porque eu não queria fazer nenhum exercício. E ele falou, claro, não é só porque você parou taekwondo, que você tem que parar de fazer exercício, eu fui e falei, vou voltar mesmo, eu comecei a fazer outro exercício, eu comecei a fazer treino_funcional, que tinha lá no videogame, eu comecei a fazer, e fazia terça e quinta, tinha uns dias, eu fazia direitinho, comendo, cheguei a fazer, o meu corpo melhorou e tudo mais, só que depois, eu relaxei de novo. Eu falei, depois da páscoa, comendo ovo da páscoa até, depois eu relaxei, depois de lá, só fui relaxando. Só que eu sinto que, o meu corpo necessita de exercício, exercício de movimento, porque até mesmo pra eu ir pra faculdade, ir pro metrô, e tudo mais, você sente o seu corpo mais pesado, você sente que você não se movimenta como antes. Eu falo, gente eu estou cansando subindo uma escada? Eu não cansava antes, pra mim escada eu ia andando na escada de boa, agora eu estou cansando subindo uma escada e eu sou nova. Então, se você quer saber do sedentarismo, como ele, depois que

você para de fazer esporte, como é difícil, porque, eu fazia esporte toda vez. Era tirando os esportes que eu já fazia na escola. Porque eu ainda fazia futebol normal, fazia tudo. Então, eu treinava, no outro dia chegava acabada, tinha dia que eu chegava com olho roxo, porque tomava chute, eu chegava com olho roxo, mas ia lá de boa, porque eu amava. Chute, a gente tomava um chute, e algumas vezes pegava na gente. Então, de vez em quando pega ou pega na pessoa, a gente fazia sem capacete também, tem vez que a gente luta sem os protetores. Porque, tem o treino que a gente chama de sombrinha, que é quando você luta com a pessoa, sem estar com os protetores. Você não encosta, mas encosta, você não encosta, mas encosta, você vai e algumas vezes, sem querer, acaba pegando a pessoa. Ou não, você tá lutando, sem querer você vai dar um chute, e quando você vai chutar a pessoa, pega no protetor, pega na cabeça dela é muito forte e você não percebe. Te machuca mesmo, era muito, é muito comum quem faz essa arte_marcial, ter um monte de hematoma, porque não tem como, você tá em contato com outra pessoa, é claro que você vai se machucar. Então, eu chegava toda quebrada, e eles diziam, Clara, você está toda de roxo, o que aconteceu com você? Eu falava, gente, calma eu tava lutando, relaxa, eu só tava no treino, mas mesmo assim eu ia fazer o exercício. Então, a gente era muito ativo e a gente jogava bola e jogava vôlei, então a gente sempre foi muito ativo. E, quando tudo isso acabou, e eu parei de treinar taekwondo. Eu parei de fazer todas as coisas, ia um dia e fazia vôlei, outro dia não fazia nada, com isso você para de uma vez, quando você percebe tá sedentário, sem fazer nada. Eu acho que a minha saída do esporte foi mais perceptível pra minha família, mais que para os meus amigos. Porque, os meus amigos assim, alguns ainda perguntam se eu faço taekwondo. Então, como eu nunca fui uma pessoa assim, que falava tudo, eu sempre fui uma pessoa introspectiva, então eu não falo todas as coisas para todo mundo. Não é todo mundo que sabe as coisas sobre mim, então, para as outras pessoas, se eu não falar nada, todo mundo vai achar que eu ainda continuava fazendo. As pessoas só descobrem por que eu falo. Então, a maioria dos meus amigos ainda perguntava se eu fazia, mas, como eu parei faltando 1_ano pra terminar o colégio, então, alguns alunos ainda perguntavam e Clara, você ainda tá fazendo? Tá treinando? Tá lutando? eu falava, não, os professores também me perguntavam, eu falava, professor, já disse 5_vezes que eu não estou mais fazendo, e você tá perguntando de novo. Mas era só isso, as pessoas perguntavam assim, porque era muito comum eu faltar aula porque ia pro campeonato ou eu chegar machucada porque tava no campeonato. Querendo ou não, até na rotina das pessoas é comum, as pessoas se acostumam. E, você para de fazer e as pessoas acham estranho, começam a falar, você parou de fazer? Mas, assim, no entendimento deles, como os meus amigos mais próximos me conheciam, eles já sabiam que mais dia, menos dia eu ia parar. Inclusive, um desses amigos, eram amigos que treinavam comigo e pararam antes. Então, eles pararam, mas eu continuei, porque eu fui pra outra, eu acho que só eu e mais uns outros 2_amigos ou 3_amigos meus que lutavam aqui, que foram pra sair de Brasília pra lutar. Então, os outros só lutaram aqui mesmo, só treinaram e pronto, pararam. Só a gente que fez mesmo competição e quando todos os outros pararam, só ficou eu. Sabe, o meu irmão parou também, ele lutava, mas só que ele parou de ser alto_rendimento. E ele me ajudava, ele treinava comigo, só que começa as outras coisas, faculdade, tudo mais. Muitas outras coisas que vão tendo, que acabam

atrapalhando, que ele não podia treinar mais quando ele queria, competir o quanto ele queria, então ele parou também, e ficou só eu, só eu de casa que treinava, e lutava, no último_ano, era só eu. Meu irmão me ajudava, mas ele não tava lutando, pra competir. Ah, para a minha família, assim, tinha umas pessoas que ainda falavam, por que você parou de lutar? Mas a maioria eu acho que achou bom eu não lutar, porque via que eu não me sentia tão bem assim, as pessoas viam que eu falava que não queria mais, que eu não gostava de treinar. Porque eu sempre falava isso, eu não escondia, não falava assim, não vou treinar, com a cara assim, desse jeito. Eu ia com a cara que você não imagina parecia que eu não conseguia esconder. Então, desde de manhã, antes de chegar no colégio, já dava pra perceber que eu não tava muito animada naquele dia, porque eu ia competir. Então, a minha família toda já percebia isso, era muito perceptivo isso. Como era dessa situação, a minha família já percebia muito, mas o meu pai ele nunca foi de optar de falar assim, ou você fica ou você sai, ele nunca foi desse jeito. Minha mãe é que mais me motivou, porque ela via que me tirava desse espaço de ficar só em casa. Porque, como eu falei pra você, a gente só ficava em casa e ia para o colégio. É, escola pro treino, era só isso, então se eu parasse o treino, era menos uma coisa que eu ia fazer, agora eu só ia ficar em casa e na escola. Então, ela via isso como, não posso deixar, a minha filha se sente motivada, eu tenho que motivar a minha filha. E a minha mãe sempre amou o esporte, minha mãe também foi atleta, ela sempre foi atleta. A nossa família toda, com os meus tios das 2_famílias, sempre gostaram dessa ideia, sempre gostaram de esporte. Então, você vê uma pessoa da sua família que tá chegando no alto_rendimento no esporte que seja, mas tá chegando ao alto_rendimento de esporte, é uma motivação para uma família que gosta de esportes. Então, a minha família sempre gostou dessa ideia, mas ela via que eu não tava me sentindo bem. O meu tio quase chegou a ser atleta de vôlei_profissional, vôlei_de_quadra. Então, eu tinha muito exemplo em casa, muito exemplo na família, de pessoas que amavam o esporte, que já tinham competido dentro de um esporte, o esporte que seja, mas já tinha competido. Então, querendo ou não, era algo que, eles se sentiam bem por ver eu fazendo esporte, porque eles sempre gostaram disso. Mas, eles viam esse meu jeito de não querer treinar, como me sentia desmotivada. Então, eles perceberam e não foi algo que, todo mundo falou, por que você parou? Não foi isso, não teve esse embate. A minha mãe me deixava bem tranquila, falava, você para se você quiser, eu não vou te obrigar a fazer nada. Você vai continuar até quando você quiser, por que eu vou te obrigar a fazer algo que você não quer? Ela falava pra mim, se você tá se sentindo tão mal assim, você para. Mas eu falava, não, eu vou continuar, eu era persistente, eu falava, não mamãe não quero parar, mas por dentro eu queria, mas não tinha coragem de dizer que não queria. E, ela falava, não minha filha, se você quiser você para. Porque querendo ou não, é um investimento, você gasta dinheiro viajando, você gasta dinheiro com comida, com inscrição, mas eles nunca colocaram isso como empecilho, sabe, eles não ficavam colocando como se, você tem que treinar, porque eu paguei a inscrição, não tinha nada dessas coisas de cobrança não. Era tranquilo, essa questão era cobrança só minha, mesmo, de pressão minha, da minha cabeça, que eu sempre tive. Eu acho que as pessoas envolvidas com o esporte, meus técnicos, eles não gostaram não. Porque eu era uma pessoa que eles viam que podia ter um potencial, que eu podia chegar mais longe. Porque desde quando eu

comecei a treinar e lutar, comecei a competir, como a minha mãe falou, em abertos, em competições que não valiam ponto. Só que que comecei a me destacar, pela forma como eu fui ganhando das pessoas, tem essa questão de você ir contra uma pessoa e a ela não querer lutar contra você, porque acha que você é tão forte assim. Tinham essas pessoas, elas não queriam lutar comigo, que achava que eu ia ser forte, mas eu era super de boa. Mas eu não sei o porquê, elas achavam que eu era assim, as meninas ficavam com medo de lutar comigo. Então, querendo ou não, eu acho que, vai crescendo isso, nossa, é uma pessoa que está conseguindo, e também essa admiração, pra eu conseguir chegar até o alto_rendimento. E, então, depois de tudo isso, você deixar de fazer, principalmente as pessoas que te acompanharam desde o início, vendo você parar, é claro que não gostam. Porque querendo ou não, por exemplo, meu amigo tá chegando no alto_rendimento, meu amigo vai pra seleção_brasileira. Querendo ou não, você sente orgulho, do seu amigo e quando você vê que ele para, você fala, do céu, dá um desânimo na pessoa, ela também fica desanimada, então eu acho que eles ficaram bem desanimados o meu treinador, meu mestre, eu acho que, ele com certeza não gostou muito disso mas eu acho que ele não podia fazer nada. Porque ele percebia que eu não eu queria mais. Não, pelo jeito dele, que ele falava tem que treinar, quando eu dizia que não queria treinar mais, no final fiquei em uma enrolação muito grande. Então, ele percebia, Clara você tem que treinar e eu não queria treinar, quando treinava a gente ficava enrolando pra começar o treino. Aquelas coisas que, você percebe, atrapalha tudo, você percebe que você tá fazendo coisas, que você não tá gostando de fazer, e que tá incomodando as outras pessoas, e você consegue ver que as outras pessoas estão incomodadas. Que você não está fazendo direito, que você não quer fazer, e que, eu querendo ou não acho que, o meu treinador sempre quis assim, que eu treinasse, que eu fizesse as coisas, e por eu não gostar de treinar, ele não gostava da ideia de eu não gostar de treinar. Porque, eu gostava de competir, mas ele só teria eu competindo, se eu treinasse, então uma coisa levava a outra. Não tem como serem duas coisas separadas, não tem como você ter, é, ser uma atleta de alto rendimento e só ir lá e competir, não existe. Você tem que treinar, você tem que ter uma preparação. Então, entendia isso, mas eu não gostava, eu entendia, eu até queria competir, mas tinha esse empecilho no meio, que era treinar, e eu não gostava. E era essa a maior questão, e eu não gostava de treinar e ficava nesse negócio, tinha dia que ele vinha aqui, me buscar, fazia a aula dos meninos, das crianças, da escola da minha mãe, e eu já ficava, , eu não quero ir hoje. E eu já ficava desse jeito, e ele chegava e me perguntava, Clara, você vai hoje? Eu falava, vou, mas eu falava um vou, sabe aquele vou, não vou? Era assim, e querendo ou não, a pessoa quando está do seu lado ela percebe. Então, eu acho que, eu percebia, que ele tava percebendo que eu não queria. E, quando eu parei, ele falou assim, então tá bom, você que sabe, mas eu sei que ele não gostou de eu ter parado. Que eu fui a única aluna dele que levou o nome dele, o treinador vai junto com o aluno,, você conhece a maioria das vezes, alguns treinadores, ele era meu mestre, então o treinador vai junto com você, a partir do momento que você vai para outros campeonatos você leva seu treinador junto. Então ele também vai, ele, nossa eu estou conseguindo outras coisas, tudo mais, e vamos lá, vamos nós dois, um puxando o outro, todas essas coisas. Então, a partir do momento que você fala que não vai mais, eu acho que acho que desestimula as pessoas também,

você fica, nossa, mais a gente quase chegou lá? A gente quase foi no mundial, e eu acho que foi por causa disso, era perceptível, não deve ter gostado muito, como eu não tinha tanto contato, com as pessoas, então não era uma opinião que influenciava muito, na tomada de decisão. As pessoas que treinavam comigo, falavam assim, não faz isso, tinha um amigo ou dois amigos meus lá, que, tirando o meu irmão, falava, não Clara, bora eu vou treinar você, vou te ajudar e que me passava uma confiança. Mas, assim, eles também entenderam quando eu parei, entendeu? Porque eles também pararam, e eles voltam, e para. Mas eu fui a pessoa que eles diziam assim, nossa Clara, você foi a pessoa que chegou lá, você foi, você chegou até a ir na seleção_brasileira, e eles foram, fizeram a entrevista e perguntaram para as crianças. Sabe o que é você chegar lá, e perguntar para todas as crianças, mas você se espelha na Clara? Eu falei, nossa alguém se espelha em mim? Eu sou só tinha 15_anos. E eu falava, na minha cabeça eu tava, gente alguém se espelhar em mim, as crianças mais porque fica vendo você lá, na Seleção_Brasileira e acham incrível. Não, da seleção_brasileira só fui essa vez, eu fui, porque o que aconteceu, existem várias categorias, como eu te falei. existia a categoria cadete, eu tava nessa categoria, eles resolveram criar um mundial_de_cadetes, porque só existe Mundial_Juvenil, que é para, acho que é 16_anos a 18_anos e adulto que é o clássico Mundial, Mundial_de-Taekwondo. Só existia esses dois, e não existia mundial para as crianças, e um monte de criança compete no mundo inteiro, um monte de criança até 15 anos, não tinha o direito de participar desses outros campeonatos. Então eles resolveram fazer um campeonato para categoria_cadete, que é uma categoria abaixo da categoria_juvenil. E nesse ano que eles resolveram fazer essa categoria, eu estava vencendo muito, tava vencendo todos campeonatos e eu fui pra seletiva, quando cheguei na seletiva, eu ganhei a seletiva, e fui para seleção_brasileira. Eu era a principal representante daquela categoria na seleção_brasileira. Aí quem foi pro campeonato_mundial foi minha suplente. Porque tem duas pessoas. Na minha categoria nesse peso tinha eu e minha suplente. Porque o que acontece, a gente perdia muito peso. Então, a gente comia normal, igual todo mundo. E, quando começava 1_mês ou 3_semanas antes, você começa a aumentar a quantidade de exercícios, fazer exercício, em vez de você fazer exercício com roupa normal, que a gente treinava, agora você faz exercício com o dobô e com os protetores. É um esforço maior e você sua mais, e você perde líquido, e acha que perde gordura, mas não perde. Enfim, você vai perde peso, você corre com protetor, e você começa a tirar umas coisas, você não come agora normal, ou se você vai comer, se for comer um pouco de arroz, senão, não come arroz, ou só come uma coisa assim. Você vai diminuindo com o tempo, os meninos percebiam, todo mundo percebia quando a gente tava preparando pra pesar, porque a gente não comia nada. Em uma semana eu cheguei a perder 5_quilos, em uma semana! Algumas vezes isso acontecia. Porque, esse período, foi período de hormônio. Então, eu saía com 10_anos, eu era criança, você batia o peso e você pode comer um boi e outro dia você tá com o mesmo peso. Não era o problema, mas quando chegou essa questão da puberdade, nossa senhora. Depois disso, devo ter ganhado assim, eu devo ter ganhado uns 5_quilos, 6_quilos, e foi sem eu perceber, o corpo muda. Acho que foi com 15_anos. Porque 16_anos foi o último_ano do Colégio, então foi com 15_anos, eu parei com 15_anos. Antes de terminar colégio, eu fiquei só um ano no colégio e depois

acabou. Mas, só que foi tudo muito rápido, e justamente quando eu entrei no alto_rendimento, foi quando aconteceu a puberdade, e eu aumentei o meu peso cabulosamente. Eu pesava 40_quilos e fui pra 55_quilos, mas foi do nada, eu falei, Jesus, como assim? Seu corpo muda, as coisas acontecem e eu comecei a pesar mais. O meu peso corporal, eu sempre tive muita massa_muscular, mas é normal, sempre na minha escola assim, todo mundo, e as meninas eram magrinhas. Eu também pesava a mesma coisa, mas eu sempre tive mais massa_muscular. Então, depois dessa época da puberdade, fez com que o meu peso também aumentasse. Como eu treinava, seu corpo já muda porque você treina, você tá ali fazendo o mesmo exercício que as pessoas, normalmente, não estão fazendo. E, por causa disso o meu peso aumentou, quando eu vi estava com 55_quilos, eu conseguia nas primeiras vezes, batia normalmente, só que com o tempo, você vai ficando mais velha, você come mais, você relaxa um pouco. Por mais que você faça exercício, você não cuida da alimentação, você ganha peso mesmo assim. E, então eu comecei a ganhar peso, e tinha vez que eu tinha que perder 4_quilos, 3_quilos, enfim, sempre tive que perder, essas 2_últimas_vezes que eu competi, foram as vezes que eu tava perto do peso e eu consegui bater 53_quilos. Mas foi muito raramente, não acontecia, normalmente eu tinha que, perder peso. A maioria das pessoas, na verdade, até as pessoas que eram bem magrinhas, tinha que perder peso, porque eles ficavam em categorias mais baixas. Você vê umas pessoas que, se você ver no taekwondo, isso é muito comum, ver pessoas muito magras, você não vê pessoas que são muito fortes. São bem magrinhas, que a gente chama mesmo. Porque no nosso esporte, você precisa ser alto e ágil, você tem que ser bastante ágil, porque você tem que bater primeiro do que a outra pessoa, você tem que dar o chute primeiro que a outra pessoa. Se você for grande, a sua perna vai mais longe, então, e se você for magro, você consegue se movimentar mais fácil, então você ser pequenininho, ter um pouco mais de massa muscular, ser um pouco mais gordinho, não te favorece no esporte. Então, eu tinha que ficar bem magra, você via aquelas meninas todas esqueléticas e eu nem parecia, quando as pessoas olhavam pra mim e falava assim, Clara, você pesa quanto? E eu dizia o quanto que eu pensava, as pessoas não acreditavam, porque o meu porte físico, era diferente. É importante a gente sempre lembrar assim, eu como saí do esporte e vocês, querendo ou não, trabalham numa área que o esporte é muito importante, a gente lembrar que o esporte, ele é uma ferramenta de motivação muito grande para sua vida, e principalmente pra educação. E eu acho que, o nosso país, o nosso Estado enfim, como geral, não dá muito suporte, não dá a mínima para isso. Acho que é algo que você faz, eu acho que ainda tem muito essa ideia de que, o esporte, o único esporte que vale a pena você se dedicar um pouco é futebol aqui, mas não é assim que funciona. Existem muitos esportes, existem muitas coisas que você pode se dedicar, você pode estudar, e mesmo assim, você pode ser um atleta de alto_rendimento, tanto é que, não foi um problema pra mim, eu não parei de treinar porque eu tinha que estudar, eu fui atleta de alto_rendimento, mesmo estudando, não foi algo que me impediu de fazer isso. Então, eu acho que as pessoas tirarem essa ideia de que, ou você estuda, ou você faz um esporte, que não tem suporte. Porque as escolas, elas não dão esse suporte, coloca assim, você tem educação_física e você tem aquele esporte, mas o esporte não é algo que é uma ferramenta, é de extrema importância dentro do estudo, dentro do colégio. Eu

não vejo isso, a gente não via isso. Quem fazia esporte era diferente, então. Você não via isso como algo que é comum, você ver todo mundo fazendo esporte. Não era assim, era eu que fazia, ou outra pessoa que fazia outra coisa, era muito raro, você tinha 2_pessoas ou 3_pessoas que faziam um esporte. Mas o resto só fazia o que? Jogava futebol na escola ou jogava vôlei. E você fica indignado porque eu acredito que possa ser utilizado muito como questão de disciplina, questão de aprender, a motivar o outro, questão de motivação, de equipe. Porque você tem essas Olimpíadas, essas coisas que têm no colégio, só uma vez por ano, eu acredito que seja legal, mas só dá atenção naquele momento, e depois não existe mais. É que nem a copa_do_mundo, acontece em 4_anos, mas depois ninguém lembra mais. Até chegar os outros 4_anos. Então você não permanece na ideia de motivar o outro. É que nem você perguntou o que eu levo do esporte para minha vida? Essa questão de motivação, de equipe, e tudo mais, que são coisas que pessoas que não passaram por isso, talvez não têm. Não tem essa de entender a questão de equipe, a questão de se motivar, motivar o outro, competição, querer essa rivalidade, essa ideia que o esporte traz, que é diferente da dinâmica da vida. E, que assim, normalmente as pessoas não tiveram, muitos dos meus amigos falaram assim, nossa, mas que legal vocês competiam e vocês torciam para os outros, e fazia grito de guerra e tudo mais, vocês ficavam competindo. Eles achavam isso muito interessante, parece que você tá falando de uma outra vida, de outra ideia, mas podia ser uma ideia que eles também tivessem. Mas, não existe um estímulo, acho que não é algo que você fala, vou te colocar em um esporte, as pessoas colocam assim para o filho e dizem, vamos deixar o filho gastar um pouco de energia, vou colocar ele na nataçãõ, mas não motiva ele pra competir, ou pra ele se sentir parte de algo. Acho importante, porque a criança ela se sente parte, eu mesmo me sentia assim, quando eu vestia meu dobõ, me sentia parte de alguma coisa, eu falava, nossa, eu me sinto parte de algo não é só ficar estudando, ou só ficar em casa, é diferente. Eu acho que isso era importante pra trabalhar mais essa questão do esporte, estar mais presente na vida da educação, eu acho que não é muito presente, como a gente ver em outros lugares, que é bastante, e eu acho que é perceptível quanto que é importante isso, quando você vê em outros lugares, e quando você vê que aqui não tem isso, que é raro você ver. Em escolas, pelo menos eu não vejo muitas escolas que sejam assim não, sabe.

Ex-atleta 3 – Ginástica Rítmica

Eu comecei bem pequenininha, na escola, e eu acho que a GR foi um dos primeiros esportes, mesmo em que eu comecei a praticar. Eu fazia pouca coisa na escola, e quando meus pais me colocaram na GR, foi o que eu já gostei de primeira, e resolvi ficar só na GR. 7_anos. Fazia, adorava, a aula preferida era educação_física. Eu fazia balé, também, mas que eu, depois todas as outras coisas foram morrendo um pouco, foi ficando e sobressaiu a GR. Balé, eu já fiz capoeira, não nesse início, capoeira eu fiz um pouco mais pra trás, handebol. Então, uma modalidade nova que apareceu na escola, onde eu estudava, isso foi no interior de São_Paulo, nem foi aqui em Brasília. E como eu já era bem espevitada, não parava quieta, já fazia balé e gostava, meus pais

resolveram experimentar, me colocaram e eu gostei. Isso, no contra turno da escola, numa escolinha de GR. Eu vim um ano depois que eu entrei na GR. Eu vim com 8_anos pra cá, quando eu cheguei já a primeira coisa que a gente fez foi procurar algum lugar que tinha GR. Na verdade, a mãe falou que ia ter que escolher entre o balé e a GR, porque não tinha como pagar os dois e eu escolhi a GR, porque eu queria ganhar a medalha, então gente já foi atrás de lugares aqui em Brasília, que ofereciam GR, tinha um perto da minha casa, que era AGINOC, lá na Octogonal, e eu comecei lá. Meu pai, muito, e, é meu pai e minha mãe principalmente, os dois sempre incentivaram muito, muito, muito mesmo. Eles viam que eu gostava e tal, é, mas eu acho que assim, todos os professores que passaram, que foram meus professores, tanto de GR, quanto de educação_física, eles sempre viam a mesma coisa em mim, que eu precisava externar energia em algum lugar, entendeu? Então, eu acho que todo mundo incentivou bastante. Olha, logo que eu cheguei aqui em Brasília, eu já participei de uma seletiva pra ir para um torneio_nacional. Então, com 8_anos eu já fui para o meu primeiro torneio_nacional, em Natal. Só, que eu ainda, eu acho que, nessa época apesar de já tá competindo mais, não profissionalmente, mais assim, mais sério, eu ainda não considerava, não sabia que a minha vida ia ser GR. Então, eu acho que, sei lá, acho que a partir de uns 11_anos, eu já sabia que era sério, o negócio. Comecei a competir mais, e a ir para campeonato_brasileiro. E foi quando eu comecei a ganhar bolsa_atleta, também. Foi quando eu tinha 11_anos, se eu não me engano. É, teve essa primeira que eu fiz com 8_anos para Natal, que era um torneio_nacional, e, foi uma época que Brasília juntou todos os clubes, e, competiu por uma equipe só. Então, a gente chegou lá arrasando, a gente ganhou, o geral. Eu competi num conjunto, que é quando compete mais de uma atleta, e a gente ficou em quarto_lugar. Foi bem legal, e desde então todo_ano eu ia para um torneio_nacional,, que antigamente você só fazia sua inscrição e ia. Hoje em dia tem um torneio_regional, que você tem que passar, meio que uma seletiva. Mas antigamente era só fazer inscrição e ia, eu fui para vários. Todos nós, desde 2005 ou 2006 que foi quando eu tinha 8_anos. Então em 2005 eu fui para Natal, tiveram várias, não vou saber a ordem, mas fui para Recife, fui para João Pessoa, fui para Curitiba, pra Joinville. Isso, mesmo torneio_nacional. E em 2010, se eu não me engano, eu fui para o meu primeiro campeonato_brasileiro. Que na GR tem uma diferença, o torneio_nacional é mais para as meninas que estão começando, do Brasil inteiro que estão começando. É como o campeonato_brasileiro, também é o aberto, qualquer atleta pode ir, só que é muito, são realmente as melhores do Brasil. Por exemplo, se você ganha medalha no torneio_nacional, você não pode mais ir no ano_seguinte, pro torneio_nacional, entendeu? Você tem que ir direto para o campeonato_brasileiro. Então, é meio que uma série B, do futebol entendeu? Uma série B do Campeonato_brasileiro_de_GR é o torneio_nacional. E, em 2010 foi a minha última competição de torneio_nacional, que foi no RJ, eu fiquei em segundo_lugar. E eu já tive que ir para o Campeonato_brasileiro,, não podia mais competir no torneio_Nacional. foi quando eu comecei mesmo a ter contato com as melhores ginastas do Brasil, e foi quando foi o meu bum, assim, que eu fui, tinha umas 60_atletas, eu fiquei em quadragésimo. Só que me deu um, quero tá no topo. E eu comecei a treinar mais, e só ia para Campeonatos_Brasileiros, consegui subir, pouco a pouco, de posição.

No segundo campeonato_brasileiro, eu já fiquei em vigésimo_lugar, no outro, consegui uma final por aparelhos, fiquei em décimo_segundo. E, no último, eu acho que ao todo foram 4_campeonatos_brasileiros. Mas nos últimos assim, eu consegui ir muito bem. E em 2012 eu fui convidada pra fazer a seletiva_da_seleção_brasileira de conjuntos. Até hoje funciona dessa forma, eles observam, as atletas durante o ano e chamam de 15_meninas a 20_meninas para passar uma semana lá, treinando, fazendo a seletiva, aula de balé, avaliação_médica, várias coisas, e no final dessa semana eles escolhem 11_atletas pra ficar no time. Então, em 2012 eu fiz essa seletiva, lá em Aracaju, acho que foi a minha maior conquista, assim, foi muito legal. Eu treinei com as meninas da seleção_brasileira, mas não passei. Eu tinha 15_anos, tava saindo da categoria_juvenil pra entrar na categoria_adulta, que é a oficial, das Olimpíadas, Mundial e tudo. E não passei, mas assim, me deu uma desanimada, claro, mas eu continuei. E, eu ainda fiquei mais uns 2_anos, eu acho, competindo firme. E, ao mesmo tempo, logo depois eu entrei na faculdade_de_educação_física lá na UnB. Aí que começou a decair, mas de conquistas mesmo, eu acho que é isso. Aqui em Brasília eu ganhei várias_vezes, acho que 6_vezes. No último, eu fiquei em segundo_lugar, no meu último, que foi em 2016 eu acho. Já, eu já tinha entrado na UnB, meu último campeonato, na verdade, eu já tinha meio que parado, eu falei, vou fazer uma última competição pra, me despedir, fiquei em segundo_lugar, mas foi ótimo, foi bem legal. Aqui em Brasília, não é que era mais fácil, mas era mais tranquilo, assim, a competição era basicamente eu e a Luiza. A gente se revezava nos aparelhos e no pódio, era isso. Cara, eu lembro que, eu me dedicava muito, para escola, para estudar, mas, até hoje nunca foi um problema pra mim, nota em escola. Então, eu gostava de ir para escola, fazia lá minhas lições, minhas provas direitinho. Mas eu lembro, constantemente, dos treinos, que eu ia pra escola. Eu lembro que também, quando eu era um pouquinho mais velha já, quase indo para o ensino_médio, meus amigos ficavam na escola a tarde, para fazer plantão, tirar dúvidas, monitoria. E eu nunca podia, porque eu tinha que estar treinando, e eu ficava puta. Eu ficava com raiva porque eu fazia tudo, eu me virava em 20, porque eu queria muito continuar treinando e eu não podia tirar nota_baixa na escola, se não meus pais já ficavam meio assustados. Mas eu fazia tudo, eu conseguia fazer tudo e meus amigos que não faziam nada, não faziam as coisas_direito, eu ficava com raiva, trabalho_em_grupo era sempre um problema. Mas assim, passei tranquilamente, tenho boas_lembranças da escola. Na faculdade, então, quando eu entrei, eu ainda treinava. O que eu mais gostava na escola, mesmo, além de ficar com os amigos, eu sempre gostei de estudar. Eu nunca tive nenhum problema, então eu gostava de ir para aula, não gostava de fazer trabalho, mas gostava, de estudar pra prova, quando eu podia ficar de tarde na escola, pra mim era maravilhoso. Teve uma época eu tinha 1_dia_na_semana, que eu tinha aula à tarde, então eu não podia faltar a aula e tinha que faltar o treino, eu adorava, também, não por ter faltado treino, mas porque conseguia ficar com a galera, era bem legal. O que eu mais gostava da faculdade eram as festas, estou brincando, eu gostava muito de fazer aula_prática na faculdade. Sempre gostei de fazer aula_prática, comecei a criar um gosto maior, por pesquisa. Eu gostava quando eu tinha que montar algum trabalho, algum artigo, alguma coisa. Não gostava das pessoas folgadas na escola, porque como eu tinha que ser muito dedicada, eu anotava tudo, fazia tudo e a galera vivia pedindo

meu caderno emprestado e era um saco isso. Mas assim, normal, poucas coisas que eu não gostava na escola. A escola foi um bom lugar pra mim, eu nunca tive nenhum problema maior não, exceto esse. Tem algumas coisas que eu não gostava na faculdade, mas eu acho que é um problema mais da minha faculdade. Eu não gostava de alguns professores, que ficavam miguelando muito, não dava aula direito, porque eu sou meio nerd. Então, eu não gostava de coisas que me tiravam do rendimento. Exatamente, como eu já tava fazendo educação_física, que não é um curso muito valorizado? Eu falei, não, tem que fazer bem o curso, vou tirar só notas_altas, então, trabalho_em_grupo sempre foi um problema, pronto. Não gostava de trabalho_em_grupo nem na escola, nem na faculdade, é, mas assim o ambiente eu gostava, os meus amigos, foram bons anos. Não, nunca tive dificuldade, sempre foi muito tranquilo, minhas notas sempre foram boas, eu fiquei uma vez de recuperação, em Geografia porque eu coleí na prova, eu tirei 0. Eu não tinha estudado. Cara, eu acho que devia tá na quinta_série, ou na sexta_série. Foi, a primeira vez que eu fui colar, fiz um papelzinho, o professor me pegou, eu tirei zero e fiquei de recuperação. Mas foi a única vez, primeira e única. Depois foi tão traumatizante que, eu não consegui fazer mais, mas fora isso eu nunca tive problema. Pretendo estudar até o mestrado, eu não tenho tanta vontade assim, de fazer doutorado. Mas até o mestrado eu acho que eu gostaria de ir. Eu comecei a estagiar no Sigma, por conta de uma competição que eu fui enquanto eu tava na faculdade, o JUBS, lá em Aracaju eu conheci uma galera,, de Brasília do esporte, e um dos caras que eu conheci lá, me indicou pro Sigma, para a posição de professora_de_ginástica, ele me conheceu, sabia que eu tava fazendo educação_física e me indicou. E a escola tava realmente precisando assim, muito urgente de uma professora_de_ginástica e ele me falou em um dia e eu falei, posso ir nesse horário lá em Águas_Claras. No mesmo dia, eu já fui lá dar aula, ele me entrevistou rapidinho assim e já fui dar aula, lá no Sigma. Então, comecei lá, no meu terceiro_semestre. Competi também pela UnB, fui para um JUBS, que foi o de Aracaju. Também foi excelente, que a gente ficou em terceiro_lugar, por equipe. Eu fui sair do Sigma esse_ano, então eu passei a minha faculdade toda, no Sigma, de Águas_Claras, peguei gosto por dar aula_de_iniciação_de_ginástica e logo me chamaram no Sigma da Asa_Norte, então, no Sigma foi onde eu realmente comecei a trabalhar e a dar aula. Mas, logo depois, durante a faculdade eu não tive mais estágios, assim, fora da área_de_ginástica, tive um estágio, que foi no meu último_ano, que era estágio_obrigatório, eu fiz num Studio que é aonde eu trabalho, atualmente. Então, trabalho mesmo, fora da faculdade, foi isso. Fiz alguns projetos lá, Doce_desafio, GENES, fiz alguns projetos lá dentro, mas fora, foi isso mesmo, ginástica_escolar no Sigma, e fui contratada no Studio, graças a Deus. Eu fiz o primeiro_semestre de estágio_obrigatório lá, e o segundo_estágio_obrigatório eu não podia fazer lá de novo, mas ela me contratou como estagiária_remunerada, e quando eu me formei, eu já assumi uma turma. E, estou lá também, até hoje. Nesse Studio é uma metodologia que foi criada pela minha chefe, de treinamento_feminino, que é voltada para o emagrecimento. São exercícios_de_força, treino_funcional e aeróbicos para focar no emagrecimento. É uma aula_coletiva, mas é em formato de small_group, então são 8_alunos, no máximo, é esse Studio é top. Pra mim o esporte influencia em absolutamente tudo. Porque assim, na GR, como eu entrei desde pequenininha, eu fui

ensinada a ter disciplina, ter responsabilidade, a me dedicar ao máximo. Então, acho que tudo isso a gente acaba levando um pouco, para o trabalho. Então, nos estágios, e até hoje no meu trabalho, eu dou aula_de_personal, também, atualmente. Então, cada aula para mim é sagrada, assim, eu evito ao máximo atrasar, faltar. Eu sempre chego na hora, são coisas que eu acho que, eu devo muito ao esporte,, porque, lógico que tem gente que tem tudo isso e não viveu o esporte, mas eu acho que se eu não tivesse, eu não sei, talvez não seria da mesma forma. Acho que tudo isso a gente acaba levando. Então, eu gosto muito de dar aula lá no estúdio, e gosto muito de dar aula_de_personal. Atualmente, eu estou com uma turma só, de GR, porque senão eu morro de saudade. Mas é porque, infelizmente, não me remunerava bem, então eu tive que sair, justamente porque eu tenho um projeto de abrir o meu próprio estúdio. Que é uma ideia assim, ainda um pouco meio solta, eu quero ter aula de SlimFit, eu quero ter aula de dança, eu quero ter uma escolinha de GR, tudo num lugar. Então, é uma ideia um pouco solta ainda, mas eu já estou concretizando aos poucos e estou querendo grana pra isso, porque eu quero ter o meu próprio espaço. Mas isso seria para daqui a uns 5_anos, mais ou menos. Até lá, eu pretendo continuar trabalhando como personal, porque é o que junta mais o que eu gosto e o que me dá mais renda. E, com o SlimFit, que também me dá uma boa renda e eu gosto. Nossa, nós tínhamos muitos gastos com a GR, coitado dos meus pais. A gente pagava o clube, porque onde eu treinava era alugado, o espaço, eu treinava lá no clube_do_exército. Comecei na AGINOC, pagava a mensalidade de uma escolinha normal, mas depois que eu fui crescendo, já ficou um pouco mais caro e a gente tinha que pagar a mensalidade. Fazia aula de balé, paguei por muito tempo também, voltada para a GR, a professora ia lá no ginásio, pra dar aula pra gente. E assim, os custos, com aparelho, que, arco, bola, maça, que tinha que ter, as vezes quebrava, arco principalmente, cada mês eu tinha que comprar 1_arco novo, porque o meu sempre quebrava. É, colant de apresentação, sapatilha, que durava pouco, todas as viagens, a gente tinha que pagar, também. Era muito difícil de conseguir patrocínio, algumas vezes a gente conseguiu viajar pelo Compete_Brasília, mas não foram todas. Então, grande parte a gente teve que pagar, meus pais tiveram que pagar. Alguns treinamentos que eu fazia fora de Brasília. Acho que nos meus últimos 3_anos de GR, eu fui pra Toledo, que é no interior do Paraná. Passava as minhas férias, não, mentira, foi nos últimos_anos_da_escola, eu ainda não tava na faculdade. Eu passei, primeiro_ano_em, segundo_ano_em e terceiro_ano_em, e eu ia pra lá nas férias da escola, ficava lá treinando. Então isso, também, já era um outro custo. É, acho que é isso, cada collant é muito caro. Um collant, mais ou menos, na minha época, os que eu usava para competir, eu tinha uns que eram mais ou menos, eu precisava de 4_collants, que eram 4_coreografias, tinha um pra cada. Os mais ou menos que eu tinha eram de 200_reais a 300_reais, os mais bonitos que eu tinha, eu comprei, na verdade por 200_euros o collant. É, que uma professora trouxe lá da Europa. É, um colant, só que a vontade era poder comprar todos desses. Mas pra um collant bonito, que desse pra competir, porque a GR tem essa parte que é muito estética. Então, infelizmente, você tem que realmente tá com alguma roupa_bonita. E para competir nos campeonatos_brasileiros tinha que ser uma mais brilhosa, mais elaborada. Então, realmente tinha que fazer, o mais barato era em torno de 200_reais. Um collant bem

feito, naquela época, não custava menos de 200_reais. Hoje em dia, um bem feito, assim, não custa menos de 300_reais. O arco era o mais barato era de 40_reais a 60_reais, mas eles sempre quebravam, então, o mais resistente era 120_reais, mas ele quebra também, então, sei lá, uns 2_arcos por ano. A bola já é mais cara, eu acho que na época ela custava uns 400_reais, 500_reais. Eu já tive um monte_de_bola, porque bola também fura. É, por mais que a gente comprasse de material mais resistente, uma hora ela vai murchando, e vai enchendo, então uns 500_reais. A fita, o conjunto, que é o estilete e a fita junto, eu acho que dava uns 200_reais, mais ou menos, 300_reais. A gente, geralmente, tem uma pra treino, e uma para competição. Porque ela fica desgastada, também, pra competir a gente usa a mais bonitinha. Treina com uma e compete com a outra, que é da mesma marca, tudo igual, só muda mesmo, que uma mais nova. As maçãs, deixa eu tentar lembrar aqui. Só vende o par de maçãs. Eu acho que nunca vi vender uma maçã sozinha, só dá pra apresentar com o par. Mas eu acho que a massa devia estar a mesma coisa, mais ou menos do estilete, assim, uns 200_reais o par. A gente usa, uma semana antes da competição e na competição. Mas a gente tinha o costume de fazer no meu Clube. Eu sei que nos outros clubes, maiores clubes, em Toledo por exemplo, no Paraná, elas faziam isso, também. Era um para competir, e outro pra treinar, porque é tanto treino, tanto treino, que o aparelho fica desgastado. Fora que tem que antigamente, a gente que tinha que colocar os aparelhos_reservas na quadra, caso escapasse na hora da competição, você tem direito a ter um aparelho_reserva. Só que hoje em dia não é mais assim, hoje em dia a organização do campeonato tem que colocar lá, os aparelhos_reservas. Mas na minha época, nossa, eu pareço muito velha falando isso, mas na minha época, era a gente que tinha o aparelho_reserva, então, normalmente, ficava esse do treino, lá de reserva, a gente colocava esses. Eu usei muito pouco do bolsa_atleta, porque graças a Deus os meus pais podiam pagar, a maioria das coisas eles podiam pagar, quando tinha alguma uma coisa, uma viagem, que eles não podiam, tirava do bolsa_atleta. Foi uma professora minha que me mostrou o bolsa_atleta se eu não me engano, agora eu não lembro quem foi, se foi a Naty, ou se foi a Kelly. Mas, foi uma das minhas professoras, que falou, que tinha isso, e que eu tava com uma pontuação boa. E eu nem lembro como é que funcionou, se eu me inscrevi pra ganhar. Isso, foi a primeira_bolsa_atleta. É, eu fiquei ganhando a bolsa_atleta_estudantil um tempão, depois eu ganhei uma bolsa_atleta_estadual, porque era pelo ranking de pontuação. E como em Brasília eu geralmente ganhava, eu sempre tava em primeiro_lugar ou segundo_lugar, no máximo do Ranking. E, teve um ano, que eu não vou me lembrar qual foi, mas deve ter sido 2013 ou 2012, que eu competi, o nosso Clube foi chamado para competir a copa_sul_americana_de_clubes. Que é uma Libertadores_da_américa da vida, que não são os países, são os clubes de cada país, entendeu? E o nosso clube ficou em terceiro_lugar por equipe, eu, como eu tava, das minhas amigas, eu fui a melhor colocada, eu ganhei a bolsa_atleta_internacional, por um tempo. Então, eu acho que eu fiquei 1_ano ganhando essa bolsa_atleta_internacional, e se eu não me engano, eu ganhei 1_ano também, a bolsa_atleta_nacional e depois perdi. Só 2014 e 2015, deve ter sido a bolsa_atleta_nacional. Agora eu não sei se foi no ano de 2000, depois você pode até dar uma olhada se foi no ano de 2014 ou se foi no ano de 2013. Porque eu não lembro, mais

teve 1_ano que eu ganhei a bolsa_atleta_internacional, o resto foi tudo bolsa_atleta_estudantil. E, se eu não me engano teve uma, que foi a bolsa_atleta_nacional. A bolsa_atleta ficava na poupança. Eu sempre deixei na poupança, só tirava, até hoje, inclusive, agora eu mudei, tirei da poupança, botei em outro lugar, mas até hoje eu tenho dinheiro do bolsa_atleta. Que foi bastante tempo ganhando. Apesar da bolsa_atleta ser pequena, eu acho que a bolsa_atleta_estudantil era 200_reais. Era pouca coisa, mas como eu quase não usava, então acabou que no final desses anos, tinha todo mês. Teve um período, também, que eu parei de receber a bolsa_atleta_GDF. Porque eu entrei na UnB, e o bolsa_atleta_UnB pagava mais, só que eu não podia receber as duas, ao mesmo tempo, por lei, mas tem gente que eu conheço que recebe. Mas eu deixei a bolsa_atleta_GDF de lado, porque a da UnB pagava mais, acho que era 450_reais, aí eu peguei a da UnB, foi quando eu fui pro JUBS, exatamente. Eu entrava na escola 7h30, no ensino_fundamental, saía 12h, então, voltava pra casa, almoçava e ia treinar, nessa época eu morava perto lá, de onde eu treinava, então. Isso aqui já em Brasília, entrava no treino umas 14h da tarde, saía por volta de 18h, todos os dias. De segunda a sexta. Às vezes, assim, no finalzinho, em 2015, eu treinava alguns sábados. A gente tinha um treino_controle, que fala, que é com collant, com aparelho_de_competição, que é uma simulação da competição. E a gente tinha isso no sábado, mas, 1_vez_por_mês ou 2_vezes_por_mês, só, não era sempre. E depois que eu fui para o ensino_médio, comecei a treinar em outro lugar, também, já saía mais tarde da escola, entrava às 7h30 e saía 13h50 e o treino começava às 14h. Então, eu lembro que eu almoçava na escola mesmo, trocava de roupa, e já ia direto para o treino. Às vezes o meu pai me levava, quando dava uma 13h30, assim, eu já tinha acabado de almoçar, ele me levava, me pegava na escola, me levava na GR, as vezes tinha uma_menina, que estudava lá na nossa escola, era eu mais uma_menina, que estudava na escola, e tinha essa outra, mas essa terceira_menina era mais nova. E ela tinha um motorista, o motorista buscava todo mundo. Então, sempre foi de carona assim, quando eu fui, quando eu comecei a estudar na UnB, que eu comecei a pegar ônibus, eu pegava 103, se eu não me engano, saía da UnB, ia pra rodoviária, da rodoviária ia para o Setor_de_Clubes, que era onde eu treinava. Depois de um tempo ficou no Cassabi, essa época já era no Cassabi, no Clube_da_aeronáutica. Voltava 18h para casa, era o tempo de comer alguma coisa, tomar banho, fazer o dever_de_casa, trabalho, estudar pra prova. Na época da faculdade, principalmente, estudar pra prova, e fazer trabalho, e no outro dia, tudo de novo. Quando eu entrei na faculdade isso mudou um pouco porque os horários, a grade era diferente. Foi também um dos motivos que me fez começar a desanimar, porque eu sou extremamente competitiva. E eu não conseguia treinar todos os dias, porque eu tinha aula a tarde na UnB, e obviamente eu comecei a ver que tinham meninas me ultrapassando. Foi um dos motivos, então na UnB isso mudou um pouco, porque a rotina era muito diferente. Eu tinha aula de manhã, tinha dia que eu tinha aula a tarde, então mudava muito. Mas, normalmente, eu saía de casa 7h e eu não tinha carro, quando eu fazia GR. Então eu saía bem cedo de casa, pra chegar na UnB, e voltava só a noite pra casa. Nessa época também eu já comecei a fazer balé à noite, então, eu literalmente voltava só 22h da noite, para casa. Depois ainda tinha o Sigma, que eu ia para rodoviária, pegar o metrô e dar aula, porque era em Águas_Claras. Todas as

minhas técnicas, na verdade, sempre falavam que é, tinha que estudar, mas ninguém nunca falou como os meus pais falavam em casa, que estudar é prioridade. Ninguém nunca falou isso, inclusive, a minha técnica falava várias vezes, a sua prioridade é a GR. Mas elas falavam se você não estudar, se você não for boa aluna na escola, os seus pais vão te tirar da GR, você tem que fazer tudo. Tem que ser disciplinada aqui e ser disciplinada na escola também. Então, não incentivavam muito, mais também, não falavam que não era importante. Foi uma escolha minha, na verdade. Quando eu entrei na faculdade que eu vi que os meus horários iam ser uma loucura, já sentei pra falar com a minha técnica e eu falei que a faculdade ia ser a prioridade. Porque eu realmente queria passar, porque quando eu entrei na faculdade, eu queria ser técnica. Eu entrei pensando em ser técnica_de_GR, então, eu falei que eu queria colocar isso como prioridade e ela teve que aceitar, não ficou muito feliz, mas eu tive que tomar uma decisão e ela aceitou. As pessoas da escola já achavam ruim, é porque assim, eu já faltei muito mais a escola, por causa da GR, do que a GR por causa da escola.

Impressionante, porque, como eu disse eu nunca tive problema na escola, então, se tinha um treino_especial de manhã, e eu precisava faltar à escola, minha mãe não se importava de eu faltar entendeu? Porque ela sabia que não ia fazer tanta diferença pra mim, faltar a escola. E eu não ia achar que era, pronto agora eu posso faltar a escola. Então, na escola era mais difícil, os professores não curtiam muito, assim, eles achavam que eu tava dando prioridade pra GR. E que de uma forma ou outra, era o que eu fazia mesmo. Então, os meus amigos também falavam, você vai ficar fazendo GR até quando? Dos professores, eu já ouvi, de professor falando, eu sei que você é boa, mas a GR não vai botar comida na mesa, coisas assim. Então era pior, assim, por parte da escola. A escola não via com tantos bons olhos assim, lógico, eu ia pra campeonato_estudantil, ganhava medalha, todo mundo fazia apresentação no intervalo, um monte de coisa. Mas na hora de aliviar, por exemplo, no trabalho, ninguém aliviava e ainda reclamavam. Exatamente, não abonavam falta. E, se perdesse prova, o máximo que eles faziam era, já aconteceu de eu perder a prova, e perder a segunda_chamada. Porque eu fiquei muito tempo fora, e geralmente, a segunda_chamada era na semana_seguinte. Então o máximo que eles faziam, era, a gente vai te dar uma segunda_chamada, você paga o mesmo_valor, porque tinha que pagar a segunda_chamada, enfim era isso, não tinha tanto apoio assim, não. Sempre estudei em escola_particular. A minha família é um pouco diferente, eles me incentivavam muito na GR, muito mesmo. Eu lembro que no meu terceiro_ano_em, eu fui treinar lá em Toledo, no Paraná e a técnica, que era a técnica da melhor_ginasta_do_Brasil, na época, a Anita, o meu pai foi lá uma semana ficar comigo, no Paraná e ela falou com ele, falou, se você quiser, a Isabela pode treinar aqui, ela vai ter que arcar com os gastos dela, mas ela pode treinar aqui, ela não vai poder competir pelo nosso Clube, porque a gente não tem mais vaga. Então, a gente não pode pagar ela, porque lá as ginastas recebiam, mas ela pode treinar aqui e competir pelo Clube dela, lá de Brasília. Eu lembro que meu pai perguntou pra mim, se eu queria, tipo, ele falou você quer ir? E eu, mas e a escola pai? Porque a escola realmente não ia ter como conciliar. E ele falou, não, a escola a gente dá um jeito, porque o tempo da GR é agora, a escola você está no terceiro_ano_em você pode fazer alguma prova, supletivo, você pode estudar numa escola_pública, mais,

menos puxado lá em Toledo. Então, ele deixou bem aberto assim para mim e eu me lembro perfeitamente disso, ele sempre me incentivou muito, muito mesmo. Então eu decidi não ir. Eu me arrependo hoje, por não ter ido porque no ano seguinte, eu acho que eu decidi começar a parar. Já acho que tinha sido 1_ano ou 2_anos depois, no máximo. Foi em 2012, acho que foi, mais ou menos isso. Eu sou péssima com anos, mais acho que foi, foi perto. Então acho que talvez tenha sido no mesmo_ano. Então eu sempre tive 100_por_cento de incentivo, pro esporte. Mas lógico que eu também realmente não dava trabalho na escola. Então os meus pais sabiam que eu ia continuar não dando trabalho. Não, não tive nenhum namorado. Olha, às vezes, eu me sentia muito cansada, exausta. De ter que ficar, o dia inteiro fazendo algo e eu tinha mesmo que me dedicar muito na GR, e tinha que me dedicar na escola, porque senão ia começar a ter problema na escola, e eu não ia poder mais ser ginasta. Então, era difícil no começo, só que depois eu acabei me acostumando. Tanto que, até hoje isso reflete em mim, eu não fico parada assim, à tarde em casa, ou se eu estou sem fazer muita coisa, eu fico angustiada, eu arrumo alguma coisa pra fazer. Então, eu acabei me acostumando, sabe, era difícil porque as vezes, meu treino era muito puxado, tinha competição perto e ao mesmo tempo tinha prova perto, na faculdade, principalmente, isso aconteceu. Na faculdade era pior, porque que os professores não entendiam mesmo, mesmo que eu sendo da faculdade_de_Educação_Física, eles falavam, perdeu trabalho, o problema é seu. Então, eu não podia, eu tava acostumada a abrir um pouco mão das coisas_da_escola, pra fazer GR e na faculdade não pude fazer isso. Mas eu acabei me acostumando a conciliar as 2_coisas bem, entendeu. O meu jeito foi fazer tudo correndo e não parar nunca. Então, começou quando eu entrei na faculdade, que é aquilo eu já falei, eu comecei a perder os treinos, não podia ir em todos, vi que o meu rendimento estava caindo, não conseguia mais me dedicar da mesma forma, foi quando eu comecei a ficar desmotivada, depois, o motivo real de ter saído foi esse, eu realmente fiquei desmotivada porque eu não tava conseguindo treinar como eu gostaria. E como eu não conseguia treinar, não conseguia competir como eu gostaria também. Então, ao mesmo tempo, eu entrei no balé, de novo, voltei pro balé, saindo, quando eu comecei a desestimular na GR. Eu meio que falei, eu vou substituir uma coisa pela outra e quando eu comecei a gostar mais do Balé, foi quando eu consegui me desapegar da GR. Eu falei, eu fazer minha última competição, porque eu não quero, eu lembro que eu não queria perder, eu queria me aposentar como campeã_Brasiliense. Eu queria sair por cima, exatamente, e eu falei, eu vou fazer a minha última competição, dar o gás, treinar muito e chega. Vou ficar só no balé, porque eu realmente não estava mais me destacando. Então eu estudava na UnB, fazia o balé, treinava a GR e estagiava no Sigma, tudo numa época só. Quando eu troquei a GR pelo balé foi no quinto_ semestre, eu acho. É, de faculdade e GR foram 2_anos. Até hoje eu estou no balé. Faço apresentação e o que eu mais gosto é que eu participo de competição também, tem concurso. Eu lembro que eu entrei no final_do_ano, no Balé. E no ano seguinte, meu professor que tem uma companhia, a que eu faço parte hoje, tem a escola, a academia de balé e a companhia. A companhia é o que vai pro concurso, que faz espetáculo, essas coisas. Eu tava na academia e ele gostou de mim, e me chamou pra companhia, foi no ano seguinte que ele me chamou. Então eu comecei a treinar pesado

no balé também, treinar pesado na GR, faculdade, estágio e eu decidi que a GR ia ser minha última competição. foi mais ou menos no final_do_ano a competição, e eu fiquei só no balé. E logo nesse_ano eu já competi pro balé, já fui pra minha primeira_competição, em Caldas_Novas. Todo mundo me incentivou a não sair. Meus pais ficaram, minha mãe ficou arrasada tadinha, nessa época eu tinha namorado, no ano que eu saí, eu arrumei um namorado e ele também, apesar de não conhecer a minha trajetória, ele via que eu gostava muito. Porque eu saí ainda apaixonada, eu saí gostando muito, de treinar GR. Então, todo mundo ficou falando assim, cara, você vai se arrepender, não saí. Meu namorado também, me apoiou a continuar treinando, apesar de que isso atrapalhava um pouco o maoro, porque lógico, chegava à noite eu tava morta. Hoje eu paro pra pensar, eu era doida. Mas ele me incentivava, a minha mãe me incentivava, todos os meus amigos falavam, não é possível, não sai, você é tão boa. E, meus professores também, meus técnicos, ninguém queria que eu saísse, só eu mesmo. É, eu competi no balé, esse ano 2019, na verdade, ano passado, eu comecei a diminuir um pouco as competições, justamente porque eu estou nesse novo_projeto de abrir meu próprio_negócio. Então, eu estou tendo que economizar bastante, porque meus pais já não podem pagar tudo pra mim. Já que eu ganho um salário, agora eles não podem pagar tudo. Então, desde o momento que eu entrei para companhia, que foi logo quando eu entrei para o balé, eu participei do primeiro_concurso. Desde então todos_os_anos tem pelo menos, 2_concursos, pra ir. E, no ano_retrasado 2017, foi o auge, assim que eu fiz um concurso aqui, em Caldas_Novas, e fui classificada pra competir em Nova_York, fui com mais 2_amigas. Lá em Nova_York eu ganhei o prêmio, de terceiro_lugar, lá. Então, isso pra mim foi maravilhoso, uma das melhores, desde que eu saí da GR, foi o melhor dia, assim, da minha vida. Porque eu sou muito competitiva, é um defeito, nossa, eu adoro competir, adoro ganhar, então, competir pra mim, na dança, era muito legal. É até hoje, hoje eu não sou muito competitiva, mas, antigamente, eu substituí, eu realmente substituí a GR. A minha derrota mais marcante foi na GR. Foi nos jogos_escolares, que eu inclusive perdi pra Luiza, porque a GR é um esporte muito subjetivo. Então, às vezes aqui em Brasília a gente tem poucos árbitros. Então, metade da mesa era do meu clube, metade da mesa era do clube_da_Luiza, por exemplo. Entendeu? Então isso, as vezes, atrapalhava muito, e eu lembro que nessa Competição eu fiquei em segundo_lugar, só que eu tinha plena consciência de que eu merecia ter ficado primeiro_lugar, na minha cabeça eu achava que eu tinha que ter ficado em primeiro_lugar, foi mega_frustrante pra mim, eu fiquei muito chateada, ainda fui classificada, porque fiquei em segundo_lugar, eram as 2_primeiras que iam. E eu lembro que eu falei, no próximo não vai ter vai ter dúvida, eu vou ganhar pra ninguém no ginásio falar que eu não merecia ganhar. E foi o ano que eu acho que eu mais treinei na vida e foi dito e feito, foi a melhor_competição que eu fiz. Porque eu não gostava de perder, era muito frustrante, eu ficava muito chateada quando eu perdia, muito mesmo. No balé a gente fazia aula todos_os_dias, aula a noite. Tinha uma época que eu fazia de 18h30 às 22h, todo_dia. Também era uma GR, era bem intenso. E, aos sábados à tarde, a gente tinha os ensaios da companhia, que eram os ensaios pra concurso. Durante a semana era mais aula, mesmo, e alguns ensaios, assim, esporádicos. Mas o ensaio mesmo, era todo sábado à tarde. Os ensaios aos sábados eram de 13h às 17h mais ou

menos, montava coreografia. Desde o final_do_ano passado eu diminuí o balé, porque, nesse ponto eu diminui e não foi nem por causa do dinheiro, porque eu realmente comecei a fazer pós_graduação, no meio_do_ano_passado e tinha que dar atenção a outras coisas. Comecei a trabalhar sábado, então, ficou mais complicado. Também não tenho mais tanto espírito_de_competição dentro de mim. Tanto que, hoje eu prefiro muito mais apresentar, fazer um espetáculo, do que ir pra um concurso. E antigamente eu só queria fazer concurso. Eu sempre falo, o Brasil não é um país que incentiva muito o esporte, incentiva o futebol, um pouquinho ali do vôlei. Então, pra quem é atleta ou pra quem quer ser atleta de alguma outra modalidade, e quer continuar estudando, porque também sem estudar, você não é nada. Já que eles não valorizam o esporte, você tem que estudar, pra ser alguma coisa, você não pode viver do esporte, é muito complicado. Porque é exatamente isso, assim, chega um momento que você só faz isso da sua vida. Até hoje a galera fala de uns desenhos_animados, de jogo_de_videogame que eu não conheço e todo mundo fala, como que você não conhece isso? Eu falo gente, eu não conheço, eu só treinava. Eu ia pra escola e treinava, eu passei a vida no ginásio. Então, é muito difícil, porque você não pode viver do esporte, você tem que estudar e ao mesmo tempo as instituições, as escolas não entendem que você é talentoso, que você pode chegar, que você pode ir além não foi muito o meu caso. Mas eu acho que se eu tivesse um pouco mais incentivo da escola, porque de casa eu sempre tive 100_por_cento, mas de escola, da escola falar vai, não se preocupe, a gente dá um jeito, pode faltar, pode treinar fora 1_mês, não tem problema, eu acho que eu conseguiria muito mais coisas do que eu consegui na minha carreira. Então é muito difícil isso, é triste, porque eu acho que essa situação não é só minha. Acho que todo atleta que quer ser atleta de verdade passa por isso, por esse período horrível na vida, é onde alguns vão atrás mesmo e que se lasque tudo e outros vão seguir o caminho tradicional, que foi mais ou menos o que eu fiz. Eu realmente parei, acho que é isso.

Ex-atleta 4 – Ginástica Rítmica

É, dedicação. Minha mãe me colocava nessas colônias_de_férias, que você passa o dia_inteiro. Então eu ia, lembro que tinha uma Iate_clube, que ia de manhã e tinha natação, patinação, aula_de_arte. Eu passava a tarde, o dia_inteiro lá. E, quando fiz 8_anos eu cansei de natação, só que a minha mãe disse que eu tinha que fazer algum esporte que me desse controle na água. Então eu procurei nado_sincronizado, na época eu também fazia ginástica_olímpica, na Asbac. Fazia ginástica_olímpica e natação, eu queria continuar na ginástica_olímpica, eu gostava muito, só que como a minha mãe achou o nado_sincronizado que era no CIEF, não tinha ginástica_olímpica lá. Então, eu comecei a GR, com 8_anos e continuei no alto_rendimento. Comecei na escolinha do nado_sincronizado e da GR, depois entrei no alto_rendimento dos dois, quando os treinos começaram coincidir, que começou a aumentar a carga_horária, eu precisei escolher um dos dois, nado_sincronizado seria até o que teria mais chance de uma carreira_de_atleta, só que a GR, eu tinha um pouco mais de gosto. Nado_sincronizado além de ser um esporte um pouco menos conhecido, eu já tava na seleção_brasileira. No ano que eu fiquei só na GR, eu ia fazer a seletiva, pra seleção_brasileira. Então, eu

meio que abri mão disso pra ficar na GR que eu sabia que tem muitas meninas, centro_de_treinamento muito rígidos, com apoio muito maior. Você pega um clube do Paraná, são 2_ginásios_climatizados, tablado, fisioterapeuta, médico, toda uma estrutura. Param de estudar inclusive só pra treinar, então, se eu quisesse ficar a par delas eu teria que abrir mão de muita coisa. Então, além da minha mãe, meu pai também foi fundamental pra eu me tornar atleta. Os dois me levaram para esse caminho de não ficar em casa vendo TV. Eu me considerei atleta_de_alto_rendimento quando os treinos realmente começaram a ser diários. É, 4h a 5h por dia de segunda a sexta e um treino aos sábados de manhã. Eu consegui conciliar os dois, alto_rendimento por um tempo, o nado_sincronizado e a GR, porque eu treinava 3_vezes por semana a GR, e 2_vezes na semana, no nado_sincronizado, só que começou a não ser suficiente. Por isso que eu tive que fazer a escolha, porque os dois estavam me cobrando mais dias_de_treino, mais horas_de_treino, com os dois eu não tinha 10_dias na semana, pra eu conseguir. Então com 9_ano, 10_anos eu já me considerava atleta_de_alto_rendimento. É, eu acho que eu fiquei só na GR com 11_anos, um tempo depois, por. É, campeonato_Brasiliense, Jogos_Escolares, todos os jogos_escolares a partir de 12_anos eu fui classificada. É, campeonato_brasileiro, a gente foi pro campeonato_brasileiro de conjuntos, e ficamos em terceiro_lugar, teve campeonato_brasileiro individual, também. Foram essas, tem poucas competições, assim, ao decorrer do ano as competições mais importantes são o campeonato_brasileiro, jogos_escolares. É, se você vai para o brasileiro, você não participa mais do torneio nacional. Eu fui para o torneio_nacional, quando era mais nova, e eu acho que 2_vezes, e depois fui para o campeonato_brasileiro. Não, é porque eu realmente não quis abrir mão e nem minha mãe deixou eu abrir mão de estudar, de fazer qualquer outra coisa, ainda mais porque eu tava numa escola extremamente puxada. É impossível conciliar treino, com rotina estudantil. Muito puxado os dois, no ensino_fundamental até que dava, mas entrando no ensino_médio, vira loucura. Você tem que se desgastar muito pra isso acontecer, não acho que esse desgaste todo vale a pena. Porque começa a realmente afetar o bem_estar. Eu estudei em escola_pública até a quarta_série, depois disso a partir do sexto_ano, eu entrei na escola_particular, que era o INEI, aqui na L2. O Sigma comprou o INEI e eu continuei, fiquei aqui no Sigma da L2 até o nono_ano, fiz o ensino_médio na 910, e me formei lá. Tinha um filho de um de uns amigos dos meus pais, que estudavam no INEI, e adorava o sistema_de_ensino, a maneira que eles tratavam, e minha mãe resolveu me colocar no INEI, só que, realmente, ele acabou, o Sigma comprou, e como o Sigma tem a fama de ser uma escola boa, eles resolveram me deixar lá. Nossa, o ensino_médio pra mim foi meio traumático. Foi realmente assim, eu saí da GR, no meu final do primeiro_ano_em, segundo_ano_em eu até tentava ir, tentava levar a GR como hobby, mas eu sou muito competitiva. Então, não tinha motivação pra treinar se eu não ia competir. Terceiro_ano_em foi loucura, de PAS e ENEM, que é o pesadelo. Então foram anos bem difíceis assim pra mim, sofri bastante. No ensino_fundamental foi muito bom, todos os meus professores eram ótimos, eu gostava de ir pra aula, eu era pequenininha. Então, eu ia empolgada pra aula, saía da aula e ia treinar, toda a energia do mundo. Eu saí da GR por diversos motivos, tanto por conta da dificuldade do Sigma, que, não tava dando pra conciliar com os

treinos_diários, chegava muito cansada em casa pra conseguir estudar, o que eu precisava. Eu também tava querendo uma vida_social, que eu não tinha até então. Nunca conseguia sair, perdia aniversário de amigas, perdia várias coisas. Então, queria muito ter uma vida_social e conseguir fazer as coisas, igual todo mundo fazia. E, foi difícil também por conta da pressão, eu tive durante o meu terceiro_ano_em crise de ansiedade, depressão por conta do estresse, eu não admito muita pressão. Isso é uma das coisas que a GR até me ajudou um pouco, porque é realmente só pressão. Tem o lado bom, mas é aquele estresse de estar ali todos os dias, você vê mais seus técnicos do que você vê seus pais, todo mundo que está ali no ginásio vira sua família, são as pessoas que você mais convive, na sua rotina. Seu mundo gira em volta do treino, seu mundo gira em torno do esporte, da competição, das lesões, dos médicos. Então, isso me prejudicou na escola. Eu tive realmente dificuldade, eu ficava pra trás, por não conseguir acompanhar, não ter o tempo pra estudar que o resto da sala tinha. Nunca peguei recuperação. Não, acho que lesão é algo bem comum, entre atleta. Não tem pra onde você fugir disso, eu tive algumas lesões. Eu também, eu tenho problema genético, no joelho. Certas coisas, por exemplo, eu não consigo correr, que meu joelho incha, tem essas pequenas_dores, também que dava no treino. Eu já lesionei virilha, torci 1001_dedos, que já pegou na cara o estilete_da_fita, bem aqui nessa divisão_do_olho, começou a sangrar, desmaios no treino. Eu tinha uma posição_inicial, de uma série_minha, que era, a cabeça ficava assim, a perna passava por cima, e ficava, até a música começar. Nesse dia, demoraram pra colocar minha música e eu fiquei lá, eu fiquei sem ar. Mas foi rápido, também. No ensino_médio eu comecei a fazer simulações, que tem mesmo, o Sigma_Mundi. E eu me interessei muito por essa área de relações_internacionais, negociação, diplomacia, essa, você pegar um conflito vê os dois lados, e tentar resolver. Então, eu comecei a ter muito foco, querer muito o Rio_Branco. E eu fui ver quais os melhores cursos para a prova do Rio_Branco e eu cheguei na conclusão que era história. Porque a prova é muito geopolítica, muita história_do_Brasil, tem direito, tem economia, mas o foco_central é muito história. Então, eu resolvi ter a base que os outros não têm. Foi ótimo assim, todo mundo da minha sala, que entrou junto comigo, todos têm uma relação muito boa, muito companheiros. É, em questão de nota, não tive nenhum problema com nota, até agora. Então, basicamente MS pra cima, os amigos do ensino_médio, mantém o contato com os que eram mais próximos, mesmo. Os que era mais de rotina, de ver no dia a dia, me afastei. Mas de vez em quando ainda vê, é uma relação normal, assim. Basicamente, eu gostei de entrar na UnB, foi um alívio muito grande pra mim. Sim. Meus pais fizeram UnB, e eles sempre colocaram na minha cabeça UnB. Eu pretendo sair daqui fazendo um mestrado, na parte de relações_internacionais. Sim. Minha mãe fez química, ela é bem de exatas. Meu pai fez, acho que geologia, se não me engano. Não cheguei a trabalhar ou estagiar ainda, eu entrei aqui com 17_anos, acabou que eu tinha esperar até fazer 18_anos que já tava em outubro, e entrou esse_semestre, falaram que o terceiro_semestre de história é o mais difícil do curso, bem puxado, então eu vou segurar, mas pretendo estagiar no próximo semestre. O esporte te dá uma disciplina, uma garra pra você ir atrás das coisas. Porque você não consegue tudo de primeira. Realmente você tentar todo_dia, até você conseguir. Então, me ensinou muito, a GR me

ensinou muito, me amadureceu muito, também. Eu passei por muita situação que, me fez crescer, mais rápido, me fez ter uma visão diferente das coisas, de não desistir, não, não pode desistir. Eu penso em dar aula por uns anos, por isso até que eu estou fazendo licenciatura. Mas meu foco mesmo é trabalhar com relações_internacionais, mesmo que não seja o concurso do Rio_Branco. Numa empresa, numa ONU, só sei que eu quero mexer com isso. É, meus gastos com a GR eram com fisioterapeuta, nutricionista, massagista, ortopedista, cardiologista, psicóloga, academia para fortalecimento, balé. É, material muito caro, os equipamentos da GR são muito caros mesmo, uma bola é 350_reais, fita é 120_reais, estilete 90_reais, as maças acho que uns 180_reais, 200_reais o par. Era um custo que, minha mãe gastava uns 2500_reais comigo, por mês. É, tudo a gente que pagava. As vezes a gente conseguia o apoio do Compete_brasília, isso. Mas às vezes, quase nunca. O patrocínio é muito difícil na GR. Muita pouca visibilidade, não tem a valorização que merece. É porque tudo gira mais em torno dos esportes, Judô, futebol, os patrocínios, eles realmente não investem na GR, basicamente. Então é muito difícil, eu conseguia patrocínio, por exemplo, com a massagista, desconto na academia, mais nada, de ganhar dinheiro para conseguir bancar tudo. É, quando eu fui classificada para receber o bolsa_atleta, eu não lembro quando que foi. Eu lembro que, quando eu saí, eu tava em segundo_lugar, no ranking_de_Brasília. Eu conheci o bolsa_atleta, creio que foi a minha técnica que avisou. Eu acho que todas as meninas do clube eram inscritas no bolsa_atleta. Então, pelo que eu me recordo, meio que com o tempo, quando começou o alto_rendimento, já encaminhou. Eu recebi o bolsa_atleta uns 5_anos, eu não lembro direito a época que eu comecei a receber. Antes eu recebia a bolsa_atleta mais básica, quando eu fui em segundo_lugar aumentou o valor, comecei a receber mais, quase o dobro. Quando a gente ganhou o campeonato_brasileiro, teoricamente era pra eu receber, só que eu tinha 14_anos, ou era 13_anos, eu sei que não era permitido, porque seria classificado, pelo que eu me recordo, como trabalho_infantil, pelas regras_de_nível. Porque pela GR seria a categoria_juvenil, eu já seria o juvenil. Só que acho que pelo futebol eu seria categoria_infantil, e eu não poderia receber a bolsa_nacional. É. Então acabou que nessa, do campeonato_brasileiro eu fui a única que não recebeu a bolsa_atleta, eram 925_reais. Eu lembro que eu fiquei indignada, porque eu já era considerada categoria_juvenil, teoricamente segundo a categoria eu já poderia ganhar, porém com a idade, por conta da regra de outro esporte, se eu não me engano o futebol, não era autorizado. Então foi o dinheiro bom que eu perdi, que ia dar uma ajuda boa. A bolsa_atleta que eu tive era uma quantia muito pequena, comparado ao gasto. Então, a minha mãe ela deixava na poupança, para mim, para, por exemplo, quando viajasse para competições usar o bolsa_atleta pra comprar os almoços, as refeições de lá, alguma coisinha que eu quisesse, ela deixava para as competições. Sim. Eu recebi alguns patrocínios, assim, mais pequenininhos assim, desconto em tal lugar. Eu entrava 7h15, no ensino_fundamental e saía 12h20, o treino começava 14h e ia até 18h30. Eu morava no Grande_Colorado. Saía às 6h da manhã, para não pegar trânsito. Pro treino, nessa época, teve uma época que a gente tava no CIEF que era ali na Asa_Sul, depois fomos para CM, depois pro Ginásio_da_PM, e fixamos no SESI. Hoje em dia, onde eu treinava, o estabelecimento está no SESI, de Taguatinga. É, a gente almoçava na rua, e

ia direto para o treino. As vezes a minha mãe me levava, as vezes era sistema_de_carona, tinha uma amiga minha que estudava no Sigma, também. Então, um dia a mãe dela levava, um dia a minha mãe levava, quando uma técnica nova, ela também conseguiu ginásio_na_Católica, quando não conseguia treinar em algum desses, que as vezes acontecia. Então, quando a gente ia para Taguatinga, normalmente, a gente pegava o metrô e alguém buscava a gente na estação ali de Águas_Claras e ia dando um jeito assim. Nossa, levava muito tempo, a gente saía às 18h30, 19h, pico_de_trânsito, saindo de Taguatinga pegando o trânsito do Grande_Colorado levava umas 2h pra chegar em casa. Às vezes minha mãe me buscava diretamente lá no Sesi, as vezes eu pegava carona até a Asa_Sul, até, porque na maioria das vezes, tinha uma mulher que morava ali na 14_Sul, a minha mãe me buscava lá, pra não ter que ir em Taguatinga e voltar. 3_vezes por semana, segunda, quarta e sexta. Terça e quinta eu tinha academia e balé. As vezes tinha treino no sábado, dependia do que as técnicas achavam melhor, se tinha necessidade. No sábado era a mesma coisa, 4h30. Começava as 8h da manhã e ia 13h30 da tarde. Minha técnica pedia normalmente o boletim, mas ela falava, vocês não podem ir mal na escola. Mas não tinha muito, quero ver as notas de vocês, vocês não vão fazer isso se a nota não estiver boa. Porque é realmente difícil conciliar e elas sabem disso. Então, não tinha muito esse incentivo é mais dos pais, mesmo. Os professores sempre foram muito compreensíveis, no ensino_fundamental, principalmente. Eles, tinha vezes que eu chegava exausta de treino e tinha um professor específico de matemática, que ele deixava eu entregar exercício depois, não descontava ponto por eu não entregar um dever de casa. Então, eu sempre tive muito apoio no ensino_fundamental dos meus professores, eles sempre, me ajudaram muito e respeitaram assim meus treinos e meu horário. No ensino_médio, você não é mais criança, é independente de si, se você não consegue fazer isso, problema seu. Então o apoio não existiu, tinha um professor ou outro que era mais simpaticante, mas basicamente era se vira, arranja um tempo. Meus colegas sempre foram muito, bem indiferentes. Alguns assistiam minhas competições, sabiam que eu treinava, gostavam, mas não tinha assim, uma opinião nem ruim nem boa. Meu pai falava, a partir do momento que está te atrapalhando na escola sai, e minha mãe ela sempre apoiou um pouco mais, essa questão do esporte. Ela ia muito atrás das coisas, aprendeu a bordar collant pra economizar dinheiro na costureira. Então ela sempre tentou, não filha, tenta, tenta conciliar, não desiste, não abre mão de tudo agora. Mas, quando ela viu que era uma escolha que não era por impulso, era uma escolha que eu tinha parado e refletido ela aceitou normalmente. Ela falou não, tudo bem, você quer sair então pode sair. Eu sempre consegui assim, tirar uma nota, não eram as melhores notas, mas eu também não era a pior da sala, então passando de ano minha mãe ficava mais tranquila. Namorado no ensino_fundamental, nem pensar. No ensino_médio, não namorado, mas quando eu comecei a sair, ir atrás de vida_social, eu comecei a ficar com uns meninos. Durante a carreira, as técnicas não gostavam que a gente tivesse namorado. Elas falavam, claramente assim, muita distração, tira o foco. É, entre essas 3_coisas assim principais, vida_social, estudos e esporte. Impossível conciliar os três, você tem que escolher dois. Dois até vai se você estuda e treina, você vai morrer, você vai ficar exausto, você vai chegar no final do dia querendo dormir 3_semanas seguidas. Mas, até

que dá, não com a qualidade que você teria só estudando ou só treinando, mas dá pra fazer. Ou você treina e tem uma vida_social, você estuda e tem uma vida_social, nunca dá os três ao mesmo tempo, é impossível. Não tem, não existe tempo, não existe alguém que consiga fazer isso, treinando em alto_rendimento. Então, conciliando a GR com a escola, eu sempre senti a falta de ter essa socialização com as outras pessoas, fora do ginásio. De, não posso ir em tal aniversário, porque eu tenho treino hoje. Eu perdia tudo, festa_do_pijama e para uma criança, faz falta assim. Porque a criança fica meio triste de estar perdendo isso. Mas, eu consegui levar os estudos e o esporte por um tempo, até eu achar que, não seria mais saudável pra mim, ficar nos dois. Eu já não tava com a mesma disposição, não tava com a mesma força de vontade de treinar, que eu tinha antes. Eu tava meio que, realmente querendo sair, é muito esforço, é muito sacrifício e eu não tava mais disposta a me doar tanto assim, pelo esporte.

Teoricamente, por lei, eles não podem prejudicar nenhum atleta competindo, representando Brasília. Então, tinham que abonar as minhas faltas, se tivesse prova eu não pagava as taxas para fazer a segunda_chamada, as tarefas, durante esse tempo, eu era dispensada, então tinha esse apoio da escola, em relação a isso, eles não me prejudicavam. Foi realmente isso, eu fui cansando da rotina, cansando dos estresses diários, dos sacrifícios, eu queria muito ter uma vida_social, eu queria realmente, assim, começar a sair. Eu estava no ensino_médio, época que o povo, mais pensa nisso, então eu comecei a ficar sem saco, não querer treinar, ficava com preguiça, nossa, tem treino hoje, que merda. E eu fiquei colocando na minha cabeça que eu não queria mais treinar e eu fui me preparando pra sair. Continuei treinando até eu decidir, que eu fui sair. Eu parei de uma vez. Parei de uma vez, tanto é que, quando eu parei, ameaçaram cortar o meu bolsa_atleta, eu parei tipo, em setembro, então tinha mais 3_meses de bolsa_atleta pra receber, ameaçaram cortar. Então, em outubro eu treinei 3_dias e competir nos jogos_escolares, para não perder o bolsa_atleta, que era a única competição que o bolsa_atleta precisava, que pedia até o final do ano, fiquei 1_mês parada, treinei 3_dias, competi nos jogos_escolares, e eu parei de vez. Eu estava com 15_anos, foi em 2015. Meu pai achou o ideal, para focar nos estudos, minha mãe também, tipo, sabia que era o melhor, porém os dois falavam pra eu fazer alguma outra coisa, uma dança e eu na verdade não escutei, eu tava tão de saco_cheio de compromissos, que eu só falei, não vou fazer mais nada durante um bom tempo. Minhas técnicas compreenderam, elas já estavam vendo a um tempo que eu não tava no meu melhor estado, já tava meio de saco_cheio. E até hoje eu tenho uma boa relação com elas, ainda visito o ginásio, fico lá a tarde inteira, tenho uma relação boa. É, eu estou na UnB, faço acompanhamento na academia, também, por conta do meu problema no joelho, de fortalecimento, mas é só.

Ex-atleta 6 – Ginástica Artística

Eu sempre gostei, desde criança por que minha mãe quando era mais nova fazia basquete e ela fez educação_física então sempre foi próxima do esporte então a gente sempre foi apresentado a todos os esportes, quando a gente era criança ela sempre incentivou a gente a fazer alguma coisa, porque criança parada, não dá, ela sempre colocou a gente em vários esportes e quando a gente viu a GA, porque todo mundo lá de

casa fez GA, nós somos ex_atletas ou atletas ainda, meu irmão ainda é atleta da seleção_brasileira, então, como minha mãe era apaixonada por esporte ela sempre incentivou a gente, eu comecei no judô e quando eu entrei na GA com 3_anos eu só fiquei na GA, aquele sonho de criança de querer ser do alto_rendimento desde criança e fiquei nesse esporte. Eu tenho 2_irmãos e 1_irmã, todos foram da GA, minha mãe é mãe solteira então todos nós fomos atletas, não de alto_rendimento, meu irmão, eu sou a mais nova então o meu irmão mais velho é o que ainda faz GA, meu irmão mais novo ele fez mas não foi atleta de alto_rendimento, minha irmã também não foi, no caso só eu e meu irmão mais velho, mas assim, meus outros irmãos praticaram e foram pra competições fora, internacional não chegaram a ir mas nacional foram, mas só quem foi pra frente foram nós dois. Eu acho que fundamental para eu me tornar atleta foi minha mãe mesmo e parte do técnico também, por que ele te dá um incentivo muito grande, você tá ali no dia_a_dia com ele, na verdade o dia inteiro por que a gente treina a tarde e a noite, desde criança a gente passa um bom tempo com o técnico e mais a minha mãe, minha família mesmo por que eles estavam no meio do esporte sempre ali comigo então eles e os amigos, amigos da GA que viram sua família por que todo mundo que treina ali com você vira sua família e todo mundo te incentiva a continuar cada vez mais. Eu treinei no Clube_Escola_1 na época, ele é de uma escola, Escola_Classe_1 ali embaixo da feira_de_Taguatinga ali pra baixo do centro, feira_dos_importados tinha esse clube e na época só tinha ele e Setor_Leste e treinava muita gente lá na época a GA não tinha, na verdade até hoje a GA, ninguém quer muito saber de GA então acabou que a gente não tinha incentivo lá e aconteceram algumas coisas que o ginásio acabou se desfazendo. Quando eu tive oportunidade eu fui pra fora só que era particular, na ASBAC, esses eram os únicos lugares aqui em Brasília que tinham GA, Setor_Leste, Clube_Escola_1 e ASBAC, mas alto_rendimento mesmo foi quando eu tava na ASBAC. Eu passei a me considerar atleta de alto_rendimento a partir dos 13_anos que foi quando as coisas começaram a ficar mais sérias, de você perceber que tem gente mais nova que você que tá chegando e fazendo melhor, te atropelando e você ter que treinar sério mesmo, foi quando caiu a ficha mesmo, você pensa, é agora eu sou atleta de alto_rendimento mesmo, tenho que correr atrás. Eu competi muitos campeonatos_nacionais, em várias idades diferentes mas as competições de fora que a gente tinha, no Panamá, a gente não tinha como ir e a gente também não teve ajuda então essas competições eu não participei mas em geral foi só nacional mesmo, por que as outras eu não tinha condições de ir. Meu conceito de conquistas é meio diferente dos outros entendeu? Acho que falar que minha conquista foi nas competições, minhas conquistas dentro do esporte foi conhecer o tanto de gente que eu conheci ter esse contato com o esporte, sentir esse amor que você sente pelo esporte de querer sempre estar dentro do ginásio, com aquelas pessoas, eu acho que essas são as conquistas. Quando a gente fala em escola o que mais me lembra é que é difícil, de acordar cedo, tinha dever_de_casa, a gente treinava o dia_inteiro, chegava em casa a noite, cansada, não podia dormir por que tinha dever_de_casa pra fazer, minha mãe sempre foi muito rígida, por que ela é professora, então a gente sempre tinha que tirar nota boa, ela dizia que a gente tinha que fazer tudo, as vezes a gente chegava cansado do treino, dormia e acordava 4h da manhã pra fazer o dever_de_casa e depois ir pro colégio então foi

sempre difícil. Sempre estudei em escola_pública, tirando a faculdade que foi particular mas foi com a ajuda do PROUNI, a gente sempre tinha que estudar de manhã então era difícil encontrar escola de manhã por que são 4_filhos em idades diferentes, escolaridades diferentes, eu tava na quinta_série o outro sexta_série, o outro na oitava_série e o outro no primeiro_ano_em e todos nós éramos atletas na época então a gente sempre tinha que estudar de manhã. Sempre foi uma loucura achar escola de manhã só que como ela tinha contato porque era professora sempre conseguia então era sempre escola_pública ali pelo do centro, então já estudei no 15, no 8, já estudei no 74 que é mais ali pra Ceilândia mudava muito de escola por causa do horário, por exemplo tinha de manhã em uma escola pra mim e pra um irmão mas para o outro era outra escola então minha mãe tinha que deixar uns numa escola e outros em outra escola, tinha que buscar todo mundo e levar todo mundo, ainda trabalhar. Eu escolhi o curso de biologia mais pelo meu ensino_médio, eu sempre gostei muito de biologia, desde criança mas no ensino_médio as pessoas que eu conheci que eu convivi, minha mãe diz que eu falava desde criança que queria ser bióloga, eu não me lembro de falar isso mas se minha mãe falou tá certo. O que eu mais gostava na escola era todo o tempo livre que eu tinha lá dentro, que na escola meio que era o tempo livre que eu tinha, por que o resto do dia inteiro era treinando, mesmo em sala_de_aula contava como tempo livre. Na faculdade o que eu mais gostei foi dos professores que eu conheci, o meio que eu convivi ali dentro da faculdade. O que eu não gostava na escola, eu acho que o sistema_de_ensino assim ele é meio errado em alguns pontos eu acho que todo mundo acha isso então algumas coisas não fazem sentido dentro da escola, a forma meio que você é trado dentro da escola até hoje, quando você vê as coisas pelo lado do professor meio que tá trabalhando, só que você não vê da forma do aluno, a gente só chega a pensar nisso quando estudante, então tinham muitas coisas na escola que não faziam sentido pra mim como você chegar atrasado e não poder entrar na escola e ter que voltar pra casa, por que era difícil pra mim chegar na hora na escola por causa dos treinos, chegava cansada, tinha que dormir tinha que fazer tudo, acabava chegando atrasada na escola, então tinham várias coisas dentro do sistema_de_ensino mesmo que pra mim não fazia sentido por que se você foi ali pra estudar por que você não pode entrar? Não faz sentido, você foi lá, não tem sentido, a escola meio que eu vi muito como prisão para os alunos, claro que era meu tempo livre ali, só que a meu ver como estudante para as pessoas que estavam ali dentro eu via como prisão, você não é tratado de uma forma que você pode, lógico teve locais que eu estudei que eu pude ter essa liberdade de aluno e professor mas não são todas as escolas que são assim, não são todos os professores que são assim então o que eu via nisso das partes ruins da escola é essa, da relação que você tinha, não era uma relação livre com as pessoas, você não tinha liberdade, de conversar, as vezes você não tinha como nem tirar uma dúvida por que a pessoa já tava ali explicando meio que na má_vontade como é que você vai tirar uma dúvida com ela? Você vai dar uma encolhida ali na sua, então pra mim essas foram as partes mais ruins da escola, por que é muito ruim você querer conversar com a pessoas, querer fazer parte, entender um mundo por que o meu tempo na escola era quando eu tinha pra entender o mundo, por que o resto do meu tempo eu tava trancada o dia_inteiro dentro do ginásio então assim como você vai ter essa relação num ambiente que não tá

propenso pra isso, por exemplo, deixa lá o menino ele só precisa da nota dele pra passar e não tá mais nem aí, era bem assim. Na faculdade eu vi totalmente o contrário, meus professores eram legais com você eles queriam que você entendesse eles tinham essa preocupação, sempre que precisava tiravam as dúvidas, esse foi sempre o diferencial as vezes eu penso, será que por que talvez seja um local_público, a escola né, óbvio que todas as escolas_públicas que eu estudei foram muito boas, mas você tem essa impressão de que na escola_particular você não vê tanto esse cenário quanto na escola_pública. Na época da escola eu nunca fiquei em nenhuma matéria, claro que a média da escola_pública era cinco mas eu nunca tirava nota_baixa, as notas de todo mundo lá de casa sempre era sete ou oito por causa da minha mãe em cima, sempre, já devo ter ficado de recuperação, mas uma vez só. Já na faculdade a minha meta de notas foi sempre acima de oito, nunca tive dificuldade, acho que por que minha sempre falou pra gente valorizar o professor, o que ele tem pra ensinar pra você, a gente sempre respeitou muito, por que tem professor que escuta desaforo de aluno o dia_inteiro, a gente também tinha medo da minha mãe bater na gente, se eu tirar nota_baixa minha mãe vai me dar uma surra. Eu tava pretendendo fazer o mestrado, eu tava até no laboratório lá na UnB, de biologia_molecular, mas eu ainda não decidi o que eu vou fazer daqui pra frente, eu me formei tem 1_ano, eu fiz estágio dentro da faculdade e ganhava mais desconto e trabalho era só a noite e final_de_semana, por que eu tinha que dar aula no estágio toda_semana e trabalho mesmo só no final_de_semana como fotógrafa em boates, esses lugares, o estágio_da_faculdade era um reforço na matéria de cálculo, pro ensino_técnico e pra graduação mesmo, eram 4h só, pouquinho tempo, mas já era um adiantado, por que eu passei a pagar 90_reais a mensalidade por causa do desconto que eu ganhei. Agora eu estou desempregada, procurando trabalho só que pra professor tá difícil, eu vejo que o esporte influencia no meu trabalho com a disciplina, você tem que ter muita cabeça tem que estar muito focada nas coisas o tempo todo, ainda mais GA por que qualquer vacilo que você der, você tem que estar o tempo todo focado e o seu técnico tá o tempo todo em cima de você, quando viaja, tem que ter disciplina, responsabilidade de cuidar das suas coisas fazer tudo direitinho, não fazer merda, acho que isso ajudou muito na vida em geral, o esporte te dá muita disciplina, muita responsabilidade. Então, minhas expectativas com trabalho hoje, eu só queria um trabalho mesmo, as expectativas não estão tão altas assim, alguns concursos pra cá outros pra fora também, vamos ver se anda. Eram muitos gastos quando eu era atleta, no começo os gastos eram muito com viagem, roupa_de_treino, até coisas pro ginásio, por que não eram aqueles ginásios, então a gente sempre tava fazendo rifa, porque tinham muitos gastos, quando a gente ia viajar e ainda não tinha ajuda com o bolsa_atleta, a gente só passou a ter essa ajuda depois de um tempo, a gente tinha o gasto todo da viagem, alimentação, a passagem, a roupa, tudo, e depois do bolsa_atleta a gente tinha gasto, mas não era tanto assim, eles pagavam passagem pra gente, as vezes o ginásio pagava alimentação, mas a gente sempre tinha os gastos com as nossas roupas os nossos colãs, nosso material que a gente precisava, quem financiava essas coisas eram os pais, mãe, pai, o técnico, atrás de rifa, de vender comida, fazer dinheiro. Eu não me lembro a partir de quando que eu comecei a receber o bolsa_atleta, mas me lembro que era o bolsa_atleta_estudantil, era 280_reias, só que quando eu comecei a receber esse

dinheiro eu já tava na ASBAC, que era particular, então você tinha que pagar pra treinar, então eu recebia 280_reais do bolsa_atleta e tinha que pagar 200_reais pro ginásio, então esse dinheiro que era pro mês não dava pra nada que eu precisasse usar no ginásio. Eu ia pra ASBAC porque não tinha outro lugar pra treinar porque no Setor_Leste era só masculino então só tinha ASBAC. Eu conheci o bolsa_atleta ali no meio da GA por que o nosso, eu acho que o presidente, era do meio lá do povo do bolsa_atleta, então eu comecei a conhecer o BA por que a gente era muito junto com os atletas do Setor_Leste e eles que sabiam mais dessas coisas. Eu ia pra escola de manhã, entrava 7h15, 7h, saía da escola 12h30, vinha almoçando no carro, pegava o metrô de Taguatinga até a Rodoviária, lá eu pegava um ônibus até a ASBAC chegava no treino 15h, e assim, se você chegasse um pouquinho depois das 15h você vai ficar um pouquinho mais, então a gente tinha um intervalinho no treino às 18h, que era um intervalo pra comer uma fruta e voltar a treinar pra não morrer no meio do treino e depois ia até 21h30 22h, só não podia passar do horário do metrô fechar se não, não tinha como voltar pra casa, era assim de segunda a sexta, no sábado a gente treinava de manhã e tarde, maioria das vezes era de manhã de 9h as 13h, almoçava e voltava pro ginásio umas 14h e ficava até você revisar mais ou menos o seu treino, às vezes ficava o dia_todo, principalmente quando estava perto de alguma competição ou quando você tá treinando meio mal também e precisava treinar mais, acabava por volta de 18h. No intervalo do colégio eu estudava também, no recreio eu fazia dever_de_casa pra poder chegar a noite em casa e dormir. O clube nunca tava nem aí mesmo para os meus compromissos com a escola, na verdade só quem se importa é o atleta e o técnico, porque o técnico vai te cobrar nota boa, por que ele tem esse papel_de_paizão, de estar lá, de que você tem que tirar nota boa, por que se não você não vai treinar pra ficar estudando, as vezes se você tivesse tirando nota_baixa você não ia pro treino, só que você via que isso era ruim pra você por que as vezes tava perto de competição e não podia treinar pra poder estudar. Na escola, meus colegas, professores, sempre acharam legal esse compromisso com o esporte, mas nunca levaram a sério, pensavam só que eu fazia um esporte bem doido, que eu dava uns mortais, só, não era muito conhecido também, só lá fora que é. Minha mãe sempre conhecia os diretores_da_escola, então todo mundo já sabia que eu era atleta, meus professores todos sabiam, então nunca tive problema com dever_de_casa, trabalho, quando a gente viajava sempre levava declaração para a escola falando que gente ia viajar, então era muito tranquilo quanto a isso, recuperar matéria, dever_de_casa, por que todo mundo sabia. Se tivesse alguma prova e eu estivesse viajando passavam algum trabalho e eu fazia no lugar da prova, as vezes quando eu perdia aula porque dormi de mais porque tava cansada, então eu mandava foto_do_caderno e ficava tudo bem. As viagens duravam mais ou menos 1_semana ou 5_dias, por ano viajava umas 4_vezes, dependia da quantidade de competições no ano. Quando eu perdia conteúdo das aulas eles me ajudavam, mas eu tinha que ir atrás, lógico, por que também tinham alguns professores que não estavam nem aí, não era assim de sentar comigo e explicar a matéria, eles falavam assim, eu passei isso aqui e isso aqui, quando você tiver um tempo senta lá com seu colega, faz e depois me mostra, se tiver dúvida vem falar comigo. Minha mãe viu que era aquilo mesmo que a gente queria entendeu? Que era a GA, a gente quando era criança, sentou

para conversar com minha mãe e ela perguntava é isso mesmo que você quer? Então tá bom, então vamos lá. Ela sempre apoiou. Eu não cheguei a namorar acho que mais por que você não tinha tempo, eu acho que você ter alguém assim em cima de você quando você tá lotado de afazeres não vai ajudar muito mas se você souber conciliar os dois por que tem gente que namora, é tranquilo você namorar treinando, mas é um pouquinho difícil conciliar se a outra pessoa não levar a sério o esporte como você leva. Sobre conciliar os estudos e esporte eu sentia que era muito cansativo, só cansaço que você sente, mas depois que você vai bem em uma competição que você precisa aparecer isso acaba te dando um ânimo de novo, você pensa, é tá tudo bem, eu estou cansada mas é por um motivo bom. Eu não me lembro com quantos anos eu me federei. A saída do esporte foi difícil porque não foi porque eu quis, esse eu acho que é o problema da maior parte dos atletas, alguns saem porque quer, já tá esgotado, mas tem também a parte que sai por que se machucou. Foi um histórico_de_lesões, mas uma em específico no pé que não me deixou voltar a treinar, com 17_anos. A partir do momento que eu fui em uma competição assistir e eu não tava competindo que eu passei a me considerar ex_atleta, foi quando eu pensei, é, nunca mais vai dar pra fazer isso mesmo. Minha mãe não viu essa minha saída do esporte até hoje, ela sempre fala, bora, eu te levo lá pra treinar, meus irmãos pensam que é isso mesmo, já foi mais um. Eu diria que pro técnico é bastante triste pra ele ver um atleta que durante aquele tempo todo estava ali e não pode mais competir, um clube mesmo não tá muito ligando, fora daqui é diferente, São_Paulo, Minas_Gerais é diferente o cenário é completamente diferente daqui. O clube de fora realmente se importa com o atleta, aqui eu não diria que se importasse, porque realmente você nunca via ninguém, todo mundo não tava ligando, não tava nem aí. Então de fora você vê esse nem aí mais do povo acima, o que interessa pra eles é só o seu resultado, meio que o clube abraça o esporte, por exemplo, vem aqui que eu vou cuidar de vocês, vão ter tudo que precisam, de alguma coisa, aqui não tem isso, o clube preocupado com você se tá faltando algo pro seu treino, aqui não tem isso, lá fora tem esse suporte, essa é a diferença, lá fora tem Pinheiros, São_Caetano, Minas_tênis_clube, tem esse apoio, por isso que a GA aqui em Brasília não morreu por que tem a Karina que treina o alto_rendimento das meninas e ainda tem o Setor_Leste, na verdade eu não sei nem se os meninos estão competindo ainda, só vejo as meninas, então o clube não tá ligando muito pro atleta, quem liga mesmo são as pessoas que estão ali com você no dia_a_dia, esse é o diferencial de fora por que lá você tem o apoio do clube, você recebe o salário_do_clube do bolsa_atleta, então é diferente, você vê essa diferença muito descarada quando você vai competir fora, quando você conhece atletas_de_fora, ou quando muitos atletas daqui, muitos mesmo, saíram de Brasília e estão em outros clubes por que não tem como treinar aqui, porque não tem estrutura, não tem apoio, não faz sentido ficar em Brasília. Você não vê esse suporte na saída do esporte, é triste a gente falar isso, porque você vê outros esportes com dinheiro e o povo não quer nem treinar direito e a gente aqui todo mundo ferrado de tanto treinar. Eu comecei a treinar com 10_anos naquela rotina de tarde e noite, mas tem gente que começa mais cedo, tem que amar muito pra querer isso. Por isso que eu digo que GA faz a cabeça assim pra você ser responsável e prestar atenção bem no que você tá fazendo. Assim que eu terminei o ensino_médio eu entrei na faculdade_particular. Eu pensei em tentar a UnB

mas só pensei mesmo, eu fiz o ENEM e pelo PROUNI eu consegui a faculdade_particular, mas depois eu fui tentar o mestrado na UnB por que todos os meus professores na faculdade eram da UnB. Se aqui tivesse mais o apoio real mesmo no esporte dentro da GA a gente iria pra frente muito mais rápido, por que as vezes a gente perdia muito tempo fazendo algum exercício_complementar por que a gente não podia se jogar num mortal no foço por que não tinha foço, acho que foram muitos anos que Brasília perdeu no esporte por conta de falta de investimento, atletas que poderiam estar muito bem mesmo, aparecendo em todos os lugares, não estão por que não tem investimento, estou falando sério mesmo, tem muito atleta de brasilia que saiu daqui pra fora por que aqui não tem suporte, na verdade aqui é assim se você tá ficando bom na GA e não vai pra fora você não tem futuro. Aqui não tem apoio nenhum, se isso tivesse mudado, porque eu acho que vai demorar muito a mudar seria um diferencial enorme pro atleta, porque imagina, você quer fazer as coisas e ter alguém ali do seu lado te apoiando. Então além desse tanto de horas_treinadas na semana e ter mais alguém ali te dando essa motivação, imagina, financiando isso e aquilo pra te ajudar, imagina. Quanto ao bolsa_atleta que é um salário que você recebe pelo tempo que você passa ali e pelas coisas que você passa ali no seu dia_a_dia chega a ser ridículo o valor que você recebe, por que, até hoje, o bolsa_atleta deixa de pagar, ainda mais por que eu sei dessas coisas por que o meu irmão ainda tá, ainda tá recebendo, agora o bolsa_atleta tá dividindo o pagamento em 3_vezes, o que era pra receber direitinho por mês, não tem nem o que dizer, nessa entrevista toda eu passei dizendo que o incentivo ao esporte tá bem difícil e é assim que vai ser. Você compete por exemplo nesse ano de 2019, tive meu resultado e ano que vem eu vou entrar com os documentos do bolsa_atleta de que eu fiquei em primeiro_lugar em tal competição, tem que mandar foto, mandar um monte de coisa, olha aqui, é real, fui campeã, depois que você entra com o pedido você só recebe no início de 2020, então sempre vai ser 1_ano depois, sempre eles jogam pro outro ano, então isso também é péssimo, tirando que você tem que tirar foto com tudo, com a bandeirinha_CBG, com a blusa_ASBAC, você tem que provar realmente tudo, olha sou eu mesma. Suporte da CBG era pra gente ter, mas sempre tem esse desvio de dinheiro vamos assim dizer, por que isso acontece em todos os lugares, um desvio de dinheiro para alguns clubes, acontece aqui em Brasília, São_Paulo, Minas_Gerais, por exemplo, se eu sou o dono lá de tudo e eu gosto daquele clube ali, eu vou tentar puxar tudo que tem de bom para aquele clube ali, então meio que tem isso, tem isso no cenário de São_Paulo com os atletas, isso é muito horrível, por que você vê a diferença de cenário para Brasília. O técnico tá ali mas ele não está muito pra você ou pra sua carreira, é mais para se aproveitar do rendimento do atleta para se promover, as vezes acontece por exemplo, teve uma competição onde os 10_melhores classificados teoricamente eram pra ir treinar fora com outros países ganhar experiência, o que acontece, quem é que vai levar, é o técnico de tal lugar, então ele puxa os atletas dele, não vão os classificados e fica por isso mesmo, existe muito isso na GA lá fora, aqui em Brasília não por que o cenário aqui é pequeno. Isso é ruim, imagina você como atleta, você dedica tanto a sua vida dentro de um ginásio e você vê isso acontecer e não poder fazer nada. Esse é o diferencial de outros lugares, por que aqui tem muita criança querendo realmente fazer GA só que não tem incentivo e estrutura, como a criança fica aqui? Ela não fica, se ela

quiser vai ter que ir pra fora e vai ter que ter apoio do pai, da família, do técnico, tudo. Eu vejo assim, a maioria acontecer, eu ainda tenho contato com todo mundo, comigo foi diferente eu saí com 17_anos eu ainda não tava na faculdade, eles treinam e fazem faculdade ao mesmo tempo então é muito mais complicado, o que eu vejo deles é o tempo inteiro estão treinando e quando precisa de um tempo a mais pra treinar eles trancam a faculdade e continua 1_ano depois e ao invés de se formar em 4_anos leva sei lá, 8_anos e a grande maioria depois que sai do esporte faz educação_física pra atuar como professor por que já tem contato com todo mundo então os únicos que vão além de fazer outro curso é muito difícil por que eu acho que tá um pouco fora do seu meio de treino você ter que estudar todo dia e faculdade é pesada, então por exemplo meu irmão que fez engenharia_mecânica imagina, treinando, formou esse ano, eu formei antes dele, imagina ele conciliar esses dois, trancando todo tempo e voltando depois e estágio não tem como fazer por que você não tem tempo e os professores da faculdade não estão nem aí. Então o que eu vejo hoje a grande maioria prioriza continuar ali no meio deles para poder ter emprego depois. Quem me influenciou a fazer biologia foi na minha primeira_série, olha que eu lembro, eu tive um projeto na escola que era sobre metamorfose, foi muito doido, minha professora era aquela pessoa que ama mesmo o que ele faz ali em sala_de_aula, eu lembro até hoje. Mas eu tenho muita saudade de treinar, sinto muita falta mesmo, eu acho que todo atleta de GA sente, eu posso dizer que GA em específico sim, por que pra você estar na GA você tem que amar muito, então quando você sai por um motivo assim como o meu não tem como, tem que amar muito o esporte. Por que é muito difícil a sua rotina, você aguentar as dores diárias, a gente é atleta e tá sentindo dor ali, quando a gente se machuca fica um tempinho de recuperação mas sempre sentindo dor, se machucando, abrindo a mão que é quando fica em carne_viva assim, uma delícia, mas sempre estava lá, então eu acho que você estar lá mesmo assim, na dor, chorando as vezes, seu técnico está brigando com você, você tá puto, com ódio dele mas no outro dia você tá lá de novo, treinando, você tem que gostar bastante e quando você sai, você sente falta de tudo, das dores, das brigas dos técnicos. Eu parei, tentei voltar, mas não deu pra voltar, eu melhorei da lesão no pé, tentei voltar, mas melhorando mesmo só se eu tivesse condições de fazer fisioterapia todos os dias, tudo aquilo que um clube oferece pra você se ele tiver interessado e a gente nunca teve isso aqui em Brasília na verdade, como eu já disse. Quando eu era criança eu caí num buraco que tinha brasa, eu quase perdi meu pé quando era criança, foi uma queimadura de terceiro_grau, ficou bem feio, aparecendo músculo, osso, e esse mesmo pé, eu fui fazer um exercício numa competição foi até no Setor_Leste e caí direto com o pé virado assim no chão, eu quebrei o pé e ele dói muito, como os exercícios são de impacto o tempo todo. Os outros atletas que já conseguiram voltar depois de cirurgia, meu irmão mesmo, tem 3_cirurgias no joelho, uma no ombro, duas no pé. A minha amiga também, tem uma no ombro, uma no joelho, no pé, todos os atletas você vê que estão competindo agora, eles têm pelo menos 3_cirurgias, sempre nesses lugares maravilhosos.

Ex-atleta 5 – Ginástica Rítmica

No geral eu comecei a praticar esportes quando eu tinha 6_anos, eu tinha bronquite e eu precisava de contato com a água com esporte mais assim, e eu entrei no CIEF, tinham

várias modalidades, não tem hoje e eu comecei a fazer natação e nado_sincronizado eu fiquei um ano fazendo a natação e com 7_anos uma amiga me chamou pra fazer a GR que tinha lá então eu fiz uma aula experimental, amei e fiquei e eu saí da natação e do nado_sincronizado e fiquei só na GR desde então. As pessoas que contribuíram para eu ser atleta? Engloba a minha técnica, minha família que me apoiava muito, me incentivavam muito a treinar, a viajar, ajudavam a pagar tudo, pra gente, para as técnicas, porque minha mãe e meu pai também fizeram esporte a vida inteira então eles sempre gostaram, sempre incentivaram. Eu passei a me considerar atleta_alto_rendimento a partir do momento que a gente passou a 3_três_vezes_semana no CIEF e eu fiquei uns 2_anos, 3_anos assim e comecei a sentir necessidade de treinar mais dias por que eu queria aprender e foi quando eu fui atrás da minha professora aonde ela estivesse, por que ela já era minha técnica e ela dava aula terça e quinta na Católica então eu falei pra minha mãe que queria ir pra Católica terça e quinta, pedi para a minha técnica e ela falou que podia ir, eu comecei a ir terça e quinta pra lá, então eu treinava segunda, quarta e sexta no CIEF e terça e quinta na Católica. A gente participou de competição já com 8_anos, a gente já foi para um campeonato importante, o campeonato_brasileiro de conjunto, acho que foi a partir daí já era federada com 8_anos quando eu participei da primeira competição. Eu era da categoria infantil e fiquei mais um tempo no infantil só que eu nunca tive uns resultados muito bons assim quando eu era mais nova e eu sempre me esforçava muito, era a que mais treinava e no primeiro ano de juvenil com 13_anos, eu treinava muito, competia, só que eu ficava muito nervosa, no segundo ano de juvenil eu também me desestabilizava muito em competições mas eu sempre fui a que mais treinava, que mais se esforçava, no segundo ano de juvenil com 14_anos eu fiquei fazendo tratamento com psicólogo porque eu ficava muito ansiosa nas competições no ano seguinte, o último ano de juvenil 15_anos, eu tive resultados perfeitos, ganhei todas as competições que eu participei, fui pro campeonato_brasileiro em todos os anos de juvenil e no último eu fui finalista, fiquei entre as quinze melhores do Brasil, e eu já consegui competir dando o meu melhor, tudo que eu treinava eu consegui fazer no dia da competição e esse ano pra mim foi fundamental, fui finalista do campeonato_brasileiro, tinham os jogos_escolares na época, também fui finalista dos jogos_escolares, campeonato_brasileiro de conjunto nós fomos vice_campeãs_brasileiras e no ano seguinte nós fomos campeãs_brasileiras, acho foi mais ou menos assim a minha carreira e como a gente participava de muitas competições nós pontuávamos muito pra ganhar a bolsa_atleta, sempre ficava em quinto_lugar, quarto_lugar, sempre participava das competições, eu sempre ganhava estadual então a partir do último ano de juvenil se eu não me engano em 2011, meus resultados foram muito bons e eu fui primeiro_lugar no ranking, primeiro lugar 2_anos consecutivos no ranking de Brasília, de todas as ginastas que eram federadas eu ficava em primeiro_lugar, eu tinha até isso impresso lá em casa até um dia desses, como eu mudei eu joguei tudo fora, mas meu pai imprimia tudo na categoria_adulta também fui finalista do maior campeonato do Brasil o campeonato_brasileiro e do Troféu_Brasil que acontece junto com a GA, fui finalista também, todo mundo já me conhecia mais, no ano seguinte eu já estava treinando um pouquinho menos, fui quase finalista, desci um pouquinho no ranking, em 2013, já era categoria_adulta com 16_anos, é bem

precoce, com 15_anos você já pode ir pro adulto, em 2014 eu ainda competi, não fui pro campeonato_brasileiro em 2014 só fiquei em Brasília e em 2015 foi meu último campeonato aqui em Brasília só que eu já estava na faculdade eu treinava só 2_vezes_semana, o treino era na Católica e era impossível pra mim estudar, ir pra Católica e estudar, por que eu morava longe também e em 2015 foi minha última competição o campeonato_brasiliense que a Isabella_Souza também vai falar, eu fiquei em primeiro lugar em dois aparelhos e ela também em outros dois aparelhos e no geral eu acabei ficando na frente e eu terminei ali a minha carreira assim, eu já treinava 1_vez_semana ou 2_vez_semana no máximo, caiu muito, passou de 6_dias para 1_dia ou 2_dias. Quando a gente fala de escola eu lembro da aula de educação_física e de muita reposição de aula, muita falta, por que a minha prioridade era a GR, sempre foi e minha família me apoiava só que ao mesmo tempo nossas técnicas junto com nossos pais exigiam que a gente tivesse notas boas na escola então eu fui uma menina que me esforçava muito no treino mas sempre tirei notas boas na escola não é à toa que a gente conseguiu passar na UnB, passei pelo PAS, fiz só a segunda_etapa e a terceira_etapa do ensino_médio e eu consegui, mas eu sempre tive notas boas, sempre me incentivaram muito na escola também, por que como eu faltava muito tinha que ter muita reposição de prova e sempre me incentivavam muito também a continuar no esporte. Eu sempre fui bolsista por ser ginasta em escola_particular, então primeiro eu fui bolsista numa escola por que a minha irmã também estudava lá então tinha um pouquinho de desconto e eu fui pra uma escola que incentivava muito o atleta e ganhei bolsa de 50_por_cento pela GR, representei a escola nas competições e depois eu fui pra outra escola fazer o ensino_médio, também tinha bolsa lá e eu me formei lá no ensino_médio, sempre com bolsa, nunca paguei mensalidade_integral assim. Geralmente a gente chegava na escola, conversava com o diretor e falava, olha, eu represento o DF nas competições, mostrava os resultados que eu já tinha e as escolas sempre tinham algum desconto pra quem competia ou quem fazia algo a mais, não sei se tem agora, como é agora, a escola que eu estudei no ensino_fundamental sempre dava, se você representasse a escola, dava 50_por_cento e se você tivesse mais algumas coisas eles davam 100_por_cento, mas sempre era 50_por_cento, e no colégio que eu fiz no ensino_médio era a mesma coisa, tinham uns atletas de Karatê, de judô, também estudavam lá com bolsa e representavam a escola em alguns campeonatos_nacionais, mas sempre partiu dos meus pais de ir na escola e pedir, por que a minha família nunca teve condições de pagar uma mensalidade de 1500_reais, que era no ensino_médio e tinha eu e meu irmão também, que ele é só 1_ano mais velho, era muito difícil pagar 2_mensalidades, era muito caro, minha família não tinha muita condição, eu mudei de escola no ensino_médio por que a gente sentia que a escola do ensino_fundamental o ensino era um pouquinho fraco apesar do preço, e a gente queria entrar numa faculdade_pública por que a gente não tinha condição de pagar uma faculdade_particular também, na verdade a minha ideia inicial era estudar na Católica, faculdade, com o BACA de lá, eram bolsas de 100_por_cento, minhas técnicas estudaram lá com bolsa e eu sempre falei que queria estudar lá, só que eles acabaram com essas bolsas lá e minha mãe falou que eu tinha que tentar a federal por que a gente não tinha condição, foi quando a gente mudou de escola no ensino_médio por causa do ensino melhor, continuando treinando, mas já deu uma

diminuída no ritmo da GR, diminuiu por que eu treinava 5_vez_semana e não 6_vez_semana, as vezes faltava o treino por que tinha aula a tarde. Eu nunca gostei muito da escola, eu sempre fui muito a diferente assim, treinava muito, não tinha tempo de sair pro shopping com as amigas, é uma fase que assim, não sei se você vai ver com as outras meninas, muito semelhante, mas a sempre tava treinando, era assim, não posso, tenho treino, essa frase, segunda_feira a tarde vamos no cinema, sexta_feira a tarde vamos sair, e eu não podia por que tinha treino e eu amava treinar e é uma época que você não entende muito, uma fase que você quer sair um pouco mais só que você precisa se dedicar aos treinos e é uma escolha que você vai fazendo, muitas meninas saem da GR nessa fase, no ensino_médio, até no ensino_fundamental, tá querendo sair com as meninas, conhecer menino e você tem que escolher, ou você treina ou você faz isso. Quando eu entrei na faculdade eu quase não treinava nenhum dia, treinava 2_vez_semana, só no primeiro_ano_faculdade e foi uma fase que eu fiz tudo que eu não fiz anteriormente assim, mais ou menos isso, eu ganhei muito peso, a gente ganha muito peso quando sai por que tem uma restrição de comida muito grande na GR então eu era magra, magra e quando eu sai eu comi tudo que eu podia, que eu queria, tinha vontade, então na faculdade eu ganhei muito peso, só que assim, sempre trabalhei na época da faculdade desde o primeiro_semestre quis fazer algo a mais, porque eu nunca fui assim de ficar sem fazer nada, ou era com a GR ou depois quando eu saí, em academia, com educação_física então a faculdade foi boa pra mim também, conhecer mais gente mudar um pouco o vínculo, apesar da minha faculdade ser voltada para educação_física, eu escolhi por causa do esporte, eu tinha amigas que treinavam comigo e também foram pra mesma faculdade de educação_física comigo, então a gente sempre tava nesse vínculo. O que eu não gostava na escola era que eu tinha que abrir mão das coisas, mas sempre tirei notas boas, nunca tive dificuldade, fiquei de recuperação em uma matéria no último_bimestre do terceiro_ano_em, nunca reprovei em nada. Na faculdade desde sempre eu trabalhei e então eu ia pra faculdade só pra cumprir tempo e depois ia pro meu trabalho, sempre gostei de trabalhar e eu acho que a faculdade mesmo era a grade horária mesmo, muito ruim na UnB, não sei se vai mudar agora, mas é que as vezes eu tinha aula de manhã e depois só tinha as 16h, era mais a questão de grade_horária mesmo, também nunca tive dificuldade nenhuma na faculdade, eu queria fazer mestrado até pouco tempo, mas agora eu não sei, o ano que eu fiquei no laboratório eu escrevi um artigo a partir de um resultado e comecei a escrever meu TCC e eu já tinha começado a fazer outro projeto, bem bacana também, só que acabou que eu preferi voltar pra parte prática não sei se você me entende, eu achava que pela área de ficar estudando, era muito teórico, não via muita aplicabilidade, eu queria estar lá no dia a dia com as pessoas sabe, que era o que eu fazia mesmo, comecei a estagiar na musculação e com criança também sempre gostei muito de criança e na academia que eu trabalhei tinha aula pra criança, e eu dava aula pra elas de psicomotricidade e de GR, eu amava ensinar a GR, amava e eu ficava na musculação também, fiquei 2_anos lá, todos os meus estágios foram remunerados, depois dos 2_anos na academia eu saí por que era o prazo que você podia em estágio não obrigatório e eu fiquei 1_ano fazendo iniciação_científica lá na UnB, logo depois que eu parei, eu vesti a camisa como trabalho mesmo, como estágio lá na iniciação_científica, eu só fazia aquilo, ficava o dia

todo lá na faculdade, no laboratório, cumprir as horas por dia. No mercado_trabalho eu acho que é diferencial quem fez um esporte competitivo desde pequena, alguns professores já falaram pra mim sobre o controle de ansiedade, responsabilidade, disciplina, o esporte te disciplina muito, eu sempre queria fazer tudo certo, com os melhores resultados, e eu fazia tudo 100_por_cento assim, se eu tivesse que faltar a aula pra descansar, minha mãe deixava, sempre me incentivou muito, comida, tudo, eu me dedicava muito pra ter 100_por_cento de rendimento e eu tento transferir isso pra vida profissional e pessoal, pessoal é outra coisa, mas também influencia, e no profissional é a questão da responsabilidade, se eu falo uma coisa, quando eu prometo eu cumpro o prazo, só quando não tem como, tento cumprir dentro do prazo, ser responsável, assumir responsabilidade também, por que as vezes você erra e você tem que admiti, isso o esporte me ensinou também, a lidar com pessoas, porque na GR a gente competia em conjunto, então tinha que ter um entrosamento muito grande, o trabalho em equipe era surreal, você tinha que engolir coisa que você não queria, você tinha que também ajudar, e eu tento trazer isso pra cá também, as pessoas são diferentes no trabalho, você tem que saber lidar, disciplina de horário, saber lidar com o stress, a ansiedade de dar uma aula, fazer alguma coisa. Eu sempre tive assim as coisas muito determinadas, igual na GR e quando eu fui pra faculdade eu queria ser técnica de GR, só que eu já entrei numa academia na musculação pelo contato que eu tinha na GR, o marido da minha técnica era coordenador da academia e ele me falou, Luiza, você quer trabalhar? Eu tenho um emprego pra você, eu falei, quero, já não estou treinando, quero continuar, eu gostei muito da musculação só que eu queria voltar pra GR e eu vi que aquele mundo era muito prático, eu precisava estudar mais, fui pra iniciação_científica, pensei no mestrado, no doutorado, me dediquei muito durante 1_ano na iniciação_científica e vi que tava faltando alguma coisa, que eu precisava voltar pra prática e nesse tempo eu comecei a praticar o crossfit, comecei a gostar, tinha a parte da ginástica, parecia um pouco com o que eu treinava comecei a trabalhar com crossfit e dando aula de GR pra criança e eu estou amando, já tem 1_ano e por enquanto é isso que eu estou querendo não sei se mais pra frente vai mudar, mas por enquanto eu pretendo me dedicar ao máximo no que eu estou fazendo. A bolsa_atleta era 200_reais e você não gastava isso nem com passagem, então eu ia pra Católica de metrô e ônibus, pro CIEF também eu ia de ônibus, a gente nunca teve carro na minha casa, a gente morava na Asa_Sul mas a gente nunca teve carro, então tinha que fazer tudo de ônibus e metrô e caronas também, isso pra ir treinar, as competições você paga pra participar, as roupas, minha mãe tinha uma mulher que fazia as roupas, chegou uma hora que não dava mais pra pagar e minha mãe começou a fazer, até hoje ela faz para as meninas, por que ela é uma artista, então ela começou a fazer as roupas por que era caro e viagens você tinha que pagar tudo e dividir o da técnica com as atletas e de vez em quando iam só 2_atletas ou 3_atletas quando era campeonato_brasileiro, ficava caro só que a gente tinha que pagar tudo a gente fazia vaquinha, pedia pro tio, pra tia, sempre tive uma família que me ajudou em tudo tanto é que eu sou vista como a atleta da família, eles sempre me ajudavam financeiramente com isso. Nunca usei suplementação, a gente tinha que comer o mínimo possível por que a gente já era magra e tinha que ficar mais magra ainda, o psicólogo eu fiz no CIEF, gratuito, porque a professora fazia um trabalho com a equipe

de ginástica_acrobática na época e minha técnica conversou com ela, viu que tinha muita necessidade e eu fiquei com ela, mas eu não pagava nada também, minha família sempre investiu em tudo, faziam de tudo pra eu poder viajar, a gente conseguiu algumas passagens pelo Compete_Brasília, ainda tem, o Compete_Brasília ajudava algumas vezes mas não era sempre, nós sempre entrávamos com os pedidos mas não era sempre que eles davam as passagens e patrocínio era sempre um projeto que começava, mas que nunca dava em nada, os patrocínios que a gente tentava nunca deram certo, no final eram os pais que pagavam mesmo. Desde sempre minhas técnicas já conheciam o bolsa_atleta, elas já tinham recebido muitos anos como atletas, o bolsa_atleta_nacional até, elas iam muito pra campeonato_brasileiro e se você vai e fica no pódio, você já recebe, era por mês, 925_reais, era um valor bom pra elas, só pra treinar, não pagavam faculdade na Católica quando elas estudavam, era um dinheiro que ajudava muito, claro que não sustentava tudo mas era uma ajuda boa, desde a idade_mínima pra ter o bolsa_atleta eu tive, comecei pela bolsa_atleta_estudantil, todas essas eu recebi, desde a idade_mínima e todo ano eu tava lá entre as 5_melhores, tinha que ficar, entre todas as meninas de Brasília tinha um ranking, e eu sempre fiquei bem colocada, eu tive bolsa_atleta_estudantil, bolsa_atleta_regional e bolsa_atleta_nacional, em 2014 foi a bolsa_atleta_nacional, a gente ficou em primeiro_lugar no campeonato_brasileiro de 2012 e entrava com o pedido no ano seguinte, em 2013, pra receber o benefício em 2014, eu recebi junto com a bolsa_atleta_nacional a bolsa_atleta_regional, que eu acho que era uns 350,00, fui com a nacional até 2016, eu gastava mais com os aparelhos da GR, material pra fazer a roupa, era mais nesse sentido, comprar roupa de treino, por que assim, os aparelhos da GR são muito caros também, por exemplo uma maça custa 450_reais então você vê que um mês de bolsa_atleta não dá nem pra comprar os aparelhos, a bola custa 400_reais, uma fita custa 100_reais, a maça todo ano quebrava e tinha que vir do exterior, vem lá dos EUA, do Japão e eu usava mais pra isso, por exemplo eu tenho tias que moram no EUA, então elas compravam no site do Japão pra entregar na casa delas e elas traziam pra mim, minhas tias já trouxeram vários aparelhos, só que assim, tudo é muito caro, a GR é um esporte muito caro. Então, uma semana de treino, a gente ficou pouco tempo lá no CIEF, depois eles acabaram com o CIEF e a gente foi todos os dias pra Católica, ficou um pouquinho mais difícil mas eu fui mesmo assim, eu ia pra escola de manhã, saía 12h30, tinha que estar no treino as duas, então eu passava em casa engolia a comida, as vezes eu ia direto, fiquei alguns anos indo direto, no ensino_fundamental, levava tudo pra escola e já ia direto pro treino que era de 14h até as 18h, 18h30 e eu voltava pra casa de metrô chegava já a noite, umas 19h30 ou 20h e eu fazia as coisas da escola, o dever_de_casa, estudava pra prova, mas eu sempre estudava pra prova um dia antes, fazia tudo sempre em cima da hora e a maior parte do tempo eu fiquei assim, treinava a tarde e voltava pra casa à noite então eu saía de casa de manhã cedinho e só voltava a noite, ficava o dia todo na rua e teve um outro período que a gente treinou a noite á na Católica, então tinha aula de manhã e as vezes tinha aula a tarde, ia pra Católica chegava lá 18h, saía 21h e chegava em casa umas 22h30 quase 23h, eu tinha que sair de casa pra chegar na Católica umas 16h30, chegava as 18h, mas o maior período foi treinando a tarde mesmo, eu fiquei um ou 2_anos treinando a noite assim, no final de semana era treino todo sábado, de 08h às

12h ou de 09h às 13h. Pra competição era o seguinte, a gente viajava ou terça ou quarta, lá geralmente era um treino na quinta e competição sexta, sábado e domingo, nessa semana, era quase uma semana todinha sem ir pra escola, às vezes eu ia só segunda, terça de manhã eu descansava pra viajar ou treinava pra poder viajar à noite, faltava na escola quarta, quinta e sexta e retornava na outra semana, então a gente sempre entregou declaração de que íamos viajar pra competir e eles abonavam as faltas, se tivesse prova, que sempre tinha, você sempre iria perder prova, você fazia a reposição, eles sempre davam a reposição, que era um motivo justo assim, você entregando a declaração. Sobre a reposição de aula não tinha nada, a aula você tinha que se virar depois. As minhas técnicas sempre falaram que a escola é importante, então essa minha técnica dava um projeto também na Católica, então era muita demanda pra pouca vaga, então ela pegava os boletins de todas, então todas as meninas que tinham notas boas entravam, ela fazia isso com as meninas do projeto, crianças carentes. Com a gente ela pedia o boletim, a gente tinha que levar e se a gente tivesse dificuldade em alguma matéria ela perguntava, ela conhecia muito a gente, era uma mãe, ficava o dia todo com a gente então de vez em quando a gente falava que tava com dificuldade em alguma matéria e ela tentava ajudar, liberava a gente de algum treino pra gente estudar ou liberava mais cedo do treino pra chegar cedo em casa, aconselhava a gente, mas assim, eu nunca tive isso, eu nunca faltei nenhum treino pra estudar, mas tinha gente que faltava entendeu? Eu ia treinar com gesso na perna, no braço, eu era doída, não faltava nenhum treino, podia cair chuva, podia cair tudo, eu sempre estava lá, podia ter prova no dia seguinte, mas eu ia pro treino. Acho que para os meus colegas e as outras pessoas da escola eu era a diferente, acho que de uma sala com 30_alunos só 2_alunos eram atletas, era eu e mais um, então era minoria, mas os professores no ensino_fundamental e no ensino_médio sempre incentivaram muito, perguntavam como foi na competição, se eu estava conseguindo estudar, perguntavam se eu queria ajuda, era sempre assim, os amigos desistiam de chamar pra fazer as coisas ou não tinha muitos amigos na escola, nunca tive, geralmente eram 3_amigos ou 2_amigos, que treinavam comigo, ficava sempre naquele círculo_amizades, não abria, conversava com todo mundo mas nada de interagir muito por que acabava que não tinha muito o que trocar, eu só falava de GR, a minha vida era aquilo então, foi basicamente isso, na faculdade diminuiu a minha carga de treino e eu substitui pelo estágio, então na faculdade sempre poucos amigos, eu sempre fui de conversar pouco com todo mundo, mas nos estágios eu já tinha uma abertura maior foi o que substitui a GR, já conhecia todo mundo, tentava entrosar com todo mundo e ficava mais naquele vínculo de amizades, pra sair no final de semana era o pessoal_do_estágio, nunca foi o pessoal_da_faculdade, de vez em quando foi, muito difícil. Então, eu sempre falava com a minha mãe que a minha prioridade era a GR até certo ponto e ela sempre me apoiou, era os treinos, as competições, ela amava isso, minha mãe era doída, igual eu, ela adorava e incentivava, eu acho que foi bom até certo ponto, meu pai já exigia mais na escola, mas a minha mãe sempre me apoiou em tudo que eu queria e a GR sempre foi prioridade tanto que a minha família me via como atleta e me incentivava muito, sempre adoraram, só na faculdade que eu inverti um pouco, apesar de estagiar e ficar o dia todo na academia, as notas ali nos primeiros_semestres não foram as melhores, sempre fui uma aluna mediana, mas

profissionalmente no estágio eu sempre me destaquei muito, sempre gostaram muito do meu trabalho. Eu não namorei, também é um ponto que assim, é muito do perfil da GR, podem haver exceções, eu não sei, mas a minha técnica falava que a gente não podia namorar, minha mãe já era mais velha, ela me teve com 40_anos, então ela já tem uma mentalidade um pouquinho mais velha e ela falava que eu só ia namorar com 18_anos, eu não entendia isso, e acabou que o tempo foi passando e a gente quase não saía entende? A gente tinha interesse, a gente ficava olhando menino na escola, ficava vendo o povo já namorar, só que assim, a GR meio que ocupava isso, os treinos, e a técnica nos treinos falava que a gente não podia namorar, que a prioridade eram as competições mas eu tinha amigas que namoravam, e ela falava, , aonde eu errei na sua educação, e acabou que eu fiquei assim, só mudou mais na faculdade, quando eu comecei a sair mais, a ficar com algumas pessoas, mas namorar mesmo eu comecei a namorar tem 2_anos, primeiro_namorado, acabou que depois de um tempo eu nem queria mais sabe? Eu começava a ficar, trabalhava, eu sempre fui muito na minha e acabou que só foi mesmo quando eu tava mais velha, pensei, já tá na hora. Até o segundo_ano_em eu priorizei o esporte, por que no primeiro_ano_em eu nem fiz o PAS por que eu viajei pra uma competição, tinha prova do PAS no final de semana só que eu tinha campeonato_brasileiro de conjunto, a gente ficou em quarto_lugar por 1_décimo, se tivéssemos ficado em terceiro_lugar a gente tinha ganho de novo a bolsa_atleta_nacional, teria mudado tudo eu acho até hoje, por que a gente continuaria ali segurando um pouquinho mais sabe? Por que querendo não a gente ganhou e você ganha a bolsa_atleta toda de uma vez são 11_mil_reais na sua conta de uma vez que era a bolsa_atleta_nacional, não era todo mês que eles lançavam, então a gente até fez um curso no México, com uma ucraniana, muito bom, eu acho que a partir dali teria mudado, naquele momento eu priorizei a competição, depois eu fazia o PAS 2 e 3, como a gente ficou por 1_décimo, no outro ano já tinha o PAS 2 e PAS 3 pra fazer, não é à toa que no ano seguinte a gente já não foi mais par ao campeonato_brasileiro, quando eu voltei dessa competição eu tentei equilibrar mais os estudos e a GR, mas acabou que eu não fui muito bem no PAS 2, fui melhor no PAS 3 que foi quando eu priorizei mais os estudos porque a prova tinha um peso maior. mas eu passei pra UnB pelo PAS. Quando eu comecei a parar eu sentia muita falta das viagens, por que eu só viajava com a GR, minha família nunca foi de viajar, a gente nunca fez uma viagem em família de final de ano, nunca, por que era caro e minha mãe também não trabalhava eu senti falta de algo para ocupar o lugar do treino, de praticar um esporte mesmo, não consegui me encontrar na musculação, treinava bem, mas eu via que faltava algo eu fui buscando, até que eu conheci o crossfit e esse eu achei que substituiu bem, a transição foi assim, eu fiquei uns 2_anos meio sem saber. Então eu comecei a diminuir a carga de treino por causa dos horários da UnB e eu comecei a trabalhar também e tinha que estar no estágio e eu ia pra Católica treinar sexta de manhã, a tarde eu tinha aula e estagiava a noite então eu treinava sexta de manhã e sábado. Minha mãe fala abertamente assim comigo que não gostou muito quando eu parei por que ela me via saindo mais no final de semana, eu comecei a beber, eu ganhei peso e ela viu que eu tava no momento de extravagância total, assim, sempre estagiando, sempre comprometida, mas um pouco da vida pessoal mesmo e ela sempre conversou muito comigo, ela sempre falou, tenta

achar algo que você goste de fazer e eu falava, mãe igual a GR não tem, não tem nada que vá substituir, mas vai chegar próximo, eu não tinha vontade de fazer dieta de fazer nada e ela tentava me ajudar, por que era mais ela mesmo, o resto da família não interferia muito, os meus amigos, cada um foi para um lado, a minha melhor amiga que era a Nathália, que a gente treinou sempre juntas, desde os 7_anos, a gente treinou todos esses anos juntas, 10_anos, estudamos juntas também, estudava e treinava, a gente ficava o dia inteiro juntas e depois que a gente entrou na faculdade, como eu queria já estagiar, já tinha aquele compromisso e ela não fez nada, nós começamos caminhos diferentes então a gente se distanciou muito, a gente ganhou peso juntas, começamos a beber juntas, sair para as festas, mas eu já saía com o pessoal da academia mais, era mais o pessoal da academia, a gente parou, ela ainda é a minha melhor amiga, a gente quase não se vê, a gente conversa assim de longe, ela tomou outros rumos eu também, minhas amizades eram muito da GR, depois que eu fui arrumando amizades da academia, eu conversava com eles, eles tentavam ajudar, me incentivavam. Então, quando eu entrei na faculdade, que a minha técnica viu que a gente tava começando a ganhar peso, a gente não se via mais todo dia, ela falava que tava com saudade, mas ela também me incentivou muito a trabalhar, por que ela sempre viu que eu gostava, que me esforçava muito, tanto é que foi o marido dela que conseguiu o emprego, o estágio pra mim, eu digo isso como emprego por que eu também trabalhei na recepção da academia junto com o estágio, então eu tive carteira_assinada, com 17_anos, e minha técnica ficava falando que tava com saudade, que eu fazia muita falta, falava, Luiza, você é minha filha, ela me chamava de filha, a gente criou um vínculo que hoje em dia ela é uma mãe pra mim, ela me conhecia muito bem, sabia como que a gente tava naquele dia, eu tinha muito problema em casa também com o meu pai, então ela me via treinando e ela falava, você não tá bem, aconteceu alguma coisa? Então ela viu eu sentindo isso depois que eu parei, eu falava, professora, queria tanto voltar a treinar mas eu tenho que estudar, ela sabia disso, que eu tinha que estudar, que não tinha condições de pagar uma faculdade, eu tinha que estudar na UnB, então ela sentiu isso junto comigo, eu sei que ela sentiu, a gente conversa muito hoje sobre isso, mas ela sempre estava lá comigo, então eu vejo ela hoje, a gente conversa muito, se encontra, mas nesse período ela me entendeu 100_por_cento. Eu acredito que é muito assim, cada tem uma família diferente, dentro de casa vai ser de um jeito, mas acaba que todo mundo entra ali no ambiente do esporte e todo mundo se doutrina ali, então a disciplina e tudo que eu te falei, as pessoas ficam muito parecidas, só que depois também que sai, cada um ainda tem aquilo ali só que vai tomando um rumo que a família incentiva ou vai pro lado dos irmãos então eu vejo que foi muito assim, o esporte sempre foi um refúgio de tempo por que dentro da minha casa tinha muitos problemas pessoais, meu pai é alcoólatra ainda e hoje eu vejo que muito era um refúgio da minha mãe, ela queria que a gente tivesse treinando por que era melhor do que ficar dentro de casa e eu não entendia isso, acabou que quando eu parei eu senti muito nesse lado, por que eu não sabia que era assim, não sabia que era pra isso também, por que eu treinava, o tempo passava e eu não via as coisas dentro de casa e quando eu parei eu comecei a sentir um pouco isso por que eu comecei e ter esse contato, então pelo que eu sei das outras meninas foi exatamente a mesma coisa, quem parou e não tinha muito contato com a família ou com os irmãos,

depois que parou, que não teve muito mais aquele tempo ali, foi pro lado dos irmãos, do pai, da mãe, do jeito que eles eram, então o esporte foi muito pra mim no sentido de crescer muito, amadurecer e quando eu saí dele eu comecei a ver as coisas de outra forma eu comecei a viver mais essas coisas só que eu tava mais preparada pra isso, eu acho que qualquer outra pessoa que não tivesse passado por isso, teria se desestabilizado, então ajudou muito, por que eu sentia necessidade de cobrir com outra coisa pra substituir o esporte e me ajudou mais a lidar com essas situações, a ter mais paciência, entender mais, que cada um tem seus problemas, tem dia que a pessoa vai estar mal mesmo, vai estar estressada, cansada, ou vai estar passando por outros problemas em casa que você não tem como saber e isso eu aprendi no esporte e acabou que na minha vida também fui reproduzindo. A questão da bolsa_atleta pra tudo isso é que ela meio que prende você, não é que prende, mas é um incentivo, um ponto a mais positivo sabe? Se não tiver nada e você tiver que escolher entre GR e estudos e se tiver um ponto positivo ali na GR você vai ficar no esporte é como eu te falei, se a gente tivesse ganhado aquele campeonato_brasileiro em 2014, eu sempre penso nisso, a gente teria continuado pela bolsa_atleta entendeu? Seria um incentivo muito positivo, teria pesado bastante nesse lado, ficaria um ano com a bolsa_atleta e quem sabe poderia até pagar a faculdade com ela, pagar a Católica, continuar treinando, por que faculdade particular é um período só ou é de manhã, tarde ou a noite eu acho que teria continuado treinando, mas não tem como ficar pensando como que seria, mas é um ponto muito positivo pra quem não tem nada, quem precisa escolher.

Ex-atleta 2 – Ginástica Rítmica

Eu comecei a praticar esportes porque eu tive um problema de saúde, bem criancinha com 8_anos de idade, eu descobri que tinha meus triglicerídeos muito alterados e a endocrinologista me indicou fazer algum esporte. Então minha irmã por acaso viu a GR e me indicou, eu tinha 8_anos quando eu entrei. Antes disso só na escola, educação_física normal, não tinha nem contra turno, acho que eram 40_minutos de aula, acho que era, meninas jogam queimada e meninos jogam futebol, na época que eu conheci a GR minha irmã tinha 17_anos. Então, eu comecei, e 3_meses depois, é porque tinha escolinha e depois já ia pra pré_equipe. Em 3_meses eu fui para a pré_equipe e no primeiro_ano eu já participei da minha primeira competição como atleta mesmo, individual, uma competição_regional já, campeonato_brasiliense, foi minha primeira_experiência. Eu me federei aos 8_anos. A minha irmã me indicou pra GR mas a minha mãe foi quem sempre me deu apoio, quando eu comecei, ela viu que eu gostei bastante e quando eu fui pra pré_equipe a minha mãe sempre estava lá pra me apoiar, sempre me levava o horário que precisasse, sempre estava disposta. Eu considero que foi bem estável assim, eu cheguei muito cedo na equipe, entrei muito novinha mas então eu fui crescendo, passei a competir em torneios_nacionais e a minha maior conquista foi o campeonato_brasileiro, nós fomos campeãs_brasileiras de conjunto, foi o auge assim, inclusive foi quase no final da minha carreira, foi em 2012, eu estava com 15_anos. Eram quase sempre as mesmas meninas disputando as colocações, porque na GR a gente disputa por modalidade, bola, arco, fita, maça, e a gente ficava revezando no pódio quem ficava em primeiro_lugar, segundo_lugar,

terceiro_lugar. Como atleta a gente não tem muito tempo para depois da aula, a gente tem o tempo para ir à escola e depois da aula a gente não tem o tempo para estudar, então eu sempre voltava no outro dia com alguma tarefa que eu tinha sem fazer por que eu não tinha tempo para fazer e sempre tinha alguma cobrança. Eu só estudei 4_anos em escola_pública que foi da primeira_série à quarta_série, ensino_fundamental e ensino_médio foi em escola_particular. Minha família escolheu essas escolas porque no ensino_fundamental era mais perto de casa então eu tinha mais tempo para conseguir me locomover, então eu conseguia ir pra casa antes de ir para o treino, que antes era muito longe e eu tinha que ir pro treino direto da escola. No ensino_médio foi por causa do esporte, porque a gente ganhou uma bolsa por ser atleta para estudar na escola e a gente representava a escola nos jogos_escolares. O que eu mais gostava de fazer na escola era de descansar, de ficar sentada sem ter que fazer nada, por que o dia todo eu ficava me movimentando e na escola era a única hora do dia que eu ficava sentada, já na faculdade o que eu mais gosto é a independência de ter uma cobrança mas ser pessoal, não uma cobrança, nenhum professor faz isso, você faz por que você quer. Eu sempre quis fazer algo na área de saúde e eu gostava muito de exatas e eu procurei algum curso que tinha relação eu queria fazer na verdade engenharia_biomédica só que não tem aqui e eu teria que mudar de estado então eu quis dar a chance para odontologia e hoje eu gosto bastante. Na faculdade o que eu não gosto é a individualidade das pessoas, pensam só em si na maioria dos casos. Na escola eu nunca tive dificuldade, acho que o esporte sempre me trouxe isso, sempre peguei muito rápido as coisas, por que eu sabia que eu não teria muito tempo depois então eu tinha que aproveitar o máximo da aula, sempre prestei muita atenção e sempre fui relativamente bem na escola, nunca reprovei, nunca fiquei abaixo da média, nem recuperação, minhas notas na verdade eram sempre acima de oito. Na faculdade também, nunca tive dificuldade, eu acho que o esporte dá isso, você toma muita iniciativa na faculdade, se você não for atrás de um professor para fazer algum projeto você não vai fazer nada na graduação, então eu peguei isso do esporte e trouxe pra faculdade, eu corro atrás, eu sei que é cansativo mas vale a pena. Os três primeiros semestres na faculdade foram bem estranhos por que em geral a gente pega matérias_básicas, biologia_geral e eu fiquei meio perdida pensando, será que é isso que eu quero fazer mesmo, quando eu comecei a fazer as disciplinas da odontologia eu já gostei mais do curso, então desde o quarto_semestre pra cá eu gosto bastante eu acho que tem um certo nível de cobrança além do que é necessário, tem gente que reclama, que chora, que não consegue lidar com a pressão, por que querendo ou não você está lidando com pacientes, você não pode errar e tem gente que não aguenta e eu acho que eu passo por isso bem, por que quando você vai participar de uma competição você tem que estar preparada para os resultados. Eu espero estudar até o doutorado, para ser realmente chamada de doutora porque, eu estou me planejando pra isso, já participo de projetos, PIBIC pra aumentar meu currículo e tentar o mestrado no final da graduação. Nunca trabalhei nem estagiei, eu percebo que o esporte pode influenciar futuramente na minha carreira_profissional através da persistência, na GR a gente aprende muito bem o que é persistência, num dia a gente repetia umas 50_vezes o mesmo exercício e é isso, pra você melhorar você tem que repetir até ficar bom. Eu converso com algumas pessoas que se formaram recentemente e eu sei que o

mercado_de_trabalho para odontologia não está tão bom assim principalmente se você não tiver um diferencial e por eu também não ter indicação, pelos meus pais também não serem da área, então eu acho que meu ingresso no mercado_de_trabalho vai ser um pouco complicado no início mas que depois talvez melhore. Na GR eu tive muitos gastos para me manter, colant, aparelho, um colant custava 500_reais, 400_reais e tínhamos que ter uns 4_colants para uma competição isso dava quase 2000_reais. Quando era competição fora na maioria das vezes a gente não tinha patrocínio, tem o programa Compete_Brasília que as vezes pagava a nossa passagem mas o restante era tudo por nossa conta, por exemplo a hospedagem, tanto nossa quanto dos técnicos, alimentação, então o gasto era bem grande, as inscrições também, todas as taxas, esses gastos todos meus pais que pagavam. Eu conheci o bolsa_atleta através da minha técnica, ela me falou do programa e como é por indicação, os melhores ranqueados que vão então ela me falou que eu podia ir lá fazer, me cadastrou no bolsa_atleta por que eu estava bem ranqueada. Minha mãe que cuidava dessa parte das papeladas, das inscrições, então eu não lembro se o de 2014 foi o meu primeiro bolsa_atleta. Na verdade eram pra ser 2_anos de bolsa_atleta por que nós ganhamos o campeonato_brasileiro 2_vezes, só que no primeiro a gente perdeu a data de inscrição do bolsa_atleta, mas eu recebi 1_ano, seu não me engano era tudo de uma vez, eles pagaram 1000_reais de uma vez para o ano todo, mas só um ano mesmo. Eu entrei em 2008 e até 2014 meus pais que sempre me mantiveram no esporte, nesse ano que eu recebi a bolsa_atleta nós usamos para custear, mas até aí foram só os meus pais mesmo e eu tinha bolsa na escola de 80_por_cento pra representar a escola nos jogos_escolares, eu não tinha nenhum auxílio do clube, na verdade a gente que pagava o clube, era uma mensalidade, por que tinha que custear o local de treino, a técnica também. Meus treinos eram todos os dias, de segunda a sexta, as vezes sábado, de 14h às 18h, aos sábados quando era mais próximo da competição era geralmente de manhã começava as 9h e acabava as 15h, sempre passava do horário. Na escola era sempre de manhã, das 07h às 13h, saía da escola e já ia direto para o treino, eu morava na candangolândia, estudava na L2_sul e a gente treinava no setor_policial_sul eu ia direto pra lá e ficava até as 19h quando meu pai me buscava, então eu só tinha a noite pra estudar pra escola, de umas 20h até 22h. Os treinos aos sábados não eram no mesmo lugar, era na Católica em Taguatinga. O clube sempre viu bem a minha relação entre esporte e escola, eu sempre fui uma atleta bem disciplinada, nunca tive problemas com nota e nem com relação a técnica, às vezes eu não gostava de ir no sábado mas eu ia, mesmo assim eu ia, com relação a escola as minhas técnicas sempre foram bem atenciosas, elas sempre me perguntavam como estavam as notas, se eu estava tendo alguma dificuldade, se tava de recuperação em alguma matéria, até por que isso impactava no treino, se eu ficasse de recuperação a aula era no turno_contrário então eu teria que faltar treino pra ir na recuperação, já aconteceu de precisar faltar treino para estudar, principalmente no meu último ano de GR, por que eu parei quando eu tava no primeiro_ano_em, então eu já estava em um período que precisava estudar pra tentar passar no vestibular, então perto de vestibular, perto do PAS eu tive que faltar algumas vezes para estudar, eu avisava com antecedência, falava, eu tenho compromisso, tenho cursinho em tal horário, as treinadoras aceitavam mas davam aquela bronca depois, por exemplo, tenta não fazer

isso, tenta não deixar de treinar. Na verdade os meu colegas da escola nunca ligaram para os meus compromissos com o esporte, mesmo na escola que eu tive bolsa por ser atleta, a única pessoa que me perguntava sobre as minhas questões de treino e tudo mais era o professor de educação_física, ele que era o mais interessado, que ia atrás dos atletas para representar a escola nos jogos_escolares, então sempre que ele podia ele me perguntava como eu estava, se estava treinando e tudo mais, mas com relação aos coordenadores, demais professores da escola, eu acho que eles nem sabiam que eu era atleta. Quando tinham viagens para competir eu levava uma declaração para justificar as minha faltas, mas só que quem sabia era o pessoal da secretaria, eu entregava a declaração e eles resolviam essa questão da papelada, eu continuava com as faltas mas elas eram justificadas, já aconteceu de ter que viajar em época de prova e eu fiz prova substitutiva, tive que pagar, mas, faz parte. Geralmente as competições são no final de semana, então quando era competição que precisava ir para outro Estado, geralmente a gente ia na quinta e voltava na segunda, então eu perdia no máximo 3_dias de aula e as competições eram 2_vezes por semestre então eram 6_dias em cada semestre, não impactava tanto na presença na escola, o conteúdo que eu perdia nesses dias eu recuperava do jeito que eu conseguia, pedia para os meus amigos, falava, vou viajar, você pode me passar depois o que foi passado? E estudava a parte, depois. Quem me dava atenção em relação a essas coisas era só o professor de educação_física, ele que perguntava se precisava alterar alguma data, dava um jeito lá se precisasse. Na verdade minha mãe era mais empolgada, muito mais empolgada do que eu com o esporte, ela sempre me incentivou muito, na verdade quando eu parei minha mãe ficou muito triste, eu saí pra poder fazer o cursinho pra poder passar no vestibular e ela ficou muito triste, ela falava, não, não faz isso, depois você passa, você ainda é jovem, fica mais um tempo na GR e meu pai me deixava escolher, se quiser continuar treinando continua, se quiser focar nos estudos, foca, então eles sempre me deixaram bem à vontade pra escolher. Eu acho que minha mãe era tão empolgada assim porque ela ficava orgulhosa, não sei. Nessa época eu não namorei, eu acho que tinha que ser alguém muito paciente pra me namorar, porque não iria me ver nenhuma hora do dia. Eu considero, hoje já na faculdade, a escola muito fácil, por que você vai, escuta a aula e o que você escutou vai cair na prova, era muito fácil, já na faculdade é bem diferente, então a escola nunca me atrapalhou na GR, na verdade eu acho que o esporte me ajudou, por que eu via nos meus colegas que não faziam nada, que só estudavam, que eram muito menos dedicados do que eu, eles se saíam muito piores, por que eu acho que quando você tem muito tempo livre você acha que pode desperdiçar, deixa pra depois e como eu não tinha todo esse tempo livre eu tinha que fazer agora, eu pesava, ou eu faço agora ou eu não faço mais, então eu acho que o esporte me ajudou na escola, sempre foi tranquilo. A saída do esporte foi um diálogo bem grande com relação a minha mãe principalmente por que eu tinha que convencer ela de que já tinha dado o meu momento e eu também já tava com muita lesão então eu ficava muito tempo parada e já tava começando a me dar alguns problemas sérios de saúde e eu falava pra ela, eu não tenho tempo pra fazer o esporte, por que eu acho que se você não se dedicar aquilo você vai cair de nível e eu não queria ir pra uma competição e perder pra alguém que eu sempre ganhei sabe, eu ia me sentir muito mal e como eu não conseguia dar a mesma atenção que eu sempre dei pro esporte

eu falei, é melhor parar e me dedicar ao que eu realmente preciso no momento que era estudar, fazer um cursinho pra passar no vestibular e minha mãe aceitou no início meu pai sempre disse, faz o que você quiser e as minhas técnicas aceitaram bem eu já tinha conversado com elas 1_ano antes, por que a minha ideia era ter parado assim que eu tivesse entrado no primeiro_ano_em pra fazer bem o PAS, só que no primeiro_ano_em eu continuei mesmo assim mas eu continuei avisando pra elas de que eu ia parar no ano seguinte então eu competi nesse ano todo mas já deixei avisado, no ano seguinte eu vou parar então não contem comigo para essas competições que eu não vou poder ir, foi tudo conversado, por que nossos treinos começam em janeiro, igual ano_letivo, e quando chegou janeiro e eu não voltei a treinar foi quando eu passei a me considerar fora da GR, eu pensava nossa, agora a tarde eu não faço nada, a aula vai acabar e eu posso ir pra casa e foi uma adaptação no primeiro_mês e já começou o cursinho e eu ocupei o tempo e foi isso, bem gradual mas eu tinha contato com as minhas companheiras de equipe então a gente sempre conversou teve um época nesse período que eu voltei a treinar mas foi só pra substituir uma menina que tinha se lesionado na equipe, mas eu nunca fiquei muito tempo por que realmente não tinha mais como e foi isso, eu virei ex_atleta, pensava, nossa agora eu sou ex_atleta. Eu tenho 2_irmãs e como eu comecei a treinar muito novinha e eu ficava muito tempo fora de casa eu convivia muito pouco com elas então eu considerava minhas companheiras de equipe muito mais minhas irmãs do que minhas irmãs mesmo porque a gente viaja juntas e ficava muito mais tempo juntas. Quando eu parei de treinar eu comecei a conviver mais com as minhas irmãs e elas falavam, nossa que legal que você parou de treinar, elas gostaram dessa ideia, a minha mãe de vez em quando ficava chateada ficava me perguntando se eu não tinha saudade de competir, falava, vamos voltar, eu falei com a sua técnica e ela me falou que tá lá pra te receber e eu sempre tinha que falar, não mãe, agora eu parei, não vem com essa que eu já parei, não tem mais como, então ela aceitou e parou de me perturbar com isso, mas ela adora assistir os vídeos, assiste todo dia, ela manteve contato com minhas técnicas com quase tudo, por que ela não trabalhava, então com ela tinha muito tempo sempre me acompanhava em tudo que ela podia e eu acho que ela sentiu muito mais falta do que eu, quando eu parei ela ficava falando, nossa, hoje a gente não vai fazer nada? Mas hoje ela já é acostumada. No final do meu ensino_médio teve um momento onde eu tive um atrito com minhas técnicas por que eu precisava estudar para o PAS e tinha que faltar treino pra poder ir pro cursinho e elas começaram a não gostar muito, faziam cobrança de pontualidade, falavam de mim faltando treino e eu disse que não queria mais fazer então elas ficaram um pouco irritadas me dizendo que eu não podia largar a equipe daquele jeito, no meio do caminho, por que tinha competição marcada e minha mãe foi lá e resolveu esse pequeno atrito, eu terminei o ano e no ano seguinte eu já vim falando que não dava mais que eu não ia continuar. Eu acho importante falar que assim, eu como comecei muito nova, minhas primeiras companheiras de equipe foram a Nathália e a Luiza, então a gente começou como amiga desde criancinha e eu pensei que assim que eu encerrasse o esporte eu ia perder o contato com elas, isso era um receio, por que são pessoas que fizeram parte da minha história e que sempre estiveram muito próximas mas até a hoje a gente tem contato, foi um receio que eu tive mas que não aconteceu de verdade, inclusive quando eu pensei

em parar antes do ensino_médio e eu não parei também por isso, eu pensava, não quero perder o contato com elas agora, quero ficar mais tempo lá. Desde que eu entrei na UnB, em 2016, eu faço parte da diretoria_da_atlética, quando eu entrei no curso estavam começando a fundar a atlética e eu entrei, eu me identifiquei pelo fato de lidar com esportes e outras coisas também e desde sempre eu estou na diretoria. Eu participo de todos os esportes que tem, futsal, vôlei, sinuca, tênis_de_mesa, qualquer coisa que tiver eu estou indo, não que eu seja boa ou que saiba jogar, mas eu vou pra incentivar as pessoas a irem também, por que no meu curso as pessoas são muito pouco incentivadas a praticar esporte, e é só pra dar aquela animadinha na galera. Então atualmente está tendo o inter_unb, são 30_atléticas cadastradas na Liga_das_atléticas então tem competições entre essas atléticas e ano passado tiveram 3_competições, teve futsal, handebol, vôlei, vôlei_de_praia, sinuca e tênis_de_mesa, e eu participei de todas essas modalidades, mas não ganhei. Eu acho engraçado por que por eu ter participado da GR por muito tempo eu vejo que eu tenho muito mais habilidade do que muitas pessoas do meu curso pra praticar outro esporte, eu não sou boa, mas eu também não passo vergonha, por que no futsal eu sou goleira, e na GR a gente muito mais reflexo então eu tenho mais facilidade, não sou tão ruim. Na GR 10_anos já é tarde pra começar a praticar. Parei com 17_anos. Na verdade a minha vida mudou bastante assim que eu parei de treinar, eu passei a conviver mais com os meus amigos da escola, com as minhas irmãs, comecei a fazer coisas que eu não fazia antes, sair, por que no final de semana eu não saía, por que só tinha o domingo livre, eu queria ficar em cada dormindo, quando eu parei com a GR eu comecei a sair, a conversar mais com as pessoas, quando atleta eu era muito introvertida, eu conversava só com a minha técnica e com as minhas companheiras de equipe, mas nada muito e assim que eu parei de treinar eu comecei a melhorar as minhas relações_interpessoais. Minhas amizades na escola eu só via durante a aula, isso no primeiro_ano_em, no segundo_ano_em a gente já começou a sair mais, marcava um cinema, saía pra comer e a gente melhorou a relação eu fiquei muito mais próxima deles, no primeiro_ano_em eu fazia parte, eles tinham um grupinho mas eu só fazia parte, depois do esporte que eu comecei a entrar mais na relação.

APÊNDICES

APÊNDICE 1. Guión de Entrevista de Gómez et al., (2016) utilizado como base para elaboración do Roteiro de Entrevistas para o Capítulo 3.

GUION DE ENTREVISTA

Presentación

El estudio trata sobre cómo los/las remeros/as compagináis vuestra trayectoria deportiva con los estudios u otra dedicación complementaria.

Temas

a. Tema: Carrera deportiva.

Cuéntame sobre tu carrera deportiva...cómo empezaste a dedicarte al remo...cuándo...

(Si no me lo explica antes) ¿Por qué remo? Cuéntame que tiene para ti de especial el remo...

Otros deportes practicados antes del remo...

b. Tema: Estudios u otra actividad complementaria (por ejemplo, un empleo).

Cuéntame si además de practicar remo realizas alguna otra actividad...

Háblame un poco... la universidad... los profesores...

c. Tema: Conciliación del nivel económico (como deportista) con la carrera deportiva y estudios/actividad complementaria.

Cuéntame cómo influye la economía de un remero para poder estudiar y/o realizar una actividad complementaria a la vez que entrena...

(Otra forma de preguntarlo) Cómo ves el aspecto de la financiación para llevar a cabo los estudios y una carrera deportiva a la vez...

Apoyo económico recibido: familia, becas, sponsors...

d. Tema: Conciliación del nivel psicosocial (apoyo del entorno) con la carrera deportiva y estudios/actividad complementaria.

Cuéntame cómo ves a tu entorno con la idea de estudiar tal cosa (ya me lo habrá dicho antes) y entrenar al mismo tiempo...

Familia... Entrenador... Compañero/a de equipo (si es el caso)... pareja (si es el caso)* *“(Disculpa que te haga una pregunta personal. No respondas si no quieres.

Pero ¿tienes pareja?” Es complicado compaginar X o Y con una relación...? Cómo lo ve tu pareja...

- e. Tema: Conciliación Estudios/trabajo con Carrera deportiva Cuéntame cómo haces para estudiar y entrenar de forma paralela...

Cuéntame un poco cómo te sientes de cara a esta situación...

La universidad... tutores... profesores... entrenador... pareja... te apoyan para poder compaginar todo....

Cierre Por mi parte ya he repasado todos los temas, pero si te parece que hay un tema importante sobre los aspectos que hemos hablado que no hemos revisado, te agradezco que me lo comentes. Gracias por haber participado.